SOB O SOL
DE SATÃ
Georges Bernanos
SÉTIMO
SELO

SOB O SOL DE SATÃ

Georges Bernanos

Tradução
Roberto Mallet

SOB O SOL
DE SATÃ

Georges Bernanos

Tradução
Roberto Mallet

SÉTIMO
SELO

Sumário

A Robert Vallery-Radot,
o primeiro que leu este
livro e o amou.

— g. b.

PRÓLOGO

A HISTÓRIA DE MOUCHETTE

I

Eis a hora da tarde que P. J. Toulet amava. Eis que o horizonte se desfaz — uma grande nuvem de marfim ao poente e, do zênite até o chão, o céu crepuscular, a solidão imensa, agora gelada — pleno de um silêncio líquido... Eis a hora do poeta que destilava a vida em seu coração, para extrair sua essência secreta, embalsamada, envenenada.

A turba humana já se agita na sombra, com mil braços, com mil bocas; o bulevar já transborda e resplandece... E ele, os cotovelos sobre a mesa de mármore, observava a noite crescer, como um lírio.

Eis a hora em que começa a história de Germaine Malorthy, da vila de Terninques, em Artois. Seu pai era um desses Malorthy de Boulonnais, que são uma dinastia

de moleiros e moageiros, tudo gente da mesma farinha, que sabe como explorar um saco de trigo, hábil para os negócios e amante da boa vida. O pai Malorthy foi o primeiro a se estabelecer em Campagne, casou-se e, trocando o trigo pela cevada, fez política e cerveja, ambas da pior qualidade. Os moageiros de Doeuvres e de Marquise passaram a vê-lo então como um louco varrido, que acabaria na miséria, depois de ter desonrado comerciantes que jamais exigiram de ninguém mais do que um honesto lucro. “Somos liberais de pai pra filho”, afirmavam, querendo dizer com isto que eram negociantes irrepreensíveis... Pois o doutrinário revoltado, de quem o tempo zomba com uma profunda ironia, só tem por linhagem gente pacífica. A posteridade espiritual de Blanqui povoou o registro civil, e as sacristias estão repletas com a de Lamennais.

A vila de Campagne tem dois senhores. O oficial de saúde Gallet, nutrido pelo breviário Raspail, deputado do distrito. Das alturas em que seu destino o colocou, contempla ainda com melancolia o paraíso perdido da vida burguesa, sua vilazinha obscura e o salão familiar de repes verde onde floresceu sua nulidade. Acredita honestamente que ameaça a ordem social e a propriedade, deplora-o e, calando-se ou abstendo-se sempre, espera assim prolongar sua querida agonia.

— Não são justos comigo — exclamou um dia esse fantasma, com uma sinceridade pungente. — Ora! Eu tenho uma consciência! Ao mesmo tempo, o senhor marquês de Cadignan levava, no mesmo lugar, a vida de um rei sem reino. Sempre informado dos grandes negócios pelas “Mundanidades” do *Gaulois* e pela “Crônica política” da *Revue des Deux Mondes*, acalentava ainda a ambição de restaurar na França o esquecido esporte da volataria. Infelizmente, os

problemáticos falcões da Noruega, comprados a alto preço, de raça ilustre, tinham frustrado sua esperança e pilhado suas economias; ele torceu o pescoço de todos esses cavaleiros teutônicos e mais modestamente adestrava gaviões na caça à cotovia e à pega. Nos intervalos, corria atrás das moças; era o que se dizia, ao menos, já que a malignidade pública deve se contentar com maledicências e fofocas, pois o velhote caçava por conta própria, mudo pelos caminhos, como um lobo.

II

Malorthy teve de sua mulher uma filha, que primeiro quis chamar de Lucrécia, por devoção republicana. O mestre-escola, tomando de boa-fé a virtuosa dama pela mãe dos Gracos, fez então um breve discurso, e recordou que Victor Hugo já tinha, antes dele, celebrado essa grande memória. Os registros do estado civil ornaram-se assim com esse nome glorioso. Infelizmente, o pároco, tomado pelo escrúpulo, falou em esperar a anuência do arcebispo, e, querendo ou não, o fogoso cervejeiro teve de aceitar que sua filha fosse batizada com o nome de Germaine.

— Não teria cedido se fosse um menino — disse, — mas uma menina... A menina completou dezesseis anos.

Num entardecer, Germaine entrou na sala, na hora da ceia, carregando um balde cheio de leite fresco... A dois passos da porta, subitamente parou, dobrou os joelhos e empalideceu.

— Meu Deus! — exclamou Malorthy. — Vai cair de fraca! A pobrezinha colocou as duas mãos sobre o ventre, e caiu em lágrimas.

O olhar agudo da mãe Malorthy encontrou-se com o da filha.

— Deixe-nos por um instante, papai — disse ela.

Como sempre, depois de mil suspeitas confusas, mal confessadas, a evidência subitamente irrompia, explodia. Nem súplicas, nem ameaças, nem mesmo os tapas puderam arrancar da obstinada menina nada além de lágrimas infantis. A mais simplória manifesta em crises como essa um lúcido sangue-frio, que sem dúvida é o sublime do instinto. Ali onde o homem se embaraça, ela se cala. Excitando a curiosidade, bem sabe que desarma a cólera.

Oito dias depois, porém, Malorthy disse a sua mulher, entre duas baforadas de seu belo cachimbo: — Amanhã vou até a casa do marquês. Tenho um palpite. Desconfio de tudo.

— Na casa do marquês! — disse ela... — Antoine, o orgulho te mata, tu não tens certeza de nada; vais é te expor ao ridículo.

— Veremos — respondeu o velhote. — São dez horas; vai deitar.

Mas, quando ele estava sentado, no dia seguinte, no fundo de uma poltrona de couro, na antecâmara do seu temível adversário, é que subitamente percebeu sua imprudência. A cólera apagou-se: “Eu perderia as estribeiras”, disse para si mesmo.

Tinha pensado que era capaz de tratar desse assunto como de muitos outros, à maneira sagaz dos camponeses, sem amor-próprio. Pela primeira vez, a paixão falava mais alto, e numa língua desconhecida.

Jacques de Cadignan completara então seu nono lustro. De estatura mediana, e mais volumoso por conta da idade, vestia em qualquer estação um casaco de veludo castanho que o deixava mais corpulento ainda. Tinha, porém, um certo encanto, graças a uma espécie de amabilidade e polidez rústica que utilizava com muito talento. Como muitos que vivem na obsessão do prazer, e na presença real ou imaginária da companhia feminina, por mais que procurasse parecer brusco, voluntário e até um pouco rude, traía-se quando falava; sua voz era extremamente rica e nuançada, com rasgos de criança mimada, incisiva e terna, secreta. Herdara também, da mãe irlandesa, uns olhos azul-claros, de uma limpidez sem profundidade, cheios de uma luz gelada.

— Boa tarde, Malorthy — disse ele. — Sente-se.

Malorthy tinha se levantado, com efeito. Preparara seu pequeno discurso e espantava-se por não recordar nenhuma das suas palavras. Falou de início como se sonhasse, aguardando que a cólera viesse em seu auxílio.

— Senhor marquês — começou —, trata-se da nossa filha.

— Ah!... — disse o outro.

— Venho falar-lhe de homem para homem. Faz cinco dias que percebemos a coisa, e eu tenho pensado, tenho pesado os prós e os contras; é conversando que a gente se entende, e acho melhor falar com o senhor antes de ir mais longe. Não somos selvagens, afinal de contas! — Ir aonde?... — perguntou o marquês.

Depois acrescentou tranquilamente, no mesmo tom: — Não estou zombando, Malorthy, mas, que diabo, está me

propondo uma charada! Já estamos bem grandinhos, eu e você, pra ficar de rodeios e meias-palavras. Prefere que eu fale no seu lugar? Muito bem! A menina está grávida, e você está procurando um pai para o seu neto... Não é isso? — O filho é seu! — gritou o cervejeiro à queima-roupa.

A calma do homenzarrão provocava-lhe arrepios na espinha. Dentre os argumentos que tinha repassado um a um, irrefutáveis, não encontrava um que ousasse esgrimir. Em seu cérebro, a evidência desvanecia-se como fumaça.

— Deixemos de brincadeiras — retomou o marquês. — Não serei grosseiro antes de ter ouvido suas razões. Nós nos conhecemos, Malorthy. Sabe que não sou de desprezar as mulheres; tenho minhas pequenas aventuras, como todo mundo. Mas, por minha fé! Não aparece um filho nestas redondezas sem que suas benditas comadres não me venham com uns “se” e uns “mas”, uns “parece” e uns “talvez”... Não estamos mais na época dos senhores; o bem que possuo foi adquirido em plena liberdade. A República é para todos, que diabo! “A República!”, pensava o cervejeiro, estupefato. Considerava essa profissão de fé uma bravata, embora o marquês falasse sem rodeios e, como bom camponês, ele se sentisse inclinado favoravelmente a um governo que preside aos concursos agrícolas e premia os animais gordos. As ideias do castelão de Campagne sobre política e história eram, aliás, quase as mesmas do último dos seus meeiros.

— Então?... — disse Malorthy, sempre à espera de um “sim” ou um “não”.

— Então eu lhe perdoo o ter comprado gato por lebre, como se diz. Você, o seu infeliz deputado, enfim, todos os futriqueiros da região me criaram uma reputação de Barba Azul. O marquês isto, o marquês aquilo, a escravidão, os direitos feudais: baboseiras. Não é por ser marquês que não tenho direito à justiça, concorda? Quer ser justo, Malorthy, e leal? Diga-me francamente: quem foi o imbecil que o aconselhou a vir até aqui, na minha casa, contar essa história desagradável e ainda por cima me acusar?... Tem uma mulher por trás disso, não tem? Ah, essas vadias! Ele ria agora com um riso solto, um riso de cabaré. Quase que o cervejeiro riu também, como depois de uma longa discussão, e por um triz não disse: “Fechado! Vamos a um brinde, marquês!...”. Pois o francês já nasce cordial.

— Meu caro senhor de Cadignan — suspirou —, mesmo que não tivesse outra prova, todo mundo sabe que tem cortejado a menina, e há muito tempo. Vamos! Não faz um mês que, passando pela estrada de Wail, vi vocês dois, num cantinho, ali no campo Leclercq, sentados à beira do canal, encostadinhos. Disse pra mim mesmo: é um namorico, não vai adiante. E depois, ela estava prometida ao jovem Ravault; ela tem tanto amor-próprio! Enfim, o mal está feito. Um homem rico como o senhor, um nobre, não brinca numa questão de honra... Claro, não peço que se case com ela; não sou idiota. Mas também não pode nos tratar como se fôssemos a ralé, ter lá os seus prazeres e nos abandonar, para sermos motivo de chacotas.

Pronunciando essas últimas palavras, tinha retomado, sem notar, o tom habitual do camponês que transige, e falava com uma insinuante bonomia, um pouco lamuriento. “Não se atreve a negar”, dizia para si

mesmo, “deve ter uma proposta... vai fazê-la”. Mas seu perigoso adversário deixava-o falando no vazio.

O silêncio prolongou-se por um minuto ou dois, durante os quais só se ouvia um tinido de bigorna, ao longe... Era uma bela tarde de agosto, cheia de sopros e zumbidos.

— E então? — disse por fim o marquês.

Durante a curta espera, o cervejeiro tinha reunido suas forças.

Respondeu: — A proposta é sua, senhor.

Mas o outro continuou seu raciocínio. Perguntou: — Esse Ravault, faz tempo que ela não vê? — E eu é que sei? — Isto pode ser um indício — respondeu tranquilamente o marquês —, é uma informação interessante... Como os pais são tolos! Em duas horas eu lhe teria entregue o culpado, com os pés e as mãos atados! — Como assim? — exclamou Malorthy, fulminado.

Não conhecia nada dessa forma superior de audácia que os altos espíritos chamam de cinismo.

— Meu caro Malorthy — continuou o outro no mesmo tom —, não tenho nenhum conselho a lhe dar: aliás, num caso desses, um homem como você não aceita conselhos. Digo-lhe apenas isto: volte daqui a oito dias; daqui até lá, acalme-se, reflita, não espalhe nada, não acuse ninguém; pode atingir alguém menos paciente do que eu. Você não é mais criança, que diabo! Não tem nem testemunhas, nem cartas, nada. Oito dias, é o que basta para ouvir o que estão dizendo e tirar um grande proveito duma ninharia; vamos ver... Está compreendendo, Malorthy? — concluiu num tom jovial.

— Talvez bem demais — respondeu o cervejeiro.

Nesse momento, o tentador hesitou; por um segundo sua voz falhou. “Ele quer que eu me exponha”, pensou Malorthy, “atenção!...”. Esse sinal de fraqueza deu-lhe coragem. Aliás, ele se exaltava à medida que sua raiva crescia.

— Informe-se — disse ainda Cadignan —, e deixe a menina em paz. Ademais, não vai arrancar nada dela. Essa bela caça, sabe, é como uma codorniz no meio da alfafa, passeia debaixo do nariz do melhor cão, é de enlouquecer um bom perdigueiro.

— É o que eu queria dizer, exatamente — declarou Malorthy, sublinhando cada palavra com a cabeça. — Fiz o que pude; vou esperar oito dias, quinze dias, o quanto quiserem... Malorthy não deve nada a ninguém, e se a sua filha se der mal, a culpa é toda dela. Já é bem grande para pecar, pode muito bem se defender...

— Vamos! Vamos! Chega de palavras ao vento! — exclamou o marquês. Mas o outro não mais hesitou; pensou que o podia atemorizar.

— Livrar-se de uma garota bonita não é tão fácil quanto se livrar de um ancião, senhor de Cadignan, todo mundo sabe disso... É muito conhecido, sabe, e ela mesma lhe dirá umas verdades, pelos diabos! Olhos nos olhos, publicamente, pois tem sangue nas unhas, a garota!... Na pior das hipóteses, nós é que riremos por último...

— Queria ver isso! Mesmo! — disse o outro.

— Pois verá! — jurou Malorthy.

— Vá perguntar-lhe! — gritou Cadignan — Vá perguntar-lhe pessoalmente, meu amigo! O cervejeiro reviu por um instante aquela pálida face resoluta, indecifrável, e aquela boca orgulhosa que, há oito dias, calava seu segredo... Depois exclamou: — Por todos os demônios!... Ela contou tudo ao seu pai! E recuou dois passos.

O olhar do marquês hesitou por um segundo, mediu-o da cabeça aos pés, e logo endureceu-se. O azul claro das pupilas esverdeou-se. Nesse momento, Germaine poderia ter lido nele o seu destino.

Foi até a janela, fechou-a, voltou para a mesa, sempre silencioso. Depois sacudiu os fortes ombros, aproximou-se do visitante, quase o tocando, e disse apenas: — Jure, Malorthy! — Eu juro! — respondeu o cervejeiro.

Esta mentira lhe pareceu na hora um artifício honesto. Ademais, seria muito embaraçoso se desdizer. Uma única ideia, então, atravessou-lhe o cérebro, mas que não pôde fixar, da qual sentiu apenas a angústia. Entre dois caminhos que se apresentavam, teve a vaga impressão de ter escolhido o pior, e de haver avançado por ele irreparavelmente.

Esperava uma explosão; desejava-a. Entretanto, disse o marquês com calma: — Vá embora, Malorthy. Melhor ficarmos hoje por aqui. Você, num certo sentido, eu, num outro, somos vítimas de uma pilantrinha que já mentia antes mesmo de saber falar. Atenção!... As pessoas que o aconselham talvez sejam bastante astutas para evitarem que faça duas ou três besteiras; a maior delas seria me intimidar. Pensem de mim o que quiserem, estou me lixando! Em suma, os tribunais não foram feitos para os cachorros, se você decidir... Passe bem! — Quem viver verá! — respondeu nobremente o cervejeiro.

E, enquanto maquinava uma outra resposta, achou-se do lado de fora, sozinho e constrangido.

— Esse homem é um diabo — disse mais tarde —, é capaz de entregar a borra em vez da cevada, e ainda agradecerem sua generosidade...

Caminhando, repassava todos os detalhes da cena, forjando aos poucos, como sempre acontece, um papel vantajoso para si mesmo. Mas, por mais que fizesse, seu bom senso tinha de aceitar um fato desagradável para seu amor-próprio; esse confronto de poder, do qual esperava tanto, não tinha dado em nada. As últimas palavras de Cadignan, carregadas de um sentido misterioso, também o inquietavam em relação ao futuro... “Você, num certo sentido, eu, num outro, fomos habilmente enganados...”. Parecia que a menina tinha vencido os dois.

Erguendo os olhos, viu entre as árvores sua bela casa de tijolos vermelhos, as begônias do gramado, a fumaça da cervejaria subindo no ar da tarde, e não se sentiu mais infeliz. “Terei minha vingança”, murmurou, “o ano será bom”. Há vinte anos sonhava ser um dia o rival do castelão: e agora o era. Incapaz de uma ideia abstrata, mas dotado de um agudo sentido dos valores reais, não duvidava mais de que era o primeiro no seu vilarejo, de que pertencia à raça dos senhores, daqueles que as leis e os costumes de cada século refletem a imagem e semelhança — meio negociante, meio arrendatário, dono de um motor a gás pobre, símbolo da ciência e do progresso modernos — igualmente superior ao camponês eminente e ao médico político, que não passa de um burguês desclassificado. Decidiu enviar sua filha a Amiens, que desse à luz por lá. Se não conseguira nada melhor, ao menos estava certo da discrição do marquês.

Aliás, os notários de Wadicourt e de Salins não faziam mais mistério da venda iminente do castelo. O ambicioso cervejeiro saboreava essa vingança. Não sonhava nada melhor, não tendo imaginação suficiente para desejar a morte de um rival. Era dessas boas pessoas que carregam o ódio, mas que o ódio não carrega.

•

... Era uma manhã do mês de junho; no mês de junho, uma manhã muito clara e sonora, uma clara manhã.

— Vá ver como os animais passaram a noite! — ordenara mamãe Malorthy (pois as seis belas vacas estavam no campo desde a véspera)... Germaine sempre reveria essa parte da floresta de Sauves, a colina azul e a grande planície que termina no mar, com o sol sobre as dunas.

O horizonte que já se aquece em vapores, o caminho vazio ainda cheio de sombra, e as pastagens ao redor, com macieiras corcundas. A luz tão fresca quanto o orvalho. Ela sempre ouvirá as seis belas vacas bufando e tossindo na clara manhã. Sempre respirará a bruma cheirando a canela e fumaça, que excita a garganta e obriga a cantar. Sempre reverá o caminho escavado com a água nas margens brilhando ao sol nascente... E, ainda mais maravilhoso, na beira do bosque, entre seus dois cães Matador e Assombroso, seu herói, fumando o cachimbo de tojo, com sua roupa de veludo e as grossas botas, como um rei.

Tinham se encontrado três meses antes, na estrada de Desvres, num domingo... Caminharam lado a lado até a primeira casa... Certas palavras de seu pai vinham-lhe aos poucos à memória, e vários famosos artigos do

Réveil de l'Artois, escandidos por socos na mesa — a servidão, as masmorras —, e ainda a história da França ilustrada, Luís XI de barrete pontudo (atrás, um enforcado balança, e a grande torre de Plessis)... Ela falava sem falso pudor, a cabeça erguida, com uma gentil coragem. Mas, quando lembrava do cervejeiro republicano, logo estremecia, com um arrepio à flor da pele; já um segredo, seu segredo!...

Aos dezesseis anos, Germaine sabia amar (não sonhar com o amor, que é um jogo de salão). Germaine sabia amar, quer dizer, alimentava em si mesma, como um bom fruto que amadurece, a curiosidade do prazer e do risco, a confiança intrépida daquelas que jogam toda sua sorte num lance, afrontam um mundo desconhecido, recomeçam a cada geração a história do velho universo. Essa burguesinha com pele de leite, olhar adormecido, com mãos tão doces, ia tecendo em silêncio, aguardando o momento de ousar e de viver. Tão audaciosa quanto possível para imaginar ou desejar, ao tomar uma decisão organizava todas as coisas com um bom senso heroico. Belo obstáculo é a ignorância, quando um sangue generoso, a cada batida do coração, inspira sacrificar tudo por algo que desconhece! A velha Malorthy, nascida feia e rica, jamais tinha esperado outra aventura senão um casamento conveniente, que é um negócio de tabelião; virtuosa por condição, nem por isso deixava de ter o sentimento muito vivo do instável equilíbrio de toda vida feminina, como o de um edifício complicado, que o menor abalo pode desabar.

— Papai — dizia ao cervejeiro —, nossa filha precisa de religião...

Estava muito embaraçada para dizer algo mais, expressava apenas um sentimento.

— Por que ela precisa de um padre? Pra aprender no confessionário tudo que não deve saber? Os padres pervertem a consciência das crianças, todo mundo sabe disso.

Por esse motivo, tinha proibido que ela seguisse o curso de catecismo, e até que "frequentasse qualquer um desses santarrões que plantam o joio nos melhores lares", como dizia. Também falava, em termos sibilinos, de vícios secretos que arruínam a saúde das moças, cuja teoria e prática elas aprendem nos conventos. "As freiras preparam as meninas para os padres", era uma de suas máximas. "Arruínam de antemão a autoridade do marido", concluía, esmurrando a mesa. Não admitia que se brincasse com o direito conjugal, o único que certos libertadores do gênero humano desejam que seja absoluto.

Quando a Senhora Malorthy se queixava ainda de que a filha não tinha amigas, e nunca saía do jardinzinho de teixos podados, funerário: — Deixe-a em paz! — respondia. — As meninas desta maldita terra estão cheias de malícia. Com seu grêmio, suas filhas de Maria e tudo mais, o padre as retém por uma hora todo domingo. Muito cuidado! Se você quisesse ensinar-lhe a viver, deveria ter me obedecido e a enviado ao liceu de Montreuil; agora, já teria seu diploma! Mas, na sua idade, amizades de meninas, isso não é bom... Sei o que digo...

Assim falava Malorthy, seguindo a fé do Deputado Gallet, que não é indiferente a esses delicados problemas da educação feminina. O sujeitinho, com efeito, outrora nomeado médico do liceu de Montreuil, aprendeu nele muitas coisas sobre as moças, e não fazia segredo disso.

— Do ponto de vista da ciência... — dizia às vezes, com o sorriso de um homem que se desfez de inúmeras ilusões, cheio de indulgência com os prazeres alheios, que já não busca para si mesmo.

•

No jardim dos teixos podados, na varanda nua, que cheira a mástique cozido, foi ali que a pequena jovem ambiciosa cansou de esperar sabe-se lá o quê, algo que nunca chegou... Foi dali que partiu, e foi mais longe que as Índias... Felizmente para Cristóvão Colombo, a Terra é redonda; a caravela lendária, mal deslocou sua proa, já empreendia o caminho de volta... Mas um outro caminho pode ser tentado, reto, inflexível, que se afasta indefinidamente e do qual ninguém retorna. Se Germaine, ou as que a seguirem amanhã, pudesse falar, diria: “Por que trilhar esse vosso bom caminho, que não leva a lugar nenhum?... Que desejais que eu faça com um universo redondo como uma bola?”.

A quem parecia ter nascido para uma vida pacata, um trágico destino aguarda. “Fato surpreendente”, dirão, “imprevisível...”. Mas os fatos nada são: o trágico estava em seu coração.

•

Se seu amor-próprio não estivesse tão profundamente ferido, Malorthy sem dúvida teria decidido contar a sua mulher sua visita ao castelo. Pensou que era melhor dissimular por algum tempo ainda sua inquietude e seu embaraço, num silêncio altaneiro, cheio de ameaças. Aliás, queria se vingar, e pensava fazê-lo facilmente, com um lance teatral doméstico, protagonizado pela filha. Para muitos tolos vaidosos que a vida decepciona, a

família continua sendo uma instituição necessária, já que põe à sua disposição, e como que ao alcance da mão, um pequeno número de seres frágeis, que o mais covarde sujeito pode amedrontar. A impotência adora refletir seu nada no sofrimento alheio.

Por isso, logo depois do jantar, Malorthy repentinamente disse, num tom de comando: — Mocinha, quero falar contigo...

Germaine ergueu a cabeça, pousou lentamente o tricô na mesa, e aguardou.

— Tu me desapontaste — continuou ele no mesmo tom —, me desapontaste enormemente... Uma jovem que erra, numa família, é como um homem falido... Todo mundo amanhã pode nos apontar o dedo, a nós, gente irrepreensível, que honra seus compromissos e não deve nada a ninguém. Muito bem! Em vez de nos pedir perdão, e de se aconselhar conosco, como deveria, faz o quê? Choras a mais não poder, ficas com “ohs!” e “ahs!”, com jeremiadas. Mas esclarecer teu pai e tua mãe, nada. Silêncio e discrição, nada mais! Isso não dura nem mais um dia — concluiu, golpeando a mesa com o punho —, ou vais ver do que eu sou capaz! Chega de choro! Vais falar, sim ou não? — É tudo o que eu quero — respondeu a pobrezinha, para ganhar tempo. O momento que esperava, temendo, tinha chegado, não havia dúvida; e eis que no instante decisivo as ideias que tinha cultivado em silêncio, há uma semana, apresentavam-se todas misturadas, numa confusão terrível.

— Vi teu amante há pouco — prosseguiu ele —, com meus próprios olhos... A senhorita se oferece a um marquês; tem vergonha da cerveja do seu pai... Pobre inocente, que pensa já ser uma senhora e castelã, com

seus condes e barões, e um pajem carregando a cauda do vestido!... Enfim, tivemos uma pequena conversa, ele e eu. Vejamos se estamos de acordo: tu vais me prometer andar direitinho, e obedecer sem pestanejar.

Ela chorava com pequenos soluços, baixinho, o olhar claro sob as lágrimas. A humilhação que antes temera não a assustava mais. “Eu morreria de vergonha, com certeza!”, repetia para si mesma ainda na véspera, esperando uma explosão a qualquer momento. *E agora procurava essa vergonha, e não a encontrava.*

— Vais me obedecer? — repetia Malorthy.

— O que deseja que eu faça? — disse ela. Ele refletiu um instante: — O Senhor Gallet virá aqui amanhã.

— Amanhã, não — interrompeu ela. — é dia de feira: sábado. Malorthy contemplou-a por um segundo, a boca aberta.

— Não pensei nisso, mesmo — disse. — Tens razão, sábado.

Ela tinha feito a observação com uma voz clara e firme, que seu pai não conhecia. Junto ao fogo, a velha mãe teve um sobressalto, e gemeu.

— Sábado... bom! Digo no sábado — continuou o cervejeiro, que perdia o fio de seu discurso. — Gallet é um rapaz que conhece a vida. Tem escrúpulos e sentimento... Guarda tuas lágrimas para ele, minha filha! Vamos encontrá-lo juntos.

— Ah, não!... — disse ela.

Já que os dados estavam lançados, em plena batalha, ela sentia-se muito livre, muito viva! Esse “não” em seus lábios pareceu-lhe tão doce e tão amargo quanto um primeiro beijo. Era seu primeiro desafio.

— O quê?! — rugiu o velhote.

— Vamos, Antoine — disse mamãe Malorthy —, dá um tempo pra ela respirar! O que queres que ela diga ao teu deputado, essa menina? — A verdade, santo Deus! — exclamou Malorthy. — Pra começar, meu deputado é um médico; um! Se a criança nascer sem casamento, teremos uma recomendação dele para uma casa de Amiens; dois! Aliás, um médico é a instrução, é a ciência... não é um homem. É o sacerdote do republicano. E ademais vocês me fazem rir com os seus segredos! Pensa que o marquês falará primeiro? A menina não tinha idade, na época, pode ser abuso de menores, isso poderia ir longe! Vamos arrastá-lo aos tribunais, diabos! Ele é todo pomposo, me toma por um imbecil, mente como se respira, um marquês de tamancos!... Desgraçada! — gritou, voltando-se para a filha. — Ele desceu a mão no teu pai! Não tinha premeditado essa última mentira, que não passava de um golpe de retórica. O golpe, aliás, não fez efeito. O coração da pequena revoltada bateu mais forte, menos pelo pensamento do ultraje a seu senhor e amo do que por força da imagem do herói em sua magnífica cólera... Sua mão! Aquela terrível mão!... E, com um olhar pérfido, procurava sua marca na face paterna.

— Deixa-me por um instante — disse então a velha Malorthy —, deixa-me falar com ela!...

Tomou a cabeça da filha entre as mãos.

— Pobre tola — disse —, a quem deves a verdade senão a teu pai e a tua mãe? Quando desconfiei da coisa, já era muito tarde, tarde demais! Agora sabes o que elas valem, as promessas dos homens? Todos mentirosos, Germaine! A Senhorita Malorthy?... Ora! Nem a conheço! E tu não serias bastante orgulhosa para fazer-lhe entrar a mentira pela goela? Vais deixar que pensem que te entregaste a um sujeito qualquer, a um criado, a um vagabundo? Vamos, confessa! Ele te fez prometer não dizeres nada? Não casará contigo, minha filha! Queres que te diga, eu? Seu advogado de Montreuil já recebeu ordens para vender a fazenda de Charmettes, com moinho e tudo. O castelo vai como o resto. Uma manhã dessas: surpresa! Mais ninguém! E pra ti, a chacota de todos?... Me responde, cabeça de vento! — gritou.

“Mais ninguém...”. Das palavras que ouviu, reteve apenas estas. Só. Abandonada, desprezada, decaída... Só, no rebanho comum... arrependida!... O que temer no mundo, senão a solidão e o tédio? O que temer, senão essa casa sem alegria? Então, cruzando as mãos sobre o coração, buscava ingenuamente os jovens seios, o pequeno peito profundo, já ferido. Comprimiu os dedos sobre o tecido leve, até que uma nova certeza brotou de sua dor, com um grito do instinto.

— Mamãe! Mamãe! Prefiro morrer! — Chega — disse Malorthy. — Vais escolher entre ele e nós. Tão certo quanto me chamo Antoine, tens somente um dia... Ouviste bem, infeliz? Nem uma hora a mais! Entre ela e seu amante, via esse grande homem furioso, o escândalo irreparável, o caso encerrado, a única porta para o futuro e a alegria fechada... É verdade, tinha prometido silêncio, mas ele era também sua salvaguarda... Esse homem grande, ali presente, que ela detestava.

— Não! Não! — disse novamente.

— Está louca, meu Deus! — gemia mamãe Malorthy, levantando os braços aos céus. — Louca de atar! — Vou ficar, com certeza — retomou Germaine, chorando mais forte.

— Por que me fazem tanto mal, no fim das contas? Decidam o que bem quiserem, batam-me, expulsem-me, eu me mato... Mas não lhes direi nada, de jeito nenhum! E quanto ao senhor marquês, é tudo mentira; ele nem mesmo me tocou.

— Vagabunda! — murmurou o cervejeiro entre dentes.

— Para que me interrogar, se não acreditam em mim? — ela replicou, com uma voz infantil.

Afrontava seu pai, desafiava-o através das lágrimas; sentia-se mais forte, em toda sua juventude, em toda sua cruel juventude.

— Acreditar em ti? — disse ele. — Em ti? Terias que ser muito mais ladina para enganar uma raposa como teu pai... Queres que te diga? Ele acabou confessando, teu galã! Eu o pus na parede, à minha moda: “Negue o quanto quiser”, disse eu, “a menina já nos contou tudo”.

— Oh! Ma... mãe! Mamãe — gaguejou ela. — Ele... ousou... ele ousou! Seus belos olhos azuis, subitamente secos e ardentes, tornaram-se violeta; sua face empalideceu, e remoeu as palavras em vão em sua árida boca.

— Cala-te, vais acabar matando-a — repetia a mãe Malorthy. — Estamos desgraçados! Mas, sem palavras, os olhos azuis já tinham dito demasiado. O cervejeiro

percebeu aquele olhar carregado de desprezo, furtivo. A mulher que defende seus filhos é menos terrível e menos rápida do que aquela que sente arrancarem-lhe a carne de sua carne, seu amor, esse outro fruto.

— Sai daqui, vai! — balbuciou o pai ultrajado.

Ela esperou um pouco, os olhos baixos, os lábios trêmulos, retendo a confissão prestes a escapar como uma suprema injúria. Depois recolheu seu tricô, sua agulha e seu novelo e atravessou a soleira com um passo altivo, mais vermelha que uma camponesa num dia de colheita.

Mas, quando se viu livre, transpôs a escada em dois saltos de corça e fechou a porta de um só golpe. Pela janela entreaberta podia ver no fundo da alameda, entre duas hortênsias, a grade de ferro pintada de branco, que encerrava seu pequeno universo, à borda de um campo de alho-poró... Além, outras casinhas de tijolos, alinhadas, até a curva da estrada, onde fumega um feio teto de palha sobre quatro paredes de barro todas esburacadas, lar do bom Lugas, último mendigo da comuna... E aquela palha ruindo, por entre as belas telhas envernizadas, é ainda um outro mendigo, um outro homem livre.

Ela estendeu-se na cama, o rosto mergulhado no travesseiro. Procurava arrumar suas ideias, tornar a vê-las com clareza, e não ouvia nada, em seu cérebro confuso, senão o zumbido da cólera... Ah, pobrezinha, cujo destino é decidido em uma cama imaculada, recendendo a verniz e a lençóis novos! Por duas horas Germaine revolveu na cabeça inumeráveis projetos para conquistar o mundo, como se o mundo já não tivesse seu senhor, com o qual as meninas pouco se importam...

Gemeu, gritou, chorou, sem poder mudar muita coisa na evidência inexorável. Conhecida sua aventura, confessada a falta, qual a chance de rever em breve seu amante, de simplesmente revê-lo? E ele, concordaria em vê-la? “Ele acha que traí seu segredo”, dizia para si mesma, “não vai gostar mais de mim”. “Uma manhã dessas, acabou!”, exclamara ainda há pouco a mãe Malorthy... Que coisa estranha! Pela primeira vez tinha sentido uma certa angústia, não pelo pensamento do abandono, mas da sua futura solidão. A traição não a amedrontava, nunca tinha pensado nisso. Essa vidinha burguesa, respeitável, a honesta casa de tijolos, a cervejaria bem frequentada, com o pobre motor a gás — a boa conduta que traz em si mesma a recompensa —, os cuidados que dedica a si mesma uma jovem, filha de um comerciante notável — sim, a perda de todos esses bens não a inquietava um minuto sequer. Vendo-a no seu vestido de domingo, muito bem penteada, ouvindo seu riso vivo e luminoso, o pai Malorthy não duvidava que sua menina tinha desabrochado, “educada como uma rainha”, dizia às vezes, não sem orgulho. Dizia também: “Tenho minha consciência, e isto é o que basta”. Mas sempre confrontou sua consciência com o seu livro-razão.

O ar esfriou: ao longe, as pequenas vidraças iluminaram-se uma a uma; o caminho arenoso lá fora era apenas uma vaga claridade, e o ridículo jardinzinho cresceu e aprofundou-se imensuravelmente, do tamanho da noite... Germaine despertou de sua cólera como de um sonho. Saltou da cama, foi escutar à porta e não ouviu nada senão o habitual ressonar do cervejeiro e o solene tique-taque do relógio; voltou à janela aberta, deu dez voltas em sua jaula estreita, sem ruído, ágil e furtiva, como um jovem lobo... O quê? Meia-noite, já? Um profundo silêncio, cheio de perigo e aventura, um belo

risco; as grandes almas desdobram-se como asas. Tudo dorme; nenhuma cilada... “Livre!”, disse de repente, com essa voz baixa e rouca que seu amante não ignorava, com um gemido de prazer... Estava livre, de fato.

Livre! Livre, repetia, com uma certeza crescente. Claro que não saberia dizer quem a tornava livre, nem que correntes tinham caído. Simplesmente se expandia no silêncio cúmplice... Uma vez mais, um jovem animal feminino, no seio de uma bela noite, desperta timidamente, e logo com exaltação, seus músculos adultos, seus dentes e suas garras.

Abandonava todo seu passado como a hospedagem de um dia.

Abriu a porta tateando, desceu a escada degrau por degrau, girou a chave na fechadura e recebeu em pleno rosto o ar da rua, que jamais lhe parecera tão leve. O jardim deslizou como uma sombra; ultrapassado o portão... a estrada, e a primeira curva da estrada... Só respirou mais adiante, quando deixava a aldeia atrás de si, entre as árvores, compacta, obscura... Então sentou-se num barranco, fremente ainda com o prazer da descoberta... O caminho que fizera lhe pareceu imenso. A noite abria-se à sua frente como um refúgio e como uma presa... Não tinha nenhum projeto, sentia na cabeça um vazio delicioso... “Sai daqui! Vai!”, dissera há pouco o pai Malorthy. O que seria mais simples? Tinha saído.

“Sou eu” — disse ela.

Ele ergueu-se de um salto, estupefato. Uma expressão de ternura, uma palavra de censura teria sem dúvida desencadeado sua cólera. Mas ele a viu ereta e muito simples, no limiar da porta, e parecia apenas um pouco comovida. Atrás dela, no chão de cascalhos, movia-se sua leve sombra. Reconheceu imediatamente o olhar sério, imperturbável, que ele tanto amava, e aquela outra pequena chama, insaciável, no fundo das pupilas cintilantes. Ambos se reconheceram.

— Depois da visita do papai, um raio suspenso sobre a minha cabeça (à uma hora da manhã na minha casa), tu merecias apanhar! — Deus! Como estou cansada! — disse ela. — O caminho está alagado; caí duas vezes. Estou encharcada até os joelhos... Me dá alguma coisa pra beber, por favor? Até então, uma perfeita intimidade, e mesmo algo mais; nada havia mudado no tom habitual das suas conversas. "Senhor", ela também dizia. E às vezes "senhor marquês". Mas nessa noite, pela primeira vez tratava-o por "tu".

— Não se pode negar — ele exclamou alegremente — que és audaciosa. Ela tomou gravemente o copo estendido e tentou levá-lo à boca sem tremer, mas seus pequenos dentes rangeram no cristal, e suas pálpebras piscaram sem conseguir reter uma lágrima que deslizou até seu queixo.

— Ufa! — concluiu. — Olha, tenho a garganta apertada de tanto chorar. Chorei duas horas na cama. Estava enlouquecida. Eles acabariam me matando, sabe?... Ah! Belos pais que eu tenho! Nunca mais me verão.

— Nunca mais? — ele exclamou. — Não digas bobagens, Mouchette — assim a chamava na intimidade. — Não se deixam as meninas correrem pelos campos, como

perdizes. O primeiro guarda que aparecer vai te devolver ao ninho.

— É? — disse ela. — Eu tenho dinheiro. O que me impede de pegar amanhã o trem pra Paris, por exemplo? Minha tia Eglé mora em Montrouge, numa bela casa, com uma mercearia. Vou trabalhar. E serei felicíssima.

— Bobinha, tu és maior, sim ou não? — Logo serei — respondeu, imperturbável. — É só esperar.

Desviou os olhos por um momento; depois, erguendo para o marquês um olhar tranquilo: — Me toma pra ti — disse ela.

— Tomar? Como assim? — ele exclamou, andando pela sala para esconder seu embaraço. — Tomar-te pra mim? Pensa que é fácil? Onde vou te esconder? Acha que tenho aqui um quarto secreto pra meninas? Isto só nos romances, minha filha! Antes do fim do dia eles cairão em cima de nós, todos, teu pai com a polícia, metade da aldeia, com bastões nas mãos... Até o Deputado Gallet, aquele médico dos diabos, aquele carniceiro! Ela explodiu numa gargalhada, batendo palmas; depois estancou bruscamente, subitamente séria, e observou, com voz doce: — Ah, é! O Senhor Gallet? Eu ia lá amanhã, com papai. Ideia dele.

— Ideia dele! Ideia dele! Olha como ela fala! Já te disse mil vezes, Mouchette: não sou um homem mau, sei dos meus erros. Mas com todos os diabos! Não tenho mais um tostão. Mesmo que eu vendesse isto aqui até o último barril, com o que sobrasse conseguiria só não morrer de fome, uma miséria! Tenho uns parentes ricos, é verdade, minha tia Arnoult, principalmente, mas que aos sessenta anos está firme como uma muralha, uma rocha, que

ainda vai me enterrar... Já tive aventuras demais. É preciso ter muita cautela desta vez, Mouchette; e antes de tudo ganhar tempo.

— Oh, que lindo!... — disse ela. — Meu Deus, que coisa mais linda! Tinha-lhe voltado as costas, acariciando com ambas as mãos uma pequena cômoda Luís XV laqueada com pagodes, enfeitada com bronzes dourados. Com a ponta dos dedos, traçava sinais misteriosos na poeira, sobre o mármore de veios violeta.

— Deixa a cômoda em paz — disse ele. — Dessas velharias, o celeiro está cheio. Poderias talvez me dar a honra de me responder? — Responder o quê? E o olhava face a face, com o mesmo olhar quieto.

— Responder o quê!... — ele começou. Mas não pôde deixar de desviar os olhos.

— Sem brincadeiras, minha filha, vamos colocar os pontos nos “is”. Aliás, eu não quero me irritar. Deves compreender que nós dois queremos esperar a tempestade acabar. Posso te levar ao cartório amanhã? Sim ou não? Hein? Não pretendes, imagino, ficar aqui, nas barbas do teu pai! Garanto, estaríamos em maus lençóis! É uma e meia da manhã — concluiu, tirando o relógio. — Vou atrelar o Bob e te levar logo até o caminho de Gardes. Estarás em casa antes do amanhecer. Ninguém viu nada, ninguém soube de nada. E amanhã mostrarás a Malorthy uma face imperturbável. Quando chegar o momento, veremos o que fazer. Eu prometo. Vamos! Depressa! — Ah, não! — disse ela. — Não voltarei pra Campagne esta noite.

— Onde vais dormir, cabeça-dura? — Aqui. Na estrada. Não importa onde. Tanto se me dá! Desta vez ele perdeu

a paciência, e começou a praguejar a torto e a direito, mas em vão. Assim a tasca grunhe e guincha atada à corda de musgo:

Em un prim seden de moupo

L’embourgino, l’adus que broupo...

— Sou bom demais para esperar convencer uma cabeça-dura. Vai então, se quiseres, dormir com as cotovias. É culpa minha, afinal de contas? Poderia ter feito melhor, mas precisava de tempo: mais um mês, a velha casa estaria vendida, eu estaria livre. Hoje teu pai caiu em cima de mim como uma bomba, e me ameaça com a polícia; enfim, um escândalo dos diabos. Amanhã, terei todo o cantão nas minhas costas; basta essa velha coruja para atrair cem corvos. E por quê? De quem é a culpa? Porque hoje uma garotinha de cabeça dura teve medo, e nos entregou de pés e mãos atados, sem medir as consequências! Contou tudo ao papai, como num confessionário... e depois, vire-se, meu amigo! Não te censuro por nada, minha linda, mas mesmo assim!... Vamos! Vamos! Não chora mais, não chora mais.

Ela apoiava a testa na vidraça e chorava em silêncio. E, achando que a tinha convencido, já lhe parecia mais difícil apiedar-se e lamentá-la. Pois é natural no homem odiar o próprio sofrimento no sofrimento alheio.

Tentou voltar para si a pequena cabeça obstinada; pressionava com as duas mãos a nuca loira.

— Por que chorar? Tudo que falei foi sem pensar... Depois, vejo isto assim: o papai Malorthy e seu ar de conselheiro geral, num dia de comício... “Responde-me, infeliz!... Diz a verdade pro teu pai...”. Acabaria batendo

em ti... Ele não te bateu, pelo menos? — Ah, não! — disse ela entre dois soluços.

— Mas levanta a cabeça, Mouchette; é um assunto enterrado.

— Ele não sabe nada de nada — gritou ela cerrando os punhos. — Eu não disse nada! — O quê?! — disse ele.

Na verdade, não compreendia grande coisa dessa explosão de orgulho ferido. Mas via com mais espanto ainda erguer-se diante dele uma Germaine desconhecida, os olhos maldosos, a fronte vincada por um traço de cólera viril, e o lábio superior um pouco retraído, deixando ver todos os brancos dentes.

— Ora! — concluiu ele. — Devias ter dito isso antes.

— Não terias acreditado — respondeu ela, depois de um silêncio, a voz ainda trêmula, mas o olhar já claro e frio.

Ele a observava, não sem desconfiança. Esse capricho, esse humor vivo e audacioso, essas palavras tão bruscas quanto os dentes de uma lebre já lhe eram familiares. Mas, no ardor da conquista, ele somente vira, até agora, as pequenas defesas de uma bela jovem astuciosa, que um derradeiro escrúpulo mantém na ilusão de ainda ser livre no momento em que não se recusa mais. A robusta maturidade inspira facilmente uma confiança cega, e, no amor, a mais cínica experiência está mais perto do que se pensa de uma ingenuidade quase cândida. “O rato vai e vem diante do gato”, dizia ele às vezes, “mas logo será agarrado”. Não tinha dúvida, com efeito, de a ter agarrado. Quantos amantes tomam assim nos braços uma estranha, a perfeita e ágil inimiga! Por um momento, aquele homem tão simples e tão direto teve, pela primeira vez, o pressentimento de um perigo

iminente, inexplicável. A grande sala em desordem, cheia de móveis amontoados, recém descidos do sótão onde estavam apodrecendo, pareceu-lhe subitamente desmesurada, vazia. E ele abriu mais os olhos para ver, fora do círculo da lâmpada, a fina silhueta imóvel, a única e silenciosa presença... Depois explodiu num riso aliviado.

— Então?... Essa palavra de honra do papai Malorthy? Uma piada? — Que palavra? — perguntou ela.

— Nenhuma; é uma brincadeira que fiz aqui... Apenas dá meia-volta e fecha a janela.

Atrás dela, com efeito, a porta tinha-se aberto bruscamente, mas sem ruído. Um pequeno vento com gosto de sal, provindo do alto mar, mas carregado pelo caminho de todo o vapor insosso dos pântanos, fez voarem até o teto os papéis que estavam esparsos sobre uma mesa, e arrancou do vidro da lâmpada uma longa chama vermelha que caiu em fuligem. O vento esfriou um tanto. Com uma só voz, de um lado ao outro do parque, os pinheiros despertaram gemendo.

Ela girou a chave na fechadura, e voltou-se, agastada.

— Vem cá, vamos — disse Cadignan.

Mas, recuando dois passos, ela pôs rapidamente a mesa entre ela e seu amante, depois sentou-se na beira de uma cadeira, como uma criança.

— Vamos passar a noite assim, Mouchette? Eh! Melindrosa! — exclamou com um riso forçado.

Ele, sem dúvida, habilmente tirava partido de uma teimosia que sabia muito bem não poder controlar,

porém mais que o desejo de uma carícia, do que estava cansado, o pensamento de um risco iminente enchia-lhe o coração. “A manhã virá bem depressa”, pensava com uma espécie de alegria. Pois o repouso é bom, porém mais delicioso ainda é uma breve pausa.

Aliás, estava numa idade em que o *tête-à-tête* com uma mulher logo se torna intolerável.

— Um momento, é o que deseja? — disse friamente Mouchette sem erguer os olhos.

Só via dela a fronte polida, obstinadamente inclinada. Mas a pequena voz azeda ressoava estranhamente no silêncio.

— Te dou cinco minutos! — exclamou comicamente, para ocultar sua perturbação, pois aquela fria impertinência tinha desconcertado seu bom humor. (Como o cão cordial e pachorrento recebe no focinho uma súbita garra).

— Não acreditas em mim? — retomou ela, depois de ter meditado longamente, como se fosse a conclusão de um monólogo interior.

— Se acredito em ti? — Não tente me enganar, por favor! Pensei muito durante oito dias, mas há um quarto de hora parece que estou entendendo tudo, a vida, o mundo! Podes rir! Primeiro, eu mesma não me conhecia direito; eu, Germaine. A gente vive alegre, sem saber, por um nada, por um belo sol... Besteiras... Mas, enfim, tão alegre, de uma alegria que sufoca, que sentimos que secretamente desejamos uma outra coisa. Mas o quê? E ainda assim necessária. Ah, sem ela o resto não é nada! Não era tão idiota que achasse que fosses fiel. Pensa bem! Meninas e rapazes, não temos os olhos vendados;

aprende-se mais por trás das cercas do que no catecismo do padre! Dizíamos de ti: “Minha querida, as mais bonitas, ele possui!”. Eu pensava: “Por que não eu?”. Chegou minha vez... E ver agora que a cara feia do papai te deu medo... Ah, eu te odeio! — Palavra, estás louca de atar — exclamou Cadignan, estupefato. — Não tens um pingo de bom senso, Mouchette, com tuas frases de romances.

Encheu lentamente o cachimbo, acendeu-o, e disse: — Vamos por ordem.

Que ordem? Quantos antes dele também nutriram a ilusão de surpreender em falta uma jovem menina de dezesseis anos, toda armada? Vinte vezes você pensa que a enganou com a mais grosseira mentira, que ela sequer o compreendeu, atenta apenas aos mil nadas que nós desprezamos, ao olhar que a evita, a certa palavra inacabada, ao acento da sua voz — essa voz cada vez melhor conhecida, possuída —, paciente no aprendizado, falsamente dócil, assimilando pouco a pouco a experiência de que você tanto se orgulha, menos por uma lenta indústria que por um instinto soberano, em meio a súbitos clarões e iluminações, mais hábil para adivinhar que para compreender, e jamais satisfeita por não ter também ela aprendido a ferir.

— Vamos por ordem. Do que me censuras? Alguma vez te escondi que na minha velha biboca de pimenteiras não era menos pobre que um camponês? Podemos aguentar o golpe? Sim ou não? Fechar os olhos para os contratempos futuros, nada melhor, e, num namoro, o cantor não é o último a se empolgar com sua canção. Mas prometer o que se sabe muito bem que não se pode cumprir, é mesmo uma trapaça de cafajeste. Imaginas a cara do padre e a do demônio do sacristão se nos

apresentarmos domingo na missa, de mãos dadas? Vendido o meu moinho de Brimeux, as dívidas pagas, me sobrarão uns mil e quinhentos luíses, com os diabos! É tudo. Conclusão: mil e quinhentos luíses, dois terços pra mim, o resto pra ti. É isso. E estamos combinados! — Uh-la-la! — disse ela rindo (mas com os olhos cheios de lágrimas).

— Que sermão! Ele enrubesceu de desapontamento e fixou na jovem, através da fumaça do cachimbo, um olhar em que a cólera já despontava. Mas ela o encarou bravamente.

— Você pode guardar os seus mil e quinhentos; precisa deles mais do que eu! Com certeza ela ficaria bastante embaraçada para justificar seu singular prazer, e dar um nome a todos os confusos sentimentos que enchiam seu intrépido coração. Mas nesse instante desejava unicamente humilhar seu amante em sua pobreza, e tê-lo à sua mercê.

Ter, a menos de uma hora, atravessado a noite como um raio ao encontro da aventura, desafiado o julgamento do mundo inteiro, para encontrar, por fim — que ódio! —, um outro bronco, um outro rato como o pai! Sua decepção foi tão forte, seu desprezo, tão súbito e tão decisivo, que na verdade os acontecimentos que virão já estavam como que inscritos nela. Foi o destino, dirão. Mas o destino se parece conosco.

Só um tolo se espanta com o brusco ímpeto de uma vontade por longo tempo contida, e que uma dissimulação necessária, quase inconsciente, já esteja marcada pela crueldade, vingança inefável do fraco, eterna surpresa do forte, e armadilha sempre preparada! Outro se aplica a seguir passo a passo, em seus

caprichosos desvios, a paixão, mais forte e mais insaciável que o relâmpago, e se vangloria de ser um atento observador, mas não conhece do outro, em seu espelho, senão sua pobre careta solitária! Os mais simples sentimentos nascem e crescem em uma noite jamais penetrada, confundem-se ou repelem-se segundo secretas afinidades, semelhantes a nuvens elétricas, e não captamos, na superfície das trevas, senão breves clarões da tempestade inacessível. Por isso as melhores hipóteses psicológicas permitem talvez reconstituir o passado, mas não predizer o futuro. E, semelhantes a muitas outras, apenas dissimulam aos nossos olhos um mistério cuja simples ideia esmaga o espírito.

Depois de um último esforço, a brisa que soprava emudeceu. Os bosques de loureiros que cercavam a velha casa com uma tríplice muralha tinham há um bom tempo adormecido, e no fundo do parque, as imponentes árvores de ramada negra, os pinheiros de sessenta pés, estremeciam ainda no topo, rugindo como ursos. A luz da lâmpada brilhava mais forte, morna, familiar, na extremidade da mesa de nogueira, com um crepitar monótono. E muito junto da noite, vista pelas vidraças de um negror opaco, o ar morno e um pouco pesado parecia doce de respirar.

— Olha, esperneia o quanto quiseres — disse tranquilamente o marquês —, não vais conseguir me tirar do sério esta noite. Palavra de honra! É um prazer te ver aqui! Pressionou as cinzas do cachimbo com um dedo minucioso, e retomou, meio grave, meio brincalhão: — Pode-se recusar quinhentos luíses, docinho. Mas não se cospe na mão de um pobre diabo que oferece sinceramente o que lhe resta nos bolsos. Entre nós dois, esse pedaço de explicação é suficiente. A miséria não me envergonha, garota...

Com as últimas palavras, Germaine corou.

— Eu também não tenho vergonha — respondeu. — Alguma vez eu pedi algo, até agora? — Não... Não... Mouchette. Mas Malorthy, teu pai...

Parou de repente, pois falara sem malícia, ao ver estremecer a boca de sua amante, e o precioso pescoço contendo um soluço infantil.

— É o que me faltava! Malorthy, Malorthy? E o que me importa tudo isso? É demais! Não é verdade que te denunciei, é mentira! Ah! Quando ontem à noite... Na minha frente... Ele ousou dizer... Eu estava louca de raiva! Olha! Eu teria enfiado a tesoura na garganta, teria me estrangulado na frente dele, ali, em cima da mesa. Vocês não me conhecem, nenhum dos dois. Ah, as desgraças só começaram! Ela tentava reforçar sua voz frágil socando a mesa com o punho, com golpes secos e repetidos, um pouco risível na sua cólera, com essa leve ênfase com que as mulheres mais sinceras se atordoam antes de ousarem tomar uma atitude.

Cadignan, sem interrompê-la, admirava-a, ao contrário, pela primeira vez. Um outro sentimento, não o desejo, uma espécie de simpatia paternal jamais experimentada até então, inclinava-o para a criança revoltada, mais acre e mais orgulhosa que ele, sua companhia feminina... Ora!... Talvez um dia?... Olhou-a diretamente no rosto, e sorriu. Mas ela sentiu-se desafiada.

— Não devo me irritar — disse ela, friamente. — É o que tinha que acontecer. É, eu acabaria morrendo na sua casa de tijolos e no seu jardim de boneca... Mas você, Cadignan — projetando seu nome como um desafio —, achei que era outro homem.

Ela se aprumava para acabar a frase antes que sua voz se quebrasse. Por mais ousada e confiante que tentasse parecer, não via agora nenhuma outra saída senão a armadilha do lar paterno, armada de novo, a inevitável ratoeira de que tinha fugido há duas horas atrás, num delírio de esperança. “Ele me decepcionou”, pensava. Mas em sã consciência, não saberia dizer como nem por quê. Os dois amantes, ainda face a face, não se reconheciam mais. O homem em seu declínio acha que faz o bastante pagando ingenuamente as felicidades burguesas com um último níquel que a pequena selvagem detestaria mais que a miséria e a vergonha... O que viera pedir, no ventre dessa primeira noite livre, a esse folgazão já barrigudo que só preservava, de sua raça camponesa e militar, uma energia puramente física e uma espécie de grosseira dignidade? Ela tinha fugido, é tudo; vibrava por sentir-se livre. Tinha corrido para ele como a um vício, na ilusão por muito tempo acalentada de dar enfim o passo decisivo, de finalmente perder-se. Um livro, um mau pensamento, uma imagem vislumbrada com os olhos fechados, junto ao murmúrio do fogo, as mãos unidas sobre o trabalho esquecido, apresentavam-se subidamente à sua memória, com terrível ironia. O escândalo que tinha sonhado, um escândalo de transtornar as cabeças, era reduzido com muita doçura às proporções de uma bravata de estudante. O retorno ao lar, o parto discreto, os meses de solidão, a honra recuperada nos braços de um bobo... e anos, e mais anos, todos cinzentos, no meio de um bando de moleques, viu tudo isso num instante, e gemeu.

Ai! Tal como uma criança que partiu de manhã para descobrir um mundo novo dá a volta no jardim, e acaba se defrontando com o velho poço, vendo ruir seu primeiro sonho, assim tinha feito ela esse pequeno, mas

inútil, desvio da rota comum. “Nada mudou”, murmurava, “nada de novo...”. Mas, contra a evidência, uma voz interior, mil vezes mais clara e mais segura, testemunhava a ruína do passado, o vasto horizonte descoberto, qualquer coisa deliciosamente inesperada, uma hora irreparavelmente chegada. Através de seu ruidoso desespero, sentia crescer uma grande alegria silenciosa, semelhante a um pressentimento. Que encontrasse em algum lugar, aqui ou acolá, um asilo, o que importava? Que importava um asilo para quem lograra transpor de uma vez por todas a soleira do lar e acha tão leve a porta que acaba de se fechar? Esse marquês devasso temia a opinião do vilarejo, que ela agora afrontava? Tanto pior! Nem por isso deixava de sentir a força que tinha, encontrando sua medida na fraqueza do outro. A partir desse momento, podia-se ler seu iminente destino no fundo dos seus olhos insolentes.

Estavam ambos calados. No meio da alta janela sem cortinas a lua surgiu subitamente, através da vidraça, nua, imóvel, tão viva e próxima que quase se ouviu a vibração de sua luz dourada.

Então, por uma estranha coincidência, a mesma questão formulada algumas horas antes por Malorthy retornou nos lábios de Cadignan: — A proposta é sua, Mouchette.

Mas, como ela o interrogava com um bater de pálpebras, sem falar: — Pede sem medo — disse ele.

— Leva-me daqui — respondeu.

Acrescentou, depois de medi-lo com os olhos, pesá-lo, avaliá-lo cuidadosamente, assim como uma criada faz com um frango: — Pra Paris... não importa aonde! — Não

vamos falar disso agora, certo? Nem sim, nem não... Depois do parto; o moleque no mundo...

Ela foi se levantando, a boca aberta, com um gesto de surpresa de uma verossimilhança perfeita, irresistível: — O parto? O moleque?...

Então estourou de rir, as mãos apertando a garganta nua, a cabeça inclinada para trás, inebriando-se com o desafio sonoro, lançado aos quatro cantos da velha sala, como um grito de guerra, uma única nota de cristal.

A face de Cadignan enrubesceu. Ainda rindo, ela disse, sem fôlego: — Meu pai zombou de você... Acreditou nele? A audácia da mentira impedia qualquer suspeita. O inverossímil não precisa de provas. O marquês não duvidou de que era verdade. Aliás, a cólera sufocava-o.

— Cala a boca! — gritou, golpeando a mesa com o punho.

Mas ela ainda ria, de leve, prudentemente, as pálpebras semicerradas, os pezinhos unidos sob a cadeira, pronta a escapar de um salto.

— Com todos os diabos! Diabos! — repetia a pobre vítima, agitando a bandarilha invisível.

Por um momento seu olhar encontrou o da amante, e logo farejou a armadilha.

— Veremos quem diz a verdade — concluiu, rude. — Se o tolo do teu pai zombou de mim, estouro os seus rins! E agora, vamos fazer as pazes! Mas ela só deseja encará-lo de frente, espiá-lo através dos seus longos cílios, desfrutar de sua confusão, muito pálida por se sentir tão perigosa e tão astuta, forte como um homem.

Por um minuto, cofiou nervosamente o bigode, pensando: “A história é estranha... quem está me enganando?”. Aliás, nunca uma mentira fora tão facilmente proferida, com mais liberdade, sem premeditação, semelhante a um gesto de defesa, tão espontânea quanto um grito.

— Grávida ou não, não volto atrás, Mouchette — ele disse por fim...

— Logo que vender a casa, encontrarei um lugar pra nós dois, a morada de um vigia, a meio-caminho entre o rio e o bosque, onde viveremos tranquilamente. E, com mil demônios, talvez o casamento no fim...

O homem se enternecia; ela respondeu com calma: — Vamos embora amanhã? — Ah! Tola! — exclamou, realmente comovido. — Falas disso, olha só, como de um passeio de domingo na vila... Tu és menor, Mouchette, e não se brinca com a lei.

Três quartos sincero, mas de uma raça camponesa muito antiga para se comprometer imprudentemente, aguardava um grito de alegria, um abraço, lágrimas, enfim, uma cena comovente que o tirasse do embaraço. Mas a esperta deixava-lhe falar, num silêncio zombeteiro.

— Ah! — disse ela. — Faz muito tempo que sonho com a casa de um vigia... Na minha idade! Que bela figura eu faria entre o seu rio e o seu bosque!... Se ninguém mais me quer, talvez deva me conformar? — Isto poderia acabar muito mal — respondeu desdenhosamente o marquês.

— Estou me lixando para o que vai dar — exclamou ela batendo as mãos... — E, aliás, tenho uma ideia... Eu.

Mas, tendo Cadignan dado de ombros, ela continuou, exaltada: — Tenho também um amante...

— Pode-se saber quem é? — Que não me recusará nada, ele, e rico...

— E jovem? — Mais do que você... Ah! Jovem o bastante para ficar branco como linho quando lhe encosto o meu pé debaixo da mesa! — Olha só...

— Um homem instruído, culto mesmo...

— Entendi!... Deputado...

— Tu o disseste! — exclamou ela toda vermelha, o olhar ansioso.

Ela esperava uma risada, mas ele se contentou com responder, batendo o cachimbo: — Muito bom pra ti! Um belo partido, pai de dois filhos, e marido de uma mulher vigilante, que está sempre atrás dele...

Entretanto, sua voz tremia... O sarcasmo não enganava a prudente menina, que seguia todos os seus movimentos com um olhar atento — medindo a largura da mesa que a separava do amante —, o coração batendo muito forte, e as palmas úmidas e geladas. Mas sentia-se ágil como uma corça.

É verdade que Cadignan não dera muita importância a uma ou duas amantes de seu passado. Ainda na véspera, tinha sido mais sensível à vergonha de ser apanhado em flagrante delito de mentira por um ridículo adversário, que ao medo de perder a loira Mouchette. Mas também não duvidava de que ela o tinha entregado e, em seu egoísmo ingênuo, censurava-lhe essa fraqueza como a um crime, e não a perdoava. Entretanto, o nome do

homem que mais odiava, com o sólido ódio de um rústico, tinha-lhe perturbado até as entranhas.

— Para uma menina — disse ele —, não te deixas enganar facilmente... Quem sai aos seus não degenera. O papai vende uma cerveja péssima, e a filha... Cada um vende o que tem.

Ela quase moveu a cabeça com um ar de bravata; mas, ainda mal aguerrida, titubeou um instante sob o golpe da ignóbil injúria: soluçou.

— Vais ouvir muitas e muitas, se viveres o bastante — continuou tranquilamente o marquês. — A amante do Gallet!... Nas barbas do papai, não é? — Em Paris, quando eu quiser — balbuciou através das lágrimas... — Sim, em Paris! As dez pequenas unhas arranhavam a mesa em que apoiava as mãos. O rumor das ideias em seu cérebro atordoava-a; mil mentiras, uma infinidade de mentiras zumbiam como uma colmeia. Os mais diversos projetos, todos bizarros, imaginados e logo desfeitos, formavam uma corrente interminável, como na sucessão de um sonho. Da atividade de todos os seus sentidos jorrava uma confiança inexprimível, semelhante a uma efusão de vida. Por um minuto, os próprios limites do tempo e do espaço pareceram ruir diante dela, e os ponteiros do relógio correram tão depressa quanto sua jovem audácia... Não tendo jamais conhecido outra coerção além de um pueril sistema de hábitos e preconceitos, não imaginando outra sanção além do julgamento alheio, não via limites na maravilhosa praia em que aportava como uma náufraga. Por mais tempo que se tenha experimentado o deleite amargo e doce, o mau pensamento não consegue embotar de antemão a terrível alegria do mal enfim alcançado, possuído — de uma primeira revolta semelhante a um segundo

nascimento. Pois o vício crava no coração uma raiz lenta e profunda, mas a bela flor cheia de veneno só desabrocha em seu esplendor por um único dia.

— Em Paris? — disse Cadignan.

Ela viu muito bem que ele ansiava levar adiante o interrogatório, sem ousá-lo.

— Em Paris — repetiu ela, as faces ainda reluzentes, e os olhos secos.

— Sim... Em Paris, na minha casa; um belo quarto, e livre... Todos os senhores deputados têm amigas assim — acrescentou com uma gravidade imperturbável... — Todo mundo sabe... Não são eles mesmos que fazem as leis? Entre nós dois, bom, a coisa está resolvida... e há bastante tempo! É verdade que o triste legislador de Campagne, cuja péssima bile remoía as próprias entranhas, e que uma mulher austera, devorada pelos ciúmes, consumia incansavelmente, tinha manifestado mais de uma vez à filha do cervejeiro esses sentimentos paternais cujo verdadeiro sentido não escapa a uma jovem atenta. Mas isso era tudo... Porém, sobre este pobre tema, a pérfida Mouchette sentia-se forte para mentir até a alvorada. Cada mentira era uma nova delícia que lhe tocava a garganta como uma carícia; teria mentido nesta noite até debaixo de injúrias, de pancadas, de ameaças de morte; mentiria por mentir. Lembraria mais tarde esse estranho acesso como o mais louco desperdício que fizera de si mesma, um pesadelo de volúpias.

“Por que não?”, pensou Cadignan.

— Vejam só essa boba — concluiu em voz alta —, vejam como acredita nas palavras de um joão-ninguém, de um

mercador de frases, a pior espécie de palhaço! Ele fará contigo o que faz com seus eleitores, minha filha! Amiguinha de um deputado! Arre! — Continua rindo — disse Mouchette —, há coisas piores.

O nariz do sujeito, ordinariamente rosado e jovial, estava mais pálido que suas faces. Por um momento, ruminando sua cólera, caminhou de um lado para outro, as mãos enfiadas em sua blusa de veludo; depois deu alguns passos na direção da amante, atenta, a qual, para evitá-lo, desviou-se para a esquerda, colocando prudentemente a mesa entre ela e seu perigoso adversário. Mas ele passou com os olhos no chão, foi diretamente para a porta, fechou-a, e colocou a chave no bolso.

Depois voltou para sua poltrona e disse secamente: — É o que tu queres; vou te abrigar aqui até a manhã, por nada, por puro prazer... O risco é meu. E agora toma juízo e me responde, se puderes. É tudo mentira, não é? Ela estava toda tão pálida quanto seu pescocinho. Respondeu entre dentes: — Não! — Vamos! — retomou ele... — Queres que eu acredite?...

— Ele é meu amante, mesmo! Ela despejou essa nova mentira como quem cospe um líquido áspero e picante. E quando não ouvia mais o eco de sua voz, sentiu seu coração desfalecer, como ao descer de um balanço. Quase que o tom de sua voz chegou a enganá-la, e, enquanto atirava sobre o marquês a palavra “amante”, cruzou os dois braços sobre os seios, com um gesto ao mesmo tempo inocente e perverso, como se essas três sílabas mágicas a tivessem despido, nua.

— Por Deus! — exclamou Cadignan.

Ele ergueu-se de um salto, e tão rápido que o impulso da pobrezinha, mal calculado, quase jogou-a em seus braços. Reencontraram-se no canto da sala e ficaram por um momento face a face, sem dizer nada.

E logo ela escapou, saltou sobre uma cadeira meio bamba e dali para a mesa; mas seus saltos altos escorregaram sobre o tampo encerado; em vão estendeu as mãos. As do marquês prenderam-na pela cintura, puxaram-na energicamente para trás. A violência do choque atordoou-a; o homenzarrão carregava-a como uma presa. Sentiu-se lançada rudemente sobre o canapé de couro. Durante um minuto ela não viu mais nada que dois olhos, primeiro ferozes, nos quais pouco a pouco chegava angústia e depois vergonha.

•

Novamente ela estava livre; em pé, em plena luz, os cabelos soltos, uma dobra do vestido descobrindo sua meia negra, buscando em vão o olhar do detestado senhor. Mas ela mal distinguia um grande túnel de sombra e o reflexo da lâmpada na parede, enceguecida por um formidável ódio, sofrendo em seu orgulho mais que num membro ferido, com um sofrimento físico, agudo, intolerável... Quando por fim o percebeu, o sangue jorrou aos saltos em seu coração.

— Vamos, Mouchette, vamos! — dizia ele, inquieto.

Sempre falando, aproximou-se passo a passo, os braços estendidos, procurando pegá-la novamente, sem violência, como fazia com seus pássaros ariscos. Mas desta vez ela escapou.

— O que tens, Mouchette? — repetiu Cadignan, com uma voz vacilante. Ela o espiava de longe, sua bela boca

deformada por um ríctus dissimulador. “Está sonhando?”, pensava ele... Pois tendo cedido a um desses arroubos de cólera, dos quais com frequência nasce o desejo, sentia menos remorso que confusão, não tendo jamais forçado suas amantes mais do que um leal comparsa que desempenha seu papel em um jogo brutal. Já não a reconhecia.

— Não vais me responder? — exclamou, exasperado por seu silêncio.

Mas ela recuava à sua frente, a passos lentos. Como fugia em direção à porta, tentou barrar-lhe o caminho empurrando a poltrona para a estreita passagem, mas ela evitou o obstáculo com um salto veloz, com um grito de medo tão intenso que ele se deteve, ofegante. Um segundo depois, ao voltar-se para segui-la, viu-a, num relance, na outra extremidade da sala, erguida nas pontas dos seus pezinhos, esforçando-se para alcançar alguma coisa na parede, com os braços estendidos.

— Opa! Abaixa as garras! Danada! Em dois saltos ele a teria agarrado e desarmado, mas uma falsa vergonha o reteve. Aproximou-se dela sem pressa e com o andar de um homem que nada é capaz de deter. Pois via sua própria espingarda — uma magnífica Anson — nas mãos de sua amante.

— Experimenta só! — dizia, avançando sempre e como que ameaçando um cão perigoso.

A louca Mouchette respondeu apenas com uma espécie de gemido de terror e de cólera; ao mesmo tempo ergueu a arma em sua direção.

— Idiota! Ela está carregada! — ele ainda quis dizer...

Mas a última palavra foi esmagada em seus lábios pela explosão. O disparo atingiu-o no queixo, fazendo voar a mandíbula aos pedaços. O tiro foi dado de tão perto que a bucha de feltro ensebado atravessou-lhe o pescoço de um lado a outro, e foi parar na gravata.

Mouchette abriu a janela e desapareceu.

IV

O Doutor Gallet, terminada sua carta, escrevia o endereço no envelope, com sua caligrafia miúda, de traços hábeis. Então, atrás dele, falou seu jardineiro Timoléon: — A Senhorita Germaine manda dizer ao senhor...

A Senhorita Germaine apareceu então na soleira, espremida num apertado casaco negro, a sombrinha na mão. Tinha entrado tão rápido que o eco dos seus rápidos passos nas lajotas ainda não tinha acabado.

Ela soltou uma gargalhada, na cara do jardineiro, o qual também riu. A janela entreaberta deixava entrar o aroma da tarde, sempre cúmplice; e a luz dourada, no braço da poltrona, extinguiu-se no mesmo instante.

— Em que posso servi-la, Senhorita Germaine? — perguntou o Doutor Gallet.

Apressou-se em fechar o envelope.

— Papai pretendia, ele mesmo, anunciar ao senhor que a próxima reunião do conselho está marcada para o próximo dia nove; então... como eu passava por aqui... — respondeu ela com sua calma habitual, enfatizando de um modo tão esquisito as palavras “conselho” e “para o

próximo dia nove”, que Timoléon riu outra vez, sem saber por quê.

— Vai! Vai! — disse-lhe rudemente o Doutor Gallet, estendendo-lhe a carta.

Seguiu-o com os olhos até que a porta se fechou. Depois: — O que significa isso? — disse.

— Queres saber logo de cara? — respondeu ela, colocando a sombrinha atravessada sobre a poltrona. — Muito bem, eu estou grávida, só isso! — Calada, Mouchette — acabou murmurando, com uma voz estrangulada —, ou ao menos fala mais baixo.

— Eu te proíbo de me chamar de Mouchette — respondeu secamente a Senhorita Malorthy. — Mouchette, não! Jogou seu casaco sobre uma cadeira e ficou em pé diante dele.

— Podes conferir — disse ela. — Ninguém acredita nisso de primeira.

— Desde... desde quando? — Uns três meses — ela começava a desabotoar tranquilamente a saia, um alfinete entre os dentes.

— E tu me... tu me confessas isso agora...

— Ah! Ah! Confessar! — disse ela, tentando rir sem soltar o alfinete.

— Usas umas palavras! Os lábios cerrados, seus olhos riam com um riso infantil.

— Não vais te despir aqui, por favor! — observou o doutor de Campagne, fazendo um grande esforço para

recuperar o sangue-frio. — Ao menos vai até o gabinete.

— O que é que tem? — disse Germaine Malorthy. — Basta virares a chave. No teu gabinete eu fico gelada.

Ele deu de ombros desdenhosamente, mas observando-a de esguelha, a garganta seca. Ela, com uma das pernas sobre o braço da poltrona, a outra flexionada, desamarrava tranquilamente a botina.

— Eu me aproveito da situação — observou —, vês? Elas me doem terrivelmente; andei o dia inteiro com elas. Me dá os sapatinhos de camurça que deixei aqui na terça, por favor, na prateleira do quarto de vestir, atrás da arca. E sabe o que mais? Não vou embora esta noite. Disse a papai que certamente iria a Caulaincourt, na casa da tia Malvina... Tua mulher volta amanhã, né? Ele a ouvia boquiaberto, sem notar na espantosa mobilidade do pequeno rosto algo de imóvel e crispado, um rasgo de cansaço e obsessão, que marcava mesmo seu sorriso.

— Acabarás estragando tudo com tuas imprudências — retomou ele num tom de lamento. — Primeiro só te encontrava em Boulogne ou Saint-Pol, e agora inventas cada uma... Encontraste Timoléon? Por mim...

— Quem não arrisca não petisca — conclui ela, gravemente. — Não vais buscar meus sapatos, por favor? E não deixa de fechar a porta quando sair. Seguiu com os olhos o estranho amante deslizando com as pantufas de feltro, enfiado numa jaqueta de abas pobres, gola justa, cotovelos lustrosos.

Em que pensava ela? Ou não pensava em nada? O ridículo e odioso daquele hipócrita de dentes amarelos nem a surpreendia mais. *Pior, ela o amava*. Na medida em que podia amar, ela o amava. Depois da noite em

que, num gesto irreparável, matara ao mesmo tempo o inofensivo marquês e a própria imagem enganosa, a pequena Malorthy, a Senhorita Malorthy, debatia-se em vão contra sua ambição frustrada. Fugir, escapar, seria uma evidente autoacusação; teve que retomar seu lugar em casa, mendigar o perdão paterno com um rosto de bronze e, mais humilde e mais silenciosa do que nunca, sob os olhares da intolerável piedade, tecer em torno de si a mentira, fio a fio. “Amanhã”, dizia, com o coração devorado, “amanhã esquecerão, serei livre”. Mas o amanhã jamais chegava. Lentamente, os laços outrora rompidos reatavam em torno dela seu nós. Por uma amarga ironia, a gaiola tinha virado um abrigo, e ela só respirava agora detrás das grades sempre detestadas. A personagem que fingia ser destruía a outra, pouco a pouco, e os sonhos que a embalavam caíam um a um, corroídos pelo verme invisível: o tédio. O obscuro vilarejo que ela tinha desafiado voltava a envolvê-la, fechava-se sobre ela, digeria-a.

Jamais uma queda foi menos rápida, nem mais irrevogável. Repassando em sua memória cada incidente da noite criminosa, Mouchette não via nada que justificasse a lembrança que dela tinha guardado, como de um esforço imenso subitamente extinto, de um tesouro aniquilado. Aquele que desejara, a presa atingida, abatida no primeiro golpe, para sempre desaparecida, não sabia mais que nome lhe dar. Aliás, tinha-lhe dado algum nome um dia? Ah, não era aquele velhote gordo caído... Mas a presa, quem era? Quantas outras garotas se arrastam e morrem sob as tílias, cuja vida dura apenas uma hora ou cem anos! A vida por um momento aberta, desfraldada em toda a sua envergadura, o vento do espaço batendo-lhe em cheio... e depois recolhida, indo a pique como uma pedra.

Mas elas não cometeram um assassinato, no máximo o sonharam. Não têm nenhum segredo. Podem dizer: “Como eu era louca!”, alisando os cabelos grisalhos sob a touca de babados. Ignorarão sempre que, estendendo suas jovens garras, numa noite de tempestade, poderiam matar como se fosse num jogo.

Depois de seu crime, o amor de Gallet era para Germaine um outro segredo, um outro silencioso desafio. Primeiro tinha se jogado nos braços do velhaco sem alma e se agarrara a esse outro destroço. Mas a menina revoltada, com acurada astúcia, logo reabriu seu coração, como um abscesso. Tanto por deleitar-se no mal, certamente, quanto por um jogo perigoso, tinha transformado um ridículo fantoche em um animal peçonhento, que somente ela conhecia, que ela engendrara, semelhante a essas quimeras que assombram o vício adolescente, e que acabou amando como a imagem mesma e o símbolo de seu próprio aviltamento.

Mas até desse jogo ela já estava cansada.

— Pronto — disse ele, jogando no tapete os dois sapatos.

E logo se surpreendeu com o silêncio. Com um olhar, sempre lançado de viés, entreviu na sombra o pequeno corpo estendido sobre a poltrona, os joelhos flexionados, a cabeça inclinada sobre o ombro, o canto da boca imperceptivelmente contraído para o alto, as faces pálidas.

— Mouchette — chamou —, Mouchette! Ao mesmo tempo, aproximava-se depressa, acariciava com os dedos as pálpebras fechadas. Elas entreabriram-se

lentamente, mas sobre um olhar ainda sem pensamentos. Depois ela voltou a cabeça, e gemeu.

— Não sei o que me deu — disse ela. — Estou com frio... Então, ele viu que estava nua sob o leve casaco de lã.

— Ei? — disse ele. — Estás dormindo? O que houve? Permanecia em pé, a cabeça inclinada para a frente, rindo sempre com seu riso azedo.

— A crise acabou — disse ainda... (pegou sua mão). — O pulso um pouco rápido, como sempre. Nada de grave. Não sabes viver... vais... vais... Que dó! Tens tossido? Sentou-se ao seu lado, abrindo rapidamente o casaco semifechado. O incomparável ombro fugidio, de uma graça animal, por um instante descoberto, estremeceu. Mas ela o repeliu sem rudeza.

— Quando quiseres — disse ele. — Mas garanto que não posso me pronunciar sem fazer um exame das tuas vias respiratórias. É teu ponto fraco. Aliás, tua higiene é deplorável.

Continuou ainda por algum tempo. Somente então percebeu que ela chorava. Os grandes olhos abertos e fixos, seu pequeno rosto tão calmo, o arco da boca sempre tenso, ela chorava, sem um suspiro sequer.

Por um momento ficou boquiaberto. Uma curiosidade bem superior à sua natureza, a busca e o temor de um sentimento inacessível em um outro ser tão próximo dele mesmo enobreceram-no por um instante. Mas a exclamação esperada ficou em seus lábios; enrubesceu, desviou os olhos, e calou-se.

— Tu me amas? — disse ela subitamente, com uma voz em que o lamento se fazia estranhamente grave e duro.

E logo acrescentou: — Pergunto isso por causa de uma ideia que tenho na cabeça.

— Que ideia? — Tu me amas? — repetiu logo com a mesma voz.

Ao mesmo tempo levantou-se, vibrante, ridiculamente nua sob o casaco entreaberto, nua e pequena, tendo nos olhos o mesmo olhar, agora sem nenhum orgulho.

— Responda! — disse. — Responda logo! — Olha só... Germaine...

— Nada disso! — exclamou ela. — É simples! Somente diz: "Eu te amo"! Só... Assim! Ela inclinava a cabeça, fechando os olhos. Por entre os lábios trêmulos, ele via os duros dentes brancos, e sua respiração produzia um leve assobio, quase imperceptível, no meio do silêncio.

— E então? — disse ela. — É tudo? Não tens coragem de dizer? Deixou-se deslizar aos seus pés e refletiu por um minuto, o queixo sobre as duas mãos unidas... Depois ergueu-se diante dele novamente, os olhos cheios de astúcia.

— Vá... vá... vá sempre — disse, alçando a cabeça... — Sei que me odeias...

Menos que eu... — disse ainda, gravemente.

E logo acrescentou: — Só que tu... tu nem mesmo sabes o que é isso.

— O que é o quê? — Odiar e desprezar — disse ela.

Então começou a falar com uma extrema volúpia, como fazia toda vez que uma palavra dita ao acaso despertava

no fundo de si mesma esse desejo elementar, não a alegria ou o tormento dessa pequena alma obscura, mas a própria alma. E na vibração desse corpo frágil e já débil sob sua rutilante mortalha de carne, no ritmo inconsciente das mãos abertas e fechadas, no ímpeto contido dos ombros e das ancas infatigáveis, respirava algo da majestade dos animais.

— De verdade? Tu nunca sentiste... como dizer? A coisa nos vem como uma ideia... como uma vertigem... de se deixar cair, escorregar... descer muito baixo; totalmente; ir até o fundo, onde o desprezo dos imbecis nem iria te procurar... E depois, meu velho, mesmo lá, nada te contenta... Falta ainda alguma coisa... Ah! Antes... como eu tinha medo! De uma palavra, de um olhar... de tudo. Olha! Essa velha Senhora Sangnier... (claro que tu a conheces: é a vizinha do Senhor Rageot)... Ela me feriu, um dia! Um dia em que eu passava pela ponte de Planques, afastando de mim, bem depressa, sua sobrinha pequena, Laura... "O quê?! Então eu sou a peste?", disse para mim mesma... Ah! Agora! Agora... agora... agora, seu desprezo: eu gostaria de seguir adiante! Que sangue têm nas veias essas mulheres que basta um olhar para que hesitem; sim, um olhar envenena o seu prazer, e que alimentam a ilusão de serem honradas bonecas até nos braços dos seus amantes... Têm vergonha? Claro, digamos que sim, têm vergonha! Mas, cá entre nós, desde o primeiro dia, buscamos outra coisa? Isso que atrai e repele... Isso que tememos e de que fugimos sem pressa; que reencontramos toda vez com a mesma crispação do coração; que se torna como que o ar que respiramos, nosso elemento, a vergonha! É verdade que o prazer deve ser buscado por si mesmo... só por ele! Que importa o amante?! Que importa o lugar ou a hora?! Às vezes... às vezes... de noite... A dois passos daquele homem grosseiro que ronca, sozinha... sozinha no meu

quartinho, à noite... Eu, que todos acusam (me acusam de quê?, te pergunto). Levanto... escuto... sinto tão forte! Com esse corpinho de nada, essa pobre barriga tão lisa, esses seios que cabem na palma da mão, eu me aproximo da janela aberta, como se alguém me chamasse lá fora; e aguardo... estou pronta... Não é só uma voz que me chama, tu sabes! São cem! Mil! Serão homens? Afinal, de garotos (cheios de vícios, é verdade!), mas garotos! Eu te juro! Parece-me que o que me chama, aqui ou lá, não importa!... no rumor que gira... um outro... Um outro se deleita e se admira em mim... Homem ou animal... Sou louca, hein? Como sou louca!... Homem ou animal que me possui... Bem possuída... Meu abominável amante! Sua gargalhada espatifou-se subitamente e o olhar que fixava os olhos de seu companheiro se esvaziou de toda luz; permaneceu em pé por milagre, semelhante a uma morta. Depois dobrou os joelhos.

— Mouchette — disse gravemente o homem da arte, que se tinha erguido, uma última vez —, tua hiperemotividade me assusta. Meu conselho é: calma! Ele poderia continuar por muito tempo, no mesmo tom, pois Mouchette não o ouvia mais. Com um movimento quase insensível, seu busto se tinha inclinado para a frente, seus ombros tinham rolado sobre o divã e, quando ele tomou a pequena cabeça em suas mãos, o que viu foi um rosto de pedra.

— Diabos! — disse ele.

Em vão tentou descerrar suas mandíbulas, fazendo ranger entre os dentes unidos uma espátula de marfim. O lábio erguido sangrou.

Foi até a farmácia, abriu a porta, tateou os frascos, escolheu, cheirou, sempre com o ouvido atento e o olhar inquieto, constrangido pela presença silenciosa atrás de si, esperando, sem confessá-lo, um grito, um suspiro, um sinal no reflexo das vidraças, qualquer coisa que quebrasse o feitiço... Voltou-se, por fim.

Agora com a cabeça erguida, docemente sentada sobre o tapete, Mouchette, com um sorriso triste, via-o aproximar-se. Ele não lia nesse sorriso nada além de uma inexplicável piedade, que parecia descer das alturas, de uma suavidade sobre-humana. A luz da lâmpada banhava em cheio a testa branca, o resto da face na sombra; aquele sorriso, mal-adivinhado, era estranhamente imóvel e secreto. Primeiro achou que ela dormia. Mas ela disse, subitamente, com a voz tranquila: — O que é que estás fazendo, em pé, com essa garrafa na mão? Põe ela ali! Não, põe ela ali, por favor! Escuta: passei mal? Desmaiei? Não! É verdade? Imagina só se eu estivesse morta, aqui, na tua casa!... Não me toques! Só não me toques! Ele sentou-se desajeitadamente na beira de uma cadeira, o frasco sempre entre as fortes mãos. Entretanto, seu rosto retomava pouco a pouco sua expressão habitual de teimosia dissimulada, às vezes feroz. Acabou dando de ombros.

— Podes zombar de mim — retomou ela, com a voz sempre calma.

— É assim mesmo. Quando vou me entusiasmando... entusiasmando... entusiasmando... tenho um medo terrível de que me toquem... parece que sou de vidro. É, é assim mesmo... uma grande taça vazia.

— Hiperestesia. É normal, depois de um choque nervoso.

— Hiper... o quê? Que palavra esquisita! Então tu conheces isso? Já trataste mulheres como eu? — Centenas — respondeu ele, vaidoso —, centenas... No liceu de Montreuil vi casos extremamente graves. Essas crises não são raras nas meninas que vivem em comunidade. Bons observadores chegam mesmo a sustentar...

— Então — disse ela — tu achas que conheceste mulheres como eu? Ela calou-se. Depois, de súbito: — Ah! Estás mentindo! Mentira! Inclinou-se para ele, pegou suas mãos, baixou docemente a face... e no mesmo segundo ele sentiu no punho, e até no coração, a mordida aguda dos seus dentes. Mas já o ágil animalzinho rolava com ele sobre as almofadas de couro, e ele só via, acima de sua cabeça, o olhar imenso em que amadurecia sua própria alegria... Antes dele, ela estava em pé.

— Levanta — dizia ela, rindo. — Vamos, levanta! Se pudesses te ver! Estás respirando como um gato. Teus olhos ainda não estão normais... Mulheres como eu, meu velho!... Não há nenhuma, nenhuma outra, capaz de fazer de ti um amante...

Ela nutria com os olhos aquele vício desabrochado. Há semanas, de fato, aquecendo em seus braços o legislador da aldeia, tinha lhe dado uma outra vida. “Nosso deputado remoçou”, dizia a boa gente. Pois o pobre diabo, de aspecto tão mirrado, antes desencorajava os ímpetos de qualquer outra companheira além da sua; *e agora estava ficando barrigudo*. A volúpia, o júbilo do prazer, longe de apaziguá-lo, dava-lhe essa nova gordura, e, precisando manter secreta sua alegria de avaro, empanturrava-se dela, nada perdendo em palavras vãs, digerindo-a toda.

Sua dissimulação constante, cotidiana, surpreendia até sua amante. Talvez sem perceber plenamente a extensão de seu poder, ela encontrava sua medida na profundeza, na tenacidade, na minúcia da mentira. Nessa mentira, o infeliz deleitava-se; o pusilânime às vezes buscava nela o risco, tateando-o; e nele gozava sua áspera vingança. A longa humilhação de sua vida conjugal explodia como uma bolha de lama. O pensamento, outrora odiado ou temido, de sua impiedosa companheira, tinha se tornado um dos elementos de sua alegria. A infeliz ia, vinha, deslizava da adega ao celeiro, sofrendo uma suspeita crônica. Parecia ainda rainha e senhora entre essas quatro detestadas paredes ("Eu sou a senhora da minha casa, não sou?!", era uma das suas afrontas). Mas que importa? Ela já não o era... O próprio ar que respirava lhe tinha sido roubado: era o ar *deles* que ela respirava.

— Te amo — disse o deputado. — Antes de te amar, não sabia de nada.

— Fala por ti — disse ela. (E ria de novo, com um riso desgraçadamente cada vez mais tenso, mais duro). — Eu, como tu sabes, nunca tive muito apetite... um apetitezinho... Oh, eu sei muito bem... — pois ele a escutava com um ar de censura e de ironia, que se pretendia leve. — Tu és tão besta! Achas que sou uma sem-vergonha! Que piada! Gargalhava: um animal orgulhoso respirava em sua voz, que ela mal alteava. Seu olhar, mais uma vez, voltava-se para dentro, escapava. E ele não conservava de verdadeiramente humano senão uma expressão, quase imperceptível, de vaidade, de teimosia, de um quase nada de cândida tolice, que era um tributo a seu sexo.

— Porém... — quis objetar.

Ela fechou-lhe a boca. Ele sentiu sobre os lábios seus cinco dedos: — Ah, como é gostoso ser bonita! O homem que nos procura é sempre bonito. Mas mil vezes mais bonito aquele de quem somos a fome e a sede de cada dia. E tu, meu velho, tens os olhos desse homem.

Inclinou-lhe a cabeça para trás, para mergulhar o olhar logo abaixo das flácidas pálpebras. Jamais aquela chama única brilhou mais visivelmente, nem subiu tão alto, loucamente vã. Por um momento, o legislador de Campagne acreditou realmente que era outro homem. A trágica vontade de sua amante parecia visível e palpável, e era para ela que estendia os braços, com uma espécie de gemido: — Mou... Mouchette — suplicou... — Minha pequena Mouchette! Ela deixou-se abraçar. Mas de dentro dos seus braços, dardejava-lhe seu olhar dos maus dias.

— Bom... Bom... Tu me amas...

— Vejamos — disse ele —, ainda há pouco...

— Espera um instante — disse ela —, vou me vestir. Estou gelada. Quando ela falou de novo, ele a viu, já encolhida, seu casaco abotoado, os pés castamente juntos, as mãos cruzadas sobre os joelhos.

— Depois de tudo isso, meu velho, nem sequer me examinaste? — Quando quiseres.

— Não! Não! — ela gritou. — Pra quê? Vamos deixar pra outra vez. Aliás, eu sei disso há mais tempo do que ninguém; em seis meses vou ser mãe, como se diz. Bela mãe! O Senhor Gallet seguia com os olhos o desenho do tapete.

— Essa novidade é uma surpresa — disse, enfim, com uma gravidade cômica. — Ainda há pouco ia falar disso. Essa gravidez é inverossímil. Deixa explicar, tenho bons motivos... Mas vais te zangar de novo.

— Não — disse Germaine.

— Nós não temos, tu e eu, nessas coisas de amor, nem preconceitos nem escrúpulos. Como acreditar numa moral que uma ciência tão exata quanto a matemática (a higiene) desmente dia após dia? A instituição do casamento evolui, como tudo, e o termo dessa evolução nós chamamos, nós, os médicos, de “união livre”. Não farei então nenhuma alusão indiscreta, respeitando em ti a mulher livre e senhora do seu destino. Falarei do passado com toda a discrição possível. Mas tenho sérias razões para diagnosticar uma gravidez mais antiga. Tenho certeza de que o exame, se permitires que eu o faça, confirmaria esse diagnóstico *a priori.* Peço-te apenas cinco minutos.

— Não! — disse ela. — Mudei de ideia.

— Bom. Fico então por aqui, provisoriamente.

Esperou em vão um grito de cólera, um protesto, ou ao menos um gesto de enfado. Mas, novamente, um longo silêncio acabou desconcertando-o. Tendo escutado, impassível, sua amante refletia agora de todo coração, e, nesses momentos, o rosto de Mouchette se tornava cândido.

— É uma beleza, a ciência — declarou por fim. — Não se pode esconder nada de vocês. Mas eu não menti... Olha tu mesmo; ainda não se pode notar... Assim! Em todo caso, não vais deixar em apuros, tenho certeza.

— Estás falando do quê? — perguntou.

— Não vou parir nem em três meses, nem em seis. Não vou parir nunca. Ele disse, rindo: — Como assim? Mas ela ergueu novamente para ele seu olhar agudo: — Eu não sou besta, ora! Sei como isso é fácil para vocês. Um, dois, três, *puff*! Acabou, terminado, só...

— O que tu me pedes pra fazer, meu anjo, é um ato grave, condenado pela lei. Como sempre, falo claro sobre isso. Mas um homem na minha situação tem que levar em conta opiniões (ou, se quiseres, os preconceitos) respeitáveis, talvez, mas com certeza poderosos... A lei é a lei.

Pois ele pensava agora que a ação imprudente de Mouchette a tinha traído. Como uma amante fica mais frívola ao revelar seu segredo! — Queres ensinar o Pai-Nosso ao vigário? — acrescentou, complacente.

— O amor não vai nunca me fazer perder a cabeça a ponto de esquecer das precauções elementares... Aliás, talvez estejas interpretando errado uns sintomas que mal conheces. Mas se estás grávida, Mouchette, não é de mim.

— Não vamos falar disso — exclamou ela, rindo. — Vou até Boulogne, é isso. Achas que estou te pedindo a lua? — A simples honestidade me impõe mais um dever...

— Qual? — Devo te advertir que uma intervenção cirúrgica é sempre perigosa, às vezes mortal... É isso.

— Ah, é isso?! — disse ela.

Depois, levantando-se, foi até a porta, com um passo discreto, quase humilde. Mas em vão girou a maçaneta,

com um gesto a princípio hesitante, depois cada vez mais nervoso, e por fim enlouquecido. Sem dúvida por distração, Gallet a tinha fechado com duas voltas. Ela deu uns passos para trás, até a escrivaninha, onde se deteve, muito pálida. Falava consigo mesma; repetiu várias vezes, com uma voz surda: — *Isto me lembra alguma coisa, mas o quê?*

Foi o barulho da chuva nas vidraças? Ou a sombra de repente ampliada? Ou alguma coisa mais secreta? Gallet precipitou-se até a porta, puxou-a, escancarou-a. Escancarou-a. E menos para sua amante que para seu medo, para seu próprio perigo — não sabia de quê — o que estava no ar, em volta dele — a palavra que seria dita e não deveria ser ouvida — a confissão misteriosa que os lábios — já trêmulos — não reteriam mais tempo. E seu gesto foi tão brusco, tão instintivo, que, na sombra do corredor, voltando-se para a luz, espantava-se de estar ali, diante de sua amante imóvel.

O medo do ridículo, porém, restituiu-lhe a voz: — Se estás com tanta pressa, minha filha, não te seguro mais. Só me desculpa por ter fechado a porta há pouco — acrescentou num requinte de polidez que muito lhe agradou. — Foi sem pensar, por distração.

Ela o escutava com os olhos baixos, sem sorrir. Depois passou à sua frente e se afastou, com o mesmo passo humilde, a cabeça baixa.

Essa submissão tão inesperada acabou de desconcertar o médico da aldeia. Como tantos imbecis que, num caso grave, têm sempre alguma coisa a dizer, que acabam dizendo tarde demais, um simples e silencioso desfecho de sua discussão era de desapontar. No tempo muito curto em que a Senhorita Malorthy levou para chegar à

porta da rua, o pequeno cérebro de Gallet não conseguiu chegar a amadurecer a frase decisiva, ao mesmo tempo hábil e firme, que, sem comprometer sua dignidade, teria reconduzido Mouchette compassiva até a poltrona de repes verde. Mas quando a pequena mão bem-amada tocou a maçaneta, e ele viu a negra silhueta já desenhada na soleira da porta, todo seu pobre corpo foi só um grito: — Germaine! Tomou-a nos braços, apertou-a contra o peito e, fechando violentamente a porta com o pé, jogou-a na poltrona vazia.

Logo depois, como se esse grande esforço tivesse dissipado imediatamente toda sua coragem, lançou-se na primeira cadeira que encontrou, pálido. E ela já se arrastava para ele, os cabelos soltos, as mãos estendidas, ainda mais suplicantes que seus olhos lívidos de angústia: — Não me abandones — repetia. — Não me abandones. Não me ponhas pra fora, hoje... Tive há pouco um sonho... Ai! Que sonho!...

— Alguém bateu a porta da cozinha. Timoléon saiu... Tem alguém lá...

— murmurou, afastando docemente a amante, o herói vencido.

Mas ela unia os braços em torno do seu peito.

— Cuida de mim! Estou meio louca! Nunca tive medo. É a primeira vez. Acabou! Ele novamente afastou-a, estendeu-a no divã. Ela se levantou imediatamente. Suas faces estavam rosadas. Repetia maquinalmente: — Acabou... Acabou... —, mas em outro tom.

Mas Gallet tinha saído. Logo depois retornou, preocupado.

— Não estou entendendo nada — disse. — A porta da lavanderia está aberta, a janela da cozinha também. Mas Timoléon não voltou; vi seus tamancos nos degraus...

Elevou o tom para dizer à sua amante, com uma horrível careta: — Que maluquices tu me levas a fazer! Ela sorriu.

— É a última. Vou me comportar.

— Maldito Timoléon! Esta casa fica ao Deus dará! — Tens medo do quê? — Por um momento achei que era minha mulher — respondeu ingenuamente o grande homem da aldeia.

Pensou que era mais digno acrescentar: — Às vezes ela volta assim, de repente.

— Deixa a tua mulher em paz — respondeu Mouchette, decididamente calma. — Nós a teríamos visto. Eu também quero te pedir perdão: fui muito desagradável, meu pobre gatinho! Terias feito muito bem se me deixasses partir. Eu voltaria. Preciso de ti, meu bichinho... Ah! Não é para o que pensas — exclamou, tomando-lhe a mão. — Não vamos nos perturbar por causa de um pirralho de nada, e que nunca virá ao mundo, dou minha palavra! Não quero escândalo, aqui. Estou pouco me lixando para os riscos! Não. Preciso de ti porque agora és o único homem com quem posso falar sem mentir.

Como ele desse de ombros: — Pensas que isso não é nada — retomou Mouchette. (Ela falava rápido, rápido, com um ardor delicioso). — Pois bem, meu querido, é claro que não pareces em nada comigo! Quando era pequena, muitas vezes mentia sem prazer. Hoje, é mais forte que eu. Contigo, sou o que bem quero. A prostituta geme, não porque faz seu papel, mas porque faz um papel que a repugna! Por que não somos como os

animais, que vão, vêm, comem, morrem, sem nunca pensar no público? Na entrada do matadouro central, vemos os bois comendo o feno a dois passos da faca, na frente do carniceiro com os braços vermelhos, rindo, olhando pra eles. Tenho inveja disso! E digo mais...

— Ta-ta-tá, ta-ta-tá! — interrompeu o médico. — Primeiro, francamente, por que ainda há pouco... Vejamos! Parece que estás concordando de verdade com minhas razões; parece que aceitas pedir para alguém (não quero saber quem, nem mesmo o seu nome) o ato perigoso, questionável, de que não posso aceitar a responsabilidade; estás saindo sem raiva, com um jeito de cachorro surrado, mas dócil... e de repente... Oh! Oh! Pareço curioso, mas não podes compreender: é o que chamamos de um caso, um caso muito interessante... De repente, por causa de uma fechadura, de uma porta que não abre logo, entras numa crise de delírio, de verdadeiro delírio!... — Imitando-a: — "Tive há pouco um sonho... Ai! Que sonho!...". E eu te peguei em pleno voo. Tinhas uma expressão muito especial! Aonde ias? — Queres saber? Não vais acreditar.

— Diz mesmo assim.

— Ia me matar — respondeu tranquilamente Mouchette.

Ele bateu violentamente nos joelhos com as palmas das mãos.

— Estás brincando! — Ou, se quiseres — prosseguiu ela, imperturbável —, via, como te vejo agora, um canto do pântano de Vauroux, perto da fazenda, com dois salgueiros, onde ia me atirar. Por trás, entre as árvores, veem-se as ardósias do castelo. O que tu queres que eu diga? São besteiras. Sei muito bem... Estava maluca.

— Diabos! — exclamou o médico de Campagne, precipitando-se para a porta. — Desta vez tem gente caminhando lá em cima! São os *seus* passos! E, como ela explodiu numa gargalhada, ameaçou-a com o olhar tão terrivelmente que ela achou melhor abafar o resto de sua risada no seu lencinho.

Ouviu-o arrastar seus sapatos até a escada; os primeiros degraus rangeram, depois voltou o silêncio. Ele novamente estava diante dela.

— É Zéléda — disse. — Vi sua mala no corredor do primeiro andar. Deve ter tomado o trem das oito e meia para economizar uma noite de hotel. Como não pensei nisso? Está aí há uns dez minutos, vinte minutos, talvez, quem sabe?... Sai! Estremecia de impaciência, embora, no excesso de sua humilhação, procurasse recompor sua atitude. Mas Mouchette respondeu-lhe friamente: — É a tua vez de enlouquecer! Tens medo de quê? Foi papai que me enviou. Não posso fugir como uma ladra, seria muito idiota. Aliás, a janela do teu quarto dá para a Rua Egraulettes; ela me verá. Depois de três dias fora, subir sem dizer nada não é muito natural, é? Será que nos ouviu? Melhor. Não se ouve direito por trás da porta. Não discutas. Ri na cara dela! Quando entrar, diremos gentilmente um bom-dia...

Ele a escutava, aceitando. Num instante, sob as ágeis mãos de Mouchette, cada objeto voltou ao seu lugar de costume. As almofadas recuperaram sua redondez elástica, as poltronas prudentemente voltaram suas costas para a parede, a farmácia fechou as portas, a lâmpada brilhou tranquilamente, sob o bondoso abajur verde. Quando a Senhorita Malorthy voltou a sentar-se, até as paredes mentiam.

— Agora, vamos esperar — disse ela.

— Vamos esperar — repetiu Gallet.

Seu olhar deu mais uma vez a volta na sala, e pousou, tranquilizado, sobre a amante. A uma distância respeitosa do homem de ciência no exercício de seu sacerdócio, a jovem doente, atenta, estava aguardando o oráculo infalível.

“Como ela ousa cruzar as pernas tão alto?”, pensou Gallet, perplexo.

Agora que ela se calara, sentia muito bem que tinha sido há pouco bastante sensível, menos às razões da amante que à sua voz e às suas inflexões. “É infantil”, repetia para si mesmo, “infantil. Sua presença aqui pode ser justificada cem vezes!...”.

Mas, ao pensamento de seguir logo a caprichosa menina em sua mentira, de fazer seu papel perante a inimiga cética e sonsa, sua língua colava-se ao céu da boca.

Foi então que, subitamente, ao procurar novamente o olhar de Mouchette, não mais o encontrou. Os olhos pérfidos miravam a parede por cima dele, já plenos de um novo segredo. Teve o pressentimento, a certeza de uma desgraça inevitável. Seu vício estava ali, à sua frente, exposto, evidente, radiante, e ele tinha desejado junto de si esse testemunho irrecusável! Se o medo não o tivesse cravado no lugar, sem dúvida teria, nesse momento, jogado Mouchette pela janela. Teria pulado em cima dela, como se pisa uma chama acesa perto de um barril de pólvora. Mas era tarde demais. A espantosa resignação do covarde entregava-o sem defesa à sua familiar inimiga. E, antes que ela pronunciasse uma palavra, ele a ouviu (embora a voz que rompeu o silêncio

fosse clara e suave): — Acreditas no Inferno, meu gatinho? — É mesmo hora de falar besteiras — respondeu, conciliador. — Eu te peço: pelo menos guarda para outra ocasião tuas incompreensíveis pilhérias.

— Ah! Olha só! Ora! A crise já passou; fica tranquilo. Vais acabar me irritando com essa cara de quem está esperando o carrasco. Que risco estás correndo agora? Nenhum.

— Só temo a ti — disse Gallet. — É, não és uma companhia muito confiável...

Ela não quis responder e sorriu. E então, depois de um longo silêncio, a mesma voz calma e suave voltou a soar: — Responde-me agora, meu gatinho: acreditas no Inferno? — É claro que não! — exclamou, exasperado.

— Jura.

Ele consentiu.

— Sim, eu juro.

— Eu sabia — disse ela. — Não temes o Inferno e temes tua mulher.

Idiota! — Mouchette, cala a boca — suplicou. — Ou vai embora.

— Ou vai embora! O quê? Arrependes de ter, há pouco, retido Mouchette? Ela agora estaria no pântano com as rãs, a boquinha cheia de lama, bem muda... Não chora, bebezão. Vê; estou falando baixinho, de propósito. Que homem mais covarde! Tens medo dela e não tens medo de mim! Ele suplicou: — Que interesse tens em me atormentar? — Nenhum, de verdade, nenhum. Não quero

te fazer mal algum. Mas por que não tens medo de mim? — Tu és uma boa menina, Mouchette.

— Sem dúvida; uma boa menina. Com ela, somente divides o prazer. Provaste isso há pouco, foi ou não foi? Um filho de Mouchette, que desgraça! — Não é meu — gritou, fora de si.

— Suponhamos. Não te peço que o assumas.

— Não — falavam em voz baixa —, é que tu me pedias um ato que minha consciência reprova.

— Vamos falar da tua consciência daqui a pouco — respondeu Mouchette. — Recusando me ajudar, acabaste me abrindo os olhos. Não vou puxar uma briga contigo. Não te amo nem por tua beleza (olha bem pra ti), nem por tua generosidade; não estou te recriminando, és um rato! O que é que eu amo então em ti? Nem me olhes com esses olhos arregalados! Teu vício... Vais dizer: "É uma frase de romance?"... Se tu soubesses... o que logo *saberás*..., compreenderias que acabei de cair muito baixo, no teu nível... Pra ti, não tenho por que mentir... Não! Não vês o meu coração; pensas que estou me vingando... Não, querido. Mas hoje eu posso ser totalmente, totalmente sincera. Muito bem! Chegou o momento de falar, é agora ou nunca. Estás encurralado, meu pobre gato, não tens como escapar. Eu te desafio a levantar a voz... Assim! Ela falava tão baixo que ele inclinava maquinalmente a cabeça, com um gesto ingênuo. O tom familiar, aquele meio-silêncio, os passos tranquilos de Zéléda sobre eles, a voz de Timoléon cantando para as caçarolas o refrão de uma canção imbecil, acabaram tranquilizando-o. Entretanto, não ousava ainda erguer os olhos para o olhar que sentia pousado nele... "Que chatice", pensava.

Mas o signo fatal já estava escrito na parede. Mouchette respirou forte e retomou: — Se eu te falo agora, aliás, é por ti, é para o teu bem... Vê: estamos nos amando há semanas, e ninguém sabe, ninguém... A Senhorita Germaine por aqui... O senhor deputado por ali... Hein? Estaremos bem escondidos? Bem protegidos? O Senhor Gallet faz amor com uma menina de dezesseis anos. Quem vai imaginar? E a tua mulher? Confessa, velho canalha, tu a trais aqui, na sua cara, nos seus bigodes (porque ela os tem!), é metade da tua felicidade. Eu te conheço. Não gostas das águas claras. Assim, no meu famoso pântano de Vauroux, eu vejo uns bichos bem esquisitos, bem estranhos; parecem um pouco com centopeias, mas são mais compridos... Por um momento, eles flutuam na superfície límpida da água. Depois mergulham subitamente e, em seu lugar, surge uma nuvem de lama. Muito bem! Eles se parecem conosco. Entre os imbecis e nós, há também uma pequena nuvem. Um segredo. Um grande segredo... Quando o souberes, como nos amaremos! Inclinou-se para trás, rindo um riso silencioso.

— Ridícula! — disse Gallet.

Ela fez com os lábios uma careta infantil, fixou-o por um momento, com um ar inquieto. Depois, seu rosto novamente clareou: — É verdade que falo demais — confessou. — De medo, no fundo. Falo para não dizer nada. Se Zéléda entrasse agora, eu ficaria contente, ou zangada? Espera! Espera! Escuta-me primeiro: o papai não és tu. Não! Adivinha?... É o marquês... é... é... O marquês de Cadignan...

— Ridícula! — repetiu Gallet.

Os lábios de Mouchette estremeceram.

— Beija minha mão — disse ela, subitamente. — Sim... Toma minha mão... quero que beijes minha mão! Sua voz vacilou, exatamente como a de um ator que não consegue o efeito desejado, perde o pé, e insiste. Ao mesmo tempo, apoiava a palma sobre a boca do amante. Depois afastou-se bruscamente, e disse com uma extraordinária ênfase: — Acabas de beijar a mão que o matou.

— Totalmente ridícula! — repetiu pela terceira vez Gallet.

Mouchette esboçou um riso de desprezo; mas a explosão dele foi tão cruel e dilacerante, que ela se calou.

— É um caso de demência — disse calmamente o doutor de Campagne.

— Qualquer um reconheceria os sintomas. Mas tu és uma jovem nervosa, de hereditariedade alcoólica, púbere já faz dois ou três anos, padecendo de uma gravidez precoce: num caso assim, esses acidentes não são raros. Perdoa-me por falar desse modo: dirijo-me à tua razão, ao teu bom senso, pois sei que esse tipo de doente nunca se engana completamente com seu delírio. Convenhamos: é uma brincadeira? Um pouco exagerada, só, mas uma brincadeira como qualquer um poderia fazer? Uma péssima brincadeira.

— Uma brincadeira — ela acabou balbuciando.

Uma enorme cólera pulsava-lhe intensamente no peito, mas ela sufocou-a. O fogo do orgulho ferido terminou de extinguir nela o que lhe restava da louca e cruel adolescência; sentiu subitamente, em seu peito, o

coração intransponível e, na sua cabeça, a inteligência fria e positiva de uma mulher, irmã trágica da criança.

— Não vás me faltar num momento desses — gritou ela —, ou será tua vez de chorar. Acredita no que quiseres; talvez eu esteja cansada de guardar esse segredo, talvez o remorso? Ou simplesmente medo... Por que eu não teria medo, como todo mundo? Acredita no que quiseres, *mas não negues a tua parte*. Aliás, agora eu já disse demais. É! Fui eu que o matei. Em que dia? Vinte e sete... A que horas? Meia-noite e quarenta e cinco. (Ainda vejo os ponteiros...). Agarrei seu fuzil, estava pendurado na parede, embaixo do espelho... Não! Eu não tinha certeza de que estava carregado. E estava. Atirei quando a ponta do cano tocou nele. Quase caiu em cima de mim. Meus sapatos estavam cheios de sangue; lavei-os no pântano. Lavei também as meias, em casa, na minha bacia... Foi isso! Acredita agora? — concluiu com uma ingênua segurança. — Quer ainda *outras* provas? — ela não tinha dado nenhuma. — Eu darei. Basta me interrogar.

Coisa incrível! Em nenhum instante Gallet duvidou de que ela dizia a verdade. Desde as primeiras palavras, acreditara, pois o olhar diz muito mais que os lábios. Mas a primeira surpresa foi tão forte que paralisou até essas manifestações de terror que Mouchette já pressentia no rosto de seu amante. A angústia do covarde, em seu paroxismo, se não explode exteriormente, superexcita por dentro todas as forças do instinto, dá ao bruto meio lúcido um poder quase ilimitado de dissimulação, de mentira. Não era o horror do crime que imobilizava Gallet, mas a clara visão de que estava ligado para sempre a sua terrível amante, cúmplice, não do ato, mas do segredo. Como revelar esse segredo, sem revelar-se? Já que era muito tarde para impedir a confissão, ele diria não! Que outro recurso?... Não e não! À própria

evidência. “Não! Não! Não! Não!” — urrava o medo. E ele já queria afirmar esse não! Como um punho fechado sobre a terrível boca acusadora... Só que... Só que... O inquérito estava encerrado; arquivado... Só que: sabia ele tudo? Mouchette tinha alguma prova? Se ela se entregasse, ele conseguiria desviar o golpe: a obstinação habitual dos juízes, a bizarrice do crime, o esquecimento, que já recobria a memória de um homem outrora temido ou detestado, a autoridade da família Malorthy — e acima de tudo, o testemunho do médico parlamentar — eram mais do que suficientes para sofrear os vacilantes escrúpulos de um magistrado. A exaltação de Mouchette e as prováveis divagações de sua cólera tornariam verossímil a hipótese de uma crise de demência, a qual, aliás, Gallet não duvidava de que logo explodiria... Mais ainda, lúcida ou louca, que diria a pérfida antes que se fechasse sobre ela a porta acolchoada da cela? Por mais rapidamente que surgissem essas hipóteses contraditórias no pensamento do infeliz, recobrou sua astúcia camponesa para dizer sem ironia: — Não queria te irritar... Não julgo teu ato, se é que foi cometido. A prática de seduzir meninas de quinze anos tem seus riscos... Mas vou te interrogar, já que me pedes. Estás falando com um amigo... com um confessor. (Baixava a voz sem querer, com o acento da angústia).

— Dormiste em casa na noite de vinte e seis para vinte e sete? — Que pergunta! — E teu pai? — Dormia, com certeza! — respondeu Mouchette. — Sair sem ser vista não era difícil! — E voltar? — Voltar também, ora! Às três horas da manhã, ele não ouviria nem Deus clamando.

— Mas no outro dia, minha querida, quando eles souberam?...

— Acreditaram no suicídio, como todo mundo. Papai me abraçou. Tinha visto o senhor marquês na véspera. O marquês não tinha confessado nada. “Mas ficou com medo”, papai disse. Disse também: “Quanto ao moleque, daremos um jeito; Gallet tem poder”. Pois queriam te pedir conselho. Mas eu não quis.

— Então também não confessaste nada? — Não! — E logo depois... de cometer o ato... escapaste? — Só corri até o pântano para lavar os sapatos.

— Não pegaste nada, não levaste nada? — Eu ia pegar o quê? — E o que fizeste dos sapatos? — Queimei, junto com as meias, no nosso forno.

— Eu vi o... examinei o cadáver — disse ainda Gallet. — O suicídio parecia evidente. O tiro tinha sido dado à queima-roupa! — Debaixo do queixo, foi — disse Mouchette. — Eu era tão menor que ele, e ele avançava direto... Não estava com medo.

— O... o falecido tinha em seu poder objetos... cartas?...

— Cartas! — respondeu Mouchette, alçando desdenhosamente os ombros. — Pra quê? “Isso pareceria verossímil”, pensou Gallet. E ouviu surpreso sua própria voz repetir seu pensamento.

— Vês? — triunfou Mouchette. — Isso realmente pesava muito na minha cabeça! Ela pode vir agora, tua Zéléda, vais ver! Serei sensata como uma imagem. “Bom dia, Germaine” — levantou-se para fazer uma reverência diante do espelho. — “Bom dia, senhora...”.

Mas o médico de Campagne não conseguiu mais dissimular. Contraído pelo medo, distendeu-se subitamente e deixou escapar sua astúcia, como um

animal acossado pelos cães, enfim livre, deixa sair a urina.

— Menina, tu és louca — disse em um longo suspiro.

— Hein? O quê? — gritou Mouchette. — Tu… — Não creio em uma palavra dessa história.

— Não diga isso de novo — disse ela, entre dentes.

Ele agitava a mão, sorrindo, como que para apaziguá-la.

— Escuta, Philogone — continuou ela, com voz suplicante (e a expressão de seu rosto mudava mais rapidamente que sua voz). — Menti há pouco; fingia coragem. É verdade que não posso mais viver, nem respirar, nem mesmo ver a luz através dessa terrível mentira. Vê! Agora eu disse tudo! Juras que eu disse tudo? — Tiveste um sonho ruim, Mouchette. Novamente ela suplicou: — Vais me deixar louca. Se duvidar disso também, no que vou acreditar? Mas o que estou dizendo? — continuou, agora com uma voz aguda. — Desde quando não se acredita na palavra de um assassino que se acusa e que se arrepende? Pois eu me arrependo!... Sim... Sim... Vou te fazer esse favor, de me arrepender, eu, que falo contigo. E, se me desafias, vou contar pra todo mundo esse meu sonho, esse famoso sonho! Teu sonho! Explodiu de rir. Gallet reconheceu esse riso, e empalideceu.

— Fui longe demais — gaguejou. — Está bem, Mouchette, está bem, não falemos mais nisso.

Ela consentiu em abaixar o tom: — Te assustei — disse ela.

— Um pouco — respondeu. — Estás agora tão nervosa, tão impulsiva...

Vamos esquecer isso. Já formei minha opinião.

Ela estremeceu.

— Em todo caso, não tens por que ficar com medo. Eu não vi nada, não ouvi nada. Aliás — acrescentou imprudentemente —, ninguém...

— O que queres dizer? — Que, verdadeira ou falsa, tua história parece um sonho...

— Ou seja? — Quem te viu sair? Quem te viu voltar? Que prova existe? Nenhuma testemunha, nenhuma pista, nenhuma palavra escrita, nem mesmo uma mancha de sangue... Supõe que eu mesmo me acuse. Estaríamos em pé de igualdade, minha pequena. Não há provas! Então... Então ele viu Mouchette levantar-se diante dele, não mais lívida, ao contrário, o rosto, as faces e até o pescoço de um vermelho tão vivo que, sob a delgada pele das têmporas, as veias se insinuavam, muito azuis. Os pequenos punhos fechados ainda o ameaçavam, ao passo que o olhar da miserável menina não exprimia mais do que um terrível desespero, como um supremo apelo de piedade. Depois, essa última luz extinguiu-se, e apenas o delírio vacilou em seus olhos. Ela abriu a boca e gritou.

Numa só nota, ora grave, ora aguda, esse lamento sobre-humano ressoou na pequena casa, já cheia de um rumor vago e de passos precipitados. Com um primeiro movimento, o médico de Campagne afastara de si o frágil corpo rígido, e agora tentava fechar aquela boca, abafar aquele grito. Lutava contra aquele grito, como o assassino luta com um coração vivo, que pulsa abaixo

dele. Se suas longas mãos tivessem por acaso encontrado o pescoço vibrante, Germaine estaria morta, pois cada gesto do enlouquecido covarde tinha um ar de assassinato. Mas apenas apertava, gemendo, a pequena mandíbula, e nenhuma força humana poderia afrouxar-lhe os músculos... Zéléda e Timoléon entraram ao mesmo tempo.

— Ajudem-me! — suplicou. — A Senhorita Malorthy... Uma crise de demência furiosa... Em plena crise... Ajudem-me, em nome de Deus!...

Timoléon agarrou os braços de Mouchette e os manteve em cruz sobre o tapete. Depois de uma curta hesitação, a Senhora Gallet abraçou-lhe as pernas. O médico de Campagne, finalmente com as mãos livres, pôs sobre o rosto da louca um lenço embebido em éter. O terrível lamento, primeiro sufocado, acabou extinguindo-se completamente. A menina, vencida, abandonou-se.

— Vai buscar um lençol — disse Gallet à mulher.

Envolveram a Senhorita Malorthy, agora inerte. Timoléon correu a avisar o cervejeiro. Ainda à noite, ela foi transportada num automóvel para a casa de saúde do Doutor Duchemin. Saiu dali um mês depois, completamente curada, após ter dado à luz uma criança morta.

PRIMEIRA PARTE

A TENTAÇÃO DO DESESPERO

I

"Meu caro cônego, meu velho amigo" — concluiu o Padre Demange —, o que mais lhe dizer? Hoje me é difícil ter como legítimos os seus escrúpulos, e, no entanto, essa discordância me pesa... Diria mesmo que sua sagacidade é exercida aqui sobre uns nadas, se não conhecesse sua prudência e sua firmeza... Mas está dando muita importância a um jovem padre mal formado.

O Padre Menou-Segrais, com frio, puxou a coberta sobre os joelhos e estendeu de longe as mãos para a lareira, sem responder. Então, depois de um longo silêncio, disse, não sem uma malícia secreta que por um instante fez seus olhos brilharem: — De todos os incômodos da idade a experiência não é o menor, e eu gostaria que a prudência de que você fala jamais tivesse crescido às expensas da firmeza. Sem dúvida, não há fim para os raciocínios e as hipóteses, mas viver é, antes de tudo, escolher. Confesse, meu amigo: os velhos temem menos o erro que o risco.

— Veja como o encontro! — disse ternamente o Padre Demange. — Como o seu coração mudou pouco! Parece-me que o estou escutando ainda no nosso coro de Saint-Sulpice, quando discutia a história dos místicos beneditinos (Santa Gertrudes, Santa Matilde, Santa Hildegarda...) com o pobre padre de Lantivy. Lembra? "O que me diz do terceiro estágio místico?", ele perguntava-lhe... "De todos esses senhores, você é de longe o mais guloso no refeitório e o melhor vestido!".

— Lembro — disse o pároco de Campagne... E subitamente sua voz tão calma teve uma imperceptível

inflexão.

Voltando penosamente a cabeça, na espessura das almofadas, para a grande peça já envolta na sombra, e mostrando com os olhos seus móveis queridos: — Era preciso fugir — disse. — Sempre é preciso fugir.

Mas logo sua voz firmou-se e, com o mesmo tom de impertinência com que gostava de zombar de si mesmo, a fim de desconcertar sua grande alma, acrescentou: — Nada melhor do que uma crise de reumatismo para nos dar o senso e o gosto da liberdade.

— Voltemos ao nosso protegido — disse subitamente o Padre Demange, com brusquidão, e sem ousar erguer os olhos para seu velho amigo. — Tenho que sair às cinco horas. Gostaria de revê-lo.

— Para quê? — respondeu tranquilamente o Padre Menou-Segrais.

— Nós já o vimos o bastante um dia inteiro! Enlameou meu pobre tapete Smyrne, e quase quebrou as pernas da cadeira que escolheu, a mais preciosa e mais frágil, com a sua ordinária perspicácia... O que mais quer? Quer ainda pesá-lo, examiná-lo, como a um postulante?... Vá até ele, então, se é o que quer. Deus sabe quanto trabalho me dá, ao longo da semana, no meio dos meus bibelôs tão estupidamente amados, esse grande desastrado vestido de preto! Mas o Padre Demange conhecia bem demais seu companheiro de juventude, para espantar-se com seu humor. Outrora, jovem secretário particular de Monsenhor de Targe, soubera de todas as provações que suportou, uma por uma, o claro e lúcido gênio do Padre Menou-Segrais. Um espírito de independência selvagem; um bom senso, por assim

dizer, irresistível, mas cujo exercício é quase sempre acompanhado de uma aparente crueldade, que é mais sensível aos delicados pelo refinamento da cortesia; o desprezo pelas soluções abstratas; um gosto muito vivo pela mais alta espiritualidade, mas difícil de satisfazer apenas pela especulação; despertaram inicialmente a desconfiança do bispo. A influência discreta do jovem Demange, e sobretudo a irrepreensível distinção do futuro deão de Campagne, então vigário na catedral, valeram-lhe tarde demais as boas graças daquele que se deixava chamar de bom grado o último prelado fidalgo, e que morreu no ano seguinte, deixando a Monsenhor Papouin, candidato favorito do ministro do Culto, uma sucessão delicada. O Padre Menou-Segrais primeiro foi polidamente posto de lado, depois francamente desprezado, após o primeiro fracasso, nas eleições legislativas, do deputado liberal por quem sem dúvida tinha mostrado pouco zelo. O triunfo do doutor radical Gallet desferiu o último golpe na sua carreira sacerdotal. Nomeado para a paróquia, aliás invejada, de Campagne, resignou-se desde então a servir tranquilamente à paz religiosa na diocese, os dois partidos tendo-se acostumado a entender-se às suas custas, ora sendo denunciado pelo ministro, ora desaprovado pelo bispo. Esse jogo divertia-o, e mais do que ninguém apreciava aquele agradável equilíbrio.

Herdeiro de uma grande fortuna, que administrava com sabedoria, destinando-a toda a suas sobrinhas, vivendo com pouco, não sem nobreza, grande senhor eLivros que leva, para um fim de mundo, algo das maneiras e dos costumes da corte, curioso pela vida alheia, e entretanto o menos maledicente, hábil para fazer alguém falar, escrutando os segredos de um olhar, de uma palavra vã, de um sorriso — e também o primeiro a pedir silêncio, a impô-lo —, sempre admirável no tato e na

espiritualidade, conviva delicado, *gourmand* por polidez, loquaz se necessário, por condescendência e caridade, tão perfeitamente polido que os simples vigários do seu deado, quando apanhados em alguma falta, sempre o consideraram o mais indulgente dos homens, de relacionamento agradável e seguro, de uma perspicácia sem rigidez, tolerante por gosto, cético mesmo, e talvez um pouco suspeito.

— Meu amigo — respondeu docemente o Padre Demange —, estou entendendo; quer dar no seu vigário um golpe que era destinado para mim. Secretamente, acusa-me de incompreensão, de preconceito, sei eu... Opinião bem caridosa para um dia de Natal, e contra um pobre colega aposentado que percorrerá três léguas esta noite antes de cair na cama, e por seu amor! Acha mesmo que sou capaz de julgar levianamente um escrúpulo que me confiou?... Mas, como outrora, sua convicção quer forçar tudo, tomando os outros de assalto; somente faz isso com mais tato... Exige-me uma sentença, e os elementos que tenho em mãos...

— Quem falou em elementos? — interrompeu o deão de Campagne.

— Por que não um interrogatório e dossiês? Quando se trata de vencer ou perder uma batalha, fazemos as manobras que são possíveis. Chamei-o somente depois de pesar muito bem os prós e os contras, mas a partir do momento em que tive certeza...

— Enfim, o que espera de mim é uma aprovação? — Exatamente — respondeu o velho padre, imperturbável. — Há uma certa audácia em minha natureza, e minha virtude é tão pequena, minha velhice tão covarde, estou tão tolamente preso aos meus hábitos, às minhas

manias, até às minhas enfermidades, que preciso muito, no instante decisivo, do olhar e da voz de um amigo. Você me trouxe os dois. Está tudo bem. O resto é comigo.

— Ah! É uma cabeça obstinada! — disse o Padre Demange. — Prefere que eu não diga nada. Quando estiver de novo longe de você, nesta noite mesmo, vou rezar por suas intenções, cegamente, e de todo coração. Enquanto isso, mesmo que não queira, vou resumir, para a tranquilidade da minha consciência, nossa conversa; e vou tentar uma conclusão. Deixe-me falar! Deixe-me falar! — exclamou, diante de um gesto de impaciência do pároco de Campagne. — Não vou lhe tomar muito tempo. Estava nos elementos do dossiê. Volto a eles. Sem dúvida, não dou muita importância às notas do seminário...

— Por que voltar a isso? — disse o Padre Menou-Segrais. — Elas são medíocres, francamente medíocres, mas Deus sabe o porquê, e se elas provam a mediocridade do aluno, ou a do professor!... E há uma passagem de uma carta de Monsenhor Papouin que ainda não li pra você... Só peço que me faça o favor de me alcançar minha pasta, ali, no canto do birô, e que aproxime um pouco a lâmpada.

Inicialmente, percorreu a página com o olhar, sorrindo, aproximando-a muito dos seus olhos míopes.

Começou: — "Não ouso propor-lhe o único que me resta, ordenado há pouco, com quem o senhor arcebispo, a quem o enviei, não sabe o que fazer, com muitas qualidades, sem dúvida, mas desperdiçadas por uma violência e uma obstinação singulares, sem educação nem modos, de uma grande piedade, mais zelosa que prudente; resumindo, muito grosseiro ainda. Temo que

um homem como o senhor” (aqui um pequeno traço de estilo, de ironia episcopal)... “Temo que um homem como o senhor não possa se acostumar com um pequeno selvagem que, vinte vezes por dia, o ofenderá sem querer”.

— O que você respondeu? — perguntou o Padre Demange.

— Mais ou menos isto: “Acostumar-me não importa, monsenhor; basta que possa aproveitá-lo”, ou quase isso.

Falava com um tom de deferência maliciosa, e seu belo olhar sorria, com uma tranquila audácia.

— Enfim — disse o velho padre, impaciente —, o que está dizendo é que o rapaz corresponde à descrição que lhe deram? — É pior — exclamou o deão de Campagne —, mil vezes pior! Aliás, você o viu. Sua presença numa casa tão confortável é uma ofensa ao bom senso, com certeza. Julgue por si mesmo: as chuvas de outono, o vento do equinócio, que atiça meus reumatismos, a estufa superaquecida, fedendo a sebo queimado, os sapatos enlameados dos visitantes em meu tapete, os tiros de salva das caçadas do final da estação, já bastam para um velho cônego. Na minha idade, a gente espera o bom Deus, contando que ele entrará sem bagunçar tudo, num dia de semana... Ah! Não foi o bom Deus que entrou, mas um marmanjo de ombros largos, com uma boa vontade tão ingênua que me dá nos nervos, mais enfadonho ainda porque é discreto, esconde as mãos vermelhas, pisa cautelosamente com seus sapatos pesados, adoça aquela voz boa pra falar com cavalos e bois... Meu bassê o fareja com desgosto, minha governanta está cansada de limpar ou remendar a batina mais apresentável que ele tem (ele só tem duas)...

Quanto à educação, nem sombra dela. Conhecimento, nada além do que precisa para ler decentemente o breviário. Sem dúvida, reza a missa com uma piedade admirável, mas tão lentamente, com uma aplicação tão canhestra, que fico suando no coro, onde faz um frio dos diabos! Só de pensar em enfrentar do púlpito uma assembleia tão refinada como a nossa, mostrou-se tão infeliz que não ousei contrariá-lo, e continuo torturando minha pobre garganta. O que mais dizer? Está sempre correndo pelos caminhos lamacentos, todo dia, como um andarilho, ajudando os carroceiros, na ilusão de ensinar a esses homens uma linguagem menos ofensiva à majestade divina, e seu cheiro, trazido dos estábulos, incomoda os fiéis. Enfim, ainda não consegui ensiná-lo a perder tranquilamente uma partida de gamão. Às nove horas, já está caindo de sono, e tenho que me privar dessa distração... Quer mais ainda? Não basta? — Se isto é um resumo dos seus relatórios ao bispo — concluiu simplesmente o Padre Demange —, só posso lamentá-lo.

O sorriso do deão de Campagne desfez-se subitamente, e seu rosto — sempre de uma extrema mobilidade — congelou-se.

— É a mim que deve lamentar, meu amigo... — disse.

Sua voz tinha um tal acento de amargura, de esperança frustrada, que exprimiu a própria velhice, e a grande sala silenciosa foi por um momento visitada pela majestade da morte.

O Padre Demange corou.

— Isto é tão grave, meu amigo? — disse, numa tocante confusão, num fervor de amizade verdadeiramente

formidável. — Temo lhe ter ofendido, sem saber exatamente como.

E Monsenhor Menou-Segrais: — Ofender-me, a mim? — exclamou. — Sou eu que tolamente o incomodo. Não misturemos nossos probleminhas com os de Deus.

Recolheu-se por um minuto, sem deixar de sorrir.

— Sou espirituoso demais; é o que me perde. Seria melhor propor-lhe enigmas, e me divertir com o seu embaraço. Ah, meu amigo, também Deus nos propõe enigmas!... Eu levava uma vida tranquila, ou melhor, ela se ia acabando com toda doçura. Desde que esse tolo entrou aqui, pegou tudo pra si, sem pensar, não me deu nenhum descanso. Sua simples presença me obriga a escolher. Ah! Ser solicitado por uma magnífica aventura quando o sangue corre tão pouco e tão frio, é uma grande e poderosa provação.

— Se apresenta as coisas assim — disse o Padre Demange —, o que eu lhe diria é apenas: o seu velho colega reclama sua parte dessa cruz.

— É tarde demais — continuou o pároco de Campagne, sempre sorrindo. — Tenho que carregá-la sozinho.

— Mas, sendo sincero, em consciência — retomou o Padre Demange —, não vi nada nesse jovem padre que possa perturbar tanto um homem como você. O que escutei me embaraça, mas não me convence. É muito comum essa espécie de vigário de zelo indiscreto, feito para outros trabalhos mais duros, e que nos primeiros anos de sacerdócio desperdiça um excesso de forças físicas contidas durante o seminário...

— Não diga mais nada! — exclamou rindo Monsenhor Menou-Segrais.

— Estou a ponto de detestá-lo. Acha que já não me coloquei essa objeção? Tentei, mal ou bem, pagar-me com essa moeda. Não nos submetemos sem luta a uma força superior cujo sinal não encontramos em nós, que nos é estranha. A brutalidade me repugna, e eu seria o último a morder uma isca tão grosseira. Está certo, não sou uma garotinha! Fomos rudes no nosso tempo, meu amigo, se bem que os estúpidos não perceberam nada... Mas aqui há uma outra coisa.

Hesitou, e também ele, esse velho sacerdote, corou.

— Não vou dizer a palavra; temo que surja em você alguma coisa que, por antecipação, me aperta o coração. Ah, meu amigo! Eu estava descansado, resignava-me, a resignação me era doce. Jamais desejei honras, não gosto da administração, mas do comando. Meu desejo é que fosse bem utilizado. Não importa, acabou, estava cansado demais. Uma certa fraqueza intelectual, a desconfiança ou o ódio ao grandioso que esses infelizes chamam de prudência já me tinham enchido de amargura. Eu vi perseguirem o homem superior como uma presa, vi esmigalharem as grandes almas. No entanto, tenho horror à confusão, à desordem, tenho o senso da autoridade, da hierarquia. Esperava que um desses desconhecidos dependesse de mim, que o conduzisse a Deus. Isso me foi recusado, não o esperava mais. E de repente... quando as forças começam a faltar...

— A decepção lhe será cruel — disse lentamente o Padre Demange. — Em outro, essa ilusão não teria perigo, mas enfim! Sei muito bem que você jamais se

envolve pela metade. Vai transtornar sua vida e, é o que temo, a vida de um pobre homem simples que o seguirá sem compreendê-lo... Porém, a paz do Senhor está nos seus olhos.

Fez um gesto de abandono, assinalando o desejo de terminar a singular conversa. O Padre Menou-Segrais compreendeu.

— Já passa da hora — disse, tirando o relógio. — Lamento muito que não possa passar comigo essa noite de Natal... Encontrará no carro a garrafa de aguardente envelhecida. Mandei embrulhá-la bem, mas a estrada é ruim, é bom ter cuidado.

Interrompeu-se bruscamente. Os dois velhos sacerdotes olharam-se em silêncio. Ouviu-se na rua uns passos regulares e pesados.

— Desculpe-me — disse por fim o pároco de Campagne, com um visível embaraço. — Tenho que ver se meu colega de Heudeline terminou as confissões, e se está tudo pronto para a cerimônia da noite... Pode me dar o seu braço? Vamos atravessar a sala e levo você até o carro.

Tocou uma sineta, e a governanta apareceu.

— Peça ao Senhor Donissan que venha se despedir do Senhor Padre Demange — disse secamente.

— Senhor padre — gaguejou ela —, acho... acho que o senhor padre não pode... pelo menos por enquanto...

— Não pode? — Quer dizer... os pedreiros... Enfim, os pedreiros estavam falando de parar a obra... de voltar depois das festas de ano novo.

— Nosso campanário precisa de reparos, de fato — explicou o deão de Campagne. — As vigas quase cederam, com as chuvas de outono; tive que apelar para um empreiteiro de Maurevert e contratar por aqui uns operários sem experiência, para um trabalho, em suma, perigoso. O Senhor Donissan...

Voltou-se para a governanta e disse no mesmo tom: — Peça-lhe que desça como estiver. Não tem problema...

— O Senhor Donissan — retomou depois que a velha senhora desapareceu — pediu-me para ajudar na obra... Ah! Ele se entregou por inteiro! Eu o vi, na semana passada, numa manhã, no alto duma escada, a pobre calça colada nos joelhos, por causa da chuva, carregando umas tábuas, gritando ordens através da ventania, e visivelmente mais à vontade no seu poleiro que no coro do seminário maior, num dia de exame trimestral... Sem dúvida recomeçou hoje.

— Por que o chamou? — disse o Padre Demange. — Por que humilhá-lo? Pra quê? O Padre Menou-Segrais desatou a rir, e pousando a mão sobre o braço do amigo: — Gosto de confrontar vocês dois — disse. — Gosto de os ver face a face. Ponho nisso, provavelmente, um pouco de malícia. Mas talvez seja a última vez; aliás, por trás dessa malícia, há um sentimento muito vivo e muito terno, que devo a vocês, da misericórdia de Deus, da sua divina suavidade. Como ela é forte e sutil, como abraça estreitamente a natureza, essa graça, que por um caminho tão diferente, sem os constranger, ajunta docemente suas duas almas numa unidade, na realidade de um único amor! Como a astúcia do diabo parece vã, em suma, em sua laboriosa complicação! — Também acho — disse o Padre Demange. — Perdoe-me acrescentar algo que pode lhe parecer bastante

ordinário. Creio que o cristão de boa vontade mantém-se por si mesmo na luz do alto, como um homem cujo volume e peso estão numa proporção tão constante e tão bem calculada que basta ficar em repouso para flutuar na superfície das águas. Assim, exceto alguns destinos singulares, imagino nossos santos como poderosos e doces gigantes cuja força sobrenatural se desenvolve harmonicamente, numa medida e num ritmo que nossa ignorância não consegue perceber, pois ela só é sensível à altura do obstáculo, e não capta a amplitude e o alcance do impulso. O fardo que carregamos sofrendo, gemendo e reclamando, o atleta põe sobre os ombros como uma pluma, sem contrair um músculo da face, mostrando-se viçoso e sorridente... Sei que sem dúvida vai me contrapor o exemplo do seu protegido...

— Eis-me aqui, senhor cônego — disse atrás deles uma voz grave e forte.

Os dois se voltaram ao mesmo tempo. O homem que mais tarde seria o pároco de Lumbres estava ali, em pé, num silêncio solene. No limiar do vestíbulo escuro, sua silhueta, prolongada por sua sombra, pareceu primeiro imensa, e depois, bruscamente — quando a porta luminosa se fechou —, pequena, quase insignificante. Os grosseiros sapatos, apressadamente limpos, ainda estavam brancos de argamassa, as meias e a batina, salpicadas, e as mãos enormes, meio enfiadas no cinto, tinham também a cor da terra. O rosto, cuja palidez contrastava com a vermelhidão do pescoço queimado pelo sol, escorria suor e água misturados, pois, ao súbito chamado de Monsenhor Menou-Segrais, tinha corrido até seu quarto para se lavar. A desordem, ou antes, o aspecto quase sórdido de sua vestimenta usual, era ainda mais notável por conta do singular contraste de uma sobrecapa nova, toda engomada, que tinha vestido

com tanta paixão que uma das mangas estava arregaçada risivelmente sobre um punho nodoso como um cepo. Seja porque o silêncio prolongado do cônego e de seu hóspede acabasse de desconcertá-lo, seja porque ouvira — foi o que mais tarde pensou o deão de Campagne — as últimas palavras pronunciadas pelo Senhor Demange, seu olhar, naturalmente firme ou mesmo ansioso, revestiu-se de uma tal expressão de tristeza, de uma humildade tão pungente, que o rosto grosseiro pareceu, subitamente, resplandecer.

— Não devia ter se incomodado — disse com piedade o Padre Demange.

— Vejo que não perde tempo, e que não foge do trabalho... De qualquer forma, estou contente de poder lhe dizer adeus.

Tendo feito um gesto amistoso com a cabeça, logo voltou-se, com uma indiferença sem dúvida afetada. O cônego acompanhou-o até a porta. Ouviram, na escada, os passos pesados do vigário, um pouco mais pesados que de costume, talvez... Fora, o cocheiro, transido de frio, fazia o chicote estalar.

— Lamento deixá-lo tão cedo — disse o Padre Demange, à porta.

— Sim, gostaria muito, gostaria *particularmente* de passar esta noite de Natal com você. Entretanto, deixo-o com alguém que é mais forte e mais clarividente que eu, meu amigo. A morte não tem muita coisa a ensinar aos velhos, mas um menino, em seu berço! *E que Menino!...* Daqui a pouco, o mundo principia.

Desceram a pequena escada lado a lado. O ar era sonoro até as alturas.

O gelo estalava nos sulcos da terra.

— Tudo vai recomeçar, sempre! Até o fim! — disse bruscamente o Senhor Menou-Segrais, com uma inexprimível tristeza.

O vento cortante avermelhava suas faces, cercava-lhe os olhos com uma sombra azul, e seu companheiro percebeu que ele tremia de frio.

— Será possível? — exclamou. — Saiu sem casaco e com a cabeça descoberta numa noite como esta! Mais que qualquer palavra, com efeito, essa imprudência do pároco de Campagne revelava uma perturbação infinita. E, para uma surpresa ainda maior do Padre Demange — ou, melhor dizendo, para seu indizível espanto —, ele viu, pela primeira vez, por uma primeira e última vez, uma lágrima descer pelo delicado rosto do amigo.

— Adeus, Jacques — disse o deão de Campagne, esforçando-se para sorrir. — Se existem presságios de morte, um descuido tão prodigioso de meus hábitos domésticos, um tal esquecimento das precauções mais básicas, é um nefasto sinal...

Eles não se veriam mais.

II

O Padre Donissan só voltou para casa tarde da noite. Durante um bom tempo, o Padre Menou-Segrais, tendo nas mãos um livro que não lia, ouviu os passos regulares do vigário, caminhando em seu quarto de um lado para outro. “Já chegou a hora”, pensava o velho sacerdote, “de uma explicação

crucial". Não duvidava que essa explicação fosse necessária, mas tinha até então evitado provocá-la; em sua sabedoria deixara ao jovem padre tanto o benefício quanto o embaraço de um preâmbulo decisivo... Os últimos ruídos silenciaram, fora aqueles passos monótonos na espessura da parede. "Por que esta noite, e não amanhã, ou mais tarde?", pensava o Padre Menou-Segrais. "A visita do Padre Demange talvez tenha excitado os meus nervos". No entanto, mais forte e insistente do que qualquer razão, a previsão de um acontecimento singular, inevitável, agitava-o numa expectativa que cada minuto tornava mais ansiosa. Subitamente, a porta do corredor rangeu.

Uma mão bateu duas vezes. O Padre Donissan surgiu.

— Eu o esperava, meu amigo — disse simplesmente o Padre Menou-Segrais.

— Eu sabia — respondeu o outro com uma voz humilde.

Mas logo se recompôs, fixou o olhar nos olhos do deão e disse com firmeza, de um só fôlego: — Devo solicitar ao monsenhor meu retorno a Tourcoing. Gostaria de suplicar-lhe que me apoie nesse pedido, sem nada esconder do que sabe de mim, sem me poupar em nada.

— Um momento... Um momento... — interrompeu o Padre Menou-Segrais. — "*Devo* solicitar", foi o que disse? "Devo"... por que *deve*? — O ministério paroquial — replicou o padre no mesmo tom — é uma carga que está acima das minhas forças. Era o que pensava meu superior; sinto também que o senhor também acha isso. Aqui, sou um obstáculo ao bem. O mais humilde camponês da região tem vergonha de um pároco como

eu, sem experiência, sem luzes, sem uma verdadeira dignidade. Por mais esforços que eu faça, como posso esperar ter algum dia tudo o que me falta? — Deixemos isso — interrompeu o deão de Campagne —, deixemos isso; eu o entendo. Seus escrúpulos são sem dúvida justificáveis. Estou disposto a pedir seu retorno ao monsenhor, mas a questão não é tão simples. O que lhe pedimos, aqui, é pouca coisa. Ainda é demais, você diz? O Padre Donissan baixou a cabeça.

— Não banque a criança! — exclamou o deão. — Você, sem dúvida, vai me achar um pouco duro; tenho que sê-lo. A diocese é pobre demais, meu amigo, para alimentar uma boca inútil.

— Confesso — balbuciou o pobre padre com esforço... — Na verdade, não sei ainda... Enfim, tinha o projeto... de encontrar... de encontrar num mosteiro um lugar, ao menos provisório...

— Um mosteiro!... Gente como você, meu caro, tem sempre essa palavra na boca. O clero regular é a honra da Igreja, meu caro, sua reserva. Um mosteiro! Não é um lugar de repouso, um asilo, uma enfermaria! — É verdade... — quis dizer o Padre Donissan, mas só conseguiu emitir um balbucio confuso. As faces vermelhas, que a extrema emoção não chegava a empalidecer, tremiam. Era o único sinal exterior de uma inquietude infinita. Mesmo assim, sua voz tornou-se firme para acrescentar: — Então, o que quer que eu faça? — O que quero? — respondeu o deão de Campagne. — Esta é a primeira coisa sensata que pronunciou. Já que confessa ser incapaz de guiar e de aconselhar os outros, como seria bom juiz em sua própria causa? Deus e o seu bispo, meu filho, lhe deram um mestre: eu.

— Reconheço isso — disse o padre, depois de uma imperceptível hesitação... — Mas eu lhe suplico...

Não completou a frase. Com um gesto imperioso, o deão de Campagne já lhe impunha o silêncio. E ele olhava com uma curiosidade cheia de medo esse velho sacerdote, geralmente tão cortês, subitamente inflexível, imperturbável, com um olhar tão duro.

— O caso é grave. Os seus superiores permitiram que recebesse as Sagradas Ordens; acho que não foi uma decisão impensada. Por outro lado, essa incapacidade que confessou há pouco...

— Permita-me — interrompeu de novo o infeliz sacerdote, com a mesma voz sem timbre... — Meu Deus!... Não sou absolutamente incapaz de algum trabalho apostólico, proporcional a minha inteligência e a meus recursos. Minha saúde física, felizmente...

Calou-se, envergonhado de opor a tão eloquentes raciocínios um argumento tão miserável, em sua sublime ingenuidade.

— A saúde é um dom de Deus — replicou gravemente o Padre Menou-Segrais. — Ah! Sei o seu preço melhor que você. A força que lhe foi concedida, até sua habilidade para certos trabalhos manuais, são sem dúvida um sinal de uma vocação menos alta, para a qual a Providência o chamava... Será que é tarde demais para reconhecer, guiado por uma opinião segura, um erro involuntário?... Deve tentar uma nova experiência... ou... ou...

— Ou?... — ousou perguntar o Padre Donissan.

— Ou voltar para o seu arado? — concluiu o deão num tom seco... — Outra coisa: repare que faço hoje a

pergunta sem respondê-la. Você não é, graças a Deus, um desses jovens impressionáveis, que uma palavra mais clara aterroriza sem nenhum proveito. Não sofre de vertigens. E, quanto a mim, estou fazendo meu dever, embora com uma aparente crueldade.

— Eu lhe agradeço — retomou docemente o padre, com uma voz singularmente rija. — Desde o princípio desta conversa, Deus me deu forças para ouvir de sua boca verdades bastante duras. Por que não me ajudaria até o fim? Sou eu que lhe suplico que responda à pergunta que me fez. Por que eu teria que esperar mais tempo? — Meu Deus... — murmurou o Padre Menou-Segrais, surpreso... — Garanto que algumas semanas de reflexão... Queria lhe dar um tempo...

— Pra quê, se não devo ser juiz em minha própria causa e, na verdade, nem o posso ser? É sua opinião que desejo ouvir, e quanto mais cedo melhor.

— É possível que esteja preparado para ouvi-la, meu amigo, mas sem dúvida não está para conformar-se sem reservas — respondeu o deão de Campagne com uma brutalidade forçada. — Nesse caso, provocar o que se teme é menos sinal de coragem que de fraqueza.

— Eu sei disso, confesso! — exclamou o Padre Donissan. — Não está enganado. Vê muito claro em mim. É à sua caridade que apelo... Ah, meu senhor, nem mesmo à sua caridade, mas à sua piedade, que me dê o golpe derradeiro! Quando receber esse golpe, eu sinto, tenho certeza que encontrarei a força necessária... Nunca se ouviu falar que Deus não tenha levantado um miserável caído no chão...

O Padre Menou-Segrais lançou-lhe um olhar agudo.

— Está tão certo de que já formei minha opinião — disse —, e que não me resta nenhuma dúvida no espírito? Padre Donissan sacudiu a cabeça.

— Não é preciso muito tempo para julgar um homem como eu — retrucou — e está querendo somente me poupar. Deixe-me ao menos o mérito, diante de Deus, de uma obediência completa, absoluta: ordene! Mande! Não me deixe na dúvida! — Eu o aprovo — disse o deão de Campagne, depois de um silêncio. — Só posso aprová-lo. Suas intenções são boas; lúcidas, mesmo. Compreendo sua impaciência de vencer a natureza com um golpe decisivo. Mas a palavra que espera de mim pode ser uma tentação superior às suas forças. Quer conhecer a sentença? Muito bem. Vai executá-la? — Acho que sim — respondeu o padre com uma voz surda. — E, aliás, algum dia estarei mais preparado para receber e carregar uma cruz do que nesta noite? Já é tempo. Acredite, meu pai, já é tempo. Não sou apenas um padre ignorante, grosseiro, incapaz de se fazer amar. No seminário menor, não passava de um aluno medíocre. No seminário maior, bom, acabei cansando todo mundo. Foi preciso um milagre de caridade do Padre Demange para convencer os diretores a me admitirem no diaconato... Inteligência, memória, até assiduidade, tudo me falta... Ainda assim...

Hesitou, mas, a um sinal do Padre Menou-Segrais: — Ainda assim — continuou com esforço — não consegui ainda vencer completamente uma obstinação... um capricho... O justo desprezo dos outros desperta em mim... sentimentos tão rudes... tão violentos... Não posso mesmo combatê-los por meios ordinários...

Deteve-se, como que temeroso de ter falado demais. Os pequenos olhos do deão fixavam seu olhar, com uma atenção singular. Concluiu com uma voz suplicante,

quase desesperada: — Então, não deixe para mais tarde... Já é tempo... Esta noite, eu lhe asseguro... Não pode adivinhar...

O Padre Menou-Segrais ergueu-se tão vivamente de sua poltrona que o pobre sacerdote, desta vez, empalideceu. Mas o velho deão deu alguns passos até a janela, apoiado em sua bengala, o ar absorto. Depois, voltando-se subitamente: — Meu filho, sua submissão me comove... Devo ter lhe parecido brutal, e novamente vou sê-lo. Não me custaria dar mil voltas aqui: prefiro falar com clareza. Acaba de se pôr em minhas mãos... Em que mãos? Você sabe? — Eu lhe suplico... — murmurou o padre, com uma voz trêmula.

— Vou lhe dizer: acaba de se pôr nas mãos *de um homem que não estima.*

O rosto do Padre Donissan tinha uma palidez lívida.

— *Que não estima* — repetiu o Padre Menou-Segrais. — A vida que levo aqui é, aparentemente, a de um leigo abastado. Confesse! Minha quase completa ociosidade o envergonha. A experiência de que tantos tolos me elogiam é, aos seus olhos, inútil para as almas, estéril. Poderia dizer muito mais; basta, porém. Meu filho, num caso tão grave, os pequenos arranjos de etiqueta mundana não valem nada: expressei bem o seu sentimento? Às primeiras palavras dessa estranha confissão, o Padre Donissan tinha ousado levantar para o terrível velho sacerdote um olhar pleno de espanto. E não os baixou mais.

— Exijo uma resposta — continuou o Padre Menou-Segrais —, eu a espero de sua obediência, antes de me pronunciar sobre qualquer coisa. Tem o direito de

recusar. Não posso ser seu juiz neste caso; e também não serei seu tentador. À pergunta que lhe fiz, responda simplesmente sim ou não.

— Devo responder sim — replicou logo o Padre Donissan, com um ar calmo... — A provação que me impõe é dura: suplico-lhe que não a prolongue. Mas as lágrimas escorriam de seus olhos, e o Padre Menou-Segrais mal entendeu suas últimas palavras, pronunciadas em voz baixa. O infeliz sacerdote censurava-se avidamente por seu tímido apelo à piedade, como por uma fraqueza. Depois de um curto debate interior, continuou, entretanto: — Respondi por obediência, e sem dúvida não deveria agora senão esperar e me calar... Mas... mas não posso... Deus não exige que o deixe acreditar... Em consciência, foi um pensamento... um sentimento involuntário... Não falo assim — retomou com um tom mais firme — para me justificar: conhece agora meu espírito ruim... Assim, a Providência me revela ao senhor inteiramente... E agora... e agora...

Por um segundo, suas mãos procuraram um apoio, seus longos braços moveram-se no vazio. Depois, seus joelhos dobraram-se, e ele caiu para a frente, como um bloco.

— Meu filhinho! — exclamou o Padre Menou-Segrais, num tom de verdadeiro desespero.

Arrastou desajeitadamente o corpo inerte até os pés do divã, e com um grande esforço colocou-o nele. No meio das almofadas de couro vermelho, a cabeça ossuda tinha agora uma palidez lívida.

— Vamos... vamos... — murmurava o velho deão, esforçando-se para desabotoar a batina com seus dedos

enrijecidos pela gota; mas o tecido gasto cedeu primeiro. Pela abertura do colarinho, o pano áspero da camisa apareceu, manchado de sangue.

Agora o largo e profundo peito baixava e se erguia de novo. Com um gesto brusco, o deão puxou a roupa, descobrindo-o.

— É o que eu pensava — disse, com um doloroso sorriso.

Desde as axilas até os rins, o torso estava inteiramente coberto por uma faixa rígida, da mais dura crina, grosseiramente tecida. A fina correia que mantinha o terrível envoltório estava tão apertada que o Padre Menou-Segrais teve muita dificuldade para soltá-la. Apareceu então a pele, queimada pelo intolerável atrito do cilício, como pela aplicação de um cautério; a epiderme destruída em várias regiões, levantada em outras em bolhas da largura de uma mão, era uma chaga só, de que brotava uma água misturada com sangue. A ignóbil crina cinza e amarelada estava impregnada dela. E de uma ferida de seu lado, mais profunda, um sangue vermelho corria gota a gota. O infeliz achara por bem comprimi-la com um tampão de linho: retirado o obstáculo, o Padre Menou-Segrais afastou vivamente seus dedos rubros.

O vigário abriu os olhos. Por um momento, seu olhar atento percorreu cada ângulo daquele quarto desconhecido; depois, pousando sobre o rosto familiar do deão, exprimiu uma crescente surpresa. Subitamente, seu olhar caiu sobre a larga abertura da batina e os panos ensanguentados. Então, o Padre Donissan, recuando vivamente, escondeu o rosto sob as mãos.

E logo as do Padre Menou-Segrais afastavam-nas docemente, descobrindo a rude cabeça, com um gesto quase maternal.

— Meu filho, Nosso Senhor não está descontente com você — disse em voz baixa, com um acento indefinível.

E, retomando logo o habitual tom de benevolência um pouco altiva com que costumava disfarçar sua ternura: — Vai jogar no fogo essa máquina infernal, padre: temos que encontrar alguma coisa melhor. Deus me livre de falar somente a língua do bom senso: no bem, como no mal, é preciso ser um pouco louco. O que censuro nas suas mortificações é que são indiscretas: um jovem padre irrepreensível deve ter as roupas de baixo branquíssimas.

— Levante-se — disse ainda o estranho ancião —, e aproxime-se um pouco. Nossa conversa não acabou, mas o mais difícil já passou... Vamos! Vamos! Sente-se ali. Não o deixo mais.

Instalou-o em sua própria poltrona e, como que sem querer, sempre falando, deslizou uma almofada sob a cabeça dolorida. Depois, sentando-se numa cadeira baixa, e envolvendo-se, friorento, numa coberta de lã, recolheu-se por um minuto, o olhar fixo na lareira, cujas chamas dançavam em seus olhos claros e audazes.

— Meu filho — disse, por fim —, a opinião que tem de mim é bastante justa em geral, mas falsa num único ponto: julgo-me, ai de mim, com mais severidade do que pensa. Chego ao porto de mãos vazias...

Atiçava as achas de lenha flamejantes, com calma.

— É um homem muito diferente de mim — recomeçou. — Você me revirou como uma luva. Quando o pedi ao monsenhor, foi com um sonho um pouco ingênuo de trazer para minha casa... Quer dizer... é... um jovem padre com más notas, desprovido dessas qualidades naturais que tanto me encantam, e que eu formaria da melhor maneira para o ministério pastoral... No fim da vida, era uma carga pesada que assumia, meu Senhor! Mas estava também muito feliz em minha solidão para chegar a morrer em paz. O julgamento de Deus, meu filho, deve nos surpreender em pleno trabalho... O julgamento de Deus!... Mas é você que me forma — disse depois de um longo silêncio.

A essa espantosa declaração, o Padre Donissan sequer virou a cabeça. Seus grandes olhos abertos não exprimiam nenhuma surpresa; e o deão de Campagne viu somente, pelo movimento de seus lábios, que rezava.

— *Eles* não souberam reconhecer o mais precioso dos dons do Espírito — disse depois. — *Eles* nunca reconhecem nada. É Deus que nos nomeia. O nome que usamos não passa de um nome de empréstimo... Meu filho, o espírito de fortaleza está em você.

As três primeiras batidas do *Angelus* matinal soaram lá fora, como uma advertência solene, mas eles não ouviram nada. As brasas se desfaziam docemente em cinzas.

— E agora — continuou o Padre Menou-Segrais —, agora, eu preciso de você. Não; outro, supondo que tivesse visto tão claro, não ousaria lhe falar como eu lhe falei nesta noite. Foi necessário, porém. Estamos nessa hora da vida (ela soa para todos) em que a verdade se impõe por si mesma com uma evidência irresistível, em

que cada um de nós precisa apenas estender os braços para subir de um salto até a superfície das trevas e chegar ao sol de Deus. Então, a prudência humana não passa de armadilhas e loucuras. A Santidade! — exclamou o velho padre com uma voz profunda. — Ao pronunciar esta palavra na sua frente, somente para você, sei o mal que lhe faço! Não ignora o que ela é: uma vocação, um apelo. É lá, onde Deus o chama, que deve subir, subir ou se perder. Não espere nenhum auxílio humano. Com plena consciência da responsabilidade que assumo, depois de ter experimentado uma última vez sua obediência e sua simplicidade, achei que deveria lhe falar assim. Duvidando, não somente das suas forças, mas dos desígnios de Deus para si, você cai num impasse: por minha conta e risco, ponho você de volta em seu caminho; dou-o àqueles que o aguardam, às almas das quais será a presa... Que o Senhor o abençoe, meu filhinho! Diante dessas últimas palavras, como um soldado que se sente atingido e se ergue instintivamente antes de cair, o Padre Donissan pôs-se de pé. Em sua face imóvel, a boca cerrada, os maxilares fortes, a fronte obstinada, seus olhos pálidos testemunhavam uma hesitação mortal. Por um longo momento, seu olhar errou sem pousar em nada. Depois, esse olhar encontrou a cruz pendurada na parede e, virando-se logo para o Padre Menou-Segrais, fixando-o, pareceu apagar-se de repente. O deão não leu nesse olhar nada mais que uma cega submissão que a trágica desordem daquela alma, ainda tomada de terror, tornava sublime.

— Peço-lhe permissão para me retirar — disse simplesmente o futuro pároco de Lumbres com uma voz pouco firme. — Escutando-o, achei de verdade que estava caindo na confusão e no desespero, mas agora acabou...

Eu... eu acho... que sou... como o senhor deseja... e... Deus não permitirá que eu seja tentado além das minhas forças.

Dizendo isso, desapareceu, e, atrás dele, a porta se fechou sem nenhum ruído.

•

Desde então, o Padre Donissan conheceu a paz, uma estranha paz, que inicialmente não ousou sondar. Os milhares de laços que retêm ou retardam a ação tinham se rompido todos juntos; o homem extraordinário, que a desconfiança ou a pusilanimidade de seus superiores tinham encerrado por anos numa rede invisível, encontrava por fim o campo livre diante de si, e se expandia. Cada obstáculo, frontalmente atacado, cedia sem resistência. Em poucas semanas, o esforço daquela vontade que nada mais deteria começou a libertar-se, e chegou à inteligência. O jovem padre dedicava suas noites a devorar livros, outrora fechados com desespero e que agora penetrava, não sem trabalho, mas com uma tenacidade que surpreendia o Padre Menou-Segrais como um milagre. Foi então que adquiriu esse profundo conhecimento dos Santos Livros, que de início não se revelava em sua linguagem, sempre voluntariamente simples e familiar, mas que alimentava seu pensamento. Vinte anos mais tarde, dizia um dia a Monsenhor Leredu, com malícia: — Naquele ano dormi setecentas e trinta horas...

— Setecentas e trinta horas? — É, duas horas por noite... E ainda, cá entre nós, trapaceava um pouco. O Padre Menou-Segrais podia ler no rosto de seu vigário cada peripécia daquela luta interior cujo desfecho não ousava prever. Embora o pobre sacerdote continuasse

participando da mesa comum e tentasse parecer tão calmo como sempre, o velho deão via, com uma crescente inquietude, os sinais físicos, cada dia mais evidentes, de uma vontade levada ao ponto de se romper, e que um esforço poderia quebrar. Por mais rico que fosse de experiência e sagacidade, ou talvez por um abuso mesmo dessas qualidades, o pároco de Campagne percebia apenas em parte as causas de uma crise moral cujos efeitos não esperava mais limitar. Bastante sagaz para não usar sua autoridade em palavras vãs e inúteis conselhos de moderação, que o Padre Donissan sem dúvida não estava mais em condições de escutar, esperava uma ocasião para intervir e não a encontrava. Como acontece com frequência, quando um homem hábil não é mais senhor das paixões que suscitou, temia agir a contrapelo e agravar o mal que desejava curar. De outro, que não seu estranho discípulo, teria aguardado mais tranquilamente a reação natural de um organismo sobrecarregado pelo excessivo trabalho; mas esse trabalho mesmo não era, nesse momento, antes um remédio que um mal, e como que a distração feroz de um miserável prisioneiro de um único e constante pensamento? Aliás, o Padre Donissan aparentemente não tinha modificado em nada as ocupações de cada dia e se dedicava a mais de um projeto. Todas as manhãs era visto subindo com seu passo rápido e um pouco desajeitado o abrupto caminho que vai do presbitério à igreja de Campagne. Rezada sua missa, depois de uma ação de graças cuja brevidade surpreendeu durante muito tempo o Padre Menou-Segrais, infatigável, seu corpo alto inclinado para a frente, as mãos cruzadas às costas, entrava pela estrada de Brennes e percorria em todos os sentidos a imensa planície que, sulcada de caminhos difíceis, varrida por uma brisa ácida, desce da crista do Vale da Canche até o mar. As casas ali são raras, afastadas umas das outras, rodeadas de

pastagens, protegidas por arames farpados. Através da relva gelada que desliza e cede sob os sapatos, é preciso às vezes caminhar por muito tempo até encontrar, por fim, no meio de um pequeno lago de lama escavado pelos cascos dos animais, uma precária porteira, que range e resiste em suas traves apodrecidas. A fazenda está em algum lugar, em uma depressão do terreno, e o que se vê no ar cinzento é apenas um fio de fumaça azulada, ou os dois varais de uma charrete apontando o céu, com uma galinha empoleirada. Os camponeses do lugar, raça trocista, olhavam de soslaio, com desconfiança, a alta silhueta do vigário, a batina arregaçada, em pé no meio do nevoeiro, e que se esforçava por tossir em um tom cordial. Ao verem-no, a porta se abria parcamente, e a casa, atenta, apertada em volta do fogo, esperava sua primeira palavra, que tardava a chegar. Com apenas um olhar, todos reconheciam o camponês infiel à terra, e como que um irmão pródigo: ao tom de respeito e cortesia acrescenta-se uma nuance de familiaridade protetora, um pouco desdenhosa, e o pequeno discurso é ouvido por inteiro, num espantoso silêncio... E que regressos, caída a noite, até as luzes da vila, com a amargura da vergonha ainda na boca e o coração solitário, para sempre!... "Faço mais mal do que bem a eles", dizia tristemente o Padre Donissan, e tinha conseguido permissão para interromper por algum tempo essas visitas, que sua timidez transformava num ridículo martírio. Mas agora ele as prodigalizava novamente, tendo mesmo obtido do Padre Menou-Segrais que o encarregasse da mais humilhante provação, a coleta da quaresma, que os infelizes chamam, com um cinismo deplorável, sua comissão... "Não conseguirá um centavo", pensava o deão, cético... E a cada noite, ao contrário, o singular pedinte colocava no canto da mesa o saco negro de lã repleto. É que tinha, pouco a pouco, imposto a todos a

irresistível ascendência de quem não calcula mais as chances e segue direto em frente. Pois o hábil e o prudente não dominam, no fundo, senão a si mesmos. O riso do homem mais grosseiro detém-se em sua garganta ao ver sua vítima oferecer-se por inteiro ao seu desprezo.

“Que corpo esquisito!”, dizia para si mesmo, mas com um certo embaraço. Antes, sentando-se no canto mais escuro e amarrotando o velho chapéu com os dedos, o infeliz ficava buscando por muito tempo, em vão, uma transição bem-feita e feliz, inquieto para dizer a palavra, a frase que tinha meditado em casa, e depois partia sem ter dito nada. Hoje, tem que lutar bastante contra si mesmo, que superar-se. Superando-se, faz mais do que persuadir ou seduzir; conquista; entra nas almas como por uma brecha. Como antigamente, atravessa o pátio com o mesmo passo rápido, entre as poças de estrume e o voo assustado das galinhas. Como outrora, o mesmo moleque meio sujo, um dedo na boca, observa-o com o canto dos olhos enquanto ele limpa ruidoso os sapatos enlameados. Mas agora, quando surge no umbral da porta, todos se levantam em silêncio. Ninguém conhece o fundo desse coração a um só tempo ávido e temeroso, que o menor obstáculo atinge até o desespero, mas que nada poderia saciar. É sempre esse padre acanhado que um sorriso desconcerta até as lágrimas e que arranca, com muito trabalho, cada palavra de sua garganta árida. Mas, dessa luta interior, nada mais aparece exteriormente, jamais. O rosto é impassível, o corpo alto já não se curva, as longas mãos raramente estremecem. Com um olhar, com esse olhar profundo, ansioso, que não cede, penetra nos gestos polidos, nas palavras vagas. E logo interroga, apela. As palavras mais comuns, as mais deformadas pelo uso, readquirem pouco a pouco o seu sentido, despertam um estranho eco. “Quando ele pronunciava o nome de Deus quase em voz baixa, mas

daquele jeito”, dizia vinte anos depois um velho meeiro de Saint-Gilles, “sentíamos um negócio no estômago, como depois de um trovão...”.

Nenhuma eloquência, e também nenhuma dessas saborosas ingenuidades que mais tarde encantarão os *blasés* — quase todas, aliás, de autenticidade suspeita. O discurso do futuro pároco de Lumbres é difícil; às vezes, mesmo, ele tropeça em cada palavra, gagueja. É que ignora o cômodo uso do sinônimo e da insinuação, os rodeios de um pensamento que segue o ritmo verbal e é modelado por ele, como cera. Sofreu por muito tempo da impotência de exprimir o que sentia, dessa falta de jeito que provocava o riso. Não se esquiva mais. Vai direto ao ponto. Não evita mais o humilhante silêncio, quando a frase começada se interrompe, cai no vazio. Vai atrás dela. Cada fracasso só faz aumentar o vigor de uma vontade agora inflexível. Entra no assunto imediatamente, com a graça de Deus. Diz o que tem a dizer, e os mais grosseiros logo o escutam sem defender-se, sem reservas. Pois é impossível sentir-se enganado por esse homem: quando ele nos conduz, sentimos que sobe conosco. A dura verdade, que com uma frase curta, por muito tempo procurada, subitamente atinge-nos em pleno peito, feriu-o antes de nós. Sentimos que ele como que a arrancou de seu coração. Ah, não! Não há aqui nada que interesse aos professores, nenhuma raridade. São histórias muito simples; basta apenas escutá-lo, nada mais... A chaleira vibra e canta no fogão, o cão preguiçoso dorme, o focinho entre as patas, o vento forte lá fora faz a porta gemer em seus gonzos e a gralha negra clama alto no deserto aéreo... Eles o observam de soslaio, respondem com embaraço, desculpam-se, alegam ignorância ou costume e, quando ele se cala, também se calam.

— Mas o que você conta a essa boa gente? — pergunta o Padre Menou-Segrais. — Estão todos transformados. Quando falo de você, não há um que ouse me olhar de frente.

Pois ele evita fazer ao Padre Donissan essas perguntas diretas que exigem um sim ou um não... Por quê?... Por prudência, sem dúvida, mas também por um secreto temor... Que temor? O trabalho da graça naquele coração já perturbado tem um caráter de violência, de aspereza, que o desconcerta. Desde aquela noite de Natal, em que falou com tanta audácia, o pároco de Campagne jamais quis retomar uma conversa em que só pensa com um certo embaraço. Seu vigário, aliás, não é sempre simples, tão dócil, e de uma deferência tão perfeita, irrepreensível?... Nenhum dos colegas que o abordam notou alguma mudança nele. Tratam-no com a mesma indulgência, um pouco desdenhosa; louvam seu zelo e sua piedade. O pároco de Larieux, seu diretor, bom velho alimentado à mesa sulpiciana, e que o confessa toda quinta-feira, não manifesta nenhuma surpresa, nenhuma inquietude. Sua última resolução, tomada para tranquilizá-lo, acabou, ao contrário, decepcionando o Padre Menou-Segrais, até o mal-estar.

Sem dúvida, mais de uma vez ele tentou, por meio de um subterfúgio engenhoso, aumentar sua enfraquecida autoridade. Então, propõe, sugere, ordena, com o desejo mal confessado de ser um pouco contrariado. Na falta de melhores razões, ao menos conseguiria romper aquele insuportável silêncio! Mas a humilde submissão do Padre Donissan torna inútil essa última estratégia. O que ele propõe é logo obedecido. É em vão que experimenta uma vez e outra a paciência e a timidez do pobre sacerdote, com uma sagacidade cruel, e que, por exemplo, depois de o ter dispensado por muito tempo do

sermão dominical, impõe-lho, de improviso. O infeliz, no dia indicado, sem uma reclamação, reúne apressado algumas páginas cobertas com sua grosseira caligrafia camponesa, sobe ao púlpito, e durante vinte mortais minutos, de olhos baixos, lívido, comenta o evangelho do dia, hesita, gagueja, anima-se um pouco, luta desesperadamente até o fim, e acaba chegando a uma espécie de eloquência elementar, quase trágica... Agora recomeça todo domingo, e, quando se cala, corre um murmúrio entre as cadeiras, que somente ele não escuta, o profundo suspiro, inconfundível, que traduz o alívio de um auditório que fora levado a um grau de constrangimento quase insustentável...

— Está um pouco melhor — diz o deão, ao seu retorno —, mas é ainda muito vago... muito confuso...

— Que coisa! — diz o padre, com um muxoxo de criança prestes a chorar.

No almoço, suas mãos ainda estão tremendo.

Enquanto isso, aliás, o Padre Menou-Segrais tomou uma resolução mais grave, abrindo completamente, para seu vigário, as portas do confessionário. O deão de Hauburdin organizara esse ano um retiro, pregado por dois irmãos maristas. Um deles, acometido de uma forte gripe, teve que voltar para Valenciennes no primeiro dia da Semana Santa. Nesse momento, o deão pediu a seu colega de Campagne que lhe emprestasse o Padre Donissan.

— Ele é jovem, não tem medo do trabalho, está sempre pronto para o que der e vier... — Até aquele dia, a conselho do Padre Denisanne, que lhe havia falado longamente sobre seu aluno, o deão de Campagne tinha

avaramente limitado ao jovem o exercício do ministério da penitência. Mal esclarecido, e por um mal-entendido muito compreensível, o padre missionário desincumbiu-se de uma parte de sua tarefa sobre o futuro pároco de Lumbres, que, da quinta-feira ao sábado santo, não deixou o confessionário. A região de Hauburdin é vasta, chega aos limites da zona mineira, mas o sucesso do retiro, entretanto, foi enorme. E com certeza, nenhum daqueles sacerdotes que no dia de Páscoa assentaram-se no coro, com uma bela sobrepeliz nova, e viram se ajoelhar à mesa da comunhão uma multidão inumerável, sequer levantou os olhos para o jovem vigário silencioso que acabava de se oferecer pela primeira vez, nas trevas e no silêncio, ao homem pecador, seu senhor, que não o abandonará mais enquanto viver. Jamais o Padre Donissan falou a alguém sobre as angústias desse encontro decisivo, ou talvez de sua suprema suavidade... Mas, quando o Padre Menou-Segrais o reencontrou, na noite de Páscoa, ficou tão surpreso com seu ar distraído, absorto, que logo o interrogou com uma rudeza incomum, e a resposta simples do pobre sacerdote não o tranquilizou muito.

Uma frase, entretanto, que bem mais tarde escapou ao Padre Donissan, lança uma estranha luz sobre esse obscuro período de sua vida. “Quando era jovem”, confessou ao Senhor Grosselliers, “eu não conhecia o mal: só aprendi a conhecê-lo pela boca dos pecadores”.

Assim, as semanas sucederam as semanas, a vida seguia calma, monótona, sem que nada justificasse qualquer inquietude. Desde sua última conversa na noite de Natal, o silêncio mantido pelo Padre Donissan o tinha dolorosamente decepcionado, e a obediência, a doçura constrangida e passiva do futuro pároco de Lumbres não dissipara a amargura de uma espécie de mal-entendido

cujas causas ele não compreendia. Era somente um mal-entendido? Dia após dia, esse ancião cheio de experiência e conhecimento, tão bem protegido contra a tirania das aparências, sente pesar sobre os ombros um temor indefinível. A criança grande que, toda noite, se põe humildemente de joelhos e recebe sua bênção antes de ir para o quarto conhece o seu segredo, e ele não conhece o dela. Por mais obstinadamente que o observasse, não conseguia surpreender nele nenhum dos sinais exteriores que revelam a atividade do orgulho e da ambição, a busca ansiosa, as alterações de confiança e desespero, uma inquietude que não engana... E entretanto... "Será que perturbei esse coração para sempre", dizia às vezes para si mesmo, procurando o olhar que o evitava, "ou é puro o fogo que o consome? Sua conduta é perfeita, irrepreensível; seu zelo, ardente, eficaz, e seu ministério já produz fruto... Que posso lhe censurar? Quantos não ficariam felizes de envelhecer assistidos por um homem desses? Seu exterior é o de um santo, e alguma coisa nele, entretanto, me repele, me põe na defensiva... Falta-lhe a alegria...".

•

Ora, o Padre Donissan conhecia a alegria.

Não a furtiva, instável, agora abundante, logo recusada — mas outra alegria mais segura, profunda, igual, incessante, e por assim dizer inexorável —, semelhante a outra vida dentro da vida, à dilatação de uma nova vida. Por mais longe que voltasse ao passado, não encontrava nada parecido, não se recordava mesmo de jamais tê-la pressentido, nem desejado. Agora mesmo, gozava dela com uma avidez temerosa, como de um perigoso tesouro que o senhor desconhecido retomará, de uma hora para outra, e que não se pode mais abandonar sem morrer.

Nenhum sinal exterior tinha anunciado essa alegria, e parecia que ela continuava como tinha começado, sustentada por nada, luz cuja fonte permanece invisível, onde mergulha todo pensamento, como um grito solitário através do imenso horizonte não ultrapassa o primeiro círculo de silêncio... Foi justamente na noite que o deão de Campagne tinha escolhido para a extraordinária provação, no fim daquela noite de Natal, no quarto em que o pobre sacerdote tinha se refugiado, o coração atormentado, ao primeiro clarão da aurora. Alguma coisa cinza, que mal podemos denominar dia, surgia pelas vidraças, e a terra cinzenta de neve, infinita, erguia-se com ela. Mas o Padre Donissan não a via. De joelhos, diante de sua cama descoberta, repassava cada frase da singular conversa, esforçando-se para penetrar-lhe o sentido, depois dava um giro, bruscamente, quando alguma das palavras ouvidas, precisa demais, clara demais, impossível de evitar, surgia subitamente em sua memória. Ele então se debatia cegamente contra uma tentação nova, mais perigosa. E sua angústia era não conseguir nomeá-la.

A Santidade! Em sua sublime ingenuidade, aceitava ser erguido subitamente do último ao primeiro escalão, por ordem. Não se furtava.

“É lá, onde Deus o espera, que deve subir”, tinha dito o outro. Ele fora chamado. “Subir ou se perder!” — ele estava perdido.

A certeza de sua impotência para a altura de um tal destino bloqueava até mesmo a prece em seus lábios. Essa vontade de Deus sobre sua pobre alma oprimia-o com uma fadiga sobre-humana. Algo de mais íntimo que a própria vida estava como que suspenso nele. O velho artista encontrado morto diante da obra começada, os

olhos carregados da obra-prima inacessível — o louco balbuciante que luta contra as imagens de que não é mais senhor, como animais em fuga —, o ciumento amordaçado e que só tem o olhar para odiar, perante a preciosa carne profanada, aberta — não sentiram mais profundamente a fina e pérfida ponta, a penetração do desespero. Jamais o infeliz vira a si mesmo (é o que pensava) tão claramente, tão nitidamente. Ignorante, medroso, ridículo, amarrado para sempre pelos laços de uma devoção estreita, desconfiada, fechada em si mesma, sem contato com as almas, solitário, com uma inteligência e um coração estéreis, incapaz desses excessos no bem, das magníficas imprudências das grandes almas, o menos heroico dos homens. Ah! O que seu senhor vê nele não passa daquilo que resta ainda dos dons outrora recebidos, dissipados! A semente sufocada não brotará jamais. E, contudo, foi lançada. Mil lembranças lhe vêm de sua infância tão estranhamente unida a Deus e daqueles sonhos, aqueles sonhos mesmo — oh, raiva! — cuja perigosa suavidade tinha temido e que em seu áspero zelo tinha pouco a pouco exterminado... Era, então, a voz inesquecível que há pouquíssimos dias ouvira, antes que o silêncio se instalasse para sempre. Sem perceber, ele fugira da divina mão estendida — a visão mesma do rosto carregado de censuras —, e depois o último grito sobre as colinas, o supremo chamado distante, tão fraco quanto um suspiro. Cada passo o mergulha mais na terra de exílio: mas está para sempre marcado com o sinal que o servo de Deus reconhecia há pouco em sua fronte.

“Eu poderia”... “Eu deveria”... palavras terríveis! E se ele as superasse por um minuto, seria senhor de novo; assim o herói vencido dita aos familiares seu memorial, refaz eternamente seus cálculos e ressuscita o passado, para sufocar o futuro que se agita ainda em seu coração.

Os mais fortes jamais se entregam pela metade. Um firme bom senso, logo que ultrapassa certas barreiras, vai até o fim de seu delírio. Aquele homem que durante quarenta anos olhará o pecador com o olhar de Jesus Cristo, cuja esperança nem os mais rebeldes abalarão, e que, como Santa Escolástica, obteve tanto porque amou em excesso, não teve nem mesmo a força, naquele trágico momento, de erguer os olhos para a cruz, pela qual tudo é possível. Esse simples pensamento, o primeiro para uma alma cristã, e que parece inseparável do sentimento da nossa impotência e de toda verdadeira humildade, não lhe ocorreu.

"Nós dissipamos a graça de Deus", repetia no seu interior uma voz estranha, mas com o seu próprio tom, "estamos julgados, condenados... Já não sou mais: eu poderia ter sido!".

Vinte anos mais tarde, ao padre de Charras, futuro abade da Trapa de Aiguebelle, que se lamentava amargamente com ele da solidão interior em que vivia, duvidando até de sua salvação, o pároco de Lumbres dizia, com os olhos cheios de lágrimas: — Peço-lhe, por favor, que se cale... Não sabe como certas palavras me abalam, e mesmo no leito de morte, e nas mãos do Senhor, não poderia ouvi-las impunemente.

Mas, como o padre insistisse, suplicasse que o escutasse até o fim, apelando à sua caridade pelas almas, viu-o erguer-se repentinamente, o olhar perdido, a boca tensa, a mão convulsivamente cerrada sobre o espaldar da cadeira de palha.

— Não diga mais nada! — gritou com uma voz que paralisou seu estupefato penitente. — É uma ordem!... — e então, depois de um minuto de silêncio, ainda muito

pálido e trêmulo, estreitou contra o peito a cabeça do padre de Charras, apertou-a com as duas mãos vacilantes e lhe disse em uma comovente confusão: — Meu filho, eu me mostro às vezes tal como sou... Pobres almas, que vêm a uma mais pobre que elas!... Há uma ou outra provação que não ouso revelar a ninguém, de medo que a incompreensível indulgência que as pessoas têm por mim faça das minhas misérias uma glória a mais... Preciso tanto de orações, e são louvores o que me dão!... Mas eles não querem ser desiludidos.

O dia nasceu completamente. O pequeno quarto nu, na triste manhã de dezembro, surgiu em sua humilde desordem: a mesa de madeira branca com os livros espalhados, a cama de lona encostada à parede, um dos lençóis encostando no chão, e o medonho papel de parede desbotado... Por um minuto, o pobre sacerdote olhou para as quatro paredes tão próximas e julgou sentir sua pressão sobre o peito. A intolerável sensação de ter caído numa armadilha, de estar fugindo por um corredor sem saída, colocou-o subitamente em pé, a testa gelada, os braços caídos, num inexprimível terror.

E de repente o silêncio se fez.

Era como, no meio de uma multidão numerosíssima, esse murmúrio que antecede a cessação total de ruídos, na suspensão de uma expectativa... Ainda por um segundo, a profunda onda de ar oscila lentamente, retira-se. Depois, a enorme massa viva, há pouco plena de gritos, cai como um bloco no silêncio.

Assim, as mil vozes da contradição que rosnavam, assobiavam, rangiam no coração do Padre Donissan, com uma raiva danada, calaram-se todas. A tentação não se acalmava: já não existia. A vontade do Padre Donissan,

no limite dos seus esforços, sentiu o obstáculo ruir, e seu desaparecimento foi tão brusco que o pobre sacerdote julgou senti-lo até em seus músculos, como se o chão tivesse faltado a seus pés. Mas essa última provação durou apenas um instante, e o homem que ainda agora debatia-se sem esperança, sob um peso cada vez maior, despertou mais leve que uma criancinha, perdeu a própria consciência de viver, em um vazio delicioso.

Não era a paz, pois a verdadeira paz é simplesmente um equilíbrio de forças e a certeza interior que brota dele como uma chama. Quem encontrou a paz não espera mais nada, e ele, porém, estava na expectativa de um não sei quê novo, que romperia o silêncio. Não era a lassidão de uma alma sobrecarregada, quando encontra o fundo da dor humana e nele repousa, pois desejava ir adiante. E também não era o aniquilamento de um grande amor, pois na entrega de todo o ser, o coração ainda vela, e quer dar mais do que recebe... Mas ele não queria nada: esperava.

•

Foi primeiro uma alegria furtiva, impalpável, como que vinda de fora, rápida, insistente, quase inoportuna. Que temer ou esperar de um pensamento não formulado, instável, de um desejo leve como uma centelha?... E, entretanto, assim como no clamor da orquestra o maestro percebe a primeira e imperceptível vibração da nota falsa, mas tarde demais para evitar a explosão, assim o vigário de Campagne não duvidou que aquilo que esperava sem conhecer havia chegado.

•

Através da umidade da vidraça, o horizonte só apresentava um vago contorno, quase obscuro, e aquele dia de inverno, ao contrário, tinha, no pequeno quarto, uma claridade leitosa, imóvel, plena de silêncio, como se vista através da água. E, com uma certeza absoluta, o Padre Donissan soube que essa impalpável alegria era uma presença.

A angústia desvaneceu-se; surgem, pouco a pouco, em sua lembrança, os pensamentos que lhe tinham antes ocorrido, mas esses pensamentos mesmos agora não tinham força para atormentá-lo. Depois de um primeiro movimento de espanto, sua memória temerosa trouxe-os um a um, com prudência — e depois abarcou-os. Inebriava-se à medida que os percebia dominados, inofensivos, transformados nos humildes servos de sua misteriosa alegria. Num clarão, tudo lhe pareceu possível, e o mais alto degrau fora alcançado. Do fundo do abismo onde pensara estar preso para sempre, eis que uma mão o tinha alçado tão longe que reencontrava sua dúvida, seu desespero, até suas faltas, transfiguradas, glorificadas. Tinha ultrapassado as fronteiras do mundo em que cada passo à frente é pago com um esforço doloroso, e o fim vinha até ele com a rapidez de um raio. Essa visão interior foi breve, mas deslumbrante. Quando terminou, tudo pareceu novamente sombrio, mas ele vivia e respirava na mesma luz doce, e a imagem entrevista, depois perdida, deixara atrás de si, em vez de uma certeza cuja volúpia ele sentia bem que lhe teria partido o coração, um pressentimento inefável. A mão que o conduzira afastara-se um pouco, estava disponível, ao seu alcance, e não o deixaria mais... E o sentimento dessa misteriosa presença foi tão vívido que voltou bruscamente a cabeça, como para encontrar os olhos de um amigo.

Entretanto, no seio mesmo da alegria, subsiste ainda alguma coisa que o êxtase não absorve. Isso o perturba, irrita, como um último laço que não ousa romper... Rompido esse laço, aonde essa vaga o levaria?... Às vezes esse laço afrouxa, e, como um navio que joga, apesar de ancorado, seu ser é abalado até suas profundezas... Trata-se somente de um laço, de um obstáculo a vencer?... Não: isso que resiste não é uma força cega. Sente, observa, calcula. Luta para impor-se... *Isso*, não seria ele mesmo? Não seria sua consciência amortecida que lentamente despertava?... A dilatação da alegria chegou, conforme a extraordinária expressão do Apóstolo, até a divisão da alma e do espírito. Não é possível ir mais longe sem morrer.

Não! Ao virar a cabeça, o Padre Donissan não encontra nenhum olhar amigo — mas somente, no espelho, seu rosto pálido e contraído. Em vão abaixa rapidamente os olhos: é tarde demais. Surpreende-se a si mesmo nesse gesto instintivo, busca penetrar seu sentido. O que procurava? Esse sinal material de uma inquietude até então vaga, indecisa, espanta-o quase tanto quanto uma presença real, visível. Dessa presença, tem agora, mais que o sentimento, uma sensação clara, indizível. Não está mais só... Mas com quem está? A dúvida, mal formulada em seu espírito, domina-o. Em um primeiro movimento, quis cair de joelhos, rezar. Pela segunda vez, a oração se detém em seus lábios. O grito da humilde aflição não será lançado; o supremo aviso terá sido em vão. A vontade já revoltada foge da mão que a solicita; é tomada por outra mão, da qual não se pode esperar nem piedade, nem misericórdia.

Ah, como o outro é forte e hábil, como é paciente quando preciso e, quando é chegada sua hora, rápido como um raio! O santo de Lumbres, um dia, conhecerá a

face de seu inimigo. Desta vez é preciso que sofra cegamente sua primeira investida, receba seu primeiro choque. A vida desse homem estranho, que foi sempre um combate encarniçado, finalizado com uma amarga morte, como teria sido se, nesse momento, vencida a astúcia, tivesse se abandonado sem esforço à misericórdia — se tivesse pedido socorro? Teria sido um desses santos cuja história assemelha-se a um conto, desses mansos que possuem a terra, com um sorriso de menino-rei?... Mas para que sonhar? No momento decisivo, ele aceita a luta, não por orgulho, mas por um irresistível impulso. À aproximação do adversário, é tomado não pelo medo, mas pelo ódio. Nasceu para a guerra; cada curva de sua estrada será marcada por um rio de sangue.

Entretanto, a alegria misteriosa, como que na ponta do espírito, ainda vela, quase intocada, pequena chama clara ao vento... E é contra ela — oh, loucura! — que ele agora vai se voltar. A alma árida, que jamais conheceu outra doçura senão uma tristeza muda e resignada, espanta-se, e logo teme, e por fim se irrita contra essa inexplicável suavidade. Na primeira etapa da ascensão mística, o coração do miserável tomado pela vertigem desfalece, e com todas as suas forças tenta sair desse recolhimento passivo, do silêncio interior cuja aparente ociosidade o desconcerta... Como o outro, que se insinuou entre Deus e ele, esquiva-se com arte! Como avança e recua, e avança ainda, prudente, sagaz, esperto... Como põe um passo depois do outro! O pobre sacerdote crê adivinhar a armadilha preparada, mas duas mandíbulas já o abocanham, e a cada esforço elas se fecham mais sobre ele. Na noite que cai, a fraca claridade o desafia... Ele provoca, quase invoca a angústia total, miraculosamente dissipada. Toda certeza, mesmo do que é pior, não é melhor que a parada

ansiosa, na encruzilhada, na noite pérfida? Essa alegria sem causa só pode ser uma ilusão. Uma esperança tão secreta, no mais íntimo, no mais profundo, nascida subitamente — e sem objeto —, indefinida, assemelha-se demais à presunção do orgulho... Não! O movimento da graça não tem essa atração sensual... *É preciso arrancar essa alegria!*

Logo que se decide, não mais hesita. A ideia do sacrifício a consumar ali mesmo — imediatamente — acende nele essa outra chama do desespero intrépido, força e fraqueza desse homem único, e sua arma, que tantas vezes Satã lhe revolverá no coração. Seu rosto, agora gelado, ref lete no olhar sombrio a determinação de uma violência calculada. Aproxima-se da janela, abre-a. A barra de apoio, que certa vez quebrara, fora substituída, pela fantasia de um predecessor do Padre Menou-Segrais, por uma corrente de bronze, encontrada no fundo de algum armário de sacristia. Com suas mãos fortes, o Padre Donissan arranca os dois pregos que a prendem. Um minuto depois, a estranha disciplina descia zunindo sobre o seu dorso nu.

Uma palavra surpreendida por acaso, o testemunho de alguns visitantes mais íntimos, as raras confidências feitas em termos obscuros permitem apenas entrever as mortificações raras e singulares do pároco de Lumbres, pois ele procurava ocultá-las a todos, com um cuidado minucioso. Mais de uma vez, sua astúcia mesma despistou a curiosidade, e certo escritor célebre, amador de almas (como eles dizem...), vindo para ver um tão belo caso, voltou mistificado. Mas, se algumas de suas mortificações, e, por exemplo, os jejuns, cujo espantoso rigor ultrapassa a razão, são mais ou menos conhecidos, ele levou o segredo de outros castigos mais rudes. Sua última súplica foi para obter da piedade de um amigo

que nenhum médico o visitasse. A pobre menina que o assistia, mais tarde Madre Maria dos Anjos, então criada no burgo de Bresse, relatou que a base de seu pescoço e seus ombros estavam cobertos de cicatrizes, algumas formando nódulos da grossura de um dedo mínimo. Já o Doutor Leval, durante uma primeira crise, tinha descoberto nos seus flancos traços profundos de antigas queimaduras, e, como ele discretamente manifestasse seu espanto, o santo, rubro de confusão, guardou silêncio...

— Também fiz, no meu tempo, algumas loucuras — dizia uma noite ao Padre Dargent, que lia para ele um capítulo da vida dos Padres do Deserto... E como o outro interrogava-o com o olhar, continuou, com um sorriso cheio de embaraço, mas também de uma inocente malícia: — Veja, os jovens não temem nada; acabam fazendo umas loucuras. Agora, em pé, na frente da pequena cama, batia e batia sem descanso, com uma raiva fria. Aos primeiros golpes, a carne levantada mal deixou filtrarem-se algumas gotas de sangue. Mas logo ele jorrou, vermelho. A cada vez que a corrente sibilante, por um instante retorcida sobre sua cabeça, vinha morder-lhe o flanco, enrolando-se como uma víbora, ele a arrancava no mesmo gesto, e a erguia novamente, regular, atento, como um batedor na eira. A dor aguda, que de início provocara-lhe um gemido surdo, e depois somente profundos suspiros, estava como que afogada na efusão do sangue morno que escorria sobre seus rins e do qual sentia apenas a terrível carícia. A seus pés, uma mancha marrom e avermelhada aumentava sem que ele a percebesse. Uma bruma rósea estendia-se entre seu olhar e o céu lívido, que contemplava com um olhar deslumbrado. Depois, essa bruma desvaneceu-se subitamente, e com ela a paisagem de neve e lama, e mesmo a claridade do dia. Mas ele batia e batia ainda,

nessas novas trevas, e continuaria batendo até morrer. Seu pensamento, entorpecido pelo excesso da dor física, não se fixava mais, e ele não formulava nenhum desejo, senão o de atingir e destruir, nessa carne intolerável, o princípio mesmo de seu mal. Cada nova violência invocava uma outra, mais forte, sempre impotente para saciá-lo. Pois tinha atingido esse paroxismo em que o amor enganado só tem forças para destruir. Talvez acreditasse extinguir e detestar essa parte de si mesmo, pesada demais, o fardo de sua miséria, impossível de alçar para o alto; talvez acreditasse castigar esse corpo de morte de que o Apóstolo também deseja se libertar, mas a tentação nesse momento já avançava em seu coração, e ele odiava-se inteiramente. Assim como o homem não pode sobreviver a seu sonho, ele se odiava... Mas só tinha nas mãos uma arma inofensiva, com a qual se dilacerava em vão.

Entretanto, golpeava-se sem descanso, banhado de suor e sangue, os olhos fechados, e o que o sustentava em pé, sem dúvida, era sua misteriosa cólera. Um zumbido agudo enchia-lhe agora os ouvidos, como se tivesse afundado em águas profundas. Através de suas pálpebras cerradas, duas vezes, três vezes, uma chama breve e alta jorrou, depois suas têmporas bateram em golpes tão rápidos que sua cabeça dolorosa vibrou. A corrente estava entre seus dedos crispados, a cada golpe mais flexível e mais viva, estranhamente ágil e pérfida, com um murmúrio muito leve. Jamais aquele que será chamado de “o santo de Lumbres” ousou, depois, forçar a natureza de um coração tão loucamente temerário. Jamais voltou a apresentar-lhe um tal desafio. A carne na altura dos rins era uma chaga ardente, cem vezes mastigada e remastigada, banhada de um sangue espumante, e, entretanto, todas essas mordidas formavam um único sofrimento — indeterminado, total,

inebriante —, comparável à vertigem do olhar numa luz demasiado viva, quando o olho não discerne nada senão sua própria dor ofuscante... De repente, a corrente brandida antes da hora, dobrando-se sobre si mesma, quase lhe escapou da mão, e golpeou rudemente seu peito. O último elo atingiu-o abaixo do mamilo direito com uma tal força que fez saltar um naco de carne como uma lasca de madeira sob a plaina. A surpresa, mais que o próprio sofrimento, arrancou-lhe um grito agudo, logo abafado, enquanto erguia novamente a disciplina de bronze. O fogo que ardia em seus olhos não era mais deste mundo. A raiva cega que o animava contra si mesmo era das que não se aplaca aqui embaixo, e para as quais todo o sangue da raça humana, se pudesse escorrer de um só jorro, seria apenas uma gota d'água num ferro em brasa... Mas, como abaixasse o braço, seus dedos abriram-se por si mesmos, e sentiu sua mão cair. Ao mesmo tempo, os rins dobraram-se e todos os seus músculos relaxaram-se de uma só vez. Caiu de joelhos, fez um esforço imenso para levantar-se, cambaleou novamente, os braços estendidos, tateante, sacudido por um tremor convulsivo. Em vão tentou voltar à janela, à pálida claridade do dia, entrevista sem ser reconhecida por seus olhos entreabertos. A espantosa luta travada já não passava de uma vaga lembrança, indeterminada, como a de um sonho. Assim a ansiedade seguiu-se ao pesadelo, presença invisível, inexplicável, na paz e no recolhimento da aurora... Sentou-se ao pé da cama, deixou a cabeça cair e adormeceu.

Quando despertou, o sol ocupava o quarto inteiro; ouviu soarem os sinos no céu límpido. Seu relógio marcava nove horas. Por um longo momento, o reflexo na parede ocupou todo o seu pensamento, depois os olhos passearam lentamente pelo quarto, e ele se espantou com a larga mancha luzidia sobre o assoalho de pinho,

com a corrente jogada por cima. Sorriu, então, com um sorriso infantil. Assim, a terrível tarefa estava acabada. Eis tudo. Estava completa. Seu delírio passado não lhe deixara nenhuma amargura; à medida que os detalhes se apresentavam ao seu espírito, afastava-os um a um, sem curiosidade, sem cólera. Agora, seu pensamento vagava além deles, numa luz muito doce! Ele o sentia mais calmo, mais lúcido do que em qualquer outro momento de sua vida, mas inexprimivelmente distante do passado. Não era mais o abatimento, o semitorpor do despertar. Os últimos véus tinham caído, ele se reencontrava, observando-se com uma consciência clara e ativa, mas com um desinteresse sobre-humano.

O sol já estava alto. A diligência de Beaugrenant passou pela estrada, rangendo. A voz familiar do Padre Menou-Segrais erguia-se no pequeno jardim, à qual outra voz respondeu, mais aguda, a da Governanta Estelle... O Padre Donissan apurou o ouvido e escutou seu nome, pronunciado duas vezes. Com um gesto instintivo, quis se esconder debaixo da cama. Porém, mal seus pés tocaram o chão, uma dor atroz o tomou, e deteve-se, em pé, no meio do aposento, a garganta cheia de gritos. O encantamento acabou subitamente. O que tinha feito?...

•

Depois de um minuto, imóvel, dobrado sobre si mesmo, tentou se refazer com um novo esforço — um segundo passo — do qual toda sua carne eriçada esperava o impulso. O espelho pousado sobre a mesa enviava-lhe de si mesmo uma imagem fantasmagórica... Os flancos nus, sob a camisa em frangalhos, eram uma só chaga. No alto do peito, a ferida ainda sangrava. Mas os ferimentos mais profundos, nas suas costas e rins, ardiam numa chama intolerável, e, como tentasse levantar o braço,

pareceu-lhe que a ponta extrema dessa chama lhe penetrava o coração... “O que fiz?”, repetia, baixinho. “O que fiz?”. O pensamento de ter que se apresentar logo, em um instante, ao Padre Menou- Segrais, a iminência do escândalo, os cuidados de que seria alvo, e mais cem outras imagens assolavam-no. Nem por um minuto esse homem incomparável ousou sequer pensar, para sua defesa, nos tantos servos de Deus em que um mesmo terror sagrado conspirou, às vezes, contra sua própria carne... “Um passo a mais”, dizia simplesmente, “e as feridas vão se abrir... Sem dúvida terei que chamar...”.

Baixando os olhos, viu seus grosseiros sapatos numa poça de sangue.

— Padre? — soou através da porta uma voz tranquila. — Padre? — Senhor deão?... — respondeu ele, no mesmo tom.

— O último sino da missa vai tocar, meu filho: está na hora, em cima da hora... Não está doente, está? — Um minuto, por favor — respondeu o Padre Donissan, com calma. Tinha tomado a resolução, a sorte estava lançada.

Como deu, cerrando os dentes, um novo passo, um passo decisivo, até a bacia, onde molhou imediatamente a toalha de pano grosso? Por que milagre sofreu sem um suspiro a mordida da água gelada em suas costas e nos flancos? Como conseguiu envolver no dorso, sobre a pele viva, duas de suas pobres camisas? Era preciso ainda apertá-las com força para que a lenta hemorragia estancasse e, a cada movimento, as dobras entravam mais fundo. Lavou cuidadosamente o assoalho, escondeu os lençóis rubros, escovou os sapatos, pôs tudo em ordem, desceu as escadas, e só respirou no caminho — livre —, pois não conseguiria esconder do Padre Menou-

Segrais o arrepio de febre que lhe estremecia o queixo... Agora, o vento de inverno fustigava em cheio seu rosto, e sentia os olhos queimarem em suas órbitas como duas brasas. Através do ar cortante, irisado por uma poeira de neve, mantinha rudemente o olhar fixado no campanário banhado de sol. Os casais endomingados saudavam-no ao passar; ele sequer os via. A fim de percorrer aqueles trezentos metros, teve que repetir vinte vezes, sem que ninguém notasse, em seus passos sempre regulares, as peripécias da luta interior em que prodigalizava, lançava a mãos plenas essas forças profundas, irreparáveis, que cada ser vivo tem numa justa medida. No meio do pequeno cemitério, os pregos de seus sapatos escorregavam sobre o sílex e teve que fazer, para manter-se ereto, um esforço sobre-humano. A porta estava apenas a vinte passos. Conseguiu atingi-la. E também aquela outra porta baixa da sacristia, além do tabuleiro vertiginoso das lajotas pretas e brancas, onde o reflexo dos vitrais dança diante dos seus olhos ofuscados... E a própria sacristia, cheia do acre odor de verniz, de incenso e de vinho derramado... Ao seu redor, as crianças do coro, de vermelho e branco, giram e zumbem como um enxame. Pega, um a um, os paramentos, com um gesto maquinal, os olhos cerrados, remoendo as preces usuais na boca amarga. E atando os cordões da casula, geme, e até o pé do altar o mesmo gemido imperceptível continua, rolando em sua garganta... Atrás dele, mil ruídos diferentes ecoam até as abóbadas, confundindo-se em um só murmúrio — esse vazio sonoro que deverá enfrentar, no introito, com os braços abertos... Sobe titubeando os três degraus; detém-se. Olha então para a cruz.

Oh, vós, que não conheceis do mundo senão suas cores e sons sem substâncias, corações sensíveis, bocas líricas em que a áspera verdade se dissolveria como um

bombom — corações pequenos, bocas pequenas —, isso não é para vós. Vossas diabruras são proporcionais aos vossos nervos frágeis, aos vossos preciosos cérebros, e o Satã do vosso estranho ritual não passa da vossa imagem deformada, pois o devoto do universo carnal é seu próprio Satã. O monstro vos observa rindo, mas não cravou em vós sua garra. Ele não está em vossos livros caducos, nem nas vossas blasfêmias ou nas vossas ridículas maldições. Não está nos vossos olhos ávidos, nas vossas mãos pérfidas, nos vossos ouvidos cheios de vento. Em vão o procurais na carne mais secreta que vosso miserável desejo atravessa sem saciar-se, e da boca que mordeis brota apenas um sangue insípido e pálido... Entretanto, ele está... Está na oração do solitário, em seu jejum e sua penitência, no seio do mais profundo êxtase, e no silêncio do coração... Ele envenena a água lustral, arde na cera consagrada, respira no hálito das virgens, lacera com o cilício e a disciplina, corrompe todo caminho. Nós o vemos mentir nos lábios entreabertos para oferecerem a palavra da verdade, perseguir o justo, no meio do trovão e dos relâmpagos do arroubo beatífico, até nos braços mesmos de Deus... Por que disputaria tantos homens na terra em que se arrastam como animais, esperando que ela amanhã os cubra? Esse rebanho obscuro vai por si mesmo ao seu destino... Seu ódio está reservado para os santos.

Olha então para a cruz. Desde a véspera não rezou, e talvez ainda não reze. Em todo caso, não é uma súplica que sobe aos seus lábios. No grande debate noturno, era suficiente resistir e rebater golpe por golpe: o homem que defende sua vida num combate desesperado mantém seu olhar firme à sua frente, e não escruta o céu que derrama a mesma luz sobre o bom e o mau. No excesso de seu cansaço, suas lembranças o oprimem, mas agrupadas no mesmo ponto da memória, como os

raios luminosos no foco de uma lente. Causam uma única dor. Tudo o decepcionou ou enganou. Tudo lhe é armadilha e escândalo. Da mediocridade em que se desesperava, definhando, a palavra do Padre Menou-Segrais elevou-o a uma altura de onde a queda é inevitável. O antigo desamparo era preferível à alegria que o decepcionou! Oh, alegria, ainda mais odiada por ter sido, por um momento, tão amada! Oh, delírio de esperança! Oh, sorriso, ou beijo da traição! No olhar que ele continua fixando — sem uma palavra nos lábios, sem mesmo um suspiro — sobre o Cristo impassível, exprime-se a violência dessa alma transtornada. Assim como a face entrevista do mau pobre, na alta janela resplandecente, na sala do festim. Toda alegria é má, diz esse olhar. Toda alegria vem de Satã. Como eu jamais serei digno dessa preferência com que se ilude meu único amigo, não me enganes mais, não me chames! Devolve-me ao meu nada. Faz de mim a matéria inerte da tua obra. Não quero glória! Não quero alegria! Não quero nem mesmo esperança! O que tenho para dar? O que me resta? Somente esta esperança. Retira-a de mim. Toma-a! Se pudesse fazê-lo sem te odiar, renunciaria à minha salvação, eu me condenaria por essas almas que me confiaste por derrisão, a mim, miserável! E assim desafiava o abismo, invocava-o com um voto solene, com um coração puro...

III

O vigário de Campagne tomou o caminho de Beaulaincourt e desceu até Étaples através da planície.

— É um passeio, no máximo três léguas — tinha dito o Padre Menou-Segrais. — Vá a pé, como é do seu gosto.

Não ignorava o gosto ingênuo do pobre sacerdote pelas viagens de trem. Mas desta vez o Padre Donissan não enrubesceu, como de costume... Sorriu, mesmo, e não sem malícia.

O deão de Campagne enviava-o para seu confrade de Étaples, ao qual os últimos exercícios de um retiro causavam muita preocupação. Os dois redentoristas, que, há mais de uma semana, três vezes ao dia, esfalfavam-se nos sermões, pediam ajuda. Parecia impossível impor aos infelizes a suprema provação de um dia e uma noite passados no confessionário: “Vosso jovem colaborador bem poderia prestar-nos o auxílio de seu zelo”, tinha escrito o arcipreste. E o Padre Donissan acorria a esse inocente apelo.

Caminha, sob a chuva de novembro, a passos largos, pelo meio dos prados desertos. À sua esquerda, adivinhava-se o mar, invisível, no limite do horizonte coberto por um céu movediço, de cor cinza. À sua direita, as últimas colinas. À frente, a muda extensão plana. O vento oeste colava-lhe a batina aos joelhos, erguendo de vez em quando uma poeira de água gelada, com gosto de sal. Ele, entretanto, avançava com passo regular, sem desviar um centímetro, o guarda-chuva de algodão enfiado debaixo do braço. Que mais ousaria pedir? Cada passo aproximava-o da velha igreja, já vislumbrada, tão estranhamente recoberta de uma angústia solitária. Adivinha, em volta do confessionário, o pequeno grupo feminino, hábil em conquistar o primeiro lugar, briguento, de faces devotas, olhares com dupla e tripla intenção, lábios santamente unidos ou contraídos num vinco maldoso, e depois, junto ao rebanho murmurante — tão desajeitados e tão duros!... —, os homens. Coisa singular, e se poderia dizer, nesse caso, esquisita! O rude jovem padre, com esse pensamento, é tomado por uma

ternura inquieta; apressa o passo sem pensar, com um sorriso tão doce e tão triste que um carroceiro que passa lhe tira o chapéu, sem saber o porquê... Ele é esperado. Jamais uma mãe, voltando para casa, sonhando com o maravilhoso corpo que logo cobrirá por inteiro com suas carícias, teve no olhar tanta impaciência e tanta candura... E já se abre, através da areia, o leito do rio amargo, e logo a colina árida e a alta silhueta do farol branco entre os pinheiros escuros.

Há semanas, o Padre Menou-Segrais não mais espera desvendar um coração tão discreto. O sombrio silêncio anterior do vigário parecia menos impenetrável que seu presente humor, sempre igual, quase alegre. Vinte vezes interrogou o Padre Chapdelaine, pároco de Larieux, que toda quinta-feira confessa o Padre Donissan. O velho padre afirma não ter encontrado nada de extraordinário nas palavras do seu penitente, e se diverte ingenuamente com os escrúpulos de seu confrade. “Uma criança”, repete, “uma verdadeira criança, um ótimo sujeito” (ri até as lágrimas). “Mas você vê por toda parte, meu amigo, estranhos casos de consciência!...”. (Sério): “Gostaria que ouvisse suas confissões. Ora, todos nós passamos por isso, no início do nosso ministério: um pouco de inquietude, devaneios, um gosto exagerado pela oração...”. (Muito grave): “A oração é uma boa coisa, excelente. Não abusemos dela. Não somos cartuxos, meu amigo, tratamos com gente boa, muito simples, e que, na sua maior parte, esqueceu o catecismo. Não podemos voar muito alto, perder o contato” (rindo novamente). “Imagine! Ele se flagelava. Não vou lhe descrever o instrumento — não acreditaria. Proibi-lhe essas absurdas severidades. Aliás, ele cedeu logo, sem discussão. Ele me obedece, com certeza. Jamais encontrei alguém mais dócil: um ótimo sujeito”.

O Padre Menou-Segrais julga oportuno prolongar a conversa e, sempre prudente, finge render-se a tão bons argumentos. Mas se pergunta, com curiosidade: “Por que diabos o rapaz escolheu, entre tantos, esse imbecil?...”. Acabou perdendo o fio de suas sutis deduções. A verdade, entretanto, é muito simples! O Padre Donissan escolheu, entre todos, o mais velho. Não por bravata ou desprezo, como se poderia supor; mas porque essa homenagem à velhice pareceu-lhe admiravelmente judiciosa, equitativa. Assim também ele escuta, toda quinta-feira, o pequeno discurso do Padre Chapdelaine. É a única pessoa no mundo capaz de acolher aquelas frases tão pobres, e com tanto amor, que o bom homem, surpreso e envaidecido, acabou também encontrando um sentido em sua confusa algaravia.

... Ousaria confessar, todavia, esse jovem padre audacioso, que busca a tolice piedosa por si mesma? Talvez o ousasse. Mas sabe tão pouca coisa sobre o grande debate que se trava sobre ele! Faz uma aposta impossível, e não duvida dela. Sem dúvida, a solene advertência do Padre Menou-Segrais perturbou-o durante um tempo; depois, um outro trabalho endureceu de tal forma o seu coração, que ficou como que insensível ao aguilhão do desespero. No meio do mais temerário combate que um homem já travou contra si mesmo, não pensa mais em travá-lo sozinho: literalmente, não sente necessidade de nenhum apoio. O que poderia ser presunção, no seu caso, não passa de simplicidade: é vítima de sua força, como outros da sua fraqueza. Não pretende empreender nada de incomum, de extraordinário. Não tem nada a dizer sobre si mesmo.

Sob seus olhos, a pequena aldeia cobriu-se de sombras, parecendo mergulhar no horizonte. Apressa o passo. Se pudesse alcançar, despercebido, o recanto sombrio onde,

até o jantar, e depois à noite, ficará sozinho — sozinho atrás da frágil muralha de madeira, o ouvido inclinado para as bocas invisíveis! Mas ele se inquieta com os rostos desconhecidos que deverá enfrentar antes disso. O arcipreste, apenas entrevisto no último Pentecostes, os dois missionários — talvez outros?... Já faz alguns meses que o futuro pároco de Lumbres se espanta com certos olhares, com certas palavras de que não entende ainda o sentido, com uma curiosidade que sua ingenuidade primeiro tomou por desconfiança ou desprezo, mas que, pouco a pouco, criou ao seu redor uma atmosfera estranha, que o envergonha. Em vão se anula, faz-se humilde, foge de toda nova amizade; até sua solidão parece seduzir os mais indiferentes, sua timidez um pouco selvagem os desafia, sua tristeza os atrai. Às vezes é ele mesmo quem rompe o silêncio, quando uma palavra que escapa por acaso solicita de repente sua grande alma. E até que a surpresa muda de todos o lembre de si mesmo e novamente se cale, ele fala, fala com uma eloquência embaraçada, trôpega, com um pensamento que parece arrastar as palavras consigo, como um fardo... Mas na maioria das vezes ele escuta, com extrema atenção, o olhar ávido e doloroso, enquanto a secreta prece de seus lábios surpreende os velhos sacerdotes fúteis em sua inocente parolice.

Sua estranheza inicialmente abala. Ninguém, sem nenhuma exceção, pressente aquele magnífico destino. No máximo, perturba e divide.

Ademais, que se pode conhecer desse homem singular? É inútil observá-lo. Talvez o espionando. Por ordem do Padre Chapdelaine, ele renunciou sem discutir às mortificações cuja espantosa crueldade o velho sacerdote mal entrevê, ainda que o Padre Donissan tenha respondido a todas suas perguntas com sua

franqueza habitual. Mas essa franqueza mesma, engana. Para o vigário de Campagne, estes já são fatos que pertencem ao passado, episódios. Confessa-os sem embaraço. Concorda de bom grado que uma correia dilacerante é pouco para domar a natureza. O pároco de Lumbres mais tarde dirá: “Nossa pobre carne consome o sofrimento, assim como o prazer, com a mesma avidez desmedida”. Pudemos ler, escrita por sua própria mão, à margem de um capítulo dos *Exercícios* de Santo Inácio, esta estranha máxima: “Se crês que te deves castigar, bate forte, e por pouco tempo”. Dizia também às suas irmãs do Carmelo de Aire: “Lembrem-se de que Satã sabe tirar partido de uma oração longa demais, ou de uma mortificação dura demais”.

“Nosso bom homem é agora completamente razoável”, afirma o pároco de Larieux. E é verdade. Sua cabeça mantém-se fria e lúcida. Jamais se enganou com as palavras. Sua imaginação é bastante limitada. O coração consome até suas cinzas.

Ao crepúsculo, o vento se acalma, uma leve bruma se ergue do chão saturado. Pela primeira vez desde sua partida, o vigário de Campagne sente o cansaço. Já passou, aliás, por Verlimont e, até a igreja, agora próxima, o caminho é fácil e seguro. Entretanto, ele se detém, e acaba sentando-se no chão, na encruzilhada das estradas de Campreneux e de Verton. Uma camponesa o viu, a cabeça descoberta, as mãos cruzadas sobre o enorme guarda-chuva, o chapéu posto a seu lado.

— Que corpo esquisito — disse ela.

Era assim que às vezes curvava-se sob o seu fardo, e a natureza vencida gritava em vão sua angústia. Ele não

mais evitava ouvi-la: simplesmente não a ouvia. Agia sempre como se a soma de sua energia fosse constante — e talvez ela o fosse mesmo. Em certos momentos, quando tudo lhe vai faltar, o único repouso que imagina é mergulhar em si mesmo, e examinar-se com um rigor maior. Para esse homem único, o cansaço não passa de um mau pensamento.

Repassa então em sua memória os acontecimentos dos últimos meses. Na verdade, não experimenta nenhum remorso pelas mortificações que, por um tempo, exaltaram sua coragem. Antes que o Padre Chapdelaine lhe tivesse pedido que as sacrificasse, ele já as tinha condenado em seu coração. Não o tinham consolado, aliviado? Não tinham reaberto nele uma fonte de alegria, que desejou estancar? Atualmente, é mais fiel do que nunca à promessa feita um dia perante a cruz, subitamente revelada, naquele minuto inesquecível. A parte que escolheu não lhe será tirada. Nenhum outro audacioso fizera antes dele esse pacto com as trevas.

Se não tivéssemos recebido da própria boca do santo de Lumbres a confissão tão simples e tão dolorosa do que lhe aprouve chamar de o período terrível de sua vida, certamente não poderíamos acreditar que um homem tenha feito deliberadamente, com toda boa-fé, como uma coisa simples e comum, uma espécie de suicídio moral cuja crueldade meditada, refinada, secreta, é de estremecer. Não se pode duvidar disso, entretanto. Dia após dia, aquele cuja ternura e sagaz caridade fazia renascer a esperança no fundo de tantos corações que pareciam para sempre vazios, procurou extirpar de si mesmo essa esperança. Seu sutil martírio, tão perfeitamente tecido à trama de sua vida, acabou confundindo-se com ela.

Nos primeiros dias, foi como um furor de contradizer-se e negar-se. As leituras, nas quais vinha encontrando até então não somente alegria, mas força, foram abandonadas, retomadas, e de novo abandonadas. Tomando como pretexto uma censura afetuosa do Padre Menou-Segrais, começou a anotar e comentar o *Tratado da encarnação*. Só vendo esse livro, uma edição rara do século XVIII, uma das joias da biblioteca do pároco de Campagne, cuja grosseira escrita do Padre Donissan encheu as margens! A inabilidade dessas anotações, o tom ingênuo com que o pobre sacerdote se refere aos textos com indicações de uma precisão um pouco cômica — tudo, até os solecismos de seu latim elementar, é prova de tamanho esforço que, lendo-os, o mais cruel dos homens não ousaria sorrir. Também sabemos que essas observações apenas resumem um trabalho bem mais importante — seguramente também inútil —, hoje perdido, e que sem dúvida mofa no fundo de alguma gaveta, testemunho trágico e balbuciante das divagações de uma grande alma. De início apenas desanimadora, essa tarefa tornou-se logo uma insuportável obrigação. O pároco de Lumbres foi sempre um medíocre metafísico e somente a experiência permite conhecer o minucioso suplício que inflige à inteligência, desprovida dos indispensáveis elementos de conhecimento, a obsessão de um texto obscuro. O empreendimento, já temerário, logo se foi tornando mais difícil devido a complicações ridículas. Ocupado o dia inteiro, o Padre Donissan só ficava livre depois da meia-noite, após perder o cotidiano carteado com Menou-Segrais. Foi necessário pouco tempo para que o sagaz deão descobrisse esse novo segredo. Encontrou-o, como de costume, em algumas alusões discretas que abalaram a simplicidade de seu vigário. O infeliz obrigou-se a trabalhar à luz de uma lamparina e logo sofreu de nevralgias oculares que acabaram esgotando-o, sem,

contudo, vencê-lo. Pois esta última provação lhe serviu de pretexto para novas loucuras.

Até esse momento, o pároco de Campagne não tinha encontrado nenhum repouso ou descanso, senão na prece que amava, a humilde prece vocal. Por muito tempo a simplicidade do santo de Lumbres o fez duvidar de que fosse capaz de oração mental, embora a fizesse cotidianamente e, pode-se afirmar, a toda hora do dia. Decidiu vencer-se uma vez mais.

É vergonhoso relatar fatos tão nus, tão desprovidos de interesse; enfim, de uma verdade comum. Depois de uma noite de trabalho, eis o pobre sacerdote caminhando de um lado para outro de seu quarto, as mãos nas costas, a cabeça baixa, contendo a respiração como um lutador que mede suas forças, aplicando-se para dar o melhor de si, pensando nas regras... O assunto escolhido de antemão, cuidadosamente preparado, segundo os melhores métodos, propriamente sulpicianos, só era abandonado quando tivesse retirado dele todo o bem possível. Aliás, recorria, nesse novo empreendimento, a uma espécie de manual escrito por um sacerdote anônimo, no ano da graça de 1849. *A oração ensinada em vinte lições, para uso das almas piedosas*, anuncia o título. Cada uma das lições é dividida em três parágrafos: *Reflexões*, *Elevação*, *Conclusão*, esta seguida de um buquê espiritual. Algumas poesias (musicadas por um religioso, afirma o prefácio...) terminam essa coleção, e cantam, num ritmo caro a Madame Deshoulières, as delícias e fervores do amor divino.

Cabe na palma da mão, esse horroroso livreto. A encadernação é protegida por uma capa de tecido preto, cuidadosamente costurada. As páginas, muito folheadas,

ainda guardam um odor enjoativo e rançoso. Uma feia gravura multicor apresenta, no canto esquerdo, escrita com uma letra miúda e pérfida, numa tinta desbotada, esta misteriosa frase: “Para minha cara Adoline, para consolo da ingratidão de certas pessoas”... Supremo testemunho, sem dúvida, de um rancor devoto... Quê? É este livro o vil companheiro daquele de quem os mais orgulhosos não podem dizer que resistiram sem embaraço ao olhar pousado sobre os seus pensamentos? Seu companheiro, seu confidente, o confidente do santo de Lumbres? O que ele buscava nessas páginas tão parecidas, em que o enorme tédio de um sacerdote ocioso derramou-se vagarosamente? O que buscava, e, sobretudo, o que encontrou? Sem dúvida, o Padre Donissan não nos deixou nenhuma obra de doutrina ou de mística, mas possuímos alguns de seus sermões, e a recordação de suas extraordinárias confidências está ainda muito viva no coração de alguns. Nenhum dos que se aproximaram dele põe em dúvida seu agudo senso do real, a clareza de seu juízo, a soberana simplicidade de seus caminhos. Ninguém mostrou mais desconfiança dos belos espíritos, ou mesmo descreveu-os, quando preciso, com traços mais firmes e mais duros. Por mais desamparado que estivesse nessa época de sua vida, como acreditar que esses piedosos jogos de palavras tenham nutrido sua oração? Terá pronunciado mesmo, sem desgosto, essas preces ostentatórias, respirado a detestável química dos buquês espirituais, derramado essas lágrimas de teatro? Rezava, ou, acreditando rezar, já não mais rezava? Fecha-se esse livreto com desgosto: o contato com o tecido sujo chega a irritar os dedos. Tem-se vontade de conhecer, de procurar num olhar humano o segredo da força derrisória que obscureceu por um momento a mais clara das almas. O que dizer? A própria graça de Deus pode ser assim enganada? Cada um de nós poderá sempre vislumbrar, ao virar a cabeça,

atrás de si, sua sombra, seu duplo, o animal que lhe é semelhante e o observa em silêncio? Como é pesado esse livreto! Foi assim que a maldade, que o perseguiu, aliás, sem descanso, até o último dia, conseguiu então concretizar contra o miserável sacerdote a maioria dos seus empreendimentos. Depois de o ter envolvido em trabalhos ao mesmo tempo penosos e absurdos, perfidamente apresentados à sua consciência como um sistema engenhoso de sacrifício e renúncia, despojando-o assim de qualquer consolo exterior, ela atacava agora o homem interior.

Dia a dia o cruel trabalho é mais fácil e mais rápido. Decidido a se destruir, o camponês teimoso acabou se tornando um sutilíssimo argumentador contra si mesmo. Não há ato em sua humilde vida do qual não escrute os motivos, em que não descubra a intenção de uma vontade pervertida, não há repouso que não despreze e recuse, não há tristeza que não interprete logo como remorso, pois tudo nele e fora dele carrega o signo da cólera.

•

Mas chegara, sem dúvida, a hora em que a cruel obra daria seus frutos, realizaria sua maldade em plenitude. Oh, como somos loucos ao não vermos em nosso próprio pensamento, que entretanto a palavra incorpora sem cessar ao universo sensível, mais que um ser abstrato, do qual não devemos temer nenhum perigo próximo e certo! Ah, o cego que não se reconhece no estranho que encontra diante de si, subitamente, já inimigo pelo olhar e pelo vinco odiento da boca, ou nos olhos da estranha! O Padre Donissan ergueu-se e, fixando por um momento a paisagem, quase toda engolida pelas sombras, sentiu-se perturbado por uma espécie de inquietude, que de

início superou facilmente. Diante dele, a estrada agora mergulhava no vale, entre dois altos barrancos, semeados de uma grama curta e escassa. Seja porque eles o protegessem completamente do vento (que, o sol posto, soprava novamente), seja por qualquer outra causa, o profundo, o espesso silêncio não era mais cortado por nenhum ruído. E embora o vilarejo estivesse próximo, e a hora pouco avançada, só escutava, apurando o ouvido, o vago fremir da terra, quase imperceptível, e tão monótono que só aumentava o extraordinário silêncio. Aliás, até esse murmúrio cessou.

Pôs-se a caminhar — ou melhor, pareceu-lhe depois que tinha caminhado muito rápido, numa estrada irrepreensivelmente lisa, num declive muito suave, de solo elástico. Seu cansaço tinha desaparecido e sentia-se, ao final de sua longa jornada, notavelmente livre e leve. Sobretudo, espantava-o a liberdade de seu pensamento. Algumas dificuldades que o obcecavam há semanas desvaneciam-se tão logo simplesmente as formulava. Capítulos inteiros de seus livros, tão penosamente lidos e comentados, que ordinariamente arrancava como que aos pedaços de sua memória, apresentavam-se subitamente ordenados, com seus títulos, seus subtítulos, o alinhamento dos parágrafos e até as notas de pé de página. Sempre caminhando, quase correndo, resolveu deixar a estrada principal para cortar caminho pelas sendas de Ravenelle, que, contornando o cemitério, levam diretamente à igreja. Entrou por uma sem sequer diminuir o passo. Habitualmente cortado, até o alto verão, por profundos sulcos onde jaz uma água salobra, esse caminho só era trilhado por pescadores e vaqueiros. Para grande surpresa do Padre Donissan, o chão estava plano e firme. Alegrou-se com isso. Apesar da extraordinária atividade, da livre efervescência de seu pensamento o ter como

que inebriado, seu olhar esperava encontrar alguns detalhes familiares através da noite, a mancha de um arbusto, uma curva brusca, o declive do solo em seu trajeto rumo ao céu negro, a cabana do cantoneiro. Mas, depois de ter caminhado por muito tempo, surpreendeu-se ao sentir sob os seus passos, ao contrário do que esperava, uma leve inclinação, logo mais abrupta, e depois a relva densa de um prado. Erguendo os olhos, reconheceu a estrada que deixara um pouco antes. Talvez tivesse entrado, sem perceber, num caminho transversal que o tinha insensivelmente reconduzido ao ponto de partida, de costas para a vila? Pois viu com muita clareza (por que com tanta clareza na noite fechada?...) as primeiras casas dos arredores.

“Que contratempo”, pensou, mas sem decepção nem cólera.

Retomou logo o caminho, decidido a não mais deixar a estrada principal. Caminhava agora lentamente, mantendo o olhar fixo à sua frente, sentindo a cada passo, sob as grossas solas dos sapatos, ranger a areia úmida de chuva. As trevas eram tão densas que, por mais longe que conseguisse olhar, não somente não descobria nenhuma claridade, como também nenhum reflexo, nenhum desses frêmitos visíveis que são, na noite mais profunda, como o brilho da terra viva, a lenta corrupção, até o nascer do dia, do dia destruído. Entretanto, avançava com maior segurança, envolvido, apoiado naquela noite negra que se abria e se fechava às suas costas tão densamente, que parecia pesar. Mas isso, entretanto, não lhe dava angústia. Caminhava com um passo seguro e lento. Embora ordinariamente se aproximasse do confessionário com muito temor e escrúpulo, não se espantava de sentir desta vez um movimento de impaciência quase exultante. A agilidade

de sua reflexão era tal que a experimentava como uma impressão física, uma excitação à flor da pele, a necessidade de se livrar, com a atividade física, de um excesso de pensamentos e imagens, a leve febre que bem conhecem os pensadores e os amantes. Apressou o passo, novamente, sem hesitar. E a noite continua abrindo-se e fechando-se. A estrada se estende e desliza a seus pés, como se o carregasse — reta e fácil, com uma inclinação muito doce... Está alerta, disposto, leve, como depois de um bom sono no frescor da manhã. Eis a última curva. Com um olhar rápido procura a casinha de tijolos rosados, no cruzamento da estrada principal e do caminho pelo qual sem dúvida passara sem perceber. Mas não descobre nada, nem caminho nem casa — e, na vila próxima, nenhuma luz. Detém-se, não inquieto, mas curioso... Então — mas somente então —, no silêncio, ouviu seu coração bater com golpes rápidos e duros. E percebeu que estava banhado de suor.

Ao mesmo tempo, a ilusão que o tinha sustentado até então dissipou-se subitamente, sentiu-se morto de cansaço, as pernas rígidas e dolorosas, os rins dilacerados. Seus olhos, que tinha mantido bem abertos no meio das trevas, estavam agora pesados de sono.

“Vou escalar o barranco”, dizia para si mesmo. “É impossível que não encontre lá em cima o que procuro. O menor sinal permitirá que eu me oriente...”.

Repetia mentalmente a mesma frase com uma insistência estúpida. E sofreu estranhamente em todo seu corpo quando, decidindo-se por fim, subiu de quatro pela grama gelada. Levantando-se, gemendo, deu ainda alguns passos, procurando encontrar a linha do horizonte, girando em volta. E para sua grande surpresa viu-se em um campo desconhecido, cuja terra,

recentemente revolvida, reluzia vagamente. Uma árvore, que lhe pareceu enorme, estendia acima dele seus ramos invisíveis, dos quais apenas ouvia o leve ruído. Depois de um pequeno fosso, que saltou, o chão mais firme e mais claro, entre duas linhas sombrias, revelou-lhe a estrada. Do barranco transposto, nenhum sinal. Por todos os lados a planície imensa, mais adivinhada que entrevista, confusa, no limite da noite, vazia.

Não mais sentia medo; estava menos inquieto que irritado. Entretanto, seu cansaço era tão grande que ficou tomado de frio; tremia sob a batina molhada de suor. Deixou-se deslizar, ao acaso, incapaz de permanecer muito tempo de pé. Depois fechou os olhos. Subitamente, no seio da prostração do sono, uma certa inquietude o invadiu. Antes de poder ser formulada, tomou-o por inteiro. Era como um pesadelo lúcido, que roía pouco a pouco o seu sono, despertando-o gradativamente. Entretanto, mais que semiconsciente, não ousava abrir os olhos. Tinha a certeza absoluta de que o primeiro olhar lançado ao seu redor daria um objeto para seu medo vago e confuso. Qual? Afastando por fim as mãos, cujas palmas mantivera sobre as pálpebras fechadas, sentiu-se por um segundo na iminência de sofrer o choque de uma visão imprevista e terrível. Olhando bruscamente para a frente, percebeu simplesmente que tinha retornado, pela segunda vez, ao ponto de partida, exatamente.

Sua surpresa foi tão grande, tão imediata a própria decepção de seu medo, que ficou ainda por um segundo ridiculamente agachado na lama fria, incapaz de qualquer movimento, de qualquer pensamento. Depois decidiu inspecionar o terreno em torno. Caminhava de um lado para outro, inclinado, às vezes tocando o chão com as mãos, esforçando-se por reencontrar seus

próprios rastos, para segui-los passo a passo até o ponto misterioso em que tinha abandonado o caminho certo para, insensivelmente, voltar para trás. Embora dominasse o medo, já não podia continuar sem descobrir a chave do enigma — e precisava encontrá-la. Vinte vezes tentou romper o círculo, em vão. A certa distância não havia mais rastos e teve que reconhecer que tinha caminhado na relva da margem — espessa demais para que sua passagem deixasse algum traço. Observou também que no raio de alguns metros o chão estava literalmente pisoteado. Um desencorajamento absurdo, um desespero quase infantil encheu-lhe os olhos de lágrimas.

Ninguém foi menos do que o santo de Lumbres o que os modernos denominam, no seu jargão, de emotivo. Pouco a pouco as ilusões e os enganos dessa noite mostraram-se à sua simplicidade como obstáculos a vencer. Uma vez mais retomou o caminho, desceu a encosta, primeiro lentamente, logo mais rápido, e mais rápido ainda, e por fim, correndo. Ainda se considerava senhor de si mesmo, e já não é para seu objetivo que se apressa — é a noite, é seu terror que deixa para trás. Seu último esforço é uma fuga inconsciente. Já não deveria ter alcançado, há muito tempo, a pequena vila inacessível? Cada minuto de atraso é, portanto, um minuto inexplicável.

Novamente os dois barrancos negros aparecem, abaixam-se, aumentam e, quando desaparecem completamente, mal adivinha a planície invisível, enquanto um vento frio e gelado, sem nenhum ruído, golpeia-lhe o rosto... Tem certeza de que já está fora do caminho, sem que consiga compreender em que momento o abandonou. Corre com mais força, impelido para a frente pela descida, as costas arqueadas, a batina desajeitadamente arregaçada sobre as pernas magras —

ridículo fantasma, tão desajeitadamente ativo e gesticulador, através das coisas imóveis. Cabeça baixa, desaba por fim sobre uma muralha mole e fria, que aperta com as mãos; gira docemente sobre o lado, na lama, fechando os olhos. E, antes de abri-los, já compreende que *voltou.*

Não se revolta, ainda. Ergue-se, dando um profundo suspiro, e, com um gesto de ombros, como para ajeitar seu fardo, retoma a caminhada, voltando decididamente para trás. Avança com um passo regular, dócil, na terra que gruda nos seus sapatos, salta as sebes baixas, uma cerca de arame, evita outros obstáculos, tateando, sem voltar a cabeça, infatigável de novo. Não delira mais; aceita como uma aventura ordinária essa viagem tão estranhamente interrompida e não pensa senão em chegar o mais breve possível no presbitério de Campagne, antes do amanhecer. Decidiu simplesmente refazer, ao contrário, sua longa viagem. Se o Padre Menou-Segrais surgisse subitamente diante dele, não há dúvida de que, depois de cumprimentá-lo polidamente, contaria o caso em poucas palavras, como quem relata um contratempo apenas desagradável.

Depois de saltar um último fosso, encontra agora um caminho de terra, muito estreito, mal definido, no meio das plantações. Recorda tê-lo trilhado, talvez — uma ou duas horas antes. Mas *então ele estava só*, é o que lhe parece...

Pois há pouco tempo (por que não o confessaria?) *não está mais só*. Alguém caminha perto dele. É sem dúvida um homenzinho, muito vivo, ora à direita, ora à esquerda, à frente, atrás, do qual mal distingue a silhueta — e que trota inicialmente sem dizer palavra. Numa noite tão escura, não poderiam ajudar um ao

outro? Será preciso conhecerem-se, para caminharem juntos através do enorme silêncio dessa longa noite? — Noite longa, hein? — disse subitamente o homenzinho.

— Sim, senhor — respondeu o Padre Donissan. — Falta muito ainda para o dia.

É certamente um jovem rapaz, pois sua voz, sem nenhum brilho, tem um secreto acento jocoso, verdadeiramente irresistível. Ela acaba de tranquilizar o pobre padre. Chegou a temer que sua breve resposta não agradara ao jovem companheiro, cheio de bom humor. Como uma palavra humana pode ser agradável de ouvir assim, inesperadamente, e como pode ser doce! O Padre Donissan lembra-se de que não tem amigos.

— Acho — diz então o negro e pequeno andarilho — que a escuridão aproxima as pessoas. É uma boa coisa, uma coisa muito boa. Quando não vê nada, o pior sujeito não consegue ser orgulhoso. Suponhamos que me tivesse encontrado ao meio-dia; simplesmente passaria, sem voltar a cabeça... Então, está vindo de Étaples? Sem esperar a resposta, precede rapidamente seu companheiro, levanta para ele um fio de arame farpado de uma cerca invisível, conduze-o polidamente pelo braço, para facilitar a passagem. Depois retoma, com sua alegre voz um pouco surda: — Então está vindo de Étaples, e sem dúvida vai para Cumières?... ou Chalindry?... ou Campagne?...

— Pra Campagne — respondeu o vigário, que, assim, evita mentir.

— Não o acompanharei até lá — retoma ele, num riso entrecortado, numa risada amistosa... — Podemos tomar

um atalho, pelos campos, até Chalindry; conheço todas as cercas; iria até de olhos fechados.

— Agradeço-lhe — diz o Padre Donissan, cheio de gratidão. — Agradeço-lhe a delicadeza e a caridade. Tantos estranhos me deixariam sem socorro; há boas pessoas que têm medo dessa minha pobre batina.

O homenzinho assobia com desdém: — Todos — disse — ignorantes, grosseirões que nem sabem ler. Encontro-os com frequência nos mercados, nas feiras de Calais até Havre. Quantas besteiras dizem! Quantas misérias! Tenho um irmão de minha mãe que é sacerdote, eu mesmo.

Inclinou-se de novo para uma sebe espessa e baixa, eriçada de espinhos; depois de tateá-la, de reconhecê-la, com seus longos braços ágeis, conduziu o vigário pela direita, com uma vivacidade singular, descobriu uma larga brecha nela e, afastando-se para deixá-lo passar: — Você mesmo pode constatar — disse —, não tenho necessidade de ver. Um outro, numa noite como essa, andaria em círculos até o amanhecer. Mas conheço muito bem essa região.

— Mora por aqui? — perguntou quase timidamente o vigário de Campagne (pois, à medida que se afastava da vila em que fora confundido por uma série de acontecimentos inexplicáveis, um terror como que aplacado, surdo, mesclado de vergonha — como a lembrança de um sonho impuro —, penetrara profundamente seu coração, e, afastado agora o ardil, o deixara fraco, hesitante, com o desejo infantil de uma presença segura, certa, de um braço para se apoiar).

— Não moro em nenhum lugar, digamos assim — afirmou o outro. — Viajo por conta de um vendedor de cavalos de Boulonnais. Estava anteontem em Calais: quinta-feira estarei em Avranches. Oh, a vida é dura, e não tenho tempo de criar raízes em nenhum lugar.

— É casado? — perguntou de novo Padre Donissan. Explodiu numa risada: — Casado com a miséria. Onde acha que encontraria tempo para pensar seriamente nisso? Vou, venho, não me prendo a ninguém. Tenho algum prazer por aí.

Calou-se. Depois retomou, embaraçado: — Peço-lhe perdão; não se diz essas coisas para um homem como o senhor. Caminhe bem pela direita: aqui perto tem um buraco cheio d’água. Tal solicitude comoveu novamente o Padre Donissan. Caminha agora com um passo bem rápido, quase sem cansaço. Mas, à medida que o cansaço se dissipa, uma outra fraqueza insinua-se, toma posse dele, penetra sua vontade com um enternecimento tão lânguido, tão pungente! Chegam a seus lábios palavras que sua consciência vagamente controla.

— O bom Deus o recompensará por seu trabalho — diz. — Foi ele quem o pôs em meu caminho, num momento em que a coragem me abandonava. Pois esta noite foi, para mim, uma noite dura e longa, mais dura e mais longa do que possa imaginar.

É compreensível que ele omita ainda a história ingênua, insensata, de sua última aventura. Gostaria de falar, desabafar, contemplar num outro olhar, mesmo que desconhecido, mas amistoso, compassivo, sua própria inquietude, a dúvida que já o assalta, o horrível sonho. Contudo, o olhar que encontra, erguendo os olhos, é mais espantado que compassivo.

— Viajar numa noite sem lua nunca é muito agradável — respondeu evasivamente o estranho. — De Étaples até Campagne, acho que há bem quatro léguas de uma estrada péssima. E sem mim o percurso seria forçosamente mais longo ainda. O atalho nos fez ganhar pelo menos dois quilômetros. Mas eis que chegamos na estrada de Chalindry.

(A estrada, indistinta na noite, avança direta através da planície informe).

— Logo vou lhe deixar continuar sozinho — acrescentou, como que num lamento. — Aliás, tem muita pressa em chegar a Campagne? — Já me atrasei muito — responde o futuro pároco de Lumbres.

— Demais.

— Ia lhe pedir... se fosse possível... preferível, mesmo... esperar o amanhecer comigo, num pequeno barraco que conheço, na beira do bosque de Saugerie; uma cabana de carvoeiros que tem uma lareira, e tudo que é preciso para acender um fogo.

Mas o convite é formulado da boca pra fora. E a hesitação da voz, até esse momento tão clara e tão franca, surpreende o Padre Donissan.

“Ele receia que eu aceite”, pensou com tristeza. “Tem pressa de me afastar do seu caminho, ele também!”.

Essa humilde evidência derrama subitamente em seu coração um rio de amargura. Sua decepção é novamente tão grande, seu desespero, tão repentino, tão veemente, que uma tal desproporção entre a causa e o efeito inquieta até mesmo o que lhe resta ainda de bom senso ou de razão, no meio de seu crescente delírio.

(Mas, se consegue reter certa palavra imprudente, como impedir o rio de lágrimas?).

— Vamos parar um pouco — propõe o comerciante, desviando discretamente os olhos do pobre sacerdote sacudido pelos soluços. — Não se preocupe; é o cansaço, está exausto. Conheço isso: de uma maneira ou de outra, é necessário desabafar.

E acrescenta logo, meio que sorrindo: — Está certo, senhor pároco, vem de longe! Tem muitas léguas nas pernas!...

Estende no chão, no alto de um barranco, seu manto de tecido grosso.

Deita quase à força seu companheiro.

Como o gesto desse rude samaritano é atencioso, delicado, fraterno! Como resistir a essa ternura desconhecida? Como recusar a esse olhar amigo a confidência que espera? E entretanto o miserável padre, tão estranhamente humilhado, resiste ainda, reúne suas últimas forças. Por mais densa que seja a noite que o envolve, por fora e por dentro, julga a si mesmo com severidade, estima-se pueril e covarde, deplora esse ridículo escândalo, o odioso dessas lágrimas estúpidas. Queira ou não, é difícil não relacionar essa aventura, um pouco menos misteriosa, à confusão que, algumas horas antes, atravancou seu caminho, desviou-o incompreensivelmente de seu objetivo... E entretanto, por outro lado, por que esse último encontro não seria um socorro, uma remissão? Não poderia seguir humildemente o conselho do homem de boa vontade que, ajudando-o, pratica, talvez sem poder nomeá-la, a caridade do Evangelho?... Ah, é muito difícil calar-se,

recusar uma mão estendida! Ele tomou essa mão, apertou-a, e logo seu coração aqueceu-se estranhamente em seu peito. O que lhe parecia há pouco, um minuto antes, ingênuo ou perigoso, parece-lhe agora judicioso, necessário, indispensável. A humildade desprezaria algum socorro? — Não sei — começou o vigário de Campagne —, não sei como fazer que compreenda... como me desculpar... Mas para quê?... Assim julgará melhor minha miséria... Ai, meu senhor! É duro pensar que um pobre sacerdote como eu, tão covarde, que se abate com tanta facilidade, tenha ainda a missão de esclarecer o próximo, de animar sua coragem... Quando Deus me abandona...

Balançou a cabeça, fez um esforço para se levantar e, pesadamente, voltou a cair.

— Foi até o fim de suas forças — respondeu calmamente o estranho. — É preciso apenas paciência. Um bom remédio, a paciência, padre... Menos brutal que muitos outros, mas tão seguro quanto eles! — A paciência... — começou o Padre Donissan, com uma voz dilacerante.

— A paciência...

Quase sem pensar, inclinara a cabeça sobre o ombro de seu singular companheiro. Sua mão não tinha abandonado o braço já familiar. A vertigem cingia-lhe a cabeça com uma coroa macia, que entretanto contraía-se pouco a pouco, inflexível. Então desfaleceu, os grandes olhos abertos, falando como num sonho...

— Não! Não foi o cansaço que me prostrou a este ponto. Sou forte, robusto, capaz de lutar por muito tempo (mas não contra todos), não desta forma, na verdade...

Parecia-lhe deslizar para dentro do silêncio, numa queda oblíqua, muito doce. Depois, de súbito, a duração mesma dessa queda espantou-o; mediu sua profundidade. Num gesto instintivo, forte como seu medo, ergueu-se apoiando as duas mãos nos sólidos ombros.

A voz, sempre amistosa, mas que soou terrível em seus ouvidos, dizia: — É só uma tontura... É isso... Nada mais... Apoie-se em mim: não tenha medo! Ah, caminhou demais! Como está cansado! Há um bom tempo que venho lhe seguindo, que o vejo caminhar, meu amigo! Estava na estrada, atrás, quando tentava alcançá-la de quatro... a sua estrada... Ah! Ah! — Não o vi — murmurou o Padre Donissan... — É verdade? Estava mesmo lá? Poderia me dizer...? Não terminou. Recomeçou o deslizamento numa queda cada vez mais acelerada, perpendicular. As trevas em que mergulhava assobiavam em seus ouvidos como uma água profunda.

Afastando as mãos, estreitou com os dois braços os ombros maciços, agarrou-se neles com todas as forças. O torso que apertava era duro e nodoso como um carvalho. Sob o choque, não vacilou nada. E o rosto do pobre sacerdote sentiu o relevo e o calor de um outro rosto desconhecido.

Num segundo, por uma fração quase imperceptível de tempo, todo pensamento abandonou-o — sensível apenas ao apoio que encontrara, à densidade, à fixidez do obstáculo que o retinha assim sob um abismo imaginário. Pesava com todo seu peso numa segurança aumentada, delirante. Sua vertigem, como que dissolvendo-se no fundo de seu peito por um fogo misterioso, escoava lentamente de suas veias.

Foi então, nesse momento mesmo, e subitamente, embora uma certeza tão nova somente se estenda progressivamente no campo da consciência, foi então, como eu dizia, que o vigário de Campagne soube que, aquilo de que fugira todo o tempo naquela noite execrável, tinha afinal encontrado.

Seria o medo? Seria a convicção desesperada de que enfim acontecera o que deveria acontecer, que o inevitável tinha se realizado? Seria essa alegria amarga do condenado que nada mais tem a esperar nem a justificar? Ou seria antes o pressentimento do destino do pároco de Lumbres? Em todo caso, não se surpreendeu muito ao ouvir a voz que lhe dizia: — Segure-se bem... não caia, espere que esse pequeno achaque passe.

Sou seu amigo, mesmo, meu camarada; eu o amo com ternura.

Um braço cingia seus rins de forma lenta, doce, irresistível. Deixou cair a cabeça sem resistência, mergulhando-a no côncavo do ombro e do pescoço, estreitamente. Tão estreitamente que sentia na fronte e nas faces o calor da respiração.

— Dorme aqui, bebê do meu coração — continuou a voz no mesmo tom.

— Segura-me firme, animal estúpido, padreco, meu camarada. Descansa. Eu te procurei muito, te persegui muito. Agora estás aqui. Como tu me amas! Mas como tu me amarás ainda mais, pois não penso em te abandonar, meu querubim, mendigo tonsurado, meu velho companheiro para sempre! Era a primeira vez que o santo de Lumbres ouvia, via, tocava aquele que fora o ignominioso sócio de sua vida dolorosa, e, se dermos

crédito a alguns que foram confidentes ou testemunhas de uma certa provação secreta, que por muitas vezes ainda ouvirá, até sua definitiva libertação! Era a primeira vez, mas o reconheceu sem dificuldade. Foi-lhe mesmo recusado duvidar nesse instante dos seus sentidos ou de sua razão. Pois não era daqueles que servem tão ingenuamente ao carrasco familiar, presente em cada um dos nossos pensamentos, alimentando-nos com seu ódio, sempre com paciência e sagacidade, um porte e um estilo épicos... Qualquer outro, senão o vigário de Campagne, mesmo com igual lucidez, não conseguiria reprimir, numa tal conjuntura, o primeiro movimento do medo, ou pelo menos uma convulsão do asco. Mas ele, contraído de horror, os olhos fechados, como para reunir em seu interior o essencial de sua força, procurando evitar uma agitação vã, toda sua vontade arrancada dele como uma espada da bainha, tentava extinguir sua angústia.

Porém, quando, por uma derrisão sacrílega, a boca imunda comprimiu a sua e lhe roubou o fôlego, a perfeição de seu terror foi tal, que o próprio movimento da vida ficou suspenso, e acreditou sentir seu coração esvaziar-se em suas entranhas.

— Recebeste o beijo de um amigo — disse tranquilamente o negociante de cavalos, apoiando os lábios nas costas da mão. — Eu te enchi de mim mesmo, tabernáculo de Jesus Cristo, querido tolo! Não te assustes por tão pouco: já beijei outros antes, muitos outros. Queres saber? Beijei todos, acordados ou adormecidos, mortos ou vivos. Esta é a verdade. Minhas delícias são estar com vocês, pequenos homens-deuses, singulares, singulares, tão singulares criaturas! Para ser franco, quase nunca me afasto. Vocês me carregam na sua carne obscura, eu, que tive a luz por essência (no triplo recesso

das suas tripas), eu, Lúcifer... Conto vocês. Nenhum me escapa. Reconheceria até pelo cheiro cada animal do meu pequeno rebanho.

Retirou o braço com que ainda estreitava os rins do Padre Donissan e se afastou um pouco, como que para lhe dar espaço para cair. O rosto do santo de Lumbres tinha a palidez e a rigidez de um cadáver. Pela boca, erguida nos cantos numa careta dolorosa que parecia um terrível sorriso, pelos olhos duramente fechados, pela contração de todos os seus traços, exprimia seu sofrimento. Foi com grande dificuldade que se inclinou ligeiramente para o lado. Continuava sentado no manto, numa imobilidade sinistra.

Tendo-o observado com um olhar oblíquo, logo desviado, seu companheiro fez um imperceptível movimento de surpresa. Depois, fungando ruidosamente, tirou do bolso um grande lenço e, com a maior simplicidade do mundo, enxugou o pescoço e as faces.

— Chega de brincadeira, senhor padre — disse ele. — A noite, nesse finalzinho, é terrivelmente fresca, nesta maldita estação! Deu-lhe no ombro um empurrão amistoso, como quem empurra brincando um objeto num equilíbrio instável, ou como as crianças fazem com o boneco de neve que logo se desmancha sob seus gritos. Entretanto, o vigário de Campagne não vacilou e abriu lentamente os olhos. E, sem que nenhum dos traços de seu rosto se distendesse, começou a nascer entre suas pálpebras um olhar negro e fixo.

— Padre! Senhor padre! Ei! Padre!... — clamou o vendedor com voz forte. — Está morrendo, meu amigo! Está frio... Ei! Tomou-lhe as duas mãos com uma de suas largas palmas, e com a outra batia-lhe com leves golpes.

— Levante-se, jumento! De pé, diabos! Assim vai gelar o sangue, com certeza! Deslizou os dedos sob a batina e tateou o coração. Depois, e com uma sucessão de gestos mais rápidos, e por assim dizer instantâneos, tocou-lhe a fronte, os olhos, a boca. Depois, ainda, retomou as mãos entre as suas e soprou nelas seu hálito. Cada um de seus movimentos traía uma pressa um pouco febril, a do artesão que completa um trabalho delicado e teme ser surpreendido pelo final do dia, ou por alguma visita inoportuna. Enfim, de súbito, trazendo as mãos sobre o seu próprio peito, e agitado por um grande estremecimento, como se fosse mergulhado lentamente numa água profunda e gelada, pôs-se bruscamente em pé.

— Sou resistente ao frio — disse. — Resisto *maravilhosamente* ao frio e ao calor. Mas fico espantado em vê-lo ainda aí, nessa lama gelada, imóvel, sentado. Deveria estar morto, garanto... É verdade que estava bem agitado há pouco, na estrada, meu querido amigo... Já eu, estou com frio, confesso...

Sempre estou com frio... Estas são coisas que não me fará facilmente dizer... São, porém, verdadeiras... Sou o próprio frio. A essência de minha luz é um frio intolerável... Mas deixemos isso de lado... Vê na sua frente um pobre homem, com as qualidades e os defeitos da sua condição... um comerciante de potros normandos e bretões... um vendedor de cavalos, como dizem... Vamos deixar isso também! Considere apenas o amigo, o companheiro desta noite sem lua, um bom acompanhante... Não insista! Não pense em obter muitos outros ensinamentos sobre este encontro inesperado. Desejo somente servir-lhe, e que logo me esqueça. Eu não o esquecerei, eu não. Suas mãos fizeram-me muito mal... e também sua fronte, seus olhos e sua boca...

Nunca os reaquecerei mais; eles literalmente gelaram minha medula, gelaram-me os ossos. São as unções, sem dúvida, sua maldita mistura de óleos consagrados, de feitiços. Não vamos falar mais disso... Deixe-me ir... Tenho ainda um longo trecho de estrada. Não estou acabado. Vamos nos separar aqui. Cada um para o seu lado.

Caminhava de um lado para outro, com agitação, com cólera, gesticulando, mas sem se afastar muito. É que o Padre Donissan seguia-o aqui e ali, com seu olhar tenebroso. E agora os lábios não mais se moviam na face imóvel.

O que seu rosto exprimia então, era menos temor que uma ilimitada curiosidade. Poderíamos falar em ódio, mas o ódio acende uma chama no olhar humano. Em horror, mas o horror é passivo, e nenhum ai de angústia ou de desgosto tinha aberto os dentes cerrados por uma resolução selvagem. O vão apetite de saber também não tem essa dignidade soberana. Embora humilde em seu triunfo, a cada instante mais completo e mais seguro, o vigário de Campagne não duvidava que uma vitória sobre um adversário como esse é sempre precária, frágil, de pouca duração. De que vale ver o inimigo a seus pés, à sua mercê? Mas ali está o assassino de almas, do qual deve arrancar algum dos seus segredos.

Subitamente o estranho andarilho se deteve, como se estivesse, nos seus gestos, amarrado por laços invisíveis, como um touro garroteado. Sua voz, que um pouco antes atingira um tom agudíssimo, retomou o acento habitual, e ele pronunciou as seguintes palavras, com uma certa simplicidade: — Deixa-me. Tua prova acabou. Não sabia que eras tão forte. Mais tarde nos veremos, sem dúvida.

Ou, se desejares, nunca mais nos veremos. Desde o último minuto não tenho mais nenhum poder sobre ti.

Retirou do bolso o grande lenço, e enxugou freneticamente o rosto e as mãos. A respiração produzia entre seus lábios um assobio doloroso.

— Não murmura tuas preces. Calado! Teu exorcismo não vale um centavo. Foi tua vontade que não consegui forçar. Ah, que animais singulares vocês são! Olhava para a direita e para a esquerda com uma crescente inquietude.

Logo virou-se subitamente, e escrutou as sombras atrás de si.

— Esses andrajos começam a pesar — disse ainda, agitando violentamente os ombros. — Não me sinto bem neste envoltório de pele... Ordena, e não encontrarás mais nada de mim, nem mesmo o cheiro...

Por um longo momento permaneceu com o rosto entre as mãos, como para recolher forças. Quando ergueu a cabeça, o Padre Donissan, pela primeira vez, viu seus olhos, e gemeu.

Alguém que, com as mãos atadas, no topo de um mastro, perdendo subitamente o equilíbrio gravitacional, visse cavar-se e inflar-se sob seus pés, não mais o mar, mas todo o abismo sideral, e borbulhar a trilhões de léguas a espuma de nebulosas em gestação, através do vazio que nada pode medir e que sua queda vai atravessar eternamente, não sentiria no fundo do peito uma vertigem mais absoluta. Seu coração bateu duas vezes mais furiosamente contra as costelas, e parou. Uma náusea lhe revolveu as entranhas. Os dedos, desesperadamente contraídos, a única coisa viva em seu

corpo petrificado de horror, arranharam o chão como garras. O suor escorria entre seus ombros. O homem intrépido, como que vergado e arrancado da terra pelo enorme apelo do nada, viu-se agora perdido para sempre. E entretanto, no mesmo instante, seu pensamento supremo foi ainda um obscuro desafio.

Logo, de um só impulso, a vida suspensa retomou seu curso nas veias, suas têmporas bateram de novo. O olhar, que continuava fixo no seu, parecia-se com qualquer outro olhar, e a mesma voz falava aos seus ouvidos, como se jamais tivesse calado.

— Vou te deixar — dizia ela. — Não me reverás jamais. Só posso ser visto uma vez. Continua em tua teimosia estúpida. Ah, se soubesses o salário que teu senhor te reserva, não serias tão generoso, pois somente nós (nós, ouve bem), somente nós não somos suas vítimas, e, entre seu amor e seu ódio, escolhemos, por uma sagacidade magistral, inconcebível por seus cérebros de lama, seu ódio... Mas por que te esclarecer sobre isso, cão rastejante, animal submisso, escravo que cria a cada dia um senhor! Abaixando-se com uma agilidade singular, apanhou ao acaso um seixo da estrada, ergueu-o para o céu entre os dedos, pronunciou as palavras da consagração, que finalizou com um alegre relincho... Aliás, isto foi feito com a velocidade de um raio. O eco do seu riso pareceu ecoar até o horizonte. A pedra tornou-se vermelha, branca, e de repente emitiu um brilho furioso. E, sempre rindo, jogou-a na lama, onde ela se apagou com um silvo terrível.

— Isto não passa de um jogo. Um jogo infantil. Nem vale a pena de se ver. Porém, chegou a hora em que devemos nos separar para sempre.

— Vai! — disse o santo de Lumbres. — O que te retém? Sua voz era baixa e tranquila, com um certo frêmito de piedade.

— As pessoas nos recebem com medo — respondeu o outro com uma voz igualmente baixa —, mas não nos abandonam sem perigo.

— Vai! — respondeu docemente o vigário de Campagne.

A medonha criatura deu um pulo, girou várias vezes sobre si mesma com uma incrível agilidade, e depois foi violentamente lançada, como por uma mola irresistível, a poucos metros, os dois braços estendidos, como um homem que tentasse em vão recuperar o equilíbrio. Por mais grotesca que fosse essa cambalhota inesperada, a sucessão dos movimentos, sua violência calculada, e mais ainda sua brusca interrupção, tinham não sei que singularidade que não a tornava engraçada. O obstáculo invisível contra o qual o negro lutador de repente chocou-se certamente não era ordinário, pois, embora tenha tentado se esquivar da batida com uma destreza infinita, no grande silêncio, imperceptivelmente, mas até suas profundezas, o chão tremeu e gemeu.

Ele recuou lentamente, a cabeça baixa, e sentou-se sem ruído, como que humildemente.

— Estou nas suas mãos — disse, erguendo os ombros. — Aproveite desse poder pelo tempo que lhe é dado.

— Não tenho poder nenhum — respondeu o Padre Donissan com tristeza. — Por que me tenta? Não! Essa força não vem de mim, e tu sabes disso. Mas faz um tempo que te observo com algum proveito. Chegou tua hora.

— Isso não faz sentido — replicou o outro, docemente. — Que hora é essa? Ainda existe uma hora pra mim? — Foi-me dado te ver — pronunciou lentamente o santo de Lumbres. — O quanto é possível para o olhar humano, eu te vejo. Te vejo esmagado pela dor, até o limite do aniquilamento, que não te será concedido, ah, criatura supliciada! A essas últimas palavras, o monstro rolou do alto do barranco até a estrada, e contorceu-se na lama, tomado por horríveis espasmos. Depois imobilizou-se, os rins furiosamente arqueados, apoiando-se sobre a cabeça e os calcanhares, como um tetânico. E por fim sua voz ergueu-se, penetrante, aguda, lamentosa: — Basta! Basta! Cão consagrado, carrasco! Quem te ensinou que de tudo que existe no mundo a piedade é o que mais tememos, animal ungido! Faz de mim o que quiseres... Mas se me levares ao extremo...

Que homem não ouviria com terror essa queixa proferida em palavras — mas que não era deste mundo? Que homem não teria ao menos duvidado de sua razão? Mas o santo de Lumbres, os olhos fixos no chão, só pensava nas almas que aquela criatura levara à perdição...

Pelo tempo que durou a oração, o outro continuou a gemer e ranger os dentes, mas com uma força decrescente. Quando o vigário de Campagne levantou-se, calou-se completamente. Jazia, como um despojo.

— O que desejavas de mim nesta noite? — perguntou o Padre Donissan, com a mesma calma com que teria falado com seus familiares.

Do despojo imóvel, uma nova voz ergueu-se: — Temos permissão para experimentar-te, desde hoje até a hora da tua morte. Aliás, o que fiz eu senão obedecer a quem

é mais poderoso? Não me acuses por isso, oh, justo, não me ameaces mais com tua piedade.

— O que desejavas? — repetiu o Padre Donissan. — Não tente mentir.

Tenho como te fazer falar.

— Eu não minto. Responderei. Mas diminui um pouco tua prece. Para quê, se estou obedecendo? Ele me enviou para te experimentar. Queres que te diga com que provação? Vou dizer. Quem te resistirá, oh, meu senhor? — Cala-te! — respondeu o Padre Donissan, com a mesma calma. — A provação vem de Deus. Eu a espero, sem querer saber nada dela, sobretudo de uma tal boca. É de Deus que recebo agora a força que não podes vencer.

No mesmo instante, aquele que estava à sua frente desvaneceu-se, ou antes, suas linhas e contornos confundiram-se numa vibração misteriosa, como os raios de uma roda que gira a toda velocidade. Depois esses traços se refizeram lentamente.

E o vigário de Campagne subitamente viu diante de si o seu duplo, uma semelhança tão perfeita, tão sutil, que seria melhor comparada menos à imagem refletida num espelho que ao singular, único e profundo pensamento que cada um alimenta de si mesmo.

O que dizer? Era sua face pálida, sua batina suja de lama, o gesto instintivo de sua mão ao coração; estava ali seu olhar, e, nesse olhar, ele lia o medo. Jamais sua própria consciência, bastante acostumada ao exame particular, conseguira por si mesma esse desdobramento prodigioso. A mais sagaz observação, voltada para o universo interior, só conseguia captar-lhe um aspecto de

cada vez. E o que descobria o futuro santo de Lumbres nesse momento era o conjunto e o detalhe, seus pensamentos, com suas raízes, seus prolongamentos, a infinita trama que os liga entre si, as menores vibrações de sua vontade, assim como um corpo nu mostraria no desenho de suas artérias e veias o pulsar da vida. Essa visão, ao mesmo tempo una e múltipla, como a de um homem que captasse com o olhar um objeto em suas três dimensões, era de uma tal perfeição que o pobre sacerdote reconheceu-se, não somente no presente, mas no passado, no futuro, reconheceu nela toda sua vida... O quê? Senhor, somos assim transparentes para o inimigo que nos espreita? Somos entregues tão desarmados ao seu calculado ódio?...

Por um momento permaneceram assim, face a face. A ilusão era muito sutil para que o Padre Donissan sentisse propriamente terror. Por mais esforço que fizesse, não lhe era possível distinguir-se de seu duplo, e, entretanto, conservava em parte o sentimento de sua própria unidade. Não. Não era terror, mas uma angústia, com uma ponta tão aguda que a ideia de extinguir aquela aparência, como a um inimigo revestido de sua própria carne, pareceu-lhe quase insensata. Ele, porém, ousou fazê-lo.

— Vai-te, Satã! — disse, os dentes cerrados...

Mas as palavras estrangularam-se em sua garganta, e sua mão tremia ainda, quando a levantou contra si mesmo. Ainda assim, agarrou aquele ombro, sentiu sua espessura sem morrer de medo, apertou-o para quebrá-lo, comprimiu-o com os dedos com um súbito furor. Sua face estava diante dele, diante dele seu próprio olhar, seu sopro sobre sua face, seu calor sob sua palma... Depois, tudo desapareceu.

Do lamentável despojo, ainda prostrado na lama, a voz elevou-se de novo.

— Tu me quebras, tu me mastigas, tu me devoras — gemia ela. — Que homem és tu para aniquilar uma visão tão preciosa antes de a ter simplesmente contemplado? — Não é *disto* que eu preciso — continuou o Padre Donissan. — Que me importa conhecer-me? O exame particular, sem outra luz, basta para um pobre pecador.

Falava assim, embora o pesar da visão perdida ferisse todas as suas fibras. A vertigem de uma curiosidade sobrenatural, agora sem efeito, para sempre, deixava-o ofegante, vazio. Mas ele julgava ter acertado no alvo.

— Chegaste ao limite das tuas artimanhas — disse à coisa fremente que seu pé empurrava para fora da estrada. — Quem sabe quanto tempo ainda tenho? Depressa! Depressa! Inclinou-se até em baixo, menos para aproximar o ouvido que por um gesto instintivo do zelo que o devorava: — Responde, então! — traçou o sinal da cruz, não sobre o objeto, mas sobre seu próprio peito. — Deus te deu minha vida? Devo morrer aqui mesmo? — Não — disse a voz, com o mesmo acento dilacerante. — Não dispomos de ti.

— Nesse caso, viva eu um dia, ou vinte anos, vou arrancar teu segredo. Eu o arrancarei, mesmo que deva seguir-te até onde estão os teus. Não tenho medo de ti! Não tenho medo! Sem dúvida, és de novo obscuro pra mim, mas eu te vi há pouco, oh, supliciado. Já não condenaste almas bastantes? Queres ainda outras vítimas? Estás em minhas mãos. Tentarei o que Deus me inspirar. Pronunciarei palavras de que tens horror. Vou te cravar no centro da minha oração como uma coruja. Ou

renunciarás aos teus projetos contra as almas que me são confiadas.

Para sua grande surpresa, e no instante mesmo em que pensava usar toda sua força, irresistivelmente, viu o despojo agitar-se, inflar, retomar uma forma humana, e foi o jovial companheiro da primeira hora que lhe respondeu: — Tenho menos medo de ti, de ti e das tuas orações, que daquele... — começada com sarcasmo, sua frase terminava com o tom do terror. — Ele não está longe... Eu o farejo há algum tempo... Oh! Oh! Como é duro esse senhor! Tremeu da cabeça aos pés. Depois sua cabeça inclinou-se sobre o ombro, e seu rosto iluminou-se novamente, como se ouvisse afastarem-se os passos do inimigo. Retomou: — Tu me agarraste, mas eu te escapo. Impedir meus projetos! Tu és maluco! Não estou saciado do sangue cristão! Hoje uma graça te foi dada. Vais pagar caro por ela. Vais pagar muito caro por ela! — Que graça? — exclamou o Padre Donissan.

Gostaria de retirar essa frase, mas o outro apossou-se dela. A boca impura teve um frêmito de alegria.

— Assim como viste a ti mesmo há pouco (pela primeira e última vez), também verás... verás... Ah! Ah! — Que queres dizer com isso, mentiroso? — bradou o vigário de Campagne.

Como se o grito da curiosidade, apesar do ultraje, o tivesse subitamente restabelecido em seu equilíbrio, restaurado, o estranho ser ergueu-se lentamente, sentou-se com uma calma afetada, abotoou calmamente seu casaco de couro. O vendedor de cavalos estava no mesmo lugar, como se jamais tivesse saído dali. A mão do futuro santo de Lumbres caiu ao longo do corpo. Coisa estranha! Depois de ter aguentado tantas visões

singulares ou selvagens, mal ousava levantar os olhos para essa aparência inofensiva, esse sujeito tão prodigiosamente semelhante a tantos outros. E o contraste entre essa boca com um acento familiar e o ricto canalha e as palavras monstruosas era tal, que ninguém é capaz de expressar.

— Não escapes tão rápido. Não sejas tão guloso dos nossos segredos. Um futuro próximo provará se menti ou não. Aliás, se tivesses te dado ao trabalho, há um instante, de ver o que eu jogava em teus olhos, poderias te dispensar de me injuriar — ele empregou outra palavra. — Assim como viste a ti mesmo, digo-te eu, assim tu verás alguns outros... Que desperdício um dom desses entregue a um paspalho como tu! Soprou sobre as mãos unidas, fazendo vibrarem os lábios, como um homem com muito frio. Seus olhos riam em sua face avermelhada, e sua extrema mobilidade, sob as pálpebras semicerradas, podia exprimir tanto alegria quanto desprezo. Mas a alegria o arrebatou.

— Ah! Ah! Ah! Que confusão! Que silêncio! — dizia, gaguejando...

— Estavas mais esperto há pouco, terrível para os demônios, exorcista, taumaturgo, santo do meu coração! A cada estouro de riso, o Padre Donissan estremecia, para logo recair numa imobilidade estúpida, o cérebro entorpecido sem formar mais nenhum pensamento.

O outro esfregava vigorosamente as palmas das mãos.

— Que graça?... Que graça?... — repetia imitando comicamente sua vítima... — No combate que travas contra nós, é fácil dar um passo em falso. Tua curiosidade te entrega a mim por um tempo.

Aproximou-se, confidencial: — Ignoram tudo de nós, pequenos deuses cheios de suficiência. Nossa raiva é tão paciente! Nossa firmeza tão lúcida! É verdade que *Ele* nos fez servir aos seus desígnios, pois sua palavra é irresistível. É verdade (por que eu o negaria?) que nosso ataque desta noite parece acabar no meu vexame... (Ah, quando te segurei há pouco, o pensamento d'Ele fixou-se em ti e até teu anjo tremia no torvelinho do relâmpago!). Entretanto, teus olhos de barro não viram nada.

Sacudiu-se num riso relinchante: — Hi! Hi! Hi! De todos os que vi marcados com o mesmo sinal que tens, és o mais pesado, o mais obtuso, o mais compacto!... Cavas teu sulco como um boi, atacas o inimigo como um bode... Da cabeça aos pés, um bom alvo! E sempre o Padre Donissan, sacudido por bruscos frêmitos, seguia-o com o olhar, com um temor mudo. Todavia, alguma coisa como uma prece — mas hesitante, confusa, informe — errava em sua memória, sem que a consciência conseguisse captá-la ainda. E parecia que seu coração contraído aquecia-se um pouco em seu peito.

— Nós te trabalharemos com inteligência — prosseguiu o outro. — Evita fazer-nos mal. Nós te contorceremos em nosso torno. Não há paspalho de que não saibamos tirar partido. Vamos te ressecar. Vamos te definhar.

Aproximava sua cabeça redonda, flamejante de um sangue generoso.

— Eu te estreitei em meu peito; embalei-te nos meus braços. Quantas vezes ainda vais me acariciar, pensando abraçar o *outro* em teu coração! Pois este é o teu sinal. Este é o selo do meu ódio em ti.

Colocou as duas mãos sobre os seus ombros, forçou-o a dobrar os joelhos, fez com que tocasse o chão com os joelhos... Mas, subitamente, com um impulso, o vigário de Campagne lançou-se sobre ele. E só encontrou o vazio e as sombras.

•

Novamente era noite em torno dele, nele. Não se sentia capaz de nenhum movimento. Vivia apenas pelo ouvido, pois escutava as palavras, proferidas ao redor, mas sem consistência, como suspensas no ar, na irrealidade de um sonho. Depois, com um grande esforço, conseguiu perceber que vinham de seres vivos que caminhavam muito perto. Um desses personagens — imaginários ou não — afastou-se. Escutou sua voz diminuir, diminuir também o ruído de seus sapatos na areia. Enfim sentiu que era erguido, sustentado por um braço flexionado cujo forte aperto machucava suas costas. Alguma coisa machucava-lhe ainda os lábios e os dentes. Um jorro ardente atravessou-lhe a garganta e o peito. A escuridão que envolvia seus olhos entreabriu-se. Uma luminosidade difusa nasceu lentamente em seu olhar, definiu-se lentamente. E reconheceu, pousada no chão, a certa distância, uma dessas fortes lanternas como as que têm os pescadores para as noites de ventania. Um desconhecido o sustentava com uma mão e lhe dava de beber pelo gargalo de um cantil de soldado.

— Senhor padre — disse o homem —, não é muito cedo...

— O que deseja? — balbuciou Padre Donissan.

Falava o mais lentamente possível e o mais pausadamente. Mas a visão estava ainda em seus olhos

e o homem fez um movimento de surpresa ou de espanto que pareceu incompreensível ao pobre sacerdote arrasado.

— Sou Jean-Marie Boulainville, pedreiro em Saint-Pré, o irmão de Germaine Duflos, de Campagne. Conheço bem o senhor. Está melhor? Desviava os olhos com um ar de embaraço, mas cheio de piedade.

— Encontrei o senhor na estrada, desmaiado. Um bom rapaz de Marelles, comerciante de potros, voltando da feira de Étaples, tinha encontrado o senhor antes de mim. Nós dois o carregamos.

— Você o viu? — exclamou o Padre Donissan. — Ele está aí! Ergueu-se tão bruscamente, que quase derrubou Jean-Marie Boulainville.

Mas, interpretando à sua maneira um interesse tão singular: — Quer pedir alguma coisa pra ele? — disse aquele homem simples. — Quer que o alcance? Não está longe, com certeza.

— Não, meu amigo — disse o vigário de Campagne. — Não o chame. Aliás, estou me sentindo bem melhor. Deixe-me dar sozinho alguns passos.

Afastou-se, cambaleando. Seu passo foi se firmando aos poucos. Quando se aproximou novamente, estava calmo.

— Você o conhece? — perguntou.

— Quem? — respondeu o outro, surpreso. E, compreendendo logo: — O rapaz de Marelles! — exclamou alegremente. — Se o conheço! No mês passado, na feira de Fruges, vendeu duas potrancas. Assim!... Mas, se confia em mim, senhor padre, vamos

fazer juntos um trecho do caminho. Andando, o senhor logo vai melhorar. Vou por aqui para as pedreiras de Ailly, onde eu trabalho. Daqui até lá, vai vendo como se sente. Se piorar, encontrará um carro com o Sansonnet, na taberna da Pie Voleuse.

— Vamos, então — respondeu o futuro santo de Lumbres. — Já refiz minhas forças. Está tudo bem, meu amigo.

Caminharam um pouco juntos. E foi então que o Padre Donissan conheceu o verdadeiro sentido de certa frase que ouvira: "Um futuro próximo provará se menti ou não".

Iam, primeiro, lentamente, e depois mais rápido, por um caminho bastante difícil, tão cheio de sulcos deixados pelo outono, que as carruagens só o utilizavam, no inverno, durante as fortes geadas. Como estava, era quase impossível andar por ele lado a lado. O pedreiro tomou a dianteira. O vigário de Campagne seguia-o com os olhos baixos, atento aos obstáculos, pisando firme com seus grossos sapatos, muito preocupado em não atrasar o passo de seu companheiro. Seu corpo ainda tremia de frio, de cansaço e de febre, e sua trágica simplicidade já esquecera, em parte, os negros prodígios daquela extraordinária noite. Não era leviandade, sem dúvida, nem um embotamento devido ao extremo cansaço. Ele os afastava voluntariamente, embora sem grande esforço, do pensamento. Adiava ingenuamente seu exame para um momento mais propício, sua próxima confissão, por exemplo. Quantos outros ficariam divididos entre a dupla angústia de terem sido joguetes da própria loucura ou terrivelmente marcados por grandes e sobrenaturais provações! Ele, superado o primeiro terror, aguardava com submissão um novo ataque do mal, e a

graça necessária de Deus. Possesso, ou louco, vítima de seus sonhos ou dos demônios, o que importa, se a graça lhe foi prometida e seguramente será dada?... Esperava a visita do consolador com a segurança cândida de uma criança que, chegada a hora da refeição, ergue os olhos para o pai, e cujo coraçãozinho, mesmo na extrema miséria, não pode duvidar do pão cotidiano.

Tinham percorrido juntos, em uma hora, na direção das pedreiras de Ailly, mais de três quartos do caminho. Não conhecia a estrada e tomava muito cuidado para não se desviar nem para a direita, nem para a esquerda. Às vezes seu pé deslizava: o lodo limoso saltava em seu rosto e o cegava. Essa contínua tensão de espírito, somada a uma espécie de resistência interior, a vigilância instintiva sobre uma imaginação já sobrecarregada, desviavam seu pensamento de uma certa sensação nova, indefinível, que lhe seria bastante difícil analisar, mesmo tendo experimentado seu gosto. Pouco a pouco essa sensação ficou tão viva — ou, melhor dizendo (pois ela o solicitava com particular doçura), tão persistente, tão contínua — que por fim o perturbou. Vinha de fora ou do seu interior? Era, no fundo do peito, um calor quase imaterial, uma dilatação do coração. E era também alguma coisa a mais, uma realidade tão próxima, tão forte, que por um momento pensou que o dia tinha nascido, ou que brilhava o luar. Por que, porém, não ousava erguer os olhos? Pois caminhava sempre fixando a terra, as pálpebras quase fechadas, não percebendo nenhuma luz, nenhum ref lexo, senão a imperceptível reverberação da água lamacenta. E, entretanto, poderia jurar que estava atravessando uma luz doce e amiga, uma poeira dourada. Sem o confessar, sem talvez nem o crer, temia levantar a cabeça e ver se dissipar tanto sua ilusão quanto sua alegria. Não temia essa alegria, sentia que não podia fugir-lhe sem tê-la

reconhecido, como tinha fugido de tantas outras. Era solicitado, não constrangido; chamado. Esquivava-se fracamente, sem remorso, certo de que cedo ou tarde cederia à força imperiosa, mas benfazeja. “Vou andar ainda dez passos”, dizia para si mesmo. “Depois outros dez, os olhos baixos. Depois mais dez ainda...”. Os tacões do pedreiro soavam alegremente no chão agora mais firme, mais seco. Escutava-os com um extremo enternecimento. Compreendia pouco a pouco que aquele homem era certamente um amigo, que uma estreita amizade, uma amizade celeste, de uma celeste lucidez, os unia, tinha-os unido desde sempre. Vieram-lhe lágrimas aos olhos. Assim se encontravam dois eleitos, nascidos um para o outro, numa clara manhã, nos jardins do Paraíso.

Tinham chegado à encruzilhada de duas estradas; uma, em suave declive, levava ao vilarejo; a outra, marcada pelas carroças, descia para as pedreiras. Ouviam-se ao longe o canto de um galo e vozes de homens; outros pedreiros, sem dúvida, apressando-se para o trabalho matutino... Foi nesse momento que o Padre Donissan ergueu os olhos.

Era o seu companheiro que estava à sua frente? A princípio, não acreditou. O que tinha diante dos olhos, o que percebia com o olhar, com uma certeza fulgurante, seria um homem de carne? A noite mal lhe permitira divisar nas sombras a silhueta imóvel, e, entretanto, tinha ainda a impressão daquela luz doce, igual, viva, refletida em seu pensamento, verdadeiramente soberana. Era a primeira vez que o futuro santo de Lumbres assistia ao silencioso prodígio que lhe seria mais tarde tão familiar, e parecia-lhe que seus sentidos não o aceitavam sem resistência. Como o cego de nascença que subitamente descobre a luz, estende para a coisa

desconhecida seus dedos trêmulos e se espanta por não poder tocar-lhe a forma nem a espessura. Como o jovem sacerdote poderia ser introduzido sem resistência nesse novo modo de conhecimento, inacessível aos outros homens? Viu diante dele seu companheiro, sem dúvida o via, embora não distinguisse seus traços, embora procurasse em vão sua face ou suas mãos... E ainda assim, sem nada temer, via a extraordinária claridade com uma confiança serena, uma fixidez calma, não para penetrá-la, mas certo de estar sendo penetrado por ela. Um longo tempo passou — foi o que lhe pareceu. Na verdade, foi apenas um instante. E subitamente ele compreendeu.

"Assim como viste a ti mesmo há pouco", tinha lhe dito a medonha testemunha. Era assim. Ele via. Ele via com seus olhos de carne o que é oculto à mais penetrante visão — *à mais sutil intuição* —, à mais consistente educação: uma consciência humana. Claro, nossa própria natureza nos é, parcialmente, dada; conhecemo-nos, sem dúvida, um pouco mais claramente do que aos outros, mas cada um tem que *descer* em si mesmo, e à medida que desce, as trevas se adensam até o obscuro núcleo, o eu profundo, onde se agitam as sombras dos ancestrais, onde ruge o instinto, como uma água subterrânea. E eis que... eis que esse miserável sacerdote encontrava-se subitamente transportado ao mais íntimo de um outro ser, sem dúvida naquele ponto mesmo onde pousa o olhar do juiz. Tinha consciência do prodígio, e estava maravilhado por esse prodígio ser tão simples, e sua revelação, tão doce. Essa penetração na alma, que um outro não imaginaria sem relâmpagos e trovões, agora que se realizava, não o amedrontava mais. Talvez se espantasse de que a revelação tenha chegado tão tarde. Sem poder exprimi-lo (e não soube exprimi-lo jamais), sentia que esse conhecimento estava

de acordo com a sua natureza, que a inteligência e as faculdades de que se orgulhavam os homens tinham pouca participação nele, era apenas e simplesmente a efervescência, a expansão, a dilatação da caridade. Incapaz de se julgar digno de uma graça singular, excepcional, na sinceridade de seu humilde pensamento já estava a ponto de se acusar de ter retardado, por sua culpa, essa iniciação, de não ter ainda amado as almas o bastante, pois ainda não as tinha conhecido. Pois fazê-lo era tão simples, no fundo, e o objetivo tão próximo, uma vez escolhido o caminho! O cego, quando tomou posse do novo sentido que lhe foi dado, não se espanta mais ao tocar com o olhar o distante horizonte que antes só atingiria com um extremo trabalho, através dos barrancos e matagais.

O pedreiro continuava à sua frente, em seu passo tranquilo. Por um instante, surpreendentemente, o Padre Donissan foi tentado a juntar-se a ele, a chamá-lo. Mas foi só por um instante. Essa alma subitamente descoberta enchia-o de respeito e de amor. Era uma alma simples e sem história, atenta, cotidiana, ocupada com pobres preocupações. Mas uma humildade soberana, assim como uma luz celeste, banhava-a com seu reflexo. Que lição, para esse pobre sacerdote atormentado, obcecado pelo medo, a descoberta desse justo ignorado de todos e de si mesmo, submisso ao seu destino, aos seus deveres, aos humildes amores de sua vida, sob o olhar de Deus! E um pensamento veio-lhe espontaneamente, acrescentando ao respeito e ao amor uma espécie de temor: *Não teria sido por causa dele, e somente dele, que o outro tinha fugido?*

Gostaria de se deter, sem arriscar romper a delicada e magnífica visão. Procurava em vão a palavra que deveria ser dita. Mas parecia-lhe que qualquer palavra seria

indigna. Essa majestade do coração puro calava as palavras em seus lábios. Seria possível, seria possível que através da multidão humana, misturado aos mais grosseiros, testemunha de tantos vícios que sua simplicidade não julgava, seria possível que esse amigo de Deus, esse pobre dentre os pobres, se tivesse preservado na retidão e na infância, que ele suscitasse a imagem de um outro artesão, não menos obscuro, não menos desconhecido, o carpinteiro de aldeia, guardião da Rainha dos Anjos, o justo que viu o Redentor face a face, e cuja mão firme manejou a plaina e a garlopa, dedicado a contentar a clientela e a ganhar honestamente seu salário? Ah, por um lado essa lição seria vã! A paz que jamais conhecerá, esse sacerdote foi escolhido para dá-la aos outros. É enviado somente aos pecadores. O santo de Lumbres continuou seu caminho em inquietudes e em lágrimas.

Chegaram à encruzilhada das estradas antes que o Padre Donissan encontrasse uma palavra. Saboreava aquela doçura; esgotava-a, no pressentimento de que seria uma das preciosas etapas de sua miserável vida. E também já estava pronto a abandoná-la como a tinha recebido, a deixá-la em silêncio.

O pedreiro parou e, alisando o boné: — Chegamos, senhor padre — disse. — Seu caminho segue em frente: uma légua e meia. Já está melhor? Senão, acompanharei o senhor até a casa do Sansonnet.

— Não precisa, meu amigo — respondeu o vigário de Campagne. — O caminho de volta me fez bem. Então, me despeço.

Por um instante, pensou em revê-lo, mas logo lhe pareceu preferível deixar o cuidado de um novo encontro

à mesma vontade que tinha preparado o primeiro. Também quis abençoá-lo. Mas não ousou fazê-lo.

Observou-o uma última vez. Pôs nesse olhar todo o amor que iria dispensar a tantos outros. E esse olhar o humilde companheiro não o viu. Apertaram-se as mãos, tateando.

•

A estrada abria-se novamente diante do Padre Donissan. Ele a reconheceu. Ia depressa, muito depressa. Primeiro, agradecia a Deus, sem uma palavra, pelo que lhe tinha sido permitido ver. Caminhava como se ainda estivesse envolvido por aquela luz que conhecera. Não era uma presença, e era mais que uma lembrança. Como quando nos afastamos de uma canção que ouvíamos há muito tempo.

Ai, era o eco de uma misteriosa harmonia que se ia enfraquecendo, que ele não ouviria mais, nunca mais! O prolongamento de sua alegria durou pouco. Cada passo, aliás, parecia afastá-lo dela; mas quando, com um gesto ingênuo, parou, ela pareceu fugir ainda mais rapidamente. Curvou-se, e continuou.

Pouco a pouco a paisagem ainda indecisa da primeira hora da alba foi tornando-se familiar. Reencontrava-a com tristeza. Cada objeto reconhecido, os hábitos retomados um a um, tornavam mais incerta e mais vaga a grande aventura da noite. Muito mais depressa do que pensara, ela perdia seus detalhes e contornos, recuava no sonho. Assim atravessou a aldeia de Pomponne, transpôs o povoado de Brême, subiu a última encosta. Enfim, percebeu lá embaixo, no côncavo da colina, o

sinal de repente tão próximo: a luz da pequena estação de Campagne.

Deteve-se, ereto, ofegante, a cabeça nua, trêmulo em sua batina endurecida pela lama, não sabendo agora se era de frio ou de vergonha, e com os ouvidos cheios de rumores.

Nesse momento, a vida cotidiana o tomou com tanta força, e tão bruscamente, que num minuto não lhe restou nada, absolutamente nada, em seu espírito, de um passado todavia tão próximo. Esse brutal esfacelamento foi sentido sobretudo como uma dolorosa diminuição de seu ser.

“Então eu sonhei?”, disse para si mesmo. Ou antes, esforçou-se para pronunciar essas sílabas, para articulá-las dentro do silêncio. Seria para abafar uma outra voz, que, com muito mais clareza, com uma terrível lentidão, perguntava, em seu interior: “Estou louco?”.

Ah, o homem que sente fugirem, como através de um crivo, sua vontade, sua atenção, depois sua consciência, enquanto seu interior tenebroso, como a pele revirada de uma luva, parece subitamente estar para fora, sofre uma agonia amaríssima, num instante que nada é capaz de medir. Mas esse — pobre sacerdote! —, se duvida, não é somente de si, duvida de sua única esperança. Perdendo-se, perde um bem mais precioso, divino, o próprio Deus. Sob a última luz de sua razão, mede a noite em que vai perder seu grande amor.

Jamais ele esquecerá o lugar do novo combate. Chegando ao último cume, a estrada curva-se bruscamente, e descerra uma estreita faixa de terreno, onde se ergue um olmo centenário. A aldeia está à

direita, na última ondulação da colina, embaixo. Às luzes da estação ferroviária, vermelhas e verdes, responde o vago clarão no céu do forno de Josué Thirion, o padeiro. A pálida luz do dia ainda se arrasta por trás do horizonte, impalpável.

À esquerda do Padre Donissan, abre-se outro caminho de terra, numa descida rápida, que leva aos fundos do castelo de Cadignan. Logo ele se embrenha, entre ralos matagais, e assemelha-se assim mais com uma ravina, ou com um sulco d’água. É uma mancha de sombra nas sombras. O vigário de Campagne involuntariamente mergulha nele o seu olhar. O vento faz entre as moitas um ruído de seda amarrotada, com súbitos silêncios. Da terra úmida, às vezes uma pedra escapa e rola. E subitamente, nesse murmúrio... um ruído destaca-se entre todos os outros, na solitária manhã — o frêmito de um corpo vivo, que se ergue, aproxima-se...

— Olá! — diz uma voz de mulher, muito jovem, mas abafada, um pouco trêmula. — Ah, estou ouvindo seus passos faz um tempo! *Então o senhor voltou, afinal?*

— Quem é a senhorita, mesmo? — perguntou docemente o Padre Donissan.

Em pé, à beira do barranco, sua alta silhueta apenas visível sobre o fundo mais pálido e movediço do céu, ele seguia com um olhar triste e como que interior a pequena sombra abaixo dele, entre as muralhas de argila. Dessa sombra misteriosa, a poucos passos, e aproximando-se constantemente, não conhecia nada, embora soubesse já com uma certeza calma, absoluta, plena de silêncio, que *aquilo* que subia e pisava docemente na lama era o último e supremo ator dessa noite inesquecível...

— Ah, é apenas o senhor! — disse a Senhorita Malorthy, com uma espécie de careta dolorosa.

Para enxergá-lo, tinha ficado nas pontas dos pés, chegando à altura do seu ombro. O pequeno rosto crispado só refletia uma terrível decepção. Em um instante, a cólera, o desafio, um desespero cínico transpareceram um a um e com uma tal clareza, uma tal profundidade em seus traços, que essa figura infantil não tinha mais idade. Foi então que seus olhos encontraram o estranho olhar fixado sobre ela. Mas conseguiram sustentá-lo. E guardavam ainda sua chama, o arco distendido da boca exprimindo unicamente uma ansiedade plena de raiva.

Pois aquele olhar não se desviara um instante. Sempre prudente, mesmo no desvario da loucura, ela perscrutava sua expressão, com a desconfiança que lhe era habitual. Até então, o jovem sacerdote que, segundo a expressão do Doutor Gallet, "revirava as cabeças fracas de Campagne", fora sua menor preocupação. Ao encontrá-lo ali, àquela hora, era grande sua surpresa. Por *outras razões*, sua decepção não era menor. Mas, um pouco mais cedo, não teria duvidado em assustá-lo, ou ao menos em provocar sua cólera. E agora lia em seu olhar uma imensa piedade.

Não essa piedade que não passa de um disfarce do desprezo, mas uma piedade dolorosa, ardente, embora calma e atenta. Nada revelava medo, nem mesmo surpresa, ou o menor espanto, na face inclinada para ela, um pouco caída sobre o ombro, pois ela só conseguia ver-lhe a face. O olhar escondia-se sob as pálpebras, e, quando ela tentou encontrá-lo, percebeu que se tinha abaixado pouco a pouco até o seu peito, como se o

homem de Deus, desdenhando as luzes vãs da pupila humana, pudesse ver baterem os corações.

Não se enganava completamente. De novo ele tinha ouvido o apelo doce e forte. Depois, como o brilho de uma luz secreta, como o fluxo através dele de uma fonte inesgotável de claridade, uma sensação desconhecida, infinitamente sutil e pura, sem nenhuma mistura, chegava pouco a pouco até o princípio mesmo da vida, transformava-o em sua própria carne. Assim como um homem morrendo de sede abre-se inteiramente ao frescor agudo da água, ele não sabia se o que lhe havia como que transpassado de um lado a outro era prazer ou dor.

Conheceria nesse instante o preço do dom que lhe era dado, ou esse dom mesmo? Aquele que, por toda a vida, através de tantos debates trágicos, em que sua vontade às vezes pareceu fraquejar, preservou esse poder com uma lucidez soberana, sem dúvida jamais teve dele uma clara consciência. É que nada parecia menos à lenta investigação da experiência humana, quando ela vai de um fato observado a outro fato observado, hesitando constantemente, e quase sempre estancando no caminho, isto quando não é vítima de sua própria sagacidade. A visão interior do Padre Donissan, precedendo qualquer hipótese, impunha-se por si mesma; mas, quando essa súbita evidência derrotava seu espírito, a inteligência já conquistada só encontrava lentamente, e através de rodeios, a razão dessa certeza. Como o homem que desperta perante uma paisagem desconhecida, vista de repente à luz do meio-dia, quando seu olhar já se apoderou de todo o horizonte, só sai gradativamente de seu sonho.

— O que quer de mim? — disse brutalmente a Senhorita Malorthy. — Isto é hora de incomodar as pessoas? Ria com um riso malvado, mas era um riso falso, e ele o sabia muito bem. Ou, antes, talvez nem mesmo o ouvia. Pois, mais alto do que qualquer voz humana, gritava-lhe a dor sem esperança que a consumia.

— Eu vinha pela estrada de Sennecourt — continuou ela, volúvel —, mas tomei um desvio para Corzargues. O senhor se espanta, mas é muito natural: não posso dormir à noite... Não tenho outra razão... Mas o senhor — disse com repentina cólera —, um santo homem do bom Deus, não é de se esconder no canto das cercas para surpreender as moças... A menos que...

Ela buscava no rosto incômodo o menor traço de irritação ou de embaraço que pudesse provocar de novo seu riso, mas esse riso extinguiu-se em sua garganta, pois não viu nada, absolutamente nada que lhe permitisse pensar que fora ao menos ouvida. E assim, retomando a palavra, seu olhar desmentia agora sua voz, que ainda zombava: — Parece que não gostou da brincadeira. Fazer o quê? Gosto de rir... É proibido? Já ri tanto! Suspirou, depois retomou, em outro tom: — Ótimo. Não temos muita coisa a dizer, né? Para descer por um declive do caminho, passou adiante dele e, deslizando pela encosta, recuperou o equilíbrio pousando suas cinco pequenas garras sobre a manga negra.

Por que se deteve de novo? Que dúvida a manteve imóvel ainda por um momento? E, sobretudo, por que pronunciou outras palavras, que, no seu interior, no mesmo instante renegava? — Hein? Está pensando: “Acaba de deixar seu amante; volta para casa de madrugada”?... Não está totalmente errado.

Seus olhos, furtivamente, percorreram o horizonte. À sua direita, os grandes pinheiros da Noruega, de folhagem negra, formavam uma massa sombria e sonora sobre o céu oriental, já pálido. Não era a primeira vez que ela ouvia sua áspera voz.

O Padre Donissan pousou docemente a mão sobre o seu ombro, e disse simplesmente: — Quer me acompanhar um pouco pelo caminho? Desceu o barranco e tomou, sem hesitar, a direção do povoado de Tiers, voltando as costas para o castelo de Cadignan e à própria aldeia. O caminho estreitava-se pouco a pouco, e não podiam seguir lado a lado.

Jamais o coraçãozinho de Mouchette bateu mais forte em seu peito do que no instante em que, sem forças ainda para resistir ou mesmo fingir, ouviu soarem atrás de si os grossos sapatos. Deram assim alguns passos, em silêncio. A cada uma de suas largas passadas, o vigário de Campagne, literalmente caminhando sobre os calcanhares, forçava-a a se apressar. Depois de um instante essa pressão pareceu tão insuportável a Mouchette que a espécie de medo que a paralisava sumiu. Saltando ligeiramente sobre o barranco, fez-lhe sinal para passar.

— Não tem nada a temer — disse o Padre Donissan. — E eu não vou interrogá-la. Não tenho nenhuma curiosidade. Apenas estou feliz por tê-la encontrado hoje, depois de tantos dias perdidos. Mas não é tarde demais.

— É até um pouco cedo — respondeu a Senhorita Malorthy, afetando reprimir um riso agudo.

— Não procurei a senhorita — continuou o Padre Donissan. — Peço-lhe perdão. Para encontrá-la fiz um

longo desvio, um muito longo desvio, um desvio bem singular. Por que me recusa o que lhe peço: um momento de diálogo, que será sem dúvida cheio de consolações pra nós dois? Ela ergueu os ombros, e não fez nenhum gesto para segui-lo. Entretanto, hesitava para se decidir, detida por uma inquietude que não sabia ainda que era uma esperança secreta.

Tinha deixado seus primos de Remangey na véspera. O carro a conduzira até Faulx, onde pediu que lhe deixassem, por volta das sete horas da noite. Deveria jantar na casa de sua amiga Suzanne Rabourdin, no café Jovem França, e fazer a pé — dizia ela —, depois de comer, os quatro ou cinco quilômetros que a separavam de Campagne. Depois de sua última doença, embora seu parto tenha permanecido secreto, alguns de seus parentes não ignoravam que tinha padecido gravemente de uma “doença nervosa”. A “doença nervosa” é, para essa gente simples, incurável, e quem é atingido por ela fica decididamente incluído na categoria dos pobres diabos que, conforme a amarga e impiedosa expressão, “têm um parafuso a menos”. Por essa razão, há vários meses raramente alguém se opunha às suas fantasias. Tinha então deixado o café Jovem França, tendo recusado a companhia do jovem Rabourdin. Mesmo tendo tomado a estrada bem tarde, poderia facilmente chegar em Campagne antes das dez da noite, mas, atravessando a estrada principal de Étaples, tinha, *conforme um hábito já antigo*, se desviado um pouco para contornar o parque de Cadignan. Por quanto tempo, sem nenhum temor, mas apenas remoendo suas lembranças, os dois punhos sob o queixo, encostada à cerca, os pés na lama, tinha pesado os prós e os contras, como sempre, com um cérebro frio e um coração ardente? Vencida, arrancada de seu sonho, tida para sempre como uma pobre garota obsedada por vãos fantasmas — condenada à perpétua

piedade —, despojada de tudo, mesmo de seu crime... E o único consolo de sua alma selvagem era ainda rever, à mesma inesquecível hora, esta estrada, que tinha percorrido em uma noite única, a barreira agora fechada, a curva misteriosa da avenida, e lá embaixo — bem no fundo — as grandes paredes cheias de silêncio, onde velava o morto inútil, sua muda testemunha.

O vigário de Campagne esperou a resposta por um longo minuto, sem dar sinais de impaciência, mas sem parecer duvidar de que seria obedecido. Por contraste, sua voz ficava cada vez mais humilde e doce, quase tímida, enquanto sua atitude exprimia uma crescente autoridade. E subitamente, sem mudar de tom, acrescentou estas palavras inesperadas, que a Senhorita Malorthy sentiu como que explodirem em seu coração: — Eu queria simplesmente afastá-la logo, pois sabe muito bem que o morto que espera *não está mais aqui*.

O estupor de Mouchette revelou-se apenas por um grande frêmito, que, aliás, reprimiu imediatamente. E não foi o medo que fez seus lábios tremerem às primeiras palavras que pronunciou, quase ao acaso: — Um morto? Que morto? Ele retomou, com a mesma calma, adiantando-se para seguir caminho, enquanto ela andava docilmente atrás dele: — Somos péssimos juízes em causa própria, e com frequência alimentamos a ilusão de certas faltas para melhor desviar os olhos do que em nós está completamente podre e deve ser rejeitado sob pena de morte.

— Que morto? — repetiu Mouchette. — De que morto está falando? E agarrava maquinalmente sua batina, enquanto cada passo do seu companheiro a empurrava, ofegante e gaguejante, para a borda do barranco. O ridículo dessa perseguição, a humilhação de perguntar,

de quase implorar, eram amargos para seu orgulho. Mas ela sentia também algo como uma alegria obscura. Falava ainda quando saíram do caminho e chegaram à planície. Logo reconheceu o lugar.

Era, a duzentos metros das primeiras casas de Trilly, a pequena encruzilhada cercada por cercas-vivas, com magras tílias plantadas à moda antiga. No primeiro domingo de agosto, na festa campal, os feirantes ali instalam suas pobres barracas sobre rodas, e músicos amadores às vezes tocam para as meninas dançarem.

Estavam de novo face a face, como no primeiro momento em que se encontraram. A triste aurora errava no céu, e a alta silhueta do vigário pareceu à Senhorita Malorthy ainda mais alta quando, com um gesto soberano, com uma força e uma doçura inexprimíveis, avançou para ela e, tendo levantado sobre sua cabeça sua manga negra: — Não se espante com o que vou lhe dizer: e principalmente não veja nisso nada que possa excitar o espanto ou a curiosidade de ninguém. Eu mesmo não passo de um pobre homem. Mas, quando o espírito de revolta estava em você, vi o nome de Deus escrito no seu coração.

E, abaixando o braço, traçou com o polegar, sobre o peito de Mouchette, duas cruzes.

Ela deu um ligeiro salto para trás, sem encontrar palavras, com um espanto estúpido. E quando não ouviu mais em si mesma o eco daquela voz, cuja doçura a tinha transpassado, o olhar paternal acabou de confundi-la.

Tão paternal!... (Pois ele mesmo tinha provado o veneno e saboreado sua longa amargura).

A língua humana não pode ser forçada o bastante para exprimir em termos abstratos a certeza de uma presença real, pois todas as nossas certezas são deduzidas, e a experiência não é, para a maioria dos homens, no entardecer de uma longa vida, senão o final de uma longa viagem em torno do seu próprio nada. Somente a evidência lógica brota da razão, somente lhe é dado o universo das espécies e dos gêneros. Nenhum fogo, a não ser o divino, força e funde o gelo dos conceitos. E, entretanto, o que se descortina nessa hora ao olhar do Padre Donissan não é um signo ou uma figura: é uma alma viva, um coração fechado para todos! Nem no instante de seu extraordinário encontro ele seria capaz de justificar com palavras a visão exterior de um brilho sempre igual, e que se confunde com a luz interior de que está ele mesmo saturado. A primeira visão da criança é também tão plena e tão pura que o universo que acaba de perceber não se distingue inicialmente do frêmito de sua própria alegria. Todas as cores e todas as formas desabrocham juntas em seu riso triunfal.

Quando mais tarde o interrogavam sobre esse dom de ler nas almas, ele primeiro o negava, e quase sempre obstinadamente. Às vezes também, temendo mentir, explicava-se mais claramente, mas com um tal escrúpulo, um cuidado de precisão tão simples, que sua palavra era frequentemente, para os curiosos, uma nova decepção. Assim algum devoto aldeão interpretaria o êxtase e a união com Deus de Santa Teresa ou de São João da Cruz. É que a vida só é confusão e desordem para quem a contempla de fora. Assim, o homem sobrenatural está à vontade na altura a que o amor o transporta, e sua vida espiritual não comporta nenhuma vertigem quando ele recebe dons magníficos, sem se preocupar em defini-los e sem tentar nomeá-los.

— O que o senhor vê? — perguntavam ao santo homem. — Quando vê? Qual o aviso? Qual o sinal? E ele repetia com uma voz de menino estudioso a quem escapa o texto da cartilha: — Tenho piedade... Apenas tenho piedade! Quando encontrara a Senhorita Malorthy na estrada, vendo diante de si apenas uma sombra quase indiscernível, uma violenta piedade já tomava seu coração. Não é assim que uma mãe acorda sobressaltada, com a certeza de que seu filho está em perigo? A caridade das grandes almas, sua sobrenatural compaixão, parecem transportá-las de um golpe ao mais íntimo dos seres. A caridade, como a razão, é um dos elementos do nosso conhecimento. Mas, se ela tem suas leis, suas deduções são fulminantes, e o espírito que deseja segui-las percebe apenas o seu brilho.

O olhar que o homem de Deus baixara sobre Mouchette, a qualquer outra talvez tivesse feito cair de joelhos. E é verdade que ela ficou, por um momento, hesitante e como que enternecida. Mas então lhe veio um apoio — jamais esperado em vão — de um senhor cada dia mais atento e mais duro; sonho outrora mal distinguível de outros sonhos, desejo um pouco mais áspero, voz entre mil outras vozes, agora real e viva; companheiro e carrasco, ora lamentoso, lânguido, fonte de lágrimas, ora exigente, brutal, ávido por dominar, e depois ainda, no minuto decisivo, cruel, feroz, inteiramente presente em um riso doloroso, amargo; outrora servo, agora senhor.

Aquilo brotou dela repentinamente. Uma cólera cega, um desejo de desafiar esse olhar, de fechar-lhe a própria alma, de humilhar a piedade que sentia suspensa sobre ela, de esmagá-la, de conspurcá-la. O impulso lançou-a, tremendo toda, não aos pés, mas à face do juiz, em seu silêncio soberano.

Não encontrou inicialmente nenhuma palavra; como exprimir esse transporte selvagem? Apenas repassava em seu espírito, mas com uma rapidez e uma clareza sobre-humanas, as decepções capitais de sua curta vida, como se a piedade desse sacerdote fosse o seu termo e o seu coroamento... Por fim pôde articular, com uma voz quase ininteligível: — Odeio o senhor! — Não se envergonhe — disse ele.

— Guarde os seus conselhos — gritou Mouchette. (Mas ele a atingira com tal precisão que sua cólera foi como que frustrada). — Nem sei o que está querendo dizer! — Com certeza, outras provações a esperam — continuou ele —, mais rudes... Que idade tem? — perguntou-lhe, depois de um silêncio.

Há algum tempo o olhar de Mouchette traía uma surpresa, meio decepcionada. Ao ouvir esta última frase, fez um violento esforço e sorriu.

— Deveria saber, já que sabe tantas coisas...

— Até agora viveu como uma criança. Quem não tem piedade de uma criancinha? E estes são os pais deste mundo! Ah, veja só, Deus nos assiste até nas nossas loucuras! E, quando um homem se ergue para maldizê-lo, é ainda Ele que sustenta essa mão débil! — Uma criança — disse ela —, uma criança! Crianças de coro como eu não encontrará muitas em suas sacristias; elas não usam sua água benta. Os caminhos por onde andei, não queira conhecê-los jamais.

Pronunciou estas últimas palavras com uma ênfase um pouco cômica.

Ele respondeu, tranquilamente: — O que encontrou no pecado que valesse tanta pena e tanta confusão? Se a

busca e a posse do mal contêm uma certa alegria horrorosa, esteja certa de que um outro a extraiu para si mesmo, e bebeu-a até o último gole.

O Padre Donissan deu ainda um passo em sua direção. Nada em sua atitude exprimia uma emoção excessiva, nem o desejo de impressionar. E, entretanto, as palavras que pronunciou paralisaram Mouchette, e reboaram em seu coração.

— Abandone esse pensamento — disse ele. — Diante de Deus, não é culpada desse assassinato. Ainda mais porque naquele momento sua vontade não era livre. É como um joguete, como a bolinha de uma criança nas mãos de Satã.

Não lhe deu tempo para responder, e ela também não encontrava palavra nenhuma para dizer. Ele já a conduzia, sempre falando, pela estrada de Desvres, a grandes passos, entre os campos desertos. Ela o seguia. Tinha de segui-lo. Ele falava, como jamais tinha falado, com jamais falaria, mesmo em Lumbres e na plenitude dos seus dons, pois era sua primeira presa. O que ela ouvia não era a sentença de um juiz, não algo que ultrapassasse seu entendimento de animalzinho obscuro e selvagem, mas, com uma terrível dor, sua própria história, a história de Mouchette, não dramatizada por um encenador, enriquecida de detalhes raros e singulares — mas, ao contrário, resumida, reduzida a nada, vista de dentro. Como o pecado que nos devora deixa à vida pouca substância! O que ela via consumir-se ao fogo da sua palavra era ela mesma, nada escapava à chama implacável e aguda, que chegava até o último recanto, até a última fibra da sua carne. À medida que se erguia ou diminuía a formidável voz, que lhe chegava às entranhas, sentia crescer ou decrescer o calor de sua

vida; essa voz a princípio distinta, com palavras cotidianas, que seu terror acolhia como um rosto amigo em um sonho medonho, e depois cada vez mais confundida com o testemunho interior, o murmúrio dilacerante da consciência abalada em sua fonte profunda, de modo que as duas vozes formavam um único lamento, como um só jato de sangue vermelho.

Mas quando ele silenciou, ela sentiu que ainda vivia.

•

Esse silêncio prolongou-se por muito tempo, ou ao menos por um tempo impossível de medir, indiscernível. Depois, a voz — mas vinda de tão longe! — chegou novamente aos seus ouvidos.

— Sossegue — dizia. — Não abuse das suas forças. Já falou demais sobre isso.

— Demais? O que foi que eu falei? Não falei nada.

— Nós falamos — retomou a voz. — E falamos mesmo por muito tempo.

Veja como o céu está claro: acabou a noite.

— Eu falei? — repetiu ela, com um tom suplicante.

E de repente (assim como no despertar vem da memória, com uma brutal evidência, o ato cometido): — Eu falei! — exclamou. — Eu falei! Na aurora cinza, reconheceu o rosto do vigário de Campagne. Exprimia um cansaço infinito. E seus olhos, onde a chama tinha agora se apagado, pareciam como que saciados da visão misteriosa.

Ela sentia-se tão fraca, tão desarmada, que lhe pareceu não poder dar mais nenhum passo, nem para aproximar-se dele, nem para evitá-lo. Hesitou.

— É possível? — disse ainda. — Com que direito?...

— Não tenho nenhum direito sobre você — respondeu ele, com doçura.

— Se Deus...

— Deus! — começou ela Mas lhe foi impossível terminar. O espírito de revolta estava como que embotado nela.

— Como você se debate nas Suas mãos — disse ele, tristemente. — Vai escapar novamente? Eu não sei...

Com uma voz muito humilde, depois de um novo silêncio, ele acrescentou: — Poupe-me, minha filha! Sua palidez era espantosa. A mão que ele erguera para ela caiu desajeitadamente, e seu olhar desviou-se.

E ela já fechava com impaciência seus pequenos punhos.

Ele a viu, tal como a tinha entrevisto nas sombras, uma hora antes, com esse rosto de criança envelhecida, contraído, irreconhecível. A inutilidade de seu grande esforço, a vã dispersão das sublimes graças que tinham sido prodigalizadas, ali, naquele lugar, a inexorável previsão, apertaram-lhe o coração.

— Deus! — exclamou ela, com um riso duro...

A lívida aurora crescia pouco a pouco em volta deles, e só viam o seu reflexo patético sobre seus rostos. À sua direita o povoado mal emergia das brumas, no côncavo

das colinas, compondo uma paisagem de desolação. Na imensa planície, ao longe, solitário, subia um delgado filete de fumaça, sobre um teto invisível.

Então o riso de Mouchette calou-se. A chama instável do seu olhar extinguiu-se. E subitamente, lamentosa, extenuada, obstinada, ela de novo implorou: — Não quero ofender o senhor... Mas não me mentiu há pouco? Eu não disse nada. O que eu lhe teria dito? Parece-me que dormia. Eu dormi? Ele parecia não ouvir. Ela insistiu: — Não recuse... Não pode me recusar uma resposta... Para saber, eu me submeto ao que quiser.

Jamais a voz da estranha menina tinha se feito tão humilde, tão suplicante. Ele ainda não respondeu.

Ela recuou alguns passos, observou-o longamente, ardentemente, as sobrancelhas tensas, a testa baixa; e subitamente: — Confessei tudo! — disse ela. — O senhor sabe tudo! Mas, logo, refazendo-se: — E quando seria isso? Não tenho medo de nada. Que me importa?...

Mas diga... Ah, diga-me, o que fez? Eu realmente falei sonhando? Em seu extremo esgotamento, sua indomável curiosidade já a lançava em uma nova aventura. O sangue subia às suas faces. Seus olhos recuperavam sua chama sombria. E ele a contemplava com piedade, ou talvez com desprezo.

Pois, para sua grande surpresa, a visão tinha se dissipado, dissolvido. Sua lembrança era muito viva, muito precisa para que duvidasse dela. As palavras que trocaram ainda soavam em seus ouvidos. Mas as trevas tinham voltado. Por que não obedeceu então ao movimento interior que lhe ordenava esquivar-se sem demora? Diante dele, estava apenas uma pobre criatura

refazendo apressadamente a trama, por um instante desfeita, de suas mentiras... Mas ele, por um minuto — uma eternidade! —, por um esforço quase divino, não tinha sido libertado de sua própria natureza? Foi o desespero desse poder perdido? Ou a ânsia de reconquistá-lo? Ou a cólera de ver novamente rebelde a miserável criança que estava há pouco à sua mercê? Fez um gesto com os ombros, de uma enorme brutalidade.

— Eu te vi! — tratada por “tu”, ela ardeu de raiva. — Eu te vi como talvez nenhuma criatura como tu tenha sido vista antes nesta Terra! Eu te vi de tal maneira que não podes me escapar, com todas as tuas astúcias. Pensas que teu pecado me causa horror? Mal ofendeste a Deus mais que um animal. Carregas apenas falsos crimes, como carregaste apenas um feto. Procura! Revolve teu lodo: o vício de que te orgulhas apodreceu há muito tempo, a cada hora do dia teu coração se partia de desgosto. De ti mesma, só vieram sonhos vãos, sempre frustrados. Achas que mataste um homem... Pobre menina! Tu o livraste de ti. Destruíste com tuas mãos o único instrumento possível da tua abominável libertação. E, algumas semanas depois, rastejavas aos pés de um outro que não o merecia. Este lançou teu rosto por terra. Tu o desprezas e ele te teme. Mas não podes escapar dele.

— ... Não posso... escapar... dele... — gaguejou Mouchette. Seu terror e sua raiva eram tamanhos que em sua face, de uma excessiva mobilidade, agora endurecida, desenhava-se uma sinistra serenidade.

— Tenho certeza de que posso — disse, por fim. — Quando eu quiser. Pensaram que estava louca: e o que eu fiz para provar que não? Esperava estar pronta, só isso.

Ele pousou tão violentamente a mão sobre o seu ombro que ela vacilou.

— Jamais estarás pronta. Só roubas de Deus o pior: a lama de que és feito, Satã! Achas que és livre? Só serias livre em Deus. Tua vida...

Ele respirou profundamente, como um lutador para fazer um grande esforço. E já brilhava em seus olhos a mesma chama de lucidez sobre-humana, desta vez desprovida de qualquer piedade. Tinha reconquistado à força o dom perigoso, num impulso desesperado, capaz de fazer violência até mesmo aos Céus. A graça de Deus tinha-se feito visível aos seus olhos mortais; eles só viam agora o inimigo, incrustado em sua presa. E já também a pálida figura de Mouchette, como que encolhida pela angústia, abismada no mesmo sonho, cujo reflexo odioso os seus olhares reverberavam.

— Tua vida repete outras vidas, todas iguais, vividas na superfície, no mesmo nível das manjedouras onde o gado come seu grão. Sim! Cada um dos teus atos é o signo de um desses de que provéns, covardes, avarentos, luxuriosos e mentirosos. Eu os vejo. Deus me permite vê-los. É verdade que te vi neles, e eles em ti. Ah, como nosso lugar aqui na Terra é perigoso e pequeno! Como nosso caminho é estreito! E começou a dizer coisas mais singulares ainda, mas abaixando a voz, com uma grande simplicidade.

Como reproduzi-las aqui? Era ainda a história de Mouchette, maravilhosamente confundida com outras velhas histórias esquecidas há muito tempo, além das que jamais foram conhecidas. Antes que compreendesse o seu sentido, Mouchette sentiu seu coração comprimir-se, como numa descida brusca, e essa surpresa que faz o

mais insensato dos homens hesitar no umbral de uma caverna profunda e secreta. Depois ouviu uma série de nomes, familiares ou apenas objetos de uma vaga lembrança, cada vez mais numerosos, iluminando-se uns aos outros, até que a trama mesma da narrativa surgisse como um todo. Humildes fatos da vida cotidiana, sem nenhum brilho, tomados em sua mais banal malícia — como seixos em sua bainha de lama —, mornos segredos, mornas mentiras, mornos desatinos do vício, mornas aventuras que um nome de súbito pronunciado iluminava como um farol, recaindo depois nas trevas em que o espírito nada consegue distinguir, mas que uma espécie de horror sagrado denunciava como um enxame de vidas obscuras. Enquanto Mouchette, uma vez mais, sentia-se arrastada contra a sua vontade e sua razão, era esse horror mesmo que vivia e pensava por ela. Pois na fronteira do mundo invisível a angústia é um sexto sentido, e dor e percepção tornam-se uma coisa só. Esses nomes, que pronunciava um após outro a voz novamente soberana, ela os reconhecia de passagem; nem todos, porém. Eram os dos Malorthy, dos Brissaut, dos Paully, dos Pichon, antepassados e antepassadas, negociantes irrepreensíveis, boas donas de casa, que amavam os seus bens, jamais falecidos sem testamento, honra das câmaras de comércio e dos escritórios de notários. (Tua tia Suzanne, teu tio Henri, tuas avós Adèle e Malvina ou Cécile...). Mas o que narrava aquela voz, com um acento único, poucos ouvidos jamais escutaram — a história compreendida de dentro —, a mais oculta, a mais protegida, e não como acontecera no encadeamento dos efeitos e das causas, dos atos e das intenções, mas reduzida a alguns fatos capitais, às faltas fundamentais. E é certo que a inteligência de Mouchette, por si só, captou pouquíssimas coisas desse relato, cuja espantosa elipse teria frustrado os mais lúcidos. Onde a voz encontrava seu eco, não era em sua própria carne,

que cada uma das suas faltas tinha marcado, enfraquecida no instante mesmo em que fora concebida? Ao ver esses mortos e essas mortas saindo completamente nus de suas mortalhas, ela não sentia nada do que se pode chamar de surpresa. Escutava essa revelação sobre-humana com um coração abismado de angústia, porém sem verdadeira curiosidade nem estupor. Parecia que já a tinha escutado, *ou mais do que isso*. Mentiras caluniosas, ódios longamente alimentados, amores vergonhosos, crimes calculados pela avareza e pelo ódio, tudo se recompunha nela paulatinamente, como se recompõe, no estado de vigília, uma cruel imagem de sonho. Jamais! Nunca, jamais mortos foram tão brutalmente arrancados do pó, lançados fora, abertos. A cada palavra, a cada nome pronunciado, como na superfície de uma bolha de lama, alguma coisa subia do passado para o presente — ato, desejo, ou às vezes, mais profundo e mais íntimo, um único pensamento (pois ela não estava morta com o morto), mas tão íntimo, tão profundo, tão selvagemente arrancado que Mouchette o recebia com um gemido de vergonha. Não distinguia mais a voz impiedosa de sua própria revelação interior, mil vezes mais rica e mais ampla. Aliás, mais rápidos que qualquer palavra humana, esses inumeráveis fantasmas que se erguiam de todos os lados simplesmente não poderiam ser nomeados; entretanto, como através de uma tempestade de sons ergue-se a dominante irresistível, uma vontade ativa e clara acabara de organizar esse caos. Em vão Mouchette, com um gesto ingênuo de defesa, levantava diante do inimigo suas mãozinhas. Enquanto um outro sonho, logo fixado a sangue-frio, esquiva-se e se dispersa, este aproximava-se dela, como uma tropa que se reúne para atacar. A multidão, um instante antes tão numerosa, na qual tinha reconhecido todos os seus, encolhia-se pouco a pouco. Rostos sobrepunham-se uns aos outros, compondo um

único rosto, que era o do próprio vício. Gestos confusos fixavam-se numa única atitude, que era o gesto do crime. Mais ainda: às vezes o mal não deixava de sua presa senão um amontoado informe, em plena dissolução, inchado de seu veneno, digerido. Os avarentos formavam uma massa de ouro vivo, os luxuriosos, um monte de entranhas. Por toda parte o pecado rompia seu invólucro, deixava ver o mistério de sua geração: dezenas de homens e mulheres atados às fibras do mesmo câncer, e os terríveis laços se retraindo, como os tentáculos decepados de um polvo, até o núcleo do próprio monstro, a falta inicial, ignorada de todos, num coração de criança... E, subitamente, Mouchette viu-se como jamais tinha visto a si mesma, nem mesmo naquele momento em que tinha sentido quebrar-se o seu orgulho: alguma coisa dobrou-se nela na mais irreparável dobradura, e depois abismou-se numa fuga obscura. A voz, sempre baixa, mas com um tom vivo e ardente, tinha como que a despojado, fibra a fibra. Ela duvidava ser, ter sido. Toda abstração, em seu espírito, toma uma forma, e pode ser estreitada ao peito ou rejeitada. Mas o que dizer dessa dobradura da própria consciência? Tinha-se reconhecido nos seus, e, no paroxismo do delírio, não se distinguia mais da manada. O quê? Nenhum ato de sua vida que não tivesse algures o seu duplo? Nenhum pensamento que lhe pertencesse pessoalmente, nenhum gesto que não tivesse sido há muito tempo traçado? Não semelhantes, mas os mesmos! Não repetidos, mas únicos. Sem que pudesse traduzir em palavras inteligíveis nenhuma das evidências que acabavam de destruí-la, sentia em sua miserável vidinha a imensa trapaça, o riso imenso do trapaceiro. Cada um desses ancestrais derrisórios, de uma monótona ignomínia, tendo reconhecido e farejado nela seus bens, vinha retomá-lo; ela abandonava tudo. Ela entregava tudo e era como se essa manada tivesse vindo comer na sua

mão sua própria vida. O que disputar com eles? O que retomar? Até mesmo sua revolta era deles.

Então ela se levantou, golpeando o ar com suas mãos, a cabeça lançada para trás, depois de um ombro a outro, absolutamente como um afogado que afunda. O suor escorria sobre seu rosto, e também uma torrente de lágrimas, enquanto seus olhos, que a visão interior devorava, não ofereciam ao vigário de Campagne senão um metal frio. Nenhum grito saía de seus lábios, embora parecesse vibrar em sua garganta muda. Esse grito, que não se ouvia, impunha, contudo, sua forma à boca contraída, ao pescoço dobrado, aos magros ombros, aos rins recurvados, a todo o corpo, como que puxado para cima por um apelo desesperado... Por fim, ela fugiu.

•

Até a primeira curva da estrada julgou que não apressara o passo, embora já estivesse quase correndo. No fim da descida, quando as sebes desfolhadas e os troncos de macieira aglomerados lhe serviram de abrigo, pôs-se a fugir com toda a velocidade de suas pernas. À entrada de Campagne, entretanto, deixou a estrada principal e por instinto tomou o atalho deserto àquela hora, e que lhe permitiu chegar, sem ser vista, até o jardim de sua casa. Não pensava claramente em nada, não desejava nada a não ser a solidão, atrás de uma porta bem fechada, protegida, sozinha. Lá fora, o horizonte familiar, o próprio céu, pertenciam ao seu inimigo. Seu terror, ou, melhor dizendo, sua desordem era tal que, se simplesmente surgisse a ocasião, teria pedido ajuda a qualquer um, até a seu pai.

Mas a ocasião não surgiu. A cozinha estava vazia. Subiu a escada de quatro em quatro degraus, empurrou o

ferrolho, jogou-se atravessada na cama; logo se recompôs, como se tivesse levado uma picada, correu até a janela, abriu as cortinas e, deparando-se com o próprio olhar na vidraça, deu para trás um salto de animal surpreso.

— És tu, Germaine? — perguntou por trás da parede a Senhora Malorthy.

Somente o espelho conheceu esse novo olhar de Mouchette, o ríctus frenético de seus lábios. Respondeu com uma voz baixa e calma: — Sou eu, mamãe.

E, antes que a velha senhora dissesse qualquer palavra, encontrou sem hesitar, sem sequer pensar, a nova mentira, que não era totalmente inverossímil: — O primo Georges me trouxe de carro até a aldeia de Viel. Ele ia no mercado de Viel-Aubin.

— A est’hora? — Ele saiu bem cedo, porque tinha que embarcar os porcos. Precisava aproveitar a ocasião, ou voltar a pé.

— Não comeste — respondeu a velha. — Vou te fazer um pouco de café.

— Justamente porque não dormi, me deitei — disse Mouchette. — Pode deixar.

— Abre, então — retomou a Senhora Malorthy.

— Não! — gritou selvagemente Mouchette.

Mas, recompondo-se logo, com sua vozinha seca e dura, que fazia sua mãe estremecer: — Só preciso é dormir. Boa noite.

E quando ouviu diminuir, na curva da escada, o ruído dos sapatos, seus joelhos dobraram-se: agachou-se no canto sombrio, sem palavra, sem olhar. O perigo atual engendra unicamente o medo, que enche de estupor o covarde. Seu medo adormece, não morre. O terror desperta mais tarde, quando a consciência entorpecida pouco a pouco toma conhecimento e posse de seu hóspede sinistro. O julgamento atinge o condenado como a pedra de uma funda, e os guardas que o reconduzem à cela jogam sobre o catre uma espécie de cadáver. Mas, quando abre os olhos, na noite profunda e doce, o miserável compreende subitamente que é um estrangeiro entre os homens.

Raramente Mouchette dedica um tempo para se observar com alguma solicitude: não encontra nenhum prazer nisso. Sobre este assunto, sua inexperiência é enorme: assemelha-se à candura. Por mais longe que remonte ao passado, só conheceu escrúpulos e remorsos de modo vago — o medo do perigo, ou seu desafio —, a consciência obscura de estar por um momento fora da lei, o instinto muito atento do animal longe de sua toca, num lugar desconhecido. Nesse minuto mesmo, só a preocupa o perigo misterioso entrevisto alguns instantes antes, a vontade que dominou a sua, o sacerdote ridículo, conhecido de todos, cumprimentado nas ruas, familiar, que a viu dobrar os joelhos.

Essa lembrança é ainda tão forte que expulsa todas as outras: ela chocou-se contra um obstáculo, e o obstáculo era esse padre. Outrora, uma tal evidência teria despertado sua cólera e tecido as mil tramas de sua astúcia. O que a retém desta vez, o rosto colado no chão, é a cruel surpresa de não sentir no fundo do coração humilhado nada mais que um amargo desgosto.

Por um momento — um único momento — vem-lhe a ideia (mas tão confusa que sequer é formulada): destruir o obstáculo, repetir o gesto assassino. Ela a descarta imediatamente: pareceu-lhe vã e grotesca, como essas quimeras perseguidas em sonhos. Ninguém mata por causa de algumas palavras obscuras. Esta é a razão que dá para si mesma; mas é mais verdadeiro dizer que, atingindo-a em seu orgulho, o rude adversário secou a fonte que alimentava sua vitalidade.

O perigo antes a excitaria; o odioso não a deteria. Ela teme somente alguma coisa que poderia ser o ridículo, ou a piedade. Como acontece às vezes, as palavras que lhe vêm imediatamente aos lábios, sem que as procure, exprimem seu profundo temor: “Pensariam que estou completamente louca”, murmurava.

Louca!... Deteve aqui por muito tempo seu pensamento. Até então, mesmo no hospício de Campagne, não duvidara de sua razão. Desde o primeiro momento de lucidez, escutava discutirem seu caso com uma irônica curiosidade. O que sabiam, esses senhores, da terrível aventura? — Quase nada, o essencial continuava sendo o seu segredo. Era, entre esses novos espectadores, o que desejara ser, sempre semelhante à sua personagem favorita, uma jovem perigosa e secreta, com um singular destino, uma heroína entre covardes e tolos... Entretanto, hoje, neste instante...

O que justificava seu terror? Na curva da estrada deserta, deixara atrás de si apenas um jovem padre, que já encontrara várias vezes, aparentemente inofensivo, e mesmo um pouco bobo. Ele, sem dúvida, falara. Mas o que disse de tão grave? Nesse ponto, o esforço que fazia para recompor-se, dominar-se, não pode prosseguir. A cada minuto, porém, parece-lhe mais claro que foi vítima

de alguma artimanha. Teve medo por causa de um certo número de frases vagas, de alusões aparentemente pérfidas — mas talvez inocentes, erroneamente interpretadas. Quais? Uma palavra dita de passagem sobre o crime já antigo, quase esquecido, uma palavra dita antes para tranquilizá-la: “Diante de Deus, não é culpada desse assassinato...”. (Por mais que repita estas palavras, não reencontra a raiva humilhada que, então, trabalhava-lhe tão poderosamente o coração). E mais o quê? Censuras, exortações para deixar o mau caminho... (Não recorda claramente de nenhuma). E enfim... (aqui, sua memória dá um giro) certa revelação singular que a perturbou tanto que, vindo-lhe a angústia apenas por causa dela, não saberia dizer por quê, encolheu-se no canto do muro, o rosto sobre os joelhos, toda arrepiada de frêmitos, batendo os dentes. Ali! *Ali está o segredo*. Foi então que fugiu. Esse vazio medonho cavou-se então em seu peito. É possível? É possível, no entanto, que tenha fugido com uma fuga tão desesperada de vagas narrativas, sem dúvida tomadas das crônicas do povoado, sobre ela e sobre os seus? É verdade que acreditou nelas, e ela sabe delas o suficiente para ter certeza de que, a partir de certo momento, não poderia mais não acreditar nelas. Sem dúvida a mesma presença e as mesmas palavras a convenceriam novamente. E depois disso? Alguma vez temera o ódio dos tolos? Mas que novidade teria trazido aquele padre? O terror que a lançou fora de si mesma para jogá-la aqui, trêmula, não veio dele. Ela é apenas a vítima de um sonho... e esse sonho que ela carrega adormecido pode ressuscitar de repente... Ah! Ah! Eis que seu coração já bate e ressoa, enquanto o suor escorre por seus ombros. A onda de angústia agita-a, a medonha carícia gelada gruda-se em sua garganta. O urro que solta chega até a extremidade da praça, e faz as próprias paredes estremecerem.

Está deitada de bruços ao pé da cama. O edredom deslizou sobre ela, e cravou seus dentes nele, o que lhe deixou a boca cheia de penugem. Nada mais perturba o silêncio, e ela percebeu de repente que gritou apenas em sonho. No momento, com todas as forças que lhe restam, retém, recusa um novo grito. Pois, num lampejo, viu-se reconduzida ao hospício, a porta fechada para ela, desta vez decididamente louca — louca a seus próprios olhos —, confessa... Começou a gemer baixinho, depois se calou.

Às vezes, quando a própria alma se dobra em seu invólucro de carne, a mais vil criatura deseja o milagre, e, se não sabe rezar, ao menos por instinto abre-se a Deus, como uma boca se abre para respirar. Mas é em vão que a miserável menina recorre, para resolver o enigma que se propõe, ao que lhe resta de vida. Como elevar-se por suas próprias forças à altura a que de repente fora conduzida pelo homem de Deus, e de onde agora caíra? Da luz que a traspassou inteiramente — pobre animalzinho obscuro — só resta uma dor desconhecida, de que morreria sem compreendê-la. Ela se debate, a arma resplandecente em pleno coração, e a mão que a penetrou desconhece sua crueldade. Quanto à divina misericórdia, ela a ignora, e não conseguiria sequer imaginá-la... Quantos outros se debatem assim, inutilmente estreitados ao peito do anjo cuja face entreviram e logo esqueceram! Os homens observam com curiosidade algum deles agitar-se, marcado por esse sinal, e se espantam ao vê-lo ora frenético na busca do prazer, ora desesperado na sua posse, passeando sobre todas as coisas um olhar ávido e duro, no qual o próprio reflexo do que deseja já se apagou! Duas longas horas, ora curvada sobre si mesma, imóvel, ora retorcendo-se no chão numa raiva convulsiva e muda, depois tomada por um sono terrível, acreditou estar verdadeiramente

perdendo a razão, descer um a um os negros degraus. Seu destino se desenhava linha por linha: ela percorria suas etapas. Era como uma sequência de quadros fulgurantes. Contava suas personagens imaginárias, escrutava os seus rostos, ouvia suas vozes. A cada imagem buscada, suscitada voluntariamente, desfeita, sentia literalmente estremecerem seus sentidos e sua razão, como um frágil navio ao vento; sempre sua dor lúcida sobrepujava tudo. Fazia deliberadamente crescerem em si mesma as potências da desordem, invocando a loucura como outros invocam a morte. Mas, por um instinto profundo, quase inconsciente, proibia-se a única manifestação exterior que poderia aniquilar suas forças: não soltava nenhum grito, abafava mesmo o lamento; um só testemunho de seu delírio seria o bastante para que perdesse o chão. Sabia disso; e não o permitia. À medida que a resistência interior, a despeito de si mesma, fortificava-se, seus gestos adquiriam uma agitação artificial, sua raiva extenuava-se por sua própria violência. Tornava-se gradativamente a espectadora da própria loucura. Quando se viu novamente respirando com força, como ao retornar de um grande sonho, uma calma espantosa restabeleceu-se em sua alma, e sua decepção foi total, absoluta. Era como a queda brusca do vento sobre um mar encapelado, numa noite negra.

A mesma coisa ignorada lhe faltava, sempre; faltava à sua vida. Mas o quê? Qual? Em vão enxugava suas faces dilaceradas pelas unhas, seus lábios mordidos; em vão olhava através das vidraças a luz da aurora; em vão repetia com sua triste voz sem timbre: “Acabou... Acabou!”. A verdade surgia diante dela; a evidência apertava-lhe o coração; até a loucura recusava-lhe seu asilo tenebroso. Não! Não estava louca, não ficaria louca jamais. Essa coisa que lhe faltava, ela a tivera — mas onde? Quando? De que maneira? E agora estava certa de

que há pouco tinha representado a comédia da demência para mascarar, para esquecer — ao preço que fosse — seu mal verdadeiro, incurável, desconhecido.

(Ah, por vezes Deus nos chama com uma voz tão insistente e tão doce! Mas, quando ele se retira subitamente, o urro que se eleva da carne frustrada é de espantar o Inferno!).

Foi então que invocou — do fundo de si, do mais íntimo de si —, com uma invocação que era como um dom de si mesma, Satã.

Mas, quer ela o tenha nomeado ou não, ele viria somente na sua hora e por um caminho oblíquo. O astro lívido, mesmo implorado, raramente surge do abismo. Ela também não saberia dizer, em sua semiconsciência, que oferenda fazia de si mesma, nem a quem. Aquilo veio-lhe de súbito, ergueu-se menos de seu espírito que de sua pobre carne maculada. A compunção, que o homem de Deus tinha suscitado nela por um momento, não era mais que um sofrimento entre seus tantos sofrimentos. O minuto presente era todo angústia. O passado, um poço negro. O futuro, outro poço negro. O caminho pelo qual outros vão passo a passo, já o tinha percorrido; por pequeno que fosse seu destino, comparado ao de tantos pecadores lendários, sua malícia secreta tinha esgotado todo o mal de que era capaz — com uma única falta — a última. Desde a infância, sua busca voltava-se para ele, cada desilusão tornando-se um pretexto para um novo desafio. Pois ela o amava.

Onde o Inferno encontra seu maior proveito não é no rebanho dos agitados que espantam o mundo com delitos retumbantes. Os maiores santos não são sempre os santos milagrosos, pois o contemplativo vive e morre

geralmente ignorado. Ora, o Inferno também tem os seus claustros.

Eis então sob nossos olhos essa mística ingênua, pequena serva de Satã, Santa Brígida do nada. Exceto um assassinato, nenhuma marca deixaram seus passos sobre a Terra. Sua vida é um segredo entre ela e seu senhor, ou antes, um segredo apenas de seu senhor. Ele não a buscou entre os poderosos, suas núpcias consumaram-se no silêncio. Ela foi até o fim, não passo a passo, mas aos saltos, e agora o toca, sem ter percebido que já estava tão próxima. Vai receber seu salário. Ah, não há homem que, tomada sua decisão e aceito o remorso antecipadamente, não se lance ao mal, ao menos por um minuto, com uma clara cupidez, como para esgotar-lhe a maldição, cruel sonho que faz gemerem os amantes, enlouquece o assassino, ilumina com um último clarão o olhar do miserável decidido a morrer, o pescoço já cingido pela corda, quando o pé empurra a cadeira com um golpe furioso... É assim, mas com uma força multiplicada, que Mouchette deseja em sua alma, sem nomeá-lo, a presença do cruel Senhor.

Ele veio logo, súbito, sem nenhum debate, espantosamente calmo e seguro. Por longe que chegue sua imitação de Deus, nenhuma alegria poderia provir dele, mas, bem superior às volúpias, que chegam somente às entranhas, sua obra-prima é uma paz muda, solitária, gelada, comparável à deleitação do nada. Quando esse dom é ofertado e recebido, o anjo que nos guarda desvia com estupor sua face.

Ele veio e, logo que chegou, a agitação de Mouchette cessou por milagre, seu coração bateu lentamente, o calor retornou aos poucos, o corpo e a alma tornaram-se uma espera firme e calculada — sem impaciência inútil

— de um acontecimento a partir de agora certo. Quase ao mesmo tempo, seu cérebro o imagina, realiza-o plenamente. E ela compreendeu que chegara a hora de se matar — sobretudo sem nenhuma demora, *naquele instante mesmo*.

Antes que seus membros fizessem qualquer movimento, seu espírito já fugia pela estrada da libertação. Lançou-se atrás dele. Coisa estranha: seu olhar continuava perturbado e hesitante. Toda sua vida sensível estava na extremidade dos seus dedos, na palma das suas ágeis mãos. Abriu a porta sem nenhum ruído, empurrou a do quarto do pai (a essa hora sempre vazio), pegou a navalha em seu lugar habitual, abriu-a completamente. E já estava de novo em seu quarto, diante do espelho, nas pontas dos seus pezinhos, o queixo lançado para trás, a garganta estendida, oferecendo-se... Fosse qual fosse sua intenção, não deslizou a lâmina, enterrou-a ferozmente, conscientemente, e ouviu-a ranger em sua carne. Sua última lembrança foi o jato de sangue morno a escorrer pela mão até a dobra do braço.

IV

Foi na igreja, na sacristia, cuja chave trazia sempre no bolso, que o Padre Donissan aguardou a hora da missa, que celebrou como de hábito. Há alguns dias o Senhor Menou-Segrais estava de cama, sofrendo de uma crise mais violenta de asma. Em torno das dez e meia, olhando para a estrada, divisou seu vigário e surpreendeu-se. Mas já os grossos sapatos ressoavam nas lajotas do vestíbulo, depois na escada. Por fim, detrás da porta, a voz, sempre firme e calma, perguntou: — Posso entrar, senhor deão? — É claro! — exclamou o pároco de Campagne, intrigado. — Agora mesmo.

Voltou com dificuldade a cabeça, afundada entre dois enormes travesseiros no encosto da grande poltrona. O rosto do padre surgiu-lhe pouco distinto na penumbra do quarto (as cortinas ainda estavam semicerradas). O que viu desmentia suficientemente a calma afetada da voz. Mas não exprimiu seu espanto senão por uma piscadela de pálpebras, sobre o olhar agudo.

— Que surpresa! — começou com muita doçura. — Como é que já está de volta? Preferiu não lhe oferecer uma cadeira, sabendo por experiência que, em pé, com os braços caídos, o embaraço do pobre sacerdote dobrava sua timidez natural, aumentando seu poder sobre ele.

— Fui ridículo, como sempre — respondeu o Padre Donissan... — Em resumo, eu me perdi...

— E chegou muito tarde em Étaples, depois das confissões? — Ainda não contei toda a confusão — confessou o vigário desajeitada-mente.

— O quê? — exclamou o Padre Menou-Segrais, golpeando violentamente o braço da poltrona, com uma vivacidade bem diferente dos seus modos habituais. — E o que eles vão dizer, me responda? Chegar atrasado, vá lá. Mas não chegar! Embora ordinariamente se preocupasse pouco com a opinião alheia, temia o ridículo com um medo nervoso, que era como que o elemento feminino de uma natureza bastante viril. E de quanta zombaria não seria objeto, por extensão, em razão da personalidade do seu vigário, já tão escarnecido! Porém, reencontrando o olhar do Padre Donissan, de uma magnífica lealdade, envergonhou-se de sua fraqueza e continuou calmamente: — O que está feito, está feito.

Escreverei esta noite ao cônego, pedindo que *nos* perdoe. Agora me diga...

Compadecido, mostrou uma cadeira com o braço estendido. Para sua grande surpresa, o vigário permaneceu em pé.

— Diga-me — repetiu com um tom bem diferente, de solicitude e autoridade —, como se perdeu numa região que não é nenhum deserto selvagem? A cabeça do Padre Donissan continuava inclinada para o ombro, e sua atitude exprimia um humilde respeito. Sua resposta, entretanto, veio de cima: — Quer que lhe diga o que acredito ser a verdade? — É o seu dever — replicou Menou-Segrais.

— Então vou lhe dizer — continuou o vigário de Campagne.

Seu rosto pálido, ainda vincado pelos terrores e fadigas da noite, testemunhava uma resolução já tomada e que seria infalivelmente cumprida. O único sinal de sua vergonha foi um desvio da face. Falou, os olhos baixos e com um pouco de pressa, talvez...

Aliás, a clareza de certas frases, sua crueza, o visível cuidado de não omitir nada, teriam revelado, mesmo a um observador menos sagaz, a secreta esperança de uma interrupção, de uma contradição violenta que socorresse o pobre sacerdote sem que faltasse à sua promessa. Mas foi ouvido com um profundo silêncio: — Eu não me perdi — começou. — Na pior das hipóteses, eu me perderia no meio do caminho, na planície. Por isso tomei a estrada principal: não saí dela nunca. Tinha apenas que seguir direto. Mesmo em plena noite (pois a noite estava escura, de verdade), era impossível não

chegar lá. Se não consegui, foi por causas alheias à minha vontade.

Parou, para retomar o fôlego: — Por mais estranho, por mais louco que pareça — retomou —, há algo mais estranho e mais louco ainda. Há coisa pior. Uma outra provação me estava reservada.

Nesse ponto sua voz estremeceu, e fez com a mão o gesto involuntário de um homem surpreendido no meio de um relato por uma objeção capital. Seu olhar dessa vez fixou-se humildemente sobre a face do deão.

— Eu lhe perguntaria... Não há nenhuma falta em contar uma aventura como essa (mesmo absurda), em interpretá-la como me parece adequado — hesitou ainda — ... atribuindo involuntariamente a mim mesmo um papel... e luzes?...

— Adiante! Adiante — cortou o Padre Menou-Segrais.

Ele obedeceu, então, depois de um silêncio em que pareceu esforçar-se para evitar qualquer rodeio inútil, qualquer tentação de respeito humano: — Deus permitiu-me por duas vezes, e sem nenhuma dúvida possível, ver com meus olhos uma alma, através do obstáculo carnal. E isto não por meios ordinários, pelo estudo e pela reflexão, mas por uma graça particular, maravilhosa, que devo relatar ao senhor, custe o que custar...

— Que acredita ser um milagre? — perguntou o Padre Menou-Segrais com seu tom mais habitual.

— É o que penso — disse ele.

— Deve contar ao seu bispo — respondeu simplesmente o deão de Campagne.

Não havia, aliás, nenhuma surpresa no olhar com que envolveu — literalmente — a estranha silhueta de seu vigário; nenhuma surpresa, mas uma atenção tranquila, indiferente à pessoa, sem curiosidade pelos fatos, com uma nuance de altaneira piedade. O vigário enrubesceu até a raiz dos cabelos.

— O que encontrou, então, no meio do campo, no meio da noite? — Primeiro, um homem, cujo nome ignoro.

— Ah! — disse apenas Menou-Segrais.

— Compreenda — retomou o Padre Donissan, com um doloroso estremecimento dos lábios. — Ele me abordou primeiro... Não imaginava nada daquilo... Nem sequer via o seu rosto... Não conhecia sua voz! Caminhamos juntos por um tempo. Falamos de coisas insignificantes... o tempo... a noite... sei eu mais o quê...

Parou, tomado pelo remorso de ter ocultado parte da verdade a seu juiz.

E, bruscamente, para concluir: — Foi nesse momento que recebi aquela graça, aquela iluminação de que falei. Quanto ao outro encontro...

— Já sei o bastante... por enquanto, ao menos — interrompeu o deão.

— Os detalhes importam muito pouco.

Virou a cabeça no travesseiro, pegou, com uma careta dolorosa, sua caixinha de rapé no fundo do bolso, aspirou uma porção, e, erguendo frouxamente as mãos, como para se desculpar polidamente por interromper uma conversação comum: — Pode chamar a Senhora Estelle?

É hora de tomar minha poção de salicilato e não sei onde ela pôs o frasco.

O frasco estava em seu lugar de sempre. Bebeu lentamente, enxugou os lábios com muito cuidado, depois despediu a governanta com um olhar afetuoso. Quando a porta se fechou: — Vão pensar que está louco, meu rapaz — disse.

Mas tinha diante de si (não o duvidava) um desses homens cuja experiência é toda interior, como que formados de dentro, e cujo equilíbrio não é facilmente abalado. Uma leve contração de suas feições acusava mais surpresa que temor. Ele respondeu com tranquilidade: — Eu lhe devia essa confissão. Deus sabe que desejo o esquecimento de tudo isso, e o silêncio.

— Conte comigo — continuou o deão de Campagne — para ocultar tudo que pode ser escondido sem mentir. Pois, enfim, sou seu superior imediato, meu amigo, mas também eu tenho meus superiores! E depois de um tempo: — Vou escrever... Não! Melhor: vou até o Cônego Couvremont, o antigo diretor do seminário maior. É um confrade muito seguro, muito firme. Ele dará sua opinião. Aliás, não tenho dúvida de que logo chegaremos a um acordo, eu e ele. Imagino facilmente sua decisão...

Talvez esperasse uma pergunta, mas não recebeu sequer um olhar.

— Vamos solicitar um retiro prolongado pra você, em Tortefontaine, ou com os beneditinos de Chévetogne. Tem de ser franco, padre. Acreditei no que disse; também acredito que está marcado por um sinal, que foi escolhido. E fiquemos por aqui. Não estamos mais no tempo dos milagres. As pessoas ficariam antes com

medo, meu amigo. A ordem pública tem interesse nisso. A administração só quer um pretexto para cair em cima de nós. Além disso, a moda são as ciências (como eles dizem) neurológicas. Um bom padrezinho que lê nas almas como num livro... Vigiariam você, meu jovem. Quanto a mim, o que me disse é o suficiente: não tenho mais perguntas; prefiro não ouvir mais nada.

Estendeu as mãos, como para afastar aquele segredo perigoso, depois repousou a cabeça no fundo do travesseiro. Mas, ao primeiro movimento de retirada do vigário: — Atenção! Está formalmente proibido de sequer mencionar esse assunto sem minha prévia autorização, não interessa pra quem. Não interessa pra quem, ouviu? — Nem pro meu confessor habitual?... — perguntou timidamente o Padre Donissan.

— Principalmente pra ele — respondeu o outro, com tranquilidade.

O silêncio novamente se fez, mais pesado. Uma vez, duas vezes, o grande corpo do vigário oscilou da direita para a esquerda, e seu olhar voltou-se para a porta. Sua mão direita atormentava nervosamente os botões da batina. E de repente ouviu, para seu grande espanto, sua própria voz: — Eu não disse tudo. Nenhuma resposta.

— O que me resta a dizer interessa (em que medida, só Deus sabe!) à salvação de uma pobre alma, pela qual deveremos responder, o senhor e eu. A Providência parece tê-la confiado a mim, pessoalmente, expressamente; é certo, pois essa pessoa pertence à sua família paroquial, senhor deão.

— Estou ouvindo — respondeu o Padre Menou-Segrais, erguendo lentamente os olhos.

Por nenhum segundo, durante a longa narrativa que fez, o lúcido e potente olhar se desviou da face devastada do vigário. Lia-se nela uma espécie de atenção dolorosa, em que uma clara resolução se formava pouco a pouco. Nenhuma palavra saiu da boca fechada, nem um estremecimento percorreu as longas mãos pálidas pousadas sobre os braços da poltrona, e a cabeça, um pouco virada, o queixo erguido, resplandecia de inteligência e de vontade.

Quanto o vigário terminou, o deão de Campagne voltou-se sem afetação para o Cristo florentino pendurado à sua cabeceira e disse, com uma voz ao mesmo tempo forte e terna: — Deus seja bendito, meu filho, por você ter falado tão francamente e tão humildemente. Pois essa simplicidade desarma o próprio espírito do mal.

Fazendo um sinal para o jovem sacerdote aproximar-se, ergueu-se ligeiramente em sua direção, buscou seu olhar e, face a face: — Creio em você — disse —, creio em você sem reservas. Mas necessito preparar um pouco o que vou dizer sobre isso... Pegue na minha mesa, à direita, ali, isso: é a *Imitação de Cristo*... Vai abri-la no livro III, capítulo LVI, e o recitará do fundo do coração, particularmente os parágrafos 5 e 6. Vá... Deixe-me.

O velho padre de dons magníficos, que a ignorância, a injustiça e a inveja tinham outrora desarmado, sentiu nessa hora única que consumava seu destino. As comparações valem pouco, quando é preciso retirá-las da vida comum para dar alguma ideia dos acontecimentos da vida interior e de sua majestade. Era chegado o momento em que esse homem excepcional, ao mesmo tempo sutil e apaixonado, tão ousado como nenhum outro, mas capaz de penetrar em qualquer coisa a ponta aguda de seu espírito, ia chegar à sua plena medida.

— A vergonha de ter fugido da glória... — murmurou, repetindo de memória as últimas palavras do capítulo. — Agora, escute-me, meu amigo.

Docilmente, o vigário de Campagne deixou o genuflexório e ficou em pé, a alguns passos dele.

— O que vai ouvir — disse o Padre Menou-Segrais — sem dúvida lhe fará mal. Deus sabe como até agora tenho lhe poupado muito! É que não queria perturbá-lo. Diga eu o que disser, fique em paz. Pois não cometeu nenhuma falta, a não ser por inexperiência e zelo. Compreendeu? O padre balançou a cabeça.

— Agiu como uma criança — continuou o velho sacerdote, depois de um silêncio. — As provações que lhe aguardam aqui não são das que se podem afrontar com presunção: mais do que nunca, custe o que custar, deve voltar-lhes as costas, fugir, sem sequer olhar para trás. Cada um de nós é tentado segundo a medida das suas forças. Nossa concupiscência nasce, cresce, evolui conosco. Ela é, como algumas dessas enfermidades crônicas, uma espécie de acordo entre a doença e a saúde. Então, basta ter paciência. Mas acontece de o mal se agravar subitamente, de um novo elemento...

Interrompeu-se, não sem algum embaraço, logo superado.

— Primeiramente, tome nota disto: para todo mundo você não passa (até quando?) de um padrezinho cheio de imaginação e de suficiência, meio sonhador, meio mentiroso, ou louco. Suporte então a penitência que certamente lhe será imposta, o silêncio e o esquecimento temporário do claustro, não como um castigo injusto,

mas necessário e justificado... Continua me compreendendo? Mesmo olhar e mesmo sinal.

— Saiba, meu filho: há meses o observo, sem dúvida com excessiva prudência, com hesitação. Entretanto, vi com clareza, desde o primeiro dia. Certas graças lhe são prodigalizadas como que em excesso, sem medida: é só aparentemente que é tentado de modo excepcional. O Espírito Santo é magnífico, mas suas liberalidades jamais são vãs: ele as dá segundo nossas necessidades. A mim, este sinal não pode enganar: o diabo entrou em sua vida.

O Padre Donissan continuou calado.

— Ah, meu filhinho! Os imbecis fecham os olhos para essas coisas! Há padre que não ousa sequer pronunciar o nome do diabo. Que fazem eles da vida interior? O morno campo de batalha dos instintos. Da moral? Uma higiene dos sentidos. A graça não passa de um raciocínio justo que solicita a inteligência, a tentação, um apetite carnal que procura suborná-la. Assim, mal se dão conta dos episódios mais vulgares do grande combate travado em nós. Presume-se que o homem só busca o agradável e o útil, a consciência guiando suas escolhas. Isto vale para o homem abstrato dos livros, esse homem médio que não se encontra em lugar nenhum! Essas infantilidades não explicam nada. Num universo assim, de animais sensíveis e raciocinadores, não há mais nada para o santo, ou é preciso convencê-lo de que está louco. Ninguém consegue, é claro. Mas o problema não se resolve com tão pouco. Cada um de nós (ah, espero que retenha estas palavras de um velho amigo!) é alternadamente, de certa maneira, um criminoso ou um santo, ora buscando o bem, não por uma judiciosa avaliação de suas vantagens, mas clara e singularmente por um impulso de todo seu ser, uma efusão de amor

que faz do sofrimento e da renúncia o objeto mesmo do desejo, ora atormentado pelo gosto misterioso do envilecimento, pela deleitação no gosto de cinzas, pela vertigem da animalidade, sua incompreensível nostalgia. Ah, o que importa a experiência, acumulada há séculos, da vida moral! Que importa o exemplo de tantos miseráveis pecadores, e de sua desgraça! Sim, meu filho, lembre-se: o mal, como o bem, é amado, e servido, por si mesmo.

A voz naturalmente fraca do deão de Campagne diminuiu pouco a pouco, de forma que parecia, a partir de um certo momento, falar apenas para si mesmo. Mas não era assim. Seu olhar, sob as pálpebras semicerradas, não abandonava o rosto do Padre Donissan.

Até então esse rosto tinha permanecido, aparentemente, impassível. Diante dessas últimas palavras, essa impassibilidade subitamente dissipou-se, e foi como se uma máscara caísse.

— Então é preciso crer!... — exclamou. — Somos mesmo muito infelizes! Não terminou a frase começada, não a apoiou com nenhum gesto; uma angústia infinita, para além, sem dúvida, de qualquer linguagem, exprimiu-se tão dolorosamente com esse protesto balbuciante, com a resignação desesperada de seus olhos cheios de sombras, que Menou-Segrais abriu-lhe, quase involuntariamente, os braços. O Padre Donissan atirou-se neles.

Agora, ele estava de joelhos contra a alta poltrona acolchoada, sua rude cabeça, com seus cabeços curtos, ingenuamente jogada sobre o peito do amigo... Mas, de comum acordo, o abraço foi breve. O vigário simplesmente retomou a atitude de um penitente aos

pés de seu confessor. A emoção do deão revelou-se apenas num ligeiro estremecimento da mão direita, com a qual o abençoou.

— Estas palavras o escandalizam, meu filho. Que possam também armá-lo! É muito certo: sua vocação não é o claustro.

Ele teve um sorriso triste, logo reprimido.

— O retiro que lhe será imposto em breve será sem nenhuma dúvida um tempo de provações e de um abandono muito amargo. Vai se prolongar mais do que pensa, não tenha dúvida.

Com um olhar paternal, não sem uma ponta de ironia muito doce, considerou longamente aquela face inclinada.

— Você não nasceu para agradar, pois conhece aquilo que o mundo mais odeia, com um ódio perspicaz, inteligente: o sentido e o gosto da força. Eles não o deixarão tão cedo.

— ... O trabalho que Deus realiza em nós — retomou, depois de um curto silêncio — raramente é o que esperamos. Quase sempre o Espírito Santo parece-nos agir às avessas, perder tempo. Se o pedaço de ferro pudesse conceber a lima que o desbasta lentamente, que raiva e que tédio! É, entretanto, assim que Deus nos usa. Algumas vidas de santos parecem de uma espantosa monotonia, um verdadeiro deserto.

Ele baixou lentamente a cabeça, e pela primeira vez o Padre Donissan viu seus olhos obscurecerem-se, e duas profundas lágrimas rolarem. E imediatamente, balançando a cabeça: — Isto é o bastante — disse. —

Apressemo-nos! Pois em breve soará a hora em que não poderei fazer mais nada por você, de acordo com as regras deste mundo. Falemos agora sem rodeios, tão claramente quanto possível. Nada melhor que exprimir o sobrenatural numa linguagem comum, vulgar, com palavras de todos os dias. Nenhuma ilusão atrapalha. Passo por cima da sua primeira aventura: que você tenha, ou não, visto face a face aquele que encontramos a cada dia (não numa curva do caminho, infelizmente, mas dentro de nós mesmos), como posso eu saber? Se você o viu realmente, ou em sonho, o que importa? O que pode parecer ao homem comum o episódio capital geralmente é, para o humilde servo de Deus, apenas acessório. O único meio de julgar sua clarividência e sua sinceridade são suas obras: suas obras darão testemunho de você. Deixemos isso.

Ajeitou os travesseiros, retomou o fôlego, e continuou, com a mesma singular bonomia: — Vamos à sua segunda aventura, que não é sem interesse para mim, que é importante. Pois um erro do seu juízo pode ter prejudicado uma dessas almas que, como disse, nos são confiadas. Não conheço a filha do Senhor Malorthy. Não sei nada do crime que julga que ela cometeu. A nossos olhos o problema se coloca de outra maneira. Criminosa ou não, essa menininha foi objeto de uma graça excepcional? Você foi instrumento dessa graça? Ouça bem... Ouça bem!... A cada instante pode nos ser inspirada a palavra necessária, a intervenção infalível: aquela, não outra. É então que assistimos a verdadeiras ressurreições da consciência. Uma palavra, um olhar, uma pressão da mão, e aquela vontade até então inflexível desaba de repente. Pobres tolos que somos, imaginando que a direção espiritual obedece às leis ordinárias das confidências humanas, mesmo que sinceras! Constantemente nossos planos são

transtornados, nossas melhores razões, reduzidas a nada, nossos fracos meios, voltados contra nós. Entre o sacerdote e o penitente há sempre um terceiro ator invisível, que às vezes se cala, às vezes murmura, e subitamente fala como um mestre. Nosso papel é frequentemente muito passivo! Nenhuma vaidade, nenhuma suficiência, nenhuma experiência resiste a isso! Como então imaginar, sem um certo aperto no coração, que essa mesma testemunha, capaz de servir-se de nós sem nos prestar contas, associe-nos mais estreitamente à sua ação inefável? Se aconteceu assim com você, é porque o está experimentando, e essa provação será rude, tão rude que pode transtornar sua vida.

— Eu sei — balbuciou o pobre sacerdote. — Ah, como suas palavras me fazem mal! — Você sabe? — interrogou o Padre Menou-Segrais. — Como? O Padre Donissan ocultou o rosto com as mãos, e depois, como que envergonhado desse primeiro movimento, retomou, a cabeça erguida, os olhos voltados para o pálido dia lá fora: — Deus me inspirou o pensamento de que apontava assim minha vocação, que eu deveria perseguir Satã nas almas, e que isso comprometeria infalivelmente meu repouso, minha honra sacerdotal, e até minha salvação.

— Não acredite em nada disso — replicou vivamente o pároco de Campagne. — Só compromete a própria salvação quem se alvoroça fora do seu caminho. Onde Deus nos acompanha, pode nos ser tirada a paz, não a graça.

— Sua ilusão é grande — respondeu o Padre Donissan com calma, sem parecer dar-se conta de como essas palavras estavam longe de seu tom habitual de

deferência e humildade. — Não posso duvidar da vontade que me impele, nem da sorte que me aguarda.

O olhar do Padre Menou-Segrais brilhou com a alegria do investigador que de repente entrevê a solução por muito tempo procurada.

— Que sorte lhe aguarda, meu filho? O vigário alçou ligeiramente os ombros.

— Não vou lhe pedir seu segredo. Não tenho mais esse direito. Agora, mudamos de caminho, você e eu, e você já não me pertence.

— Não fale assim — murmurou o Padre Donissan, os olhos sombrios e fixos. — Por onde quer que eu vá, por mais fundo que mergulhe, sim, mesmo nos braços de Satã, sempre recordarei da sua caridade.

Depois, como se a imagem que tomava seu espírito o agitasse com excessiva dor e quisesse fugir dela (ou talvez afrontá-la), pôs-se bruscamente de pé.

— É esse o seu segredo — exclamou Menou-Segrais. — É isto que pretende obter de Deus? É o que entendi, que blasfemou em sua alma contra a divina misericórdia? Não foram essas as minhas lições! Ouça-me, infeliz! Você é (há quanto tempo?...) uma vítima, um joguete, o ridículo instrumento daquele mesmo que mais teme.

Fazia com as duas mãos erguidas, e depois abaixadas, um gesto de horror e desencorajamento, que desmentia o brilho voluntário do seu olhar.

— Não blasfemei — respondeu o Padre Donissan. — Não desesperei da justiça do bom Deus. Acreditarei até o último minuto da minha miserável vida que somente os

méritos de Nosso Senhor são bastante grandes para me absolver, a mim mesmo e a todos mais. Mas não foi sem razão que me foi revelado um dia, de uma forma tão eficaz, o terrível horror do pecado, o miserável estado dos pecadores, e o poder do Demônio.

— Em que momento?... — começou o Padre Menou-Segrais.

Mas, sem deixá-lo continuar, ou antes, como se não se preocupasse em ouvi-lo, o futuro santo de Lumbres continuou: — Esse pressentimento me foi dado há muito tempo. Antes de conhecer a verdade, já carregava essa tristeza. Cada um recebe sua parte de luz: os mais zelosos, os mais instruídos, têm sem dúvida um sentimento muito vivo da ordem divina das coisas. Eu, desde a infância, vivi menos na esperança da glória que possuiremos um dia que no pranto por aquilo que perdemos. (Seu rosto endurecia pouco a pouco, um vinco de cólera marcava sua fronte). Ah, meu pai, meu pai! Eu desejei afastar de mim essa cruz! É possível! Sempre a retomei. Sem ela, a vida não tem sentido: o melhor de nós acaba como um daqueles mornos que o Senhor vomita.

Em nossa espantosa miséria, humilhados, desprezados, pisoteados pelo mais vil, que seríamos nós se ao menos não sentíssemos esse ultraje? Ele não é de modo algum o senhor do mundo enquanto a santa cólera encher os nossos corações, enquanto uma vida humana jogar na sua cara o *Non Serviam*.

As palavras precipitavam-se em sua boca, sem proporção com as imagens interiores que as suscitavam. E esse rio de palavras num homem naturalmente silencioso parecia vir de um delírio.

— Pare agora — disse friamente o Padre Menou-Segrais. — Ordeno-lhe que escute. Fala mais para enganar-se e para me enganar junto com você. Chega disso. Mas eu sei que não é homem de ficar nas palavras. Essa violência supõe alguma resolução, algum projeto, talvez algum ato, que quero conhecer.

Esse golpe foi tão certeiro que o Padre Donissan ergueu para seu deão um olhar perdido. Mas o sutil e forte ancião já continuava: — De que maneira introduziu em sua vida sentimentos dos quais o mínimo que se pode dizer é que são perturbadores e perigosos? O jovem sacerdote calou-se.

— Vou colocá-lo então nos eixos — retomou Menou-Segrais. — Começou com mortificações excessivas. Depois se jogou no ministério com o mesmo frenesi. Os resultados que obteve alegravam seu coração. Deveriam ter lhe trazido paz. Porém você ainda não a conhece! Deus não a recusa jamais ao bom servo, no limite de suas forças. Será, então, que a recusou deliberadamente? — Não a recusei — respondeu o Padre Donissan, com esforço. — É que sou por natureza mais disposto à tristeza que à alegria...

Pareceu refletir por um instante, buscar no pensamento uma expressão moderada, conciliadora, e depois, decidindo-se de súbito, com uma voz que a paixão empalidecia, comparável a uma chama sombria: — Ah, antes o desespero! — exclamou. — E todos os tormentos, do que uma covarde complacência com as obras de Satã! Para sua grande surpresa, pois deixara escapar esse desejo como um grito, e o tinha ouvido com uma espécie de espanto, o deão de Campagne tomou-lhe as duas mãos nas suas e disse docemente: — Chega! Vejo muito bem. Não me enganei. Você não apenas não pediu

consolação, mas alimentou seu espírito com tudo o que era capaz de levá-lo ao desespero. Você alimentou o desespero dentro de si.

— Não o desespero — exclamou —, mas o medo.

— O desespero — repetiu o Padre Menou-Segrais no mesmo tom —, que o conduziu, do ódio cego do pecado, ao desprezo e ódio do pecador.

A essas palavras, o Padre Donissan, tirando suas mãos das do deão de Campagne, e com os olhos subitamente cheios de lágrimas: — Ódio ao pecador! — exclamou com uma voz rouca (a piedade de seu olhar tinha algo de selvagem). — Ódio ao pecador! A violência e a desordem de seus sentimentos detiveram-lhe as palavras nos lábios, e foi somente depois de um longo silêncio que acrescentou, os olhos fechados sobre uma visão misteriosa: — Dispus de um bem tão precioso quanto a vida...

Então, a voz do deão de Campagne ressoou no novo silêncio, firme, clara, impossível de ignorar: — Jamais duvidei que houvesse em sua vida interior algum segredo, guardado mais por sua ignorância e sua boa-fé do que por qualquer duplicidade. Há alguma imprudência consumada. Não ficaria surpreso se tivesse feito algum voto perigoso...

— Não faria nenhum voto sem a permissão do meu confessor — balbuciou o pobre sacerdote.

— Se não é um voto, é alguma coisa parecida — respondeu o Padre Menou-Segrais.

Depois, ajeitando-se penosamente nos seus travesseiros, as mãos pousadas sobre os joelhos, sem

elevar o tom: — É uma ordem, meu filho.

Para grande espanto do deão, seu vigário hesitou por muito tempo, o olhar duro. Depois, com um frêmito doloroso: — É verdade, garanto... Não fiz nenhum voto, nenhuma promessa, no máximo um desejo... talvez... sem dúvida mal justificado, ao menos de acordo com a prudência humana...

— Ele envenenou seu coração — retorquiu o Padre Menou-Segrais. Então, balançando a cabeça e com decisão: — Eis o que talvez mereça suas críticas... O pecado que toma posse de tantas almas... muitas vezes me encheu de ódio contra o inimigo... Por sua salvação, ofereci tudo que tinha ou que viesse a possuir... antes de tudo, minha vida (o que é pouca coisa!...), as consolações do Espírito Santo...

Hesitou um pouco: — Minha salvação, se for da vontade de Deus! — disse em voz baixa.

A confissão foi recebida num profundo silêncio. As palavras extraordinárias pareceram criar esse silêncio, perder-se nele.

Então o Padre Menou-Segrais falou novamente: — Antes de continuar — disse com sua simplicidade habitual —, renuncie para sempre a esse pensamento, e peça a Deus que o perdoe. Além disso, proíbo-o de falar dessas coisas a qualquer outra pessoa, além de mim.

Depois, como o padre abrira a boca para responder-lhe, o magistral médico de almas, sempre firme em sua prudência e em seu soberano bom senso: — Nem insista. Cale-se. É simplesmente esquecer. Sei de tudo. O projeto foi irrepreensivelmente concebido e realizado de ponta a ponta. O Demônio só engana assim aqueles que lhe são

semelhantes. Se ele não soubesse abusar dos dons de Deus, não passaria de um grito de ódio no abismo, ao qual nenhum eco responderia...

Embora sua voz não revelasse nenhuma emoção excessiva, esta se manifestou no modo como o Padre Menou-Segrais pegou sua bengala ao pé da poltrona, levantou-se e deu alguns passos pelo quarto. Seu vigário permanecia em pé, no mesmo lugar.

— Meu filhinho — disse o velho sacerdote —, quantos perigos o aguardam! O Senhor o chama à perfeição, não ao repouso. Será dentre todos o menos seguro em seu caminho, clarividente apenas sobre os outros, passando da luz às trevas, instável. O temerário oferecimento de si mesmo foi, de alguma maneira, ouvido. A esperança está quase morta em você, para sempre. O que lhe resta dela é essa última luz sem a qual nenhuma obra seria possível, e todo mérito, vão. Essa indigência da esperança, é isto que importa. O resto não é nada. No caminho que escolheu (não! Em que foi lançado!), estará sozinho, decididamente só, caminhará só. Qualquer um que o seguisse, acabaria se perdendo sem lhe ajudar.

— Eu não pedi isso — exclamou o futuro santo de Lumbres, com uma súbita violência. (Com um contraste verdadeiramente patético, sua voz continuava sombria e voluntária). — Não pedi graças especiais. Não as quero! Não desejo milagres! Nunca os pedi! Que me deixem então viver e morrer na pele de um pobre homem que não sabe coisa nenhuma. Não! Não! O que começou nesta noite não será concluído! Foi um sonho. Eu estava louco.

O Padre Menou-Segrais voltou à sua poltrona, acomodou-se, e respondeu, sem elevar a voz: — Como

saber? Quantos daqueles que honramos como nossos pais na fé não foram tratados como visionários? E que visionário não teve seus discípulos? No ponto em que está, somente suas obras falarão por ou contra você.

Depois de um momento, acrescentou, com um tom mais doce: — Também eu não devo lamentar, meu filho? Minha experiência das almas, uma reflexão de vários meses, levam-me a crer que Deus o escolheu. Os tolos incrédulos não admitem os santos. Os tolos devotos imaginam que eles crescem espontaneamente como a erva do campo. Poucos sabem que a árvore é tanto mais frágil quanto mais rara é sua essência. Seu destino, ao qual sem dúvida muitos outros destinos estão ligados, pode baldar-se por um passo em falso, por um abuso mesmo involuntário da graça, por uma decisão apressada, por uma incerteza, por um equívoco. E você me foi confiado! É meu! Com que mãos estremecidas o ofereço a Deus! Não posso cometer nenhum erro. Como é cruel não poder cair de joelhos ao seu lado, dar graças com você! Esperava a cada dia uma confirmação sobrenatural dos desígnios de Deus sobre sua alma. Esperava essa confirmação do seu zelo, da sua crescente influência, da conversão do meu pequeno rebanho. E na sua vida tão perturbada, tão cheia de tempestades, o sinal brilhou como um raio. Estou mais perplexo do que antes. Pois é certo, agora, que esse sinal é equívoco, que o próprio milagre não é puro! Refletiu por um momento; depois, erguendo os ombros, num gesto de impotência: — Deus sabe que não cederia ao medo! Deus sabe que sou muito tentado a afrontar o julgamento dos outros! Acusam-me mesmo de independência e até de insubordinação. Há, entretanto, uma regra que não se pode infringir. Se você se macera a golpes de disciplina, ponho isto em ordem. Se você sonha com o diabo, ou se o encontra em cada encruzilhada, isto concerne a mim.

Mas essa história, não menos inverossímil, da menina Malorthy, me esclarece. Não posso deixar você livre para falar e agir nesta paróquia com suas próprias luzes... Não posso confiar em você... Tenho que... preciso... é necessário falar disso tudo com os meus superiores. Meu apoio será de pouca ajuda! Por outro lado, não deve dissimular nada. E então... Ah! Então!... Quem sabe quando vencerá enfim a desconfiança de uns, a piedade de outros, a contradição de todos! Terei me enganado sobre você? Já esperei demais! Um velho não pode mais desperdiçar sua vida. Mas teria desperdiçado minha morte.

O Padre Donissan saiu enfim de seu silêncio. Longe de confundi-lo, essa última dúvida expressa visivelmente lhe deu coragem. Objetou timidamente: — A única coisa que desejo é o esquecimento, o aniquilamento, a vida comum, meus deveres de estado. Se for do seu desejo, o que me impediria de voltar ao que era antes? Quem se preocuparia comigo? Não atraio a atenção de ninguém. Tenho a reputação que mereço, de um sacerdote muito simples, bastante limitado... Ah, se me permitir, parece-me que conseguiria passar desapercebido até do bom Deus e de seus anjos! — Desapercebido! — exclamou docemente o Padre Menou-Segrais (ele sorria, mas com os olhos cheios de lágrimas...). Porém, logo se interrompeu. A escada soava com os passos especialmente precipitados da governanta. A porta abriu-se quase imediatamente, e, muito pálida, com essa pressa das mulheres velhas em anunciar as más notícias: — A Senhorita Malorthy acaba de se matar — disse. E, já satisfeita com o efeito produzido, acrescentou: — Cortou a garganta com uma navalha...

•

Pode-se ler abaixo a carta de Monsenhor ao Cônego Gerbier:

> Meu caro cônego,
>
> Devo expressar-lhe meus agradecimentos pelo sangue-frio, inteligência e discreto zelo que demonstrou no curso de certos acontecimentos bem dolorosos para meu coração paternal. O infeliz Padre Donissan deixou esta semana a casa de saúde de Vaubecourt, onde foi tratado com a maior dedicação pelo Doutor Jolibois. Esse médico, aluno do Doutor Bernheim de Nancy, comunicou-me ontem o atual estado de saúde do nosso querido filho. Mostrou essa ampla visão e essa terna solicitude que já tive a ocasião de admirar com frequência nos homens de ciência cujos estudos infelizmente afastaram da fé. Ele atribui essas perturbações passageiras a uma grave intoxicação das células nervosas, provavelmente de origem intestinal.
>
> Sem faltar à caridade, que deve ser nossa regra constante, deploro consigo a negligência, para dizer o mínimo, do senhor deão de Campagne. Se agisse clara e vigorosamente, sem dúvida teria evitado que parecêssemos momentaneamente em conflito com as autoridades civis. Entretanto, graças à sua judiciosa intervenção e depois de um primeiro mal-entendido, logo dissipado, o Senhor Doutor Gallet teve para conosco a mais alta cortesia, ajudando-nos a limitar o escândalo. Aliás, seu diagnóstico foi confirmado por seu eminente colega de Vaubecourt. Esses dois fatos honram tanto seu caráter quanto seus conhecimentos profissionais.

O testemunho da Senhorita Malorthy, as confidências feitas em plena demência, ou no período pré-agônico, não foram suficientes, sem dúvida, para comprometer, na pessoa do Senhor Donissan, a dignidade do nosso ministério. Mas sua presença à cabeceira da moribunda, apesar dos protestos formais do Senhor Malorthy, não deveria ser de modo algum tolerada pelo senhor deão de Campagne. Concordo que os acontecimentos subsequentes não poderiam ser previstos por um homem sensato. O desejo daquela jovem, manifestado publicamente, de ser conduzida aos pés da igreja para expirar não deveria ser levado em consideração. Além do fato de que o pai e o médico que a atendia terem se oposto a uma tal imprudência, o que se sabe do passado e da indiferença religiosa da Senhorita Malorthy autorizava a crer que, já tratada antes por perturbações mentais, a proximidade da morte transtornava sua razão. O que dizer da altercação que ocorreu então? Das estranhas palavras pronunciadas pelo infeliz vigário? O que dizer, sobretudo, do verdadeiro rapto que cometeu, quando, arrancando a enferma das mãos paternas levou-a sangrando e moribunda à igreja, felizmente vizinha? Semelhantes excessos são de uma outra época, e não se justificam.

Graças aos Céus, o escândalo felizmente terminou. Boas almas, mais zelosas que prudentes, já chamavam a atenção sobre essa conversão in articulo mortis, cuja inverossimilhança cobriu-nos de ridículo. Já pus tudo em ordem. Nossa solução contentou todo mundo. Com exceção, sem dúvida, do senhor deão de Campagne, que, encerrando-se

> em um silêncio desdenhoso, e recusando-nos seu testemunho, mostrou-se, no mínimo, singular.
>
> Conforme minhas instruções, o Senhor Padre Donissan entrou na Trapa de Tortefontaine. Ficará ali até a confirmação de sua cura. Concordo que sua perfeita docilidade depõe em seu favor, e que é de se esperar que poderemos um dia, com esses lamentáveis fatos caídos no esquecimento, encontrar na diocese algum lugar para ele, adequado às suas capacidades.

Cinco anos depois, com efeito, o antigo vigário de Campagne era nomeado pároco a serviço de uma pequena paróquia no povoado de Lumbres. Suas obras são ali conhecidas de todos. A glória, perto da qual qualquer glória humana empalidece, foi buscar nesse lugar deserto o novo Cura d'Ars. A segunda parte deste livro, segundo documentos autênticos e testemunhos que ninguém ousaria recusar, relata o último episódio de sua extraordinária vida.

SEGUNDA PARTE

O santo de Lumbres

I

Ele abriu a janela; esperava algo, ainda. Através do abismo de sombras em que a chuva caía, a igreja

cintilava debilmente, única coisa viva... “Eis-me aqui”, disse ele, como se sonhasse...

A velha Marthe, embaixo, abria os ferrolhos. Ao longe, a bigorna do ferreiro tilintava. Mas ele já não escutava nada: era a hora da noite em que esse homem intrépido, sustentáculo de tantas almas, vergava sob o peso de seu magnífico fardo. “Pobre pároco de Lumbres!”, dizia para si mesmo, sorrindo. “Não faz nada de bom... não sabe nem dormir!”. Dizia também: “Você acredita? Tenho medo do escuro!...”.

A lâmpada do santuário desenhava pouco a pouco, na noite, a ogiva das grandes janelas de três travessas. A velha torre, construída entre o coro e a grande nave, ostentava no alto sua flecha de madeira, e seu pesado campanário. Ele nem os via. Estava em pé, face às trevas, sozinho, e como na proa de um navio. A grande vaga tenebrosa rolava em volta com um barulho sobre-humano. Dos quatros lados do horizonte precipitavam-se em sua direção os campos e os bosques invisíveis... e por trás dos campos e dos bosques, outras vilas e outros povoados, todos semelhantes, estourando de abundância, inimigos dos pobres, cheios de avarentos encolhidos, frios como sudários... E mais longe ainda as cidades, que não dormem jamais.

“Meu Deus! Meu Deus!...”, repetia, não conseguindo chorar nem rezar... Como à cabeceira de um moribundo, cada minuto caía nessas trevas, irreparável. Por curtas que sejam as noites, o dia chega muito tarde: Célimène já pôs seu ruge, o bêbado já se refez do porre. A feiticeira, voltando do sabá, ainda quente, deslizou sob seus brancos lençóis... O dia chega muito tarde... Mas a única justiça, de um polo ao outro, surpreenderá o mundo.

Acabou pondo-se de joelhos, como quem vai a pique. Essa justiça, que um povo generoso espera do senhor ministro das Finanças, não a buscava tão longe — antes lá embaixo, sob o horizonte, preparada, modelada na aurora próxima, irresistível, na noite que se desfaz. A mão aberta não se fechará... A palavra secará nos lábios... O monstro Evolução, imobilizado para sempre, deixará subitamente de se estender e agitar... A terrível aurora, que se ergue dentro do homem, dará ao mais secreto pensamento sua forma e seu volume eternos, e o coração dobre e furtivo não poderá mais sequer renegar-se... *Consummatum est*, quer dizer, tudo está definido para sempre.

O Senhor Loyolet, inspetor da Academia (com o título de professor substituto), quis conhecer o santo de Lumbres, de que todo mundo fala. Fez-lhe uma visita, em segredo, com sua filha e sua senhora. Estava um pouco comovido. “Tinha imaginado um homem imponente”, disse ele, “altaneiro e refinado. Mas esse pequeno pároco não tem dignidade: come em plena rua, como um mendigo...”. “Que pena”, dizia também, “que um homem como esse possa acreditar no diabo!”.

O pároco de Lumbres acreditava nele, e nessa mesma noite o temia. “Há semanas vinha sendo experimentado”, revelou mais tarde, “por uma angústia nova para mim: tinha passado minha vida no confessionário, e estava de repente oprimido pelo sentimento de minha impotência; sentia menos piedade que desgosto. É preciso ser um pobre sacerdote para saber o que é a espantosa monotonia do pecado!... Não encontrava nada a dizer... Só conseguia absolver e chorar...”.

Acima dele, a nuvem desfaz-se em farrapos. Uma, dez, cem estrelas renascem, uma a uma, no cimo da noite. Uma chuva fina, uma poeira de água cai de uma nuvem esfacelada pelo vento. Ele respira o ar renovado, desafogado pela tempestade... Nesta noite não se defenderá mais: não há mais nada a defender; deu tudo; está vazio... Esse coração humano, ele o conhece bem... (Ele o invadiu com sua pobre batina e seus grosseiros sapatos). Esse coração! Esse velho coração, que é habitado pelo incompreensível inimigo das almas, o inimigo poderoso e vil, magnífico e vil. A estrela da manhã renegada: Lúcifer, ou a falsa Aurora...

Ele sabe tantas coisas, pobre pároco de Lumbres, que a Sorbonne não sabe! Tantas coisas que não se escrevem, que mal se dizem, que são arrancadas na confissão, como de uma ferida recoberta — tantas coisas! E ele sabe também o que é o homem: uma criança grande cheia de vício e de tédio. Que coisa nova poderia aprender, esse velho sacerdote? Viveu mil vidas, todas iguais. Não se espantará mais; pode morrer. Há morais completamente novas, mas ninguém renovará o pecado.

Pela primeira vez, duvida, não de Deus, mas do homem. Mil lembranças o conduzem a isto: ouve os lamentos confusos, os balbucios cheios de vergonha, o grito de dor da paixão que se esquiva e que uma voz estancou, que a palavra lúcida revira e despoja em carne viva... Revê as pobres faces transtornadas, os olhares que querem e não querem, os lábios vencidos que relaxam, e a boca amarga que diz não... Tantos falsos revoltados, tão eloquentes no mundo, que viu a seus pés, risíveis! Tantos corações orgulhosos, em que um segredo apodrece! Tantos homens velhos, semelhantes a crianças terríveis! E, acima de tudo, fixando o mundo com um olhar frio, os jovens avarentos, que jamais perdoam.

Hoje, como ontem, como no primeiro dia de sua vida sacerdotal, os mesmos... Está no termo de seu esforço, e o obstáculo falta-lhe de repente. Aqueles que quis libertar, eram os mesmos que recusavam a liberdade como se fosse um fardo, e o inimigo que perseguiu até o céu ri lá embaixo, inalcançável, invulnerável. Todos escarneceram dele. “Queremos a paz”, diziam. Não a paz, mas um curto repouso, um descanso nas trevas. Aos pés do solitário, vinham lançar sua espuma; e depois retornavam a seus tristes prazeres, a sua vida sem alegria. (Ele se comparava também a essas velhas muralhas insultadas, onde o passante grava uma frase obscena, e que ruem lentamente, cheias de segredos derrisórios).

Aqueles que tantas vezes consolara não o conheceriam mais. Nesse minuto, um dos mais trágicos de sua vida, sente-se oprimido por todos os lados, tudo é posto em questão. Alguns pensamentos mais pérfidos, por muito tempo reprimidos, reaparecem de repente, e ele não os reconhece mais. Encontra em todas as coisas um sentido, e como que um novo sabor... Pela primeira vez, contempla sem amor, mas com piedade, o lamentável rebanho humano, nascido para ser pastoreado e depois morrer. Experimenta o amargo sentimento de sua derrota e de sua grandeza. No limite da angústia, a vontade intrépida recusa dar-se por vencida; quer reencontrar seu equilíbrio, custe o que custar...

Está em pé, agora; lança diante de si um olhar inflexível... Quantas noites, iguais a esta noite, até a última noite! Mas sempre, no meio da multidão, a graça divina desferirá seu golpe; sempre marcará alguns desses homens, para os quais se ergue a justiça, ao longo do tempo, como um astro. O astro dócil ascende às suas vozes.

Não olha mais a pequena igreja, olha acima dela. Está vibrando de uma exaltação sem alegria. Quase não sofre mais, está cristalizado para sempre. Não deseja nada; está derrotado. Pela fenda aberta, o orgulho retorna em vagas ao seu coração...

"Estava me condenando, sem perceber", dizia mais tarde. "Sentia-me endurecer como uma pedra".

O projeto que tantas vezes fizera de ir esconder-se para morrer num retiro à margem do mundo, Cartuxa ou Trapa, volta a se apresentar ao seu espírito, mas como uma imagem nova, com uma crispação do coração, aguda e doce, um desfalecimento misterioso. Em minutos como esse, outrora, o pastor não abandonava seu rebanho: sonhava em carregá-lo consigo até o lugar de sua penitência, para viver ainda e merecer por ele. Mas agora mesmo essa lembrança se esvanece, a última. O infatigável amigo das almas só deseja o repouso, e alguma coisa mais, cujo pensamento secreto distende-lhe todas as fibras, a necessidade de morrer, bem como o desejo das lágrimas... E são, com efeito, as lágrimas que banham seus olhos, mas sem aliviar seu coração, e em sua ingenuidade o velho homem não as reconhece, espanta-se e não pode dar um nome a essa vertigem voluptuosa. A tentação suprema, onde se abismaram antes dele tantas dessas almas ardentes, que transpassam de um só golpe o prazer e encontram o nada, para estreitá-lo em um abraço definitivo, é a tentação a que vai sucumbir, sem ter aberto os olhos. No limite de seu imenso esforço, a fadiga, tantas vezes vencida, rechaçada, jorra dele, como uma efusão de seu próprio sangue. Nenhum remorso. O inimigo ardiloso envolve-o nessa lassidão desesperada como em um sudário, com uma destreza infinita, numa terrível derrisão dos cuidados maternos... É em vão que o velho

homem alquebrado dirige, através da noite que finda, um olhar em que se eleva uma última luz, e que não refletirá o nascer do dia. Não vê nada dentro de si, nenhuma imagem em que fixar a tentação, nenhum sinal do trabalho que o destrói lentamente, sob os olhos de um senhor impassível. Não é mais aquele claustro que deseja, mas algo de mais secreto que a solidão, a dissolução de uma queda eterna, nas trevas cerradas. Ao homem que teve por muito tempo sua carne escravizada, a volúpia revela no fim seu verdadeiro rosto, banhado em um riso imóvel. E não é mais essa imagem, nem qualquer outra, que perturbará os sentidos do velho solitário, mas, no seu coração cândido e renitente, outra concupiscência surge, esse delírio do conhecimento que perdeu a mãe dos homens, ereta e pensativa, no limiar do bem e do mal. Conhecer para destruir, e na destruição renovar seu conhecimento e seu desejo — oh, sol de Satã! —, desejo do nada, buscado por si mesmo, abominável efusão do coração! O santo de Lumbres só tem forças para invocar esse repouso terrível; a graça divina ergue um véu sobre seus olhos, há pouco ainda cheios do mistério divino... Esse olhar tão claro hesita agora, não sabe onde pousar Uma estranha juventude, uma avidez ingênua, semelhante à primeira ferida dos sentidos, aquece o velho sangue, bate em seu magro peito Ele busca às apalpadelas, acaricia a morte, através de tantos véus, com uma mão que desfalece.

Até esse minuto solene, sua vida tivera um sentido? Ele não sabe. Só vê atrás de si uma paisagem árida, e essas multidões que atravessou, abençoando-as. Mas, quê! O rebanho ainda trota em seus calcanhares, persegue-o, oprime-o, não lhe deixa nenhum repouso, insaciável, com esse grande rumor ansioso e pisoteando os animais feridos Não, ele não voltará a cabeça, não o quer! Eles o levaram até ali, até o limite, e além Oh, milagre! Surge o

silêncio, o verdadeiro silêncio, o incomparável silêncio, seu repouso. “Morrer”, diz em voz baixa, “morrer ”. Escande a palavra, para absorvê-la, para digeri-la em seu coração É verdade que a sente agora no fundo de si, em suas veias, essa palavra — veneno sutil Insiste, repete, com uma febre crescente; queria esvaziá-la de um só golpe, apressar o seu fim. Em sua impaciência, sente essa necessidade do pecador de afundar em seu crime, sempre mais, para ocultar-se de seu juiz; está nesse minuto em que Satã pesa com todo seu peso, em que agem no mesmo ponto, com uma única pressão, todas as potências infernais.

E, entretanto, é para o alto que ergue o olhar, para o quadrado de céu cinzento, em que a noite se dissipa em névoas. Jamais rezou com essa vontade dura, com esse acento. Jamais sua voz pareceu mais forte entre seus lábios; murmura do lado de fora, mas por dentro ribomba, como um estrondo prisioneiro num bloco de bronze Jamais o humilde taumaturgo, de quem se conta tantas coisas, sentiu-se tão perto do milagre, face a face. Parece que sua vontade se detém pela primeira vez, irresistível, e que uma só palavra, articulada no silêncio, vai destrui-la para sempre Sim, nada o separa do repouso senão um último movimento de sua soberana vontade... Não ousa mais olhar para a igreja, nem, na bruma da aurora, as casas de seu pequeno rebanho; uma vergonha o detém, que tem pressa de dissipar com um ato irreparável... Para que se embaraçar com outros cuidados supérfluos? Baixa os olhos para a Terra, seu refúgio.

II

É então que por duas vezes batem à porta baixa que dá para a estrada de Chavranches. No quintal, o galinheiro todo bate as asas. O cão Jacquot sacode sua corrente, e todos esses ruídos formaram uma só nota clara, na clara manhã.

Os tamancos da velha Marthe já ressoavam nos degraus — *clic, clac* — e, mais surdos, na grama úmida — *floc, floc*. Depois o ferrolho rangeu.

Nesse momento o santo de Lumbres despertou. Só há silêncio absoluto do outro lado da vida; por uma fissura delgada, o real desliza e jorra, retoma seu nível. Um sinal nos recorda, uma palavra murmurada baixinho ressuscita um mundo abolido, e certo perfume outrora aspirado é mais tenaz do que a morte... Os olhos do bom homem voltaram-se por instinto para o pobre relógio de prata, recordação do seminário maior, pendurado na parede: "À essa hora da manhã, deve ser um doente", disse para si mesmo. Um doente, um de seus filhos! Com seu olhar tão rápido e agudo, reviu o vilarejo esparso e as brumas nas árvores. Toda a pequena paróquia, e tantas almas através do mundo, das quais ele era a força e a alegria, chamam-no, dizem seu nome... Ele escuta; já respondeu; está pronto.

O que o aguarda, ao pé da escada — seu poleiro, como gosta de dizer? Que palavras? Que rosto? E, ainda, que luta? Pois carrega em si essa coisa que não consegue nomear, alojada em seu coração, tão grande e pesada, sua angústia, Satã. Não recuperou a paz, sabe muito bem. Com ele, respira um outro ser. Porque a tentação é como o nascimento de um outro homem dentro do homem, e seu terrível crescimento. Traz em si o seu fardo; não ousa jogá-lo fora; para onde o jogaria? Em um outro coração.

Mas o santo está sempre só, aos pés da cruz. Nenhum outro amigo.

— Senhor pároco — exclama a velha Marthe —, senhor pároco! Desceu os degraus sem pensar, e perseguiu seu sonho através da cozinha, até o jardim, os olhos semicerrados... A boa mulher puxa-o pela manga.

— Na sala, senhor pároco, na sala...

E ergue um pouco os ombros, com um sorriso de piedade.

A sala é uma bela peça, uma belíssima peça, bem encerada. Vê-se nela seis cadeiras de palha, duas narcejas empalhadas sobre a chaminé de mármore cinza, ao lado de uma grande concha marinha, e uma monumental estátua de Nossa Senhora de Lourdes, de gesso branco, de um terrível branco-azulado (a irmã Saint-Mémorin a trouxera de Conflans-en-Somme, nas últimas férias de Páscoa). Há também um sepultamento, numa moldura de carvalho, todo salpicado de mofo. E ainda, sobre o papel de parede com ramagens pálidas (um verdadeiro papel de estalagem), perto da única janela, uma grande cruz de madeira negra, sem Cristo, inteiramente nua.

(E foi ela que o senhor pároco viu primeiro, logo desviando os olhos...).

— Senhor pároco — disse Marthe —, está aqui nosso mestre de Plouy, por causa do seu filho doente...

O mestre de Plouy levantou-se, tossiu forte, e cuspiu nas cinzas. Diante dele, a xícara de café, vazia, ainda fumega.

— Qual? — pergunta aturdido o velho sacerdote.

... E logo se detém, enrubesce sob o olhar de Marthe, e balbucia... Todo mundo sabe, meu Deus, que o mestre de Plouy só tem um filho! Mas o viajante não se espanta, e emenda calmamente: — É Tiennot, nosso menino. Ficou, de volta das Vésperas, como se diz, com uma indigestão. E depois umas dores de cabeça de gritar. Então, de manhãzinha, ele pega e diz pra mãe: “Mã, não posso me mexer”. Era verdade. Nem os braço, nem as perna, nada. Paralisia. E os dois olhos revirados. O Senhor Gambillet me disse: “Meu pobre Arsène! Não tem jeito!”. Uma meningite, ele disse. Então a mãe ouviu; o senhor sabe como é? Não se consegue fazê ela ouvir nada. “Vai buscá o padre de Lumbres”, ela gritou... Então atrelei o cavalo, e vim.

Ele olha para o santo de Lumbres com um olhar aberto, em que brilha também, através das lágrimas, um pouco de ironia. De homem para homem, sabe-se que é uma ideia de mulher. (E ainda esse santo, esse santo de quem contam tantas histórias, e que nem conhece o filhinho de Plouy, esse santo que tanto se critica!).

— Meu amigo... Meu bom amigo... — balbucia o padre. — Eu quero... quer dizer... Eu gostaria... Temo, de fato... Vejamos, vejamos! Luzarnes não é minha paróquia, e o senhor pároco de Luzarnes... Estou muito agradecido pela lembrança da Senhora Havret, pobre mulher!, mas devo... deveria...

Ele teme, sobretudo, humilhar um colega suscetível. E ademais está tão abatido, hoje, de fato! Mas o mestre de Plouy tem uma só palavra. Já enrolou seu cachecol, fechou seu casaco de lã. E Marthe põe entre as mãos de

seu senhor, com autoridade, um velho chapéu esverdeado... Tem que ir... Ele vai...

III

O senhor pároco de Luzarnes é um homem simples. Precisa de pouco; de um pequeno número de sentimentos simples, que sua prudência jamais exprime. É jovem ainda, tem cinquenta e poucos anos; e sempre o será, não tem idade. Sua consciência é limpa como a página de um grande livro, sem rasuras e sem borrões. Seu passado não é vazio; lembra de algumas alegrias, conta-as, espanta-se por estarem tão mortas, tão bem ordenadas, em seu lugar, alinhadas como cifras. Eram verdadeiramente alegrias? Respiraram alguma vez? Pulsaram alguma vez?...

É um bom sacerdote, assíduo, pontual, que não gosta que lhe perturbem a vida, fiel a sua classe, a seu tempo, às ideias do seu tempo, assumindo esta, abandonando aquela, tirando de todas as coisas um pequeno proveito, funcionário e moralista nato, e que prediz a extinção do pauperismo — como dizem — pelo desaparecimento do álcool e das doenças venéreas; em suma, o advento de uma juventude sadia e esportiva, em malhas de lã, para a conquista do reino de Deus.

“Nosso santo de Lumbres”, diz, às vezes, com um leve sorriso. Mas, no fogo da discussão, também diz: “O santo de vocês!”, com outra voz. Pois, se ele censura de coração o formalismo e o escrúpulo do governo diocesano, também não deixa de deplorar a desordem causada numa jurisdição tranquila por um desses homens miraculosos que desarranjam todos os cálculos.

“Monsenhor jamais mostrará, nesse caso, excesso de prudência e de discernimento”, conclui, prudente como um cônego, e já municiado com textos... Senhor! Um santo não existe sem causar muitos estragos, mas alguém deve fazer a parte do fogo.

Cada giro da roda aproxima o pároco de Lumbres de seu censor impiedoso. Através da névoa, já vê os seus olhos cinzas, tão vivos, irônicos, jamais em repouso, onde dança uma pequena chama, muito aguda. A seis quilômetros de sua pobre paróquia, à cabeceira de um menino rico agonizante, levado até lá como um taumaturgo, que situação ridícula! Que escândalo! Ele recebe antecipadamente, em pleno peito, a frase de boas-vindas, envolta em malícia... Que desejam dele? Esperam um milagre dessa velha mão enrugada que treme a cada solavanco, sobre o tecido da batina, surrado pelo uso?...

Olha para essa mão camponesa, nunca bastante limpa, com um espanto de colegial. Ah, quem é ele, no meio de todos eles, senão um camponês pobre e teimoso, fiel ao trabalho paciente cotidiano no grande campo nu? Cada dia lhe apresenta uma nova tarefa, como um pedaço de terra a cultivar, onde afundam seus grossos sapatos. Ele continua, continua, sem voltar a cabeça, lançando à direita e à esquerda algumas palavras sem arte, abençoando com o sinal da cruz, infatigável. (Assim, na névoa do outono, seus ancestrais lançavam a cevada e o trigo). Por que eles vêm de tão longe, homens e mulheres, que só sabem dele o nome e algumas histórias lendárias? A ele, e não a outros, que falam tão bem, párocos de cidades ou de grandes aldeias e que conhecem o seu mundo? Muitas vezes, ao final do dia, desfalecendo de cansaço, revirou essa ideia na cabeça, até a obsessão. E depois, fechando os olhos, acabava

dormindo com o pensamento nos incompreensíveis dons de Deus, e na estranheza dos seus caminhos... Mas hoje! Por que motivo o sentimento de sua impotência para fazer o bem humilha-o sem lhe trazer paz? É assim tão rude para seus lábios a palavra da renúncia fiel? Ah, estranho desvio do coração! Ele sonhou tanto em escapar dos homens, do mundo, do pecado universal; a lembrança de seu grande esforço inútil, da majestade de sua vida, de sua extraordinária solidão lançaria sobre sua morte uma última alegria, cheia de amargura — e eis que agora ele duvida até desse esforço, e que Satã o atira mais baixo... O homem do sacrifício, ele? A vítima escolhida, assinalada?... Não! Mas um maníaco ignorante, exaltado pelo jejum e pela oração, um santo de vilarejo, feito para o maravilhamento dos ociosos e dos *blasés*... “É isso, é isso!...”, murmurava entre os lábios a cada solavanco, os olhos vagos... Enquanto isso, as cercas iam desfilando à direita e à esquerda; a carriola corria como num sonho, mas a terrível angústia corria à frente, e o aguardava em cada curva.

Pois esse homem estranho, sobre o qual tantos outros depuseram a si mesmos, como um fardo, teve o gênio da consolação e jamais foi consolado. Sabemos que de vez em quando se abria, nos raros momentos em que se aliviava de suas penas, e chorava nos braços do Padre Battelier, invocando a piedade divina, com lamentos ingênuos, numa linguagem infantil. No fundo do pobre confessionário de Lumbres, que sabia a trevas e mofo, seus filhos ajoelhados só ouviam sua voz soberana, superior à eloquência, que partia os corações mais duros, imperiosa, suplicante e, em sua doçura mesma, inflexível. Da sombra sagrada em que se moviam os lábios invisíveis, a palavra de paz ia se ampliando até o céu e conduzia o pecador para fora de si, desatado, livre. Palavra simples, recebida no coração, clara, nervosa,

elíptica através do essencial, e logo incisiva, irresistível, feita para exprimir todo o sentido de uma exigência sobre-humana, na qual aqueles que mais o amavam reconheceram mais de uma vez o acento e como que o eco da mais violenta das almas. Mas — ai! —, enquanto se prodigalizava assim para fora, o dispensador da paz não encontrava em si mesmo senão desordem, confusão, um galopar de imagens exaltadas, um sabá povoado de caretas e de gritos... Seguido de um pavoroso silêncio.

Muitos jamais compreenderam por que milagre aquele mesmo que milhares de homens escolheram por árbitro nos mais terríveis conflitos de dever, em sua própria batalha mostra-se tão desigual, quase tímido. “Zombam de mim”, dizia ele, “fazem de mim um joguete”. Era assim que dava a mancheias essa paz de que estava vazio.

IV

"Chegamos!” — disse o mestre de Plouy, apontando com o chicote uma fumaça, por entre as árvores.

Um homenzinho, de calça azul-celeste, empurrou a porteira e segurou as rédeas. Na entrada do pátio, Mestre Havret desceu. Seu companheiro seguiu-o até a casa.

O senhor pároco de Luzarnes acolheu-os à porta, alta silhueta negra.

— Meu querido colega — disse ele —, está sendo esperado como um grande senhor de outrora, angustiado, esperava São Vicente...

Continuava sorrindo, jovial, mas com uma espécie de discrição profissional, a dois passos do pequeno moribundo. Ao mesmo tempo, corrigia a pilhéria com um vigoroso aperto de mão, à maneira camponesa.

... Mas o pároco de Lumbres já o carregava para fora, a alguns passos, no meio das galinhas assustadas.

— Estou envergonhado, meu amigo, verdadeiramente envergonhado — disse com sua voz mais doce —, e peço-lhe que perdoe... a ignorância dessa pobre senhora... Peço-lhe também... que me perdoe... Falaremos disso mais tarde — concluiu no mesmo tom —, e verá que sou... o mais culpado dos dois...

O pároco de Luzarnes sentia sobre o braço a pressão dos dedos nervosos, um pouco trêmulos. Até na humilhação voluntária desse homem sobrenatural, o dom que tinha recebido irradiava exteriormente, e continuava agindo como um mestre.

— Meu bom colega — respondeu o antigo professor de química, já menos jovial —, não se acuse diante de mim... Sou visto, com ou sem razão, como um espírito forte, e mesmo, por alguns, como um espírito mau... Formação científica, como sabe, é tudo... Nuances, um vocabulário um pouco diferente... Mas nem por isso deixo de ter... a maior estima por sua pessoa...

Falava, os olhos baixos, com um embaraço crescente. Sentia-se ridículo, talvez odioso. Por fim, calou-se. Mas, antes de erguer a cabeça, viu, como em si mesmo, como no mais profundo espelho, o olhar pousado sobre o seu, e teve de procurá-lo, contra sua vontade, teve de entregar-se por inteiro... Um segundo, e ele sentiu-se nu, diante de um juiz cheio de perdão.

Via somente o olhar, na face trêmula, desarmada, lívida. Esse olhar que o chamava de tão longe, suplicante, desesperado. Mais forte que dois braços estendidos, mais pungente que um grito, mudo, negro, irresistível... “Que deseja de mim?...”, perguntava-se, com uma espécie de horror sagrado... “Parece que o via num lago de fogo!”, explicou mais tarde. Uma inexplicável piedade inundava seu coração.

Por um momento, em seu braço, sentiu a velha mão estremecer mais forte.

— Reze por mim... — murmurou o santo de Lumbres em seu ouvido. Mas, apertando-lhe mais o braço, e depois afastando-se com um gesto brusco, acrescentou, com outra voz, rude, de um homem que defende sua vida: — Não me tente!...

E entraram na casa, lado a lado, sem dizer mais nada. “Não me tente!”.

Tinha somente gritado isso. Gostaria de se explicar... se desculpar..., já rubro de vergonha ao pensar que entrava naquela casa como dispensador dos bens da vida, desesperando de sair de lá sem falta grave, e sem escandalizar o próximo... E depois, subitamente, num clarão, as forças que o tinham assaltado, ao longo de toda a noite dolorosa, eram suscitadas de novo, e a palavra que iria dizer, seu próprio e secreto pensamento, dissipou-se de repente na realidade única da angústia. Por mais baixo que o tivesse arrastado o engenhoso inimigo, não foram rompidos todos os laços, nem abafados todos os ecos exteriores... Mas desta vez, a forte mão o tinha arrancado em carne viva, desenraizado... “Salva-te a ti mesmo, é hora!...”, dizia também a voz jamais ouvida, tonitruante. “Terminam a

luta vã e a monótona vitória! Quarenta anos de trabalho e de pouquíssimo proveito, quarenta anos de um debate fastidioso, quarenta anos no estábulo, deitado sobre a besta humana, ao nível do seu coração apodrecido, quarenta anos cumpridos, sobrepujados!... Apressa-te! Dá teu primeiro passo, teu único passo fora do mundo!...”.

E essa voz dizia milhares de coisas ainda, e só dizia uma; milhares de coisas em uma única, e essa única palavra, breve como um olhar, infinita... O passado arrancava-se dele, caía em frangalhos. Através da móvel angústia passava de súbito, como um relâmpago, o deslumbramento de uma alegria terrível, uma explosão de riso interior capaz de explodir qualquer armadura... Ele se via como um pobre sacerdote, no pátio do seminário, num dia de chuva... Na alta sala decorada de damasco cereja, diante de Sua Grandeza, de capa e sobrepeliz... Os primeiros dias em Lumbres, o presbitério em ruínas, as paredes nuas, o vento de inverno no pequeno jardim... E depois... E depois... o trabalho imenso, e agora essa multidão impiedosa, apertando-se dia e noite em volta do confessionário do homem de Deus como de um outro Cura d’Ars; a separação voluntária de todo socorro humano; sim, o homem de Deus disputado como uma presa. Nenhum repouso, nenhuma paz além da adquirida pelo jejum e pelas chibatadas, a angústia de tocar incessantemente as mais obscenas chagas do coração humano, o desespero de tantas almas danadas, a impotência para socorrê-las e conduzi-las pelos abismos da carne, a obsessão do tempo perdido, a enormidade do trabalho... Quantas vezes, e naquela noite mesma, suportou o assalto dessas imagens!... Mas nessa hora, uma expectativa... uma grande e maravilhosa expectativa ilumina-o por dentro, acaba de consumir o homem interior. É já o homem dos

novos tempos, um novo conviva... Como este mundo já está distante, atrás dele! Distante, atrás, seu rebanho renitente! Não encontra mais, não encontrará jamais esse sentimento tão vivo do pecado universal. Não é mais sensível à enorme mistificação do vício, à sua grosseira e pueril mentira. Pobre coração humano, mal esboçado! Pobre cérebro árido! Povo que vive ao rés do chão, que se agita em sua lama, inacabado!... Ele não lhe pertence mais, ele não o conhece mais, está prestes a renegá-lo, sem ódio. Retorna à luz, como um mergulhador, com todo seu peso carregado pelos braços estendidos, e que na água negra e vibrante já abre os olhos para a luz do alto.

— Tu te libertaste — dizia o outro (um outro semelhante a ele mesmo)...

— Tua vida passada, teu inútil mas comovente trabalho, teu jejum, tua disciplina, tua fidelidade um pouco ingênua e grosseira, a humilhação exterior e interior, o entusiasmo de uns, a injusta desconfiança de outros, aquela palavra cheia de veneno. Ah, tudo não passa de um sonho, e da sombra de um sonho! Tudo não passava de um sonho, fora a lenta ascensão ao mundo real, teu nascimento, teu crescimento. Ergue-te até minha boca, ouve a palavra que contém toda ciência.

E ele escuta, espera. Está lá mesmo aonde o queria levar o velho inimigo, que só tem uma artimanha. Aviltado, espezinhado, atirado por terra como uma borra, esmagado por um peso imenso, incendiado por todos os fogos invisíveis, retomado na ponta da espada, ainda trespassado, despedaçado, seu último brado coberto pelo terrível clamor dos anjos, esse velho rebelde, a quem Deus não deixou como defesa senão uma única e monótona mentira... Ah, a mesma mentira nos cantos de

uma boca avara; ou, na garganta ávida e moribunda onde agoniza o prazer feroz, a mesma: “Saberás... Vais saber... Eis a primeira letra da palavra misteriosa... Entra aqui... entra em mim... escruta a chaga viva... bebe e come... sacia-te!”.

Pois, após tantos séculos, é ainda a vós que ele espera, mil vezes retocado e rejuvenescido, brilhando de cosméticos e de unguento, luzindo de óleo, rindo com todos seus dentes novos, oferecendo à vossa curiosidade cruel seu corpo exausto, toda sua mentira, onde vossa boca árida não sugará uma gota de sangue! “Eu o vi, ou melhor, nós o vimos”, escreveu muito depois ao Cônego Cibot o pároco de Luzarnes, antigo professor no seminário menor de Cambrai.

> Eu o vi no meio de nós, os olhos semifechados, e durante vários minutos o observamos, sem querer romper o silêncio. A expressão natural de seu rosto era de uma bondade cheia de unção, na qual várias pessoas prudentes já encontravam o sinal de uma certa simplicidade. Mas sua figura ossuda pareceu-nos a todos, nesse instante, como que petrificada por um sentimento de uma extrema violência; tinha o aspecto de um homem que faz tudo que pode para dar um passo difícil. Notei que seu porte tinha se aprumado incrivelmente, e que dava, na sua velhice, a impressão de um vigor pouco comum, e mesmo de brutalidade. Embora meu espírito, formado outrora no severo método das ciências exatas, seja ordinariamente pouco sensível aos arroubos da imaginação, fiquei tão impressionado com o espetáculo daquele grande corpo imóvel, e como que estupefato, naquele tranquilo ambiente rural, que por um momento duvidei do testemunho dos meus sentidos, e quando vi meu respeitável

amigo agitar-se e falar novamente, fiquei surpreso como diante de um acontecimento inesperado. Ele, aliás, parecia sair de um sonho. Eu lhe disse mais acima, meu honorabilíssimo colega, que tinha ido ao encontro do nosso caro pároco de Lumbres, e que tinha me unido a ele à beira da estrada, a alguma distância da casa. Certas frases, cujo sentido preciso talvez me escapasse, aumentaram minha inquietude. Eu tentava responder o que uma prudente amizade me inspirava quando, apertando-me o braço com violência e mergulhando seu olhar no meu: “Não me tente mais!”, disse ele... Nossa primeira conversa acabou aí, nossos passos já nos tinham conduzido até a porta da casa Havret. Tive nesse minuto o pressentimento de uma desgraça... E isto era bem verdade. O menino, cujo estado era, aliás, sem esperanças, tinha falecido durante minha curta ausência. A Senhora Lambelin, parteira da região, tinha constatado cientificamente sua morte, sem erro possível. “Está morto”, disse-nos ela em voz baixa. (Mas não sei se o pároco de Lumbres a ouviu). Ele tinha transposto o limiar da porta, dado alguns passos, quando, por um movimento muito comovente, do qual qualquer pessoa esclarecida pode, embora deplorando um certo exagero, devido sobretudo à ignorância, louvar a sincera piedade, a infeliz mãe veio literalmente lançar-se aos pés do meu venerável confrade, e, no transporte do seu desespero, beijava sua velha batina, golpeando o chão com a fronte com um ruído que ecoava no meu coração. Ao contato com a pobre mulher, e sem abaixar os olhos para ela, o senhor pároco de Lumbres parou instantaneamente. Foi então que o vimos, durante alguns longos minutos, imóvel, no

meio da peça, como uma estátua, enfim, tal como o descrevi há pouco.

Depois, traçando sobre a cabeça da Senhora Havret o sinal da cruz, e erguendo para mim seu olhar: “Vamos sair!”, disse. Ah, meu caro e honrado colega, era tal a fraqueza do nosso espírito, comovido por uma impressão tão viva que nada, parece-me, iria me impedir de segui-lo, e que, no excesso de sua aflição, a infortunada mãe deixou-nos ir, sem nada dizer. De todos nós, talvez somente a Senhora Lambelin tinha conservado o sangue-frio. Há muitas coisas a censurar na conduta e na religião dessa pessoa, mas Deus nos dava, através dela, uma lição de bom senso e de razão. Sem nenhuma dúvida, eu era, durante aquela espantosa manhã, como que um joguete nas mãos de um infeliz homem que um conselho salutar, apoiado na experiência e na sabedoria, poderia preservar de uma tremenda desgraça... Só Deus poderia dizer se fui um instrumento de sua cólera ou de sua misericórdia. Mas os tristes acontecimentos que se seguiram fazem a balança pender em favor da primeira hipótese.

O distinto cônego prebendado, falecido mais tarde, parece reviver, a cada linha dessa carta verdadeiramente única, judiciosas e discretas fórmulas, enfileiradas como castanhas-da-Índia, na qual os tolos só encontrarão algo banal e rasteiro, mas que contém a magia de um sonho. Único sonho de uma pobre vida que só conheceu esse caso de consciência, e nele se dilacerou; sua única dúvida e único encantamento! Poucos meses antes de sua morte, a inocente vítima escrevia a um de seus familiares:

> Forçado a interromper um trabalho que era minha única distração, não posso afastar meu pensamento de algumas recordações, e dentre elas a mais dolorosa, o infeliz e inexplicável fim do senhor pároco de Lumbres. Volto a ele constantemente. Vejo nele um desses acontecimentos, tão raros neste mundo, que ultrapassam a razão comum. Minha fraca saúde sofre o contragolpe dessa ideia fixa, e vejo nela a principal causa do meu progressivo enfraquecimento, e da perda quase total do apetite.

Essas últimas linhas alegrarão qualquer um desses esquadrinhadores de documentos humanos, que encontramos hoje chafurdando e fungando nas águas turvas. Mas, lendo-as sem curiosidade vil, deixando que ressoe em nós mesmos o eco desse lamento ingênuo, compreenderemos melhor o que há de sincera aflição nessa confissão de impotência, escrita em um estilo tão contido. O supremo esforço de certos homens simples, nascidos para um trabalho pacato, e que um maravilhoso encontro lançou ao coração das coisas, em um único clarão, logo extinto — quando os vemos aplicarem-se, até o último minuto de sua incompreensível vida, em relembrar e retomar o que jamais volta e que os feriu no dorso — é um espetáculo tão trágico e de uma amargura tão profunda e tão secreta que só poderia ser comparado à morte de uma criancinha. É em vão que retornam passo a passo, de lembrança em lembrança, que soletram sua vida, letra por letra. A soma dos fatos aí está, e, entretanto, a história não faz mais sentido. Tornaram-se como que estranhos à sua própria aventura; não a reconhecem mais. O trágico atravessou-os de um lado a outro, para matar um outro que estava ao lado. Como ficariam insensíveis a essa injustiça da sorte, à malevolência e à estupidez do acaso? Seu mais intenso

esforço não chegará além do estremecimento do animal inocente e desarmado; cumprem, ao morrer, um destino que não alcançam. Pois, por mais longe que chegue um espírito vulgar, e mesmo quando imaginamos que, através dos símbolos e das aparências, ele tenha algumas vezes tocado a realidade, é fatal que não tenha conquistado a parte dos fortes, que é menos o conhecimento da realidade que o sentimento da nossa impotência para compreendê-la e retê-la inteiramente, a feroz ironia da verdade.

Quem melhor que esse padre tão distinto seria capaz de nos traçar o último capítulo de uma vida como essa, consumida na solidão e no silêncio, para sempre selada? Infelizmente, o antigo pároco de Luzarnes só deixou algumas cartas incompletas, cujas partes essenciais citamos. O resto foi cuidadosamente destruído depois do encerramento do inquérito ordenado pela autoridade episcopal, e cujos resultados foram provisoriamente mantidos em segredo.

V

"Vamos sair", tinha dito o pároco de Lumbres.

O outro o seguira, não fascinado, como depois acreditara de boa-fé, mas por simples curiosidade, para ver. O antigo professor conhecia poucas coisas do velho padre, que se tornara de repente o guardião de um rebanho imenso, que continuava crescendo. Por que prodígio esse bom homem de sapatos enlameados, sempre solitário pelos caminhos, e indo rápido, com um sorriso triste, tinha reunido em torno do seu confessionário uma verdadeira multidão de gente, sua gente? O senhor pároco de Luzarnes, recém-chegado à

diocese, partilhava “até certo ponto” da desconfiança de alguns de seus confrades. “Sou cauteloso”, dizia ingenuamente. E eis que hoje, por acaso (outra palavra que ele amava), dava um passo que o levava a uma relação confidencial com esse espírito singular.

Saíram para o pequeno jardim, cercado por muros, atrás da casa. O bom sol filtrava-se entre as chicórias e as alfaces. Abelhas voavam como flechas, ao vento oeste. Pois a brisa despertara com o dia.

Subitamente o pároco de Lumbres parou e deu um passo em direção do companheiro. Em plena luz, seu velho rosto surgiu, marcado pelo estigma da insônia, tão reconhecível quanto a máscara de um moribundo. Por um minuto, a pobre boca distendeu-se, estremeceu; depois, perante o olhar curioso que o observava, o outro olhar, vencido, entregou seu segredo, entregou-se... O bom homem chorava.

Já o futuro cônego se compadecia, erguia no ar sua pequena mão branca: — Na verdade, meu caro colega...

Disse muitas coisas, apressadamente, ao acaso, como convém em um caso tão grave, recompondo-se ao som da própria voz. Olhava, ao falar, para ter mais certeza de que o convencia, o padre cambaleante que sua infalível eloquência iria logo reequilibrar.

— Esta crise de exaltação, meu piedoso amigo, é apenas uma provação passageira, e uma advertência da Providência, que talvez não aprove sempre os excessos do seu zelo, esses rigores de penitência, esses jejuns, essas vigílias...

Continuava, continuava, com pressa de concluir, distribuindo a mancheias seu emplastro e seus bálsamos,

quando uma voz, com um singular acento — ah, por certo uma voz tão singular, tão pouco esperada, de um homem que não tinha escutado, que não escutaria mais, cujo único lamento restituía ao nada a eloquência frustrada! — Meu amigo, meu amigo, não posso mais. Estou no limite.

Uma outra palavra tremeu em seus lábios, que não completou. Mas o vigilante confrade, por um momento desconcertado: — Esse desespero... — começou.

O pároco de Lumbres já pousava sobre a sua uma mão imperiosa, febril.

— Vamos nos afastar um pouco — disse —, eu lhe peço, até ali. Pararam ao pé de um muro em ruínas. Que vida alegre zumbia ao redor! — Estou no limite — retomou a voz lamentosa. — Ah, por piedade, meu amigo, no momento meu único amigo, que a sua caridade não o engane! Não passo de um sacerdote indigno, um pobre sacerdote, uma alma árida, um cego, um miserável cego...

— Não... Não... — corrigiu polidamente o futuro cônego. — Você não, mas talvez alguns espíritos temerários que abusam da sua san... da sua boa-fé... É fácil acreditar em tudo de bom que dizem de nós! Sorriu, espantando com a mão uma vespa inoportuna (a vespa, e essa boca maravilhada, cheia de discursos, dois animais zumbindo)... Mas, peremptório: — Estou escutando — disse.

O pároco de Lumbres desliza aos seus pés, cai de joelhos.

— Deus me põe em suas mãos, me entrega ao senhor! — Que infantilidade! — exclamou o futuro cônego. —

Levante-se, meu amigo. Sua imaginação aumenta demais uma simples impressão de fatiga, de estafa. Oh, não passo de um homem ordinário, mas uma certa experiência... — concluiu com um sorriso.

O pároco de Lumbres responde a esse sorriso com um outro sorriso aflito. Que importa? Quer somente ver no outro apenas um amigo, antes da suprema mudança, não escolhida, mas recebida, visivelmente recebida de Deus. Ah, certamente não espera mais voltar atrás, reencontrar a paz, reviver! Já está muito avançado na estrada maldita. Continuará, continuará, até o último fôlego, com esse único companheiro.

— Ai! — exclama. — Sou do mesmo jeito que era no seminário maior, um cabeça-dura, um coração seco, sem nenhum entusiasmo; em suma, um homem vil que a Providência usou. O barulho que fazem sobre mim, a obstinação em me perseguir, a amizade de tantos pecadores, são vários sinais e provações cujo sentido não entendia, nem a finalidade. Um santo amadurece no silêncio, e o silêncio não me foi dado. Ainda há pouco, eu deveria ter me calado... Não teria agora que lhe fazer uma confissão... (Sim... Meu coração sangrava por deixar, num momento como esse, aquela pobre mulher de joelhos, *tão duramente*, sim, duramente golpeada...) Não foi sem razão... Não foi... Pois... Meu amigo, quando estava ali na porta... um pensamento... um certo pensamento me veio...

— Qual? — perguntou o senhor pároco de Luzarnes.

Com um gesto involuntário, inclinou-se para ele, até sua boca, de onde sai agora somente um murmúrio confuso... Depois ele se endireitou, aterrorizado...

— Oh, meu amigo!... — exclamou. — Oh, meu amigo! Ergueu os braços ao céu, e cruzou-os sobre o peito, deixando cair os ombros largos, abatido. O velho padre continua ajoelhado, a cabeça baixa. Vê-se apenas sua nuca grisalha, dobrada pela vergonha.

— Assim — continuou o senhor pároco de Luzarnes —, esse pensamento lhe veio, de repente, pela primeira vez? — Pela primeira vez.

— E nunca antes?...

— Meu Deus! — exclamou o pároco de Lumbres. — Nunca antes! Não passo de um infeliz. Há anos não sei mais o que é uma hora de paz. Acredite... Ah! Bem aos pés de Satã! Um milagre, eu?... Meu amigo, na verdade eu talvez não tenha feito, em toda minha vida, um único ato de amor divino, mesmo imperfeito, mesmo incompleto... Não! Foi preciso o terrível trabalho desta última noite... Ao pé da letra, não me pertenço mais... Estava nas convulsões do desespero... E foi então... então, como por derrisão... que me veio esse pensamento...

— Devia afastá-lo — disse o outro.

— Compreenda — retomou o bom homem, humildemente... — Disse: me veio esse pensamento. Disse mal. Não foi um pensamento, mas uma certeza... (Ah, me faltam as palavras, elas sempre me faltaram!) — exclamou com uma impaciência ingênua... — Tenho de ir até o fim, meu amado irmão, até esta última confissão... Mas de joelhos à sua frente, mergulhado na angústia, até duvidando da minha salvação... eu creio... eu devo crer... invencivelmente... que essa certeza vinha de Deus.

— Teve, como direi?, um sinal material...

— Que sinal? — disse o pároco de Lumbres, cândido.

— Não sei!... Viu ou ouviu?...

— Nada... Somente essa voz interior. Se me fosse dada uma ordem, assim clara, teria obedecido imediatamente. Mas era menos uma ordem que a simples segurança, a certeza que aconteceria... se eu quisesse. Deus é testemunha de que a confissão que lhe faço me dilacera o coração, queria morrer de vergonha... Eu sabia... Eu sei... sempre... tenho certeza... que uma palavra minha teria... meu Deus!... teria ressuscitado... sim! Ressuscitaria esse pequeno morto! — Olhe pra mim — disse o pároco de Luzarnes, depois de um longo silêncio, com autoridade.

Erguia-o com as duas mãos. Quando o viu em pé, junto dele, os joelhos enlameados, a cabeça baixa, amou-o...

— Olhe pra mim — repetiu... — Responda-me francamente. Quem lhe proibiu de experimentar... experimentar seu poder, naquele momento mesmo? — Não sei — disse o velho sacerdote... — Era uma coisa terrível...

Quando o instrumento é muito vil, Deus o joga fora, depois de usar.

— Mas a sua... convicção permanece intacta? — Sim — disse ainda o pároco de Lumbres.

— E agora, qual sua decisão? — Obedecer — respondeu aquele estranho homem.

O futuro cônego retirou rapidamente seu pincenê e o brandiu: — Meu conselho é muito simples. Primeiro, vai entrar lá comigo, pedir desculpas como melhor puder.

(Sua saída tão brusca deve ter parecido muito estranha, pouco delicada). Enquanto eu cumpro esse dever de polidez, vá, ouça bem, vá até a câmara mortuária fazer suas orações, como quiser, de coração... Não gostaria de deixar nenhuma dúvida no seu espírito, já tão perturbado... Assumo tudo — concluiu, depois de uma imperceptível hesitação, mas com um gesto cortante, decisivo.

(Foi assim que furtou aos seus próprios olhos a fraqueza de um movimento de curiosidade quase inconsciente, inconfessa. Pois às vezes o mais vulgar dos homens, desorientado numa sala de jogo, é contagiado pelo ritmo de todos aqueles corações rápidos, e lança uma moeda sobre a mesa, descobrindo assim um pouco de si mesmo).

Depois, recolocando seu pincenê à altura dos olhos: — Depois disso, meu amigo, é prudente que vá descansar um pouco.

— Vou tentar — disse humildemente o velho sacerdote.

— Depende do senhor. O ato do repouso, afirmam os especialistas, é um ato voluntário. Em muitos doentes a própria insônia não passa de uma das mil formas da abolia. Acredite em quem está familiarizado com o assunto. Uma crise moral como esta é certamente a reação natural de um organismo sobrecarregado. Aqui entre nós, meu querido confrade, podemos falar claro. Em noventa por certo dos casos a paz que procura muito longe está ao seu alcance; uma boa higiene a traz de volta. Claro, na boca de um sacerdote, essas verdades são às vezes perigosas, ou delicadas de se tratar. Mas de um espírito superior como o seu, não temo uma dessas

interpretações excessivas... que algumas almas escrupulosas...

— O senhor acha que estou louco — disse o pároco de Lumbres, com doçura.

Ergueu o olhar, até então abaixado, cheio de uma ternura misteriosa.

Depois continuou: — Ai, há pouco tempo, eu ainda teria desejado isso! Em certos momentos, ver é por si só uma prova tão dura, que a gente gostaria que Deus quebrasse o espelho. Que nós mesmos o quebraríamos, meu amigo... Pois é duro permanecer em pé junto da cruz, e mais duro ainda olhar fixamente para ela... Que espetáculo, meu amigo, o da inocência em agonia! Mas, afinal de contas, essa morte não é nada... talvez pudessem matá-lo de um só golpe, acabar com tudo, encher de terra a boca inefável, abafar seu grito... Não! A mão que o aperta é mais lúcida e mais forte; o olhar que se alimenta dele não é um olhar humano. Ao ódio terrível que envolve o justo que expira, tudo é dado, tudo é entregue. A carne divina não é somente dilacerada, ela é violentada, profanada, por um sacrilégio absoluto, até na majestade da agonia... A derrisão de Satã, meu amigo! A gargalhada, a incompreensível alegria de Satã!...

— ... Para um espetáculo como esse — disse depois de um silêncio —, nossa lama ainda é pura demais...

— O drama do Calvário — começou o futuro cônego...

Mas não concluiu. A partir desse momento, o sacerdote cartesiano deixou de ver claro em si mesmo. O eminente filósofo, cujos discursos revelaram outrora a tantas beldades curiosas um outro universo sensível, e que, por uma sábia dosagem de matemática e de espírito, fez do

problema do ser um passatempo para as pessoas de bem, se tivesse um dia ouvido um de seus singulares animais, feitos de molas, alavancas e engrenagens, falar, não ficaria mais perturbado do que esse infeliz sacerdote, até agora tão firme, e que, subitamente arrancado para fora de si mesmo, não se reconhecia mais.

O pároco de Lumbres pousou sobre a testa do futuro cônego um dedo agudo.

— Infelizes de nós — disse com uma voz rouca e lenta —, infelizes de nós, que só temos aqui um pouco de cérebro, e o orgulho de Satã! De que me serve a sua prudência? Minha sorte agora está lançada. Que paz eu alcancei, que silêncio? Não há paz aqui na Terra, eu lhe digo, nenhuma paz, e num único instante de verdadeiro silêncio este mundo apodrecido se dissiparia como fumaça, como um sopro. Implorei a Nosso Senhor que me abrisse os olhos; quis ver sua cruz; e eu a vi; o senhor não sabe o que é... “O drama do Calvário”, foi o que senhor disse... Mas ele salta aos olhos, não há nenhum outro... Veja! Eu que lhe falo, Sabiroux, eu ouvi, sim, até no púlpito da catedral... certas coisas... não posso dizer... Eles falam da morte de Deus como de uma velha lenda... Eles a embelezam... acrescentam-lhe coisas. Onde vão buscar tudo isso? O drama do Calvário! Preste atenção, Sabiroux.

— Meu caro amigo... Meu caro amigo — gaguejava o outro já quase sem forças... —, uma exaltação dessas... uma violência dessas... tão estranha ao seu caráter...

E, certamente, as palavras que ouvia o assustavam menos do que aquela voz que se tornara tão dura. Mas o pior era o seu próprio nome, as três sílabas atiradas ao

vento, pronunciadas como uma ordem: Sabiroux... Sabiroux...

— Preste atenção, Sabiroux, o mundo não é um mecanismo bem arquitetado. Entre Satã e Ele, Deus nos põe, como uma última muralha. É através de nós que, há séculos e séculos, o mesmo ódio procura atingi-lo, é na pobre carne humana que o inefável assassinato é consumado. Ah! Ah, por mais alto, por mais longe que nos levem a oração e o amor, levamos conosco, agarrado aos nossos flancos, o medonho companheiro, sempre estourando em uma imensa gargalhada! Vamos rezar juntos, Sabiroux, para que a provação seja breve e a miserável multidão humana seja poupada... Miserável multidão!...

Sua voz quebrou-se na garganta, e ele cobriu os olhos com as mãos trêmulas. Ao redor, o claro jardinzinho zumbe e canta. Mas eles não o escutavam mais.

— Miserável multidão! — repetiu baixinho. Ao recordar daqueles que tanto amou, sua boca estremecia, uma espécie de sorriso tomou lentamente sua face e espalhou-se com uma majestade tão doce que Sabiroux temeu vê-lo cair, diante dele, morto. Chamou-o duas vezes, timidamente. Então, como um homem que desperta: — Tinha de falar assim. É melhor. Acho que me era permitido, Sabiroux, retificar um pouco seu juízo sobre mim. Seria muito penoso deixar que acreditasse que já fui favorecido por... visões... aparições... enfim, por tentações incomuns. Isto não é para mim. Não! O que vi, meu amigo, vi na minha pequena sacristia, sentado na minha cadeira de palha, tão claramente como agora o vejo. Veja bem, as pessoas não sabem o que é um pecador. O que é uma voz na escuridão do confessionário, que ronrona, apressada, apressada, que

só para nas primeiras sílabas do *mea culpa*? Isto é bom para as crianças, pobrezinhas! Mas é preciso olhar, é preciso olhar os rostos, onde tudo se estampa, e os olhares. Os olhos do homem, Sabiroux! Há sempre o que dizer sobre isso. Claro, já assisti muitos moribundos; isto não é nada; eles já não assustam. Deus os envolve. Mas os miseráveis que vi à minha frente, e que discutem, sorriem, esperneiam, mentem, mentem, mentem, até que uma angústia derradeira os lança aos nossos pés como sacos vazios! E ainda fazem uma boa figura no mundo, veja só! Um se pavoneia para as moças. Outra blasfema alegremente... Ah, por muito tempo não compreendi; só via desgarrados, que Deus reúne ao passar. Mas há alguma coisa entre Deus e o homem, e não é um personagem secundário... Há... há esse ser obscuro, incomparavelmente sutil e obstinado, que não pode ser comparado a nada, a não ser com uma ironia atroz, uma risada cruel. A este, Deus entregou-se por um tempo. É em nós que ele é agarrado, devorado. É de nós que ele é arrancado. Há séculos o povo humano é colocado no lagar, nosso sangue é extraído aos borbotões para que a mais diminuta parcela da carne divina sirva à satisfação e ao escárnio do medonho carrasco... Ah, nossa ignorância é profunda! Para um sacerdote erudito, amável, político, o que é o diabo? É o que lhe pergunto. Mal se consegue falar dele sem rir. Assobiam para ele como para um cachorro. Quê? Acham que o tornaram familiar? Ora! Ora! É que leram livros demais, e não se confessaram o bastante. Só querem ser agradáveis. Só agradam aos tolos, que ficam tranquilizados. Não somos anestesistas, Sabiroux! Estamos na primeira linha de uma batalha mortal, e nossos pequenos estão atrás de nós. Sacerdotes! Mas eles não ouvem o clamor da miséria universal! Só confessam os seus sacristãos! Será que nunca tiveram à sua frente, face a face, um rosto transtornado? Será que

nunca viram brilhar um desses olhares inesquecíveis, já pleno do ódio de Deus, aos quais não resta mais nada a oferecer, nada? O avarento corroído por seu câncer, o luxurioso como um cadáver, o ambicioso repleto de um único sonho, o invejoso sempre vigilante. Ah, o quê? Qual sacerdote nunca chorou de impotência perante o mistério do sofrimento humano, de um Deus ultrajado no homem, seu refúgio?... Eles não querem ver! Eles não querem ver! • À medida que a áspera voz se erguia ao vento e ao sol, o vigoroso jardinzinho desafiava-a com sua robusta vida. A brisa de maio, tangendo no céu as nuvens cinzas, bloqueava às vezes sob o horizonte seu imenso rebanho. Foi então que um raio de luz ofuscante, semelhante ao fulgor de um sabre, varreu toda a sombria planície, e veio iluminar a esplêndida sebe.

“Eu me sentia”, escreveu mais tarde o Padre Sabiroux, “como num cume isolado, exposto sem defesa aos golpes de um invisível inimigo... E ele, novamente silencioso, fixava o mesmo ponto no espaço. Parecia esperar um sinal, que não veio”.

VI

Devemos passar a palavra à testemunha que melhor narrou essa história, e que foi escolhida por alguém mais hábil e mais poderoso para assistir o velho homem de Lumbres em seu último combate. Como as citações precedentes, estas foram extraídas do volumoso relato enviado a seus superiores pelo escrupuloso cônego. Certamente, veremos nela o medo e o amor-próprio se exprimirem às vezes com uma inocente dissimulação. Mas não há nada de absolutamente vil nas justificativas de um infeliz que defende seu preconceito, seu repouso, sua vaidade, suas razões de viver.

Com certeza é muito difícil apresentar com bastante força um acontecimento já antigo, mas uma conversação como a que tentarei relatar aqui é, por assim dizer, incompreensível, e a mais fiel memória não conseguiria reconstituir à distância a atitude, o tom, milhares de pequenos fatos que vão modificando o sentido das palavras e nos dispõem a ouvir somente aquelas que se harmonizam com o nosso sentimento secreto. É necessário que o respeito que devo à ordem formal de meus superiores e meu desejo de esclarecê-los triunfem sobre minha repugnância e meu escrúpulo. Tentarei, portanto, menos reportar os termos que reproduzir seu sentido geral, e a impressão singular que me causaram.

“Preste atenção, Sabiroux!”, tinha exclamado subitamente meu infeliz confrade, com uma voz que me paralisou. Seus olhos lançavam chamas. Uma vez, ou duas, tentei me fazer ouvir, sem que ele se dignasse sequer a baixar os olhos. Deveria ainda confessá-lo? Estava sob o seu encanto, se é que se pode chamar de encanto uma terrível contração dos nervos, uma curiosidade devoradora. Durante todo o tempo em que falava, eu não duvidava mais de que estava na presença de um homem verdadeiramente sobrenatural, em pleno êxtase. Mil coisas em que jamais tinha pensado, e que hoje parecem-me cheias de contrassensos e de obscuridades, ou mesmo de imaginações pueris, esclareceram-me então o coração e a razão. Acreditei penetrar em um mundo novo. Como reproduzir a sangue-frio aquelas frases singulares com que, suplicando e ameaçando alternadamente, ora pálido de raiva, ora banhado em lágrimas, com

um acento dilacerante, desesperava da salvação das almas, traçava seu inútil martírio, investindo contra o mal e a morte como se tivesse agarrado Satã pelo pescoço? Satã! O nome retornava aos seus lábios, e ele o pronunciava com um acento extraordinário, que transpassava o coração. Se fosse permitido a olhos humanos entrever o anjo rebelde, ao qual a santa ingenuidade dos nossos pais atribuía tantas maravilhas, hoje melhor conhecidas, tais palavras o teriam evocado, pois sua sombra já estava entre nós dois, humildes sacerdotes, no pequeno jardim. Não, senhores, um discurso como aquele não pode ser reproduzido a sangue-frio! Seria preciso ouvir esse homem venerável, transfigurado pelo horror, e como que transportado pelo ódio, evocando as recordações mais secretas de seu santo ministério, espantosas confissões, o trabalho do pecado nas almas, e até a face dos infortunados, transformados em presas do demônio, nos quais seus olhos visionários viam, linha a linha, desenhar-se a agonia de Nosso Senhor na cruz. Uma espécie de entusiasmo me transportava. Eu não era mais um desses ministros da moral cristã, mas um homem inspirado, um desses legendários exorcistas, prestes a arrancar das potências do mal as ovelhas do seu rebanho. Milagre da eloquência! Pronunciava palavras sem nexo, sentia vontade de atacar, enfrentar perigos, talvez o martírio. Pela primeira vez pareceu-me entrever a verdadeira finalidade da minha vida e a majestade do sacerdócio. Eu me lancei, sim, lancei-me aos joelhos do senhor pároco de Lumbres. Mais ainda! Tomei entre as mãos as dobras da sua pobre batina, imprimi nela meus lábios, banhei-a de lágrimas, e gritando — ai de mim! — na

> superabundância da minha alegria, arrojei, mais do que pronunciei, estas palavras: “O senhor é um santo!... O senhor é um santo!...”.

Não uma só vez, mas vinte vezes o cônego aterrado repetiu essa frase, e a gaguejava com embriaguez. A terra queimava seus grossos sapatos, o horizonte girava como uma roda. Sentia-se mais leve que um homem de cortiça, maravilhosamente livre e leve, no ar elástico. “Senti-me desligado dos laços mortais”, anota.

Que palavra, então, foi bastante forte para erguer tão alto esse peso enorme, ou que miraculoso silêncio? Que lhe dizia ao ouvido esse trágico ancião, que a tentação remoía então até as profundezas, e que, repelido por todos, e pelo próprio Deus, prostrado, vencido, voltava-se, morrendo, para um olhar amigo? Mas isto jamais saberemos...

— Ah, Satã nos pisoteia! — disse por fim, com uma voz doce e desarmada. O pároco de Luzarnes, espantado, gaguejou: — Meu amigo, meu irmão, eu não o conhecia... Não sabia... Deus o criou para ser a honra da diocese, da Igreja, da cátedra da Verdade... E, possuindo dons tão admiráveis, ah!, ainda suspira, se vê derrotado! O senhor! Deixe-me ao menos exprimir meu reconhecimento, minha emoção, pelo bem que me fez, pelo entusiasmo...

— Não me compreendeu — disse simplesmente o pároco de Lumbres.

Ele sabe que deve calar-se, e, entretanto, falará. A fraqueza tem sua lógica e sua tendência, como o heroísmo. Todavia, o velho homem hesita antes de desferir seus últimos golpes.

— Eu não sou um santo — começou. — Vamos! Deixe-me falar. Talvez eu seja um condenado... Sim! Olhe pra mim... Minha vida passada se ilumina, e eu a vejo como uma paisagem, como do alto de Chennevières o povoado de Pin, aos meus pés. Trabalhava para me desapegar do mundo, é o que eu queria, mas o outro é mais forte e mais astuto; ajudava-me a usar em mim a esperança. Como sofri, Sabiroux! Quantas vezes engoli em seco! Alimentava em mim esse desgosto; é como se eu tivesse estreitado ao coração o diabo menino. Estava no limite das forças quando essa crise acabou de fazer tudo ruir. Como eu era besta! Deus não está aí, Sabiroux! Hesita ainda, diante da inocente vítima: esse padre em botão, de olhos cândidos. E depois, com raiva, bate uma e outra vez: — Um santo! Vocês todos têm essa palavra na boca. Santos! Sabem o que é isso? E você mesmo, Sabiroux, guarde isto! O pecado raramente entra em nós à força, mas com artimanhas. Insinua-se como o ar. Não tem nem forma, nem cor, nem sabor que lhe sejam próprios, mas assume todos eles. Ele nos usa por dentro. Para alguns miseráveis que ele devora vivos e cujos gritos nos apavoram, quantos outros que já estão frios, e que nem mesmo estão mortos, mas são sepulcros vazios. Nosso Senhor o disse; e que palavra, Sabiroux! O Inimigo dos homens rouba tudo, mesmo a morte, e depois se vai, rindo.

(A mesma chama passa por seus olhos fixos, como um reflexo numa parede).

— Seu riso! Esta é a arma do príncipe do mundo. Ele se disfarça e mente, veste todos os rostos, mesmo o nosso. Não espera jamais, não finca pé em lugar algum. Está no olhar que o desafia, está na boca que o nega. Está na angústia mística, está na segurança e na serenidade do tolo... Príncipe do mundo! Príncipe do mundo! “Por que

essa cólera? Contra quem?...", pergunta-se o pároco de Luzarnes, ingenuamente.

— Ah! — exclama — Homens como o senhor...

Mas o santo de Lumbres não o deixa terminar; avança até ele e o abraça.

— Homens como eu! O Santo Livro diz, Sabiroux: eles se desvanecem em sua sabedoria.

Depois lhe pergunta de repente, com sua voz cortante: — Príncipe do mundo... o que pensa deste mundo? — Por Deus, sem dúvida... — sibila o bom homem entre os dentes.

— Príncipe do mundo; esta é a palavra decisiva. Ele é príncipe *deste mundo*, ele o tem nas mãos, é o seu rei.

— ... Estamos sob os pés de Satã — retomou depois de um silêncio. — Você, eu mais do que você, com uma certeza desesperada. Somos dissolutos, afogados, enterrados. Ele nem se dá ao trabalho de nos descartar, cativos; faz de nós seus instrumentos; serve-se de nós, Sabiroux. Neste minuto, o que eu sou? Eu mesmo? Um escândalo para você, um espinho que fere o seu coração. Perdoe-me, em nome da divina misericórdia! Carreguei esse pensamento, amadurecido dia a dia, em silêncio, toda minha vida. Não o possuo mais; ele me devorou. Sou eu que estou nele, meu Inferno! Conheci almas demais, Sabiroux, ouvi demais a palavra humana, quando ela já não serve mais para disfarçar a vergonha, mas para exprimi-la; tomada em sua fonte, sugada como o sangue de uma ferida. Eu também já acreditei que podia lutar, até vencer. No início da nossa vida sacerdotal fazemos do pecador uma ideia muito singular, muito generosa. Revolta, blasfêmia, sacrilégio, têm uma

grandeza selvagem, são um animal que devemos domar... Domar o pecador! Ah, que pensamento ridículo! Domar a fraqueza e a covardia mesmas! Quem não se cansaria de levantar uma massa inerte? Todos iguais! Na efusão da confissão, no alívio do perdão, ainda mentirosos, sempre! Eles interpretam o papel do homem forte e desconfiado que tomou o freio entre os dentes por entre as conveniências, a moral e o resto; imploram um pulso firme. Ah, miséria! Estão esgotados! Vi alguns, preste atenção, vi alguns que bastava um nome de mulher para lhes provocar convulsões de raiva, e que, dilacerados de medo, de remorso e de inveja, rastejavam a meus pés como animais... Vi alguns... Não! Não! Essa imensa cilada, esse riso cruel, essa maneira de profanar o que mata, isto é o Satã vencedor! Você compreendeu, Sabiroux? Os olhos azuis do professor suportam seu olhar com uma curiosidade cândida, uma benevolência infinita, eterna. Ah, quebra-se, enfim, esse esmalte azulado! E o velho atleta, diante do menino grande que desperta, cora e empalidece alternadamente. O coração pulsa forte e regularmente em seu peito, onde a poderosa vontade, jamais completamente subjugada, já se empina, rebenta o freio. Empurra Sabiroux contra o muro, grita-lhe no ouvido, com um acento inesquecível: — Estamos derrotados, eu lhe digo! Derrotados! Derrotados! Por um minuto, um longo minuto, escuta sua própria blasfêmia, como a última pá de terra sobre um túmulo. Aquele que negou três vezes seu mestre, um só olhar pôde absolver, mas que esperança tem aquele que negou a si mesmo? — Meu amigo! Meu amigo! — exclama o pároco de Luzarnes. Mas o santo de Lumbres lhe repele docemente as mãos: — Deixe-me, deixe-me... Não me escute mais.

— Deixá-lo! — retomou o outro com uma voz vibrante. — Deixá-lo! Nunca vi nada que se parecesse com o senhor. Antes me perdoe, por ter duvidado do senhor.

Estou pronto a lhe servir de testemunha na prova que pensou... Nada é impossível nem inacreditável para um homem como o senhor... Vamos! Vamos! Eu o sigo; foi Deus quem o inspirou há pouco. Vamos! Voltemos juntos até a casa. Vamos devolver o menino morto à sua mãe.

O pároco de Lumbres olha-o com estupor, passa a mão na testa, tenta compreender... Mesmo para um moralista, o trágico, o espantoso esquecimento!... Quê? Não se recorda mais?...

— Veja, meu amigo, meu venerável amigo — repetiu —, cabe a mim lembrá-lo o que há pouco, neste lugar?...

Ele se lembrou. O último apelo da misericórdia, a promessa deslumbrante que o teria salvo, e que ouviu com desconfiança, em vez de obedecer como a criança cujas mãozinhas fazem grandes coisas que ela ignora; é possível? É preciso que um outro o lembre. A ideia fixa em que há dois dias e duas noites o miserável encadeava seu pensamento — ah, raiva! —, talvez no momento da libertação — e por que mãos! — tomou-o inteiramente. No minuto decisivo, no minuto único de sua extraordinária vida — derrisão soberana, absoluta —, ele não passava de um pobre animal humano, só podendo sofrer e chorar.

Ah, o náufrago que, na bruma da manhã, não encontra mais a vela vermelha; o artista que, esgotada a veia, morre em vida; a mãe que vê nos olhos de seu filho em agonia o olhar deslizar para longe da sua presença, não erguem aos céus um grito mais duro.

Sob um tal golpe, entretanto, o heroico ancião não dobrou os joelhos. Não reza mais. Mede friamente a profundeza de sua queda; repassa uma última vez a

tática superior do inimigo que o venceu. “Eu odiei o pecado”, diz para si mesmo, “e depois a própria vida, e o que eu sentia de inefável, nas delícias da oração, talvez fosse esse desespero que me fundia o coração”.

Uma a uma, as imagens dissolvem sobre nós os seus contornos, depois, em plena desordem da consciência, vem a razão nos consumir. Tanto quanto o próprio instinto, a alta faculdade de que nos orgulhamos também tem o seu pânico. O pároco de Lumbres o experimenta; consome o pensamento que o mata. O quê? No momento mesmo em que eu me acreditava... Quê? Até na embriaguez do amor divino!...

— Deus terá zombado de mim? — exclamou.

Na dissipação de um sonho que sempre nos pareceu a própria realidade, e ao qual nosso destino estava unido, quando o desastre é completo — atinge seu ponto de perfeição —, que outra força ainda nos solicita senão o áspero desejo de provocar a desgraça, de apressá-la, de conhecê-la, enfim? — Vamos — disse o pároco de Lumbres.

VII

Ele atravessa a largos passos o jardim, que uma nuvem ensombrece. Reaparece à porta.

— Está aqui! — exclama aquela que o esperava, o coração aos saltos.

Ela avança até ele, para, atingida agora em sua esperança à vista daquele rosto alterado, onde lê apenas uma vontade selvagem, rosto de herói, não de santo.

Mas ele, sem baixar para ela o olhar, vai direto para a porta fechada, atrás da mesa de carvalho, e, a mão no trinco, com um sinal detém seu confrade intimidado. A porta abre-se para o quarto obscuro e mudo, com as venezianas fechadas. Por um segundo, a vela vacila ao fundo. Ele entra e encerra-se com o morto.

A peça, de paredes caiadas de branco, é estreita e profunda; está atrás da cozinha, para onde o doutor quis transportar o enfermo, por ser mais vasta, com duas janelas para o oriente, diante do jardim, diante dos bosques de Sennecourt, das colinas de Beauregard, cheias de sebes floridas. Sobre os ladrilhos vermelhos, puseram um tapete surrado. Um único círio mal ilumina as paredes nuas. E o que penetra da luz do dia — não se sabe como — por invisíveis fissuras, converge e flutua em torno dos lençóis brancos, sem dobras, duros, e que caem simetricamente até o chão, de cada lado do menininho, agora maravilhosamente circunspecto e tranquilo. Uma mosca, atarefada, zumbe.

O pároco de Lumbres está ereto ao pé da cama, e olha, sem rezar, o crucifixo sobre a fazenda clara. Não espera ouvir de novo a ordem misteriosa. Mas a promessa foi feita, a ordem ouvida; é o que basta. Eis o servo fiel, ali mesmo onde em vão o esperou seu senhor, e que escuta, impassível, o julgamento a que fez jus.

Ele escuta. Lá fora, atrás das venezianas fechadas, o jardim arde e sibila sob o sol, como uma acha de lenha verde no fogo. Dentro, o ar é pesado, com o perfume dos lilases, da cera quente, e de um outro odor solene. O silêncio, que não é mais o da terra, que os ruídos exteriores atravessam sem romper, eleva-se, em volta deles, da terra profunda. Eleva-se como uma névoa invisível, e já se desfazem e desatam as formas vivas,

mal entrevistas; já os sons se detêm, já se procuram e se reúnem mil coisas desconhecidas. Semelhante à confluência de dois líquidos de diferente densidade, duas realidades se superpõem, sem se confundir, num equilíbrio misterioso.

Nesse momento, o olhar do santo de Lumbres encontra o do morto, e fixa-se nele.

O olhar de um só desses olhos mortos, o outro está fechado. Cerrados cedo demais, sem dúvida, e por uma mão trêmula, a retração do músculo ergueu um pouco a pálpebra, e pode-se ver sob os cílios estendidos a pupila azul, já descorada, mas estranhamente sombria, quase negra. No rosto lívido, no côncavo do travesseiro, ela se destaca, no meio de um círculo largo como um poço de sombra. O corpinho, em sua mortalha juncada de lilases, já tem a rigidez e os ângulos do cadáver, em torno do qual nosso ar, tão amante das formas vivas, parece solidificado como um bloco de gelo. A cama de ferro, com seu pequeno fardo frio, parece um maravilhoso navio, ancorado para sempre. Nada lhe resta senão esse olhar para trás — um longo olhar de eLivros — tão claro quanto um adeus.

É claro que o pároco de Lumbres não o teme, a esse olhar; mas ele o interroga. Tenta entendê-lo. Ainda há pouco, numa espécie de desafio, cruzou o umbral da porta, pronto para jogar entre essas quatro paredes uma partida desesperada. Caminha em direção do morto sem enternecimento, sem piedade, como para um obstáculo a vencer, uma coisa a sacudir, pesada demais... E eis que o morto se antecipou a ele: é ele que o espera, como um adversário resoluto, em guarda.

Ele fixa aquele olho entreaberto com uma atenção curiosa, em que a piedade se esvai gradualmente, e depois com uma espécie de impaciência cruel. Certamente já contemplou a morte tantas vezes quanto o mais velho soldado; um tal espetáculo lhe é familiar. Dar um passo, estender a mão, fechar a pálpebra com os dedos, cobrir a pupila que o espreita, que nada mais defende — o que há de mais simples? Nenhum terror o detém, hoje; nenhum desgosto. Mas antes o desejo, a espera inconfessa de uma coisa impossível, que se vai realizar fora dele, sem ele. Seu pensamento hesita, recua, avança novamente. Tenta esse morto, como daqui a pouco, sem o saber, tentará Deus.

Ainda uma vez tenta rezar, move os lábios, descontrai a garganta fechada. Não! Um minuto, ainda, um pequeno minuto ainda... O medo louco, insensato, de que uma palavra imprudente afaste para sempre uma presença invisível, adivinhada, desejada, temida, crava-o no lugar, mudo. A mão, que esboçava no ar o sinal da cruz, cai. A larga manga, na passagem, faz vacilar a chama do círio, sopra-a. Tarde demais! Ele viu, duas vezes, os olhos abrirem-se e fecharem-se a um apelo silencioso. Sufoca um grito. O quarto escuro está mais calmo do que antes. A luz de fora desliza através das janelas, flutua ao redor, desenha cada objeto contra um fundo cinzento, e a cama, no meio de um halo azulado. Na cozinha, o relógio bate dez vezes... O riso de uma menina sobe na clara manhã, vibra por um bom tempo...

— Vamos! Vamos!... — diz o santo de Lumbres, com uma voz meio insegura.

Revista-se com uma pressa cômica, procura o isqueiro, presente do senhor conde de Salpène (e que sempre esquece em cima da mesa), encontra um fósforo, risca-o,

repete: — Vamos... vamos! — os dentes serrados. Esvaziando os bolsos, pôs no chão sua faquinha de cabo de chifre, cartas, seu lenço de algodão de um vermelho tão belo; e tateia em vão o ladrilho, aqui e ali, sem os encontrar. A cama ao lado faz uma sombra mais densa. Mas em cima, por contraste, a névoa luminosa, em torno das janelas fechadas, amplia-se, espraia-se. Já o rosto do morto aparece... gradualmente... emerge... lentamente... até a superfície das trevas. O bom homem inclina-se para tocá-lo, olha... “Os dois olhos, agora bem abertos, também o olham”.

Por um minuto ainda, sustenta esse olhar, com uma louca esperança. Mas nenhuma dobra das pálpebras levantadas se move. As pupilas, de um negro opaco, não têm mais pensamentos humanos... E entretanto... Um outro pensamento talvez?... Uma ironia logo reconhecida, num clarão... O desafio do senhor da morte, do ladrão de homens... É ele.

— És tu. Eu te reconheço — exclama o miserável velho sacerdote com uma voz baixa e martelada. Ao mesmo tempo, parece-lhe que todo o sangue de suas veias cai sobre seu coração numa chuva gelada. Uma dor fulgurante, indizível, atravessa-o de um ombro ao outro, difunde-se pelo braço esquerdo, até os dedos entorpecidos. Uma angústia jamais sentida, totalmente física, cava um vazio em seu peito, como por uma monstruosa sucção do epigástrio. Domina-se para não gritar, chamar.

Toda segurança vital desapareceu: a morte está próxima, certa, iminente. O homem intrépido luta contra ela com uma energia desesperada. Tropeça, dá um passo para recuperar o equilíbrio, apoia-se na cama, não quer cair. Nesse simples passo em falso, quarenta anos de

uma vontade magnânima, na sua mais alta tensão, esvaem-se num segundo, num último esforço, sobre-humano, capaz de fixar num momento o destino.

Então é verdade que, até que a noite o esconda, recubra-o por seu turno, o tenaz carrasco que se diverte com os homens como com uma presa, envolve-o com seus prestígios, chama-o, afasta-o, ordena ou acaricia, tira ou dá a esperança, assume todas as vozes, anjo ou demônio, multiforme, eficaz, poderoso como um Deus. Como um Deus! Ah! Que importa o Inferno e seu fogo, desde que seja esmagada, uma vez, apenas uma vez, a monstruosa malícia! É possível, será que Deus quer que o servo que o seguiu encontre em seu lugar o rei risível das moscas, a besta sete vezes coroada? À boca que busca a cruz, aos braços que a estreitam, só se dará isso? Essa mentira?...

—É possível? — repete o santo de Lumbres em voz baixa. — É possível?... E logo em seguida: — Vós me enganastes! — exclama.

(A dor aguda que o cingia como um terrível cinturão afrouxa um pouco a pressão, mas sua respiração se torna difícil. Seu coração bate lentamente, como sufocado. “Tenho apenas um momento”, diz para si mesmo o infeliz homem, levantando da terra, um depois do outro, os pés de chumbo).

Mas nada detém aquele que, as mandíbulas cerradas e concentrando-se por inteiro em um único pensamento, avança para o inimigo vencedor e calcula seu golpe. O santo de Lumbres desliza as mãos sob os bracinhos rígidos, puxa um pouco o leve cadáver. A cabeça tomba e oscila sobre um e outro ombro, depois desliza para trás, imóvel. Parece dizer: “Não! Não!...”, com o belo gesto

lasso das crianças mimadas. Mas que importa ao rude camponês violentado em sua suprema esperança, e que em pé acumula uma cólera sobre-humana, um desses sentimentos elementares, raiva de menino ou de semideus? Ele ergue o garotinho como uma hóstia. Lança ao céu um olhar selvagem. Como esperar reproduzir o grito de aflição, a maldição do herói que não pede piedade nem perdão, mas justiça! Não, não! Ele não implora esse milagre, ele o exige. Deus lhe deve isso, Deus o dará, ou tudo não passa de um sonho. Dele ou de Vós, dizei quem é o senhor! Oh, a louca, louca palavra, mas proferida para ecoar até no céu, e romper o silêncio! Louca palavra, amorosa blasfêmia!...

Àquele que fez a morte entrar na família humana talvez seja dado o poder de destruir a vida mesma, de restituí-la ao nada do qual foi tirada. Que ele tenha sofrido em vão, seja! Mas ele acreditou. “Mostrai-Vos!” — exclama ele, com essa voz interior em que se manifesta ao mundo invisível o incompreensível poder do homem. “Mostrai-Vos, antes de me abandonar para sempre!”... Ah, o miserável velho sacerdote, que lança ao vento o que tem para obter um sinal do Céu! E esse sinal não lhe será recusado, pois a fé que transporta montanhas bem pode ressuscitar um morto... Mas Deus só se dá ao amor.

VIII

Não possuímos do próprio santo de Lumbres senão um relato muito curto, ou antes, notas escritas às pressas, e numa desordem de espírito próxima ao delírio. A redação é canhestra, tão ingênua que é impossível transcrevê-las sem modificá-las. Nada nelas lembra o homem extraordinário sobre o qual foram tentadas todas as seduções do desespero; mas se encontra, ao

contrário, o antigo pároco de Lumbres, com sua humildade cândida, seu respeito pelos superiores e mesmo uma deferência um pouco chã, o temor servil do alarde, uma perfeita desconfiança de si mesmo, unidos a um esgotamento profundo, sem remédio, e que bem permite prever o seu fim.

Contudo, algumas dessas linhas merecem ser retiradas do esquecimento. Aquelas em que, preocupado unicamente em anotar com exatidão a sucessão dos fatos de que foi a única testemunha, transcreveu, por assim dizer, palavra por palavra, os últimos instantes de sua maravilhosa história. Ei-las, exatamente como as redigiu:

> Segurei por um minuto ou dois o pequeno cadáver em meus braços, depois procurei erguê-lo em direção à cruz. Por mais leve que ele fosse, era muito difícil sustentá-lo, tão fraco e doloroso estava o meu braço esquerdo. Mas o consegui. Então, fixando Nosso Senhor e invocando com força em meu pensamento a penitência e as fadigas da minha pobre vida, o que algumas vezes consegui realizar, as consolações que tinha recebido, dei isso tudo, sem reservas, para que o inimigo que tinha me perseguido sem repouso, e que me furtava agora até a esperança da salvação, fosse por fim humilhado perante mim mesmo por alguém mais poderoso do que eu... Oh, meu pai, eu teria sacrificado por aquilo até a vida eterna!...
>
> ... Meu pai, é bem verdade; o diabo, que tinha tomado posse de mim, é bastante forte e bastante sutil para enganar meus sentidos, perturbar meu juízo, misturar o verdadeiro e o falso. Aceito, e recebo antecipadamente sua soberana decisão. Mas

> o prodígio está ainda diante dos olhos que o viram, nas mãos que o tocaram... Sim! Durante um espaço de tempo que não consegui fixar, o cadáver pareceu reviver. Senti-o quente sobre meus dedos, palpitando. A cabecinha deitada para trás voltou-se para mim... Vi suas pálpebras baterem e o olhar se animar... Eu o vi. Nesse momento uma voz interior me repetia a palavra: “Nunquid cognoscentur in tenebris mirabilia tua, et justitia tua in terra oblivionis?”. Abria a boca para pronunciá-la quando aquela mesma dor aguda, indizível, que não consigo comparar a nada, assolou-me novamente. Durante um segundo, ainda, tentei sustentar o corpinho que me escapava. Vi-o cair de novo na cama. Foi aí que ecoou atrás de mim um grito terrível.

Ele tinha ouvido, com efeito, esse grito terrível, seguido de uma risada ainda mais medonha. Fugiu então do quarto, como um ladrão, diretamente para a porta aberta e para o jardim cheio de sol, sem voltar a cabeça, sem nada ver senão sombras, que repelia sem reconhecer, com seus dois braços estendidos... Atrás dele, as vozes extinguiram-se uma a uma, para confundir-se em um só rumor vago, logo sufocado... Deu ainda alguns passos, retomou o fôlego, abriu os olhos. Estava sentado no barranco da estrada de Lumbres, o chapéu caído ao lado, o olhar ainda bêbado. Uma carriola rolava veloz, na poeira dourada; o homem que passava nela abriu-lhe um largo sorriso e cumprimentou-o com o chicote... “Será que sonhei?”, dizia para si mesmo o infeliz sacerdote, o coração aos saltos...

O pároco de Luzarnes estava diante dele.

Um pároco de Luzarnes pálido, ofegante, balbuciante, mas recuperando pouco a pouco sua autoridade e sua

segurança, à vista do infeliz que se erguia com muita dificuldade, esforçando-se para ficar em pé, a cabeça nua, os cabelos grisalhos em desordem, como um velho colegial.

— Infeliz! — exclamou o futuro cônego, logo que esteve seguro de falar com a firmeza conveniente. — Infeliz! Seu estado é de causar piedade; lamento isso. Mas também lamento ter cedido à sua loucura, trazido para essa pobre casa uma outra infeliz desgraça, comprometido nossa dignidade diante de todos, sim!, de todos, com uma manifestação ridícula... E essa fuga! Ah, meu caro confrade, essa sua falta de coragem me espanta... E agora — retomou depois de um silêncio, em que escutava a si mesmo ainda com os olhos fechados —, e agora, o que vai fazer? — O que deseja que eu faça? — respondeu o santo de Lumbres. — Cometi uma falta cuja gravidade mal suspeito. Deus a conhece. Bem mereço o seu desprezo.

Acrescentou muito baixo algumas palavras confusas, hesitou por um bom tempo, e depois, humildemente, a cabeça inclinada para o chão, com uma voz quase ininteligível: — E agora... e agora... se quiser me dizer... esse pequeno morto, que tive em meus braços?...

— Não vamos falar dele! — respondeu o pároco de Luzarnes, com uma brutalidade calculada.

Sob esse golpe, estremeceu, sem responder, mas lançou sobre seu juiz um olhar singular.

— A comédia quase sacrílega que representou (sem má intenção, meu pobre amigo!) teve um desfecho que parece desconhecer... Falemos sério! Não é possível que não tenha visto nem ouvido...

— Ouvi... — respondeu o santo de Lumbres... — Ouvi... O que foi que ouvi? — “O que foi que ouvi?”! — exclamou o antigo professor. — Explique-se! É bem capaz, depois de tudo, de só ter prestado ouvidos às suas vozes imaginárias. Não posso acreditar que um homem como o senhor, um ministro da paz, tenha deixado atrás de si, sem remosos, uma mulher, uma mãe, que sua odiosa farsa quase matou, [1] e que está, neste minuto em que lhe falo, num acesso de demência? Mas, como o velho sacerdote o olhasse com um estupor evidentemente sincero, baixou o tom para continuar, com a pressa dos tolos, a livrar-se de um relato mau e trágico: — Então você o ignora! Não sabe que a infeliz se esgueirou para dentro do quarto, atrás do senhor? O que aconteceu? Deve saber melhor do que eu... Só ouvimos um grito, uma gargalhada... Depois o senhor atravessou a sala como um insensato... Ela queria segui-lo; a custo a detivemos; era um espetáculo terrível... Ai, por que me admiraria que uma mulher fraca, em seu sofrimento, tenha cedido à atração da sua eloquência, ao contágio dos seus gestos, da sua imaginação exaltada, pois eu mesmo... um cérebro como o meu... ainda há pouco... estava duvidando do verdadeiro e do falso... Ela repetia: “Está vivo! Está vivo!... Vai reviver!...”. Queria que corrêssemos, que o buscássemos... Misericórdia! Para por um momento, toma fôlego, e pergunta, os braços cruzados: — Eis os fatos... O que pensa disso? — Estou perdido — respondeu o pároco de Lumbres, com calma, erguendo-se em toda sua altura.

Depois pareceu procurar com os olhos, no céu vazio, seu invisível inimigo.

— Estou perdido — continuou... — Estava louco... um louco perigoso... Vou me castigar eu mesmo; sim, tenho eu mesmo que me tornar inofensivo... Resta-me uma

esperança, é que meus dias estão contados, bem contados... Senti há pouco, meu amigo, o primeiro ataque de um mal que atribuía... enfim, uma dor bem estranha e que, é o que sinto, aumentará de um minuto para outro para me levar...

“Descreveu-me com muita clareza”, relata o pároco de Luzarnes nas notas já citadas, “uma crise clássica de angina do peito. Queria acrescentar alguns conselhos (da minha experiência — ai de mim —, pois minha venerável mãe morreu dessa terrível enfermidade). Mas, depois de me fazer repetir duas vezes o termo *angor pectoris*, que ele ignorava, eu o vi pegar o chapéu do chão, limpá-lo com a manga, e partir, sem querer me ouvir, a largos passos”.

IX

Como é longo o caminho de volta, o longo caminho de volta! O dos exércitos vencidos, o caminho da noite, que não leva a nenhum lugar, na poeira vã... É preciso continuar, porém, é preciso caminhar, enquanto bater esse velho coração — para nada, para exaurir a vida —, porque não há descanso enquanto dura o dia, enquanto o astro cruel nos observa, com seu olho único, acima do horizonte. Enquanto bater o pobre velho coração.

Eis a primeira casa do vilarejo, depois o atalho, entre duas cercas desiguais, por entre prados e macieiras, que desemboca na entrada do cemitério, à sombra mesmo da igreja. Eis a igreja de Lumbres, como uma sombra.

O pároco de Lumbres entrou, sem ser visto, pela pequena porta que dá na própria sacristia. Deixou-se cair em uma cadeira, o olhar nos tijolos do chão, amarrotando

o chapéu com as mãos, ainda incapaz de fixar em algo sua memória errante, escutando apenas o choque regular do sangue nas artérias do pescoço, com uma atenção estúpida.

Certamente nada resta do grande ancião em plena revolta, em pleno desafio! Nem por um segundo, até o fim, encontrará a força necessária para reunir suas lembranças, ou para discerni-las. A simples ideia de um discernimento tão doloroso lhe é odiosa, insuportável. Ah, antes o entretenha esse meio sono! O esforço tinha sido muito rude e ele caiu de muito alto; as tentações ordinárias não passam de sonhos infantis, uma ruminação monótona, uma repetição, semelhante ao palavrório insidioso de um juiz. Quanto a ele, foi o carrasco que o questionou.

Mantém, num gesto inconsciente, a mão sobre o peito, no exato lugar em que a dor adormecida tem sua raiz. Mais que o terror, porém, de uma nova agonia, oprime-o o medo do julgamento de seus colegas, de seus discursos, das reprimendas e das sanções do arcebispo. As lágrimas enchem-lhe os olhos. Leva sua cadeira para perto de uma mesinha e, a cabeça vazia, o coração lasso, as costas curvadas sob a ameaça, procura escrever de forma legível, fielmente, para uma possível investigação, com uma bela caligrafia de colegial, essa espécie de relato de que citamos acima algumas linhas.

Escreve, risca, rasga. Mas, à medida que fixa seus detalhes no papel, sua miraculosa aventura dissipa-se em seu espírito, apaga-se. Não mais a reconhece; sente-se estranho a ela. O próprio esforço que fez para recordá-la desfaz nele a última, a frágil trama da lembrança, e o deixa com os cotovelos sobre a mesa, os olhos vagos, insensível.

Quantas horas ficará assim, olhando sem ver uma estreita janela gradeada, na espessura da pedra, onde passa lá fora o ramo de um sabugueiro balançado pelo vento, ao sol, ora negro e ora verde? O homem que veio ao meio-dia tocar o *Angelus* percebeu através da pequena claraboia da porta, na sombra, seu chapéu caído no chão e seu breviário, cujas imagens e marcadores viu espalhados pelo chão. Às cinco horas, um aluno do catecismo de Primeira Comunhão, Sébastien Mallet, veio procurar um livro esquecido, encontrou a porta fechada, mas, não escutando nada, foi embora. “Não ousaria bater muito forte, nem chamar”, disse ele depois, “pois a igreja já estava cheia de gente e tinha medo de que me interrogassem”.

Com efeito, era a hora em que a multidão de peregrinos que chegava todos os dias a Lumbres, de Plessis-Baugrenan, comprimia-se junto ao confessionário do santo, na capela dos anjos. Multidão singular, em que se via acotovelados tantos personagens trágicos ou cômicos, tantas marionetes ilustres que o calor de uma grande alma erguia por um momento acima da mentira banal, restituía ao reino humano! Nessa tarde mais numerosa ainda, enervada pela espera, ou talvez agitada por um pressentimento obscuro, na velha igreja rumorosa... Cada vez que a grande porta se abria, rostos inquietos — esses rostos aflitos que quem conhece a peregrinação não esquecerá jamais — voltavam-se para a entrada por um instante iluminada, e depois retornavam juntos para a sombra. Os discretos sussurros, as tosses nervosas abafadas com a mão, milhares de pequenos diversos gestos de impaciência ou de curiosidade, acabavam por se confundir em um só ruído estranho, comparável ao pisotear de um rebanho na tempestade e na chuva. Subitamente, mesmo esse ruído

cessa; tudo se cala. A porta da sacristia range num silêncio solene. O pároco de Lumbres surge.

— Meu Deus, como está pálido! — diz uma voz de mulher, ao longe, na nave.

Essa exclamação, ouvida com clareza, rompe o encanto. O rebanho reencontrou seu senhor e respira.

E já o velho padre chega ao confessionário, lentamente, a cabeça um pouco inclinada sobre o ombro direito, a mão ainda pousada no peito. Ao dar o primeiro passo, achou que fosse cair. Mas um movimento da multidão o tinha conduzido ao seu objetivo; ela o envolvia. Mais uma vez, ele era sua presa.

Nunca mais escapará dela. Continua firme, na noite espessa, seu corpo alto dobrado em dois, a nuca no teto de carvalho, tentando tomar fôlego. Abandona ao sofrimento um corpo inerte, humilhado, seu despojo. Sua estúpida paciência é de cansar o carrasco.

Mas quem poderá jamais cansar aquele que o observa, invisível, e se compraz com sua agonia? É necessário que o miserável ancião, por um momento rebelde, quase vencedor, sinta sobre si até o fim esse poder que desafiou... Quis Deus que ao menos conhecesse, face a face, seu inimigo! Mas não é essa voz que ouvirá, esse último desafio... Eis que através da dor aguda volta-lhe a consciência, gradativamente, e ele escuta... Escuta um murmúrio logo mais distinto... monótono... inexorável. Reconhece-o... São eles. Um por um, homens e mulheres, ei-los todos; sente o seu hálito chegar até ele, menos detestável que sua palavra impura, mornas litanias do pecado, palavras maculadas há séculos, ignobilmente aviltadas pelo uso, passando da boca dos pais à dos

filhos, semelhantes às páginas mais lidas de um livro medíocre, e que o vício marcou com seu signo — assinou-as — com a sujeira de milhares de dedos. Ela cresce, essa palavra; pouco a pouco cobre o santo de Lumbres, ainda em pé. Como se apressam! Como vão rápido!... Mas, assim que lhes voltar o fôlego, vocês os verão — ah, vocês verão essas terríveis crianças! — procurar, tatear com os lábios a tenebrosa teta que Satã espreme para elas, repleta do tão caro veneno!... Até a morte, ergue a mão, perdoa, absolve, homem da cruz, antecipadamente vencido! Ele escuta, responde como num sonho, mas com extrema lucidez. Jamais seu cérebro foi mais livre, seu julgamento mais imediato, mais claro, enquanto sua carne atenta apenas à dor que cresce, no ponto fixo de onde o sofrimento agudo se irradia, lança em todos os sentidos seus maravilhosos ramos, ou corre sob a trama dos nervos, como uma ágil lançadeira. Chegou tão longe que parece atingir a divisão do corpo e do espírito, partir em dois o mesmo homem... O santo de Lumbres em agonia só tem comércio agora com as almas. Ele as vê, com esse olhar sobre o qual as pálpebras se fecham — sozinhas... Crispado junto ao tabique sonoro, os rins dolorosamente apoiados nas costas da cadeira em que não ousa sentar, a boca aberta para respirar o ar espesso, banhado de suor, só ouve esse murmúrio pouco distinto, a voz de seus filhos ajoelhados, carregada de vergonha. Ah, falem eles ou se calem, a grande alma impaciente já antecipou a confissão, ordena, ameaça, suplica! O homem da cruz não está ali para vencer, mas para testemunhar até a morte a astúcia feroz, o poder injusto e vil, a sentença iníqua, diante da qual apela a Deus. Vede essas crianças, Senhor, a sua fraqueza! Sua vaidade, tão leve e tão ágil como uma abelha, sua curiosidade sem constância, sua razão estreita, elementar, sua sensualidade cheia de tristeza..., ouvi sua linguagem, ao mesmo tempo gasta e

pérfida, que só abrange o contorno das coisas, rica do único equívoco, bastante firme quando nega, sempre fraca para afirmar, linguagem de escravo ou de liberto, feita para a insolência e a carícia, maleável, insidiosa, desleal. *Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt!*

X

Ah!” — exclamava o pároco de Luzarnes — Paguei muito caro minha experiência de ontem! Meu desafortunado confrade quase morreu na minha frente com uma crise de angina do peito, e o senhor concordará logo comigo...

Assim dizendo, caminhava a largos passos na estrada de Lumbres, seguido do jovem doutor de Chavranches, apressado. Esse médico ainda imberbe, que começara seu ofício há poucos meses, gozava de uma reputação profissional ligeiramente acima de seus méritos. O tom do seu palavrório, suas audácias clínicas e, sobretudo, seu desprezo pela clientela tinham conquistado todos os corações. Não havia burguesa que não sonhasse, para a filha, uma sentença dessa boca insolente, e o socorro de suas mãos peritas, tão competentes quanto a famosa lança que curava as feridas que abria. Não havia moribundo que não ambicionasse ouvir em seu leito fúnebre alguma de suas palavras consoladoras, apimentadas, *mezzo voce*, como um gracejo de canibal. Pois o janota nem sabe mais quantos, sob seus cuidados — e para imitar sua linguagem — faleceram entre pilhérias.

— Meu Deus! É bem possível, padre — respondeu num tom conciliador. Chamado às pressas e a conselho do pároco de Luzarnes, encontrara a senhora de Plouy em

plena crise de delírio, que só o cansaço acalmou. Mas, ao entardecer, a enferma já adormecida: — Meu caro doutor — exclamou ele —, quero lhe pedir um favor pessoal: seu automóvel, como disse, deve pegá-lo aqui lá pelas sete horas, não é? São apenas cinco. Acompanhe-me por favor até Lumbres. Quando estiver lá, o que o impede de telefonar para o seu chofer de Chavranches para ir buscá-lo? Enquanto isso, poderá examinar atentamente meu pobre confrade, e conhecerei sua opinião.

— O senhor o conhece há muito tempo! — disse o jovem médico, com certo tom de gracejo. — Uma alimentação pouco substancial, nenhum exercício, vivendo num presbitério carcomido, a igreja úmida, o confessionário escuro e sem ar, uma higiene do século XIII, ora!... *Angor pectoris* à parte, não precisa mais nada para acabar com um organismo tão sobrecarregado!... Mas, afinal, o que espera que eu faça? — Tenho meu ministério, o senhor tem o seu — respondeu o pároco de Luzarnes, nobremente. — Nossa razão de ser é a piedade pelos fracos, pela humanidade. Que meu pobre colega seja isto ou aquilo, que lhe importa? E, se o que diz é correto, ainda assim seria um desses casos de deformação profissional, que merecem a atenção do observador e os cuidados do médico...

— Certo! Certo! Euvou...— concedeu ele.— Alémdomais, gostodediscutir com um sacerdote como o senhor — acrescentou o doutor de Chavranches.

Foi assim que decidiram fazer juntos — e com um sentimento um pouco diferente — a peregrinação de Lumbres. Na entrada da aldeia uma chuva fina começou a cair; a estrada branca, sob seus passos, tingia-se de ocre; uma névoa com gosto de hera flutuava. Apertaram o passo. A grama do cemitério estava encharcada; a

grade, abrindo e fechando, rangia lamentavelmente e o alto pórtico de pedra cinza, fustigado pelo aguaceiro, parecia, na sombra agonizante, estender-se e tremular como uma vela de barco. Depois entraram lado a lado na igreja, já quase vazia.

Ali, o pároco de Luzarnes, pousando paternalmente a mão no ombro de seu companheiro: — Senhor Gambillet — disse em voz baixa —, eu lhe teria poupado de bom grado esta visita ao santuário, que talvez lhe cause algum embaraço, mas será mais agradável esperar aqui do que numa sala do presbitério, tão fria e tão nua quanto um parlatório de freiras clarissas, não acha? Aliás, o grosso da multidão felizmente já se foi. O acesso ao confessionário parece estar livre, e, se meu venerado confrade estiver descansando na sacristia, não se oporá, espero, a nos acompanhar logo à sua casa! Assim dizendo, desapareceu. O jovem Chavranches, sempre imóvel junto à pia de água benta, por um momento ouviu apenas o eco de sua voz distante, a batida de uma porta, o deslizar de uns sapatos pesados sobre as lajotas. Diante dele, uma a uma, devotas atrasadas, com um passo miúdo, a mão furtiva na borda da bacia de mármore, passaram quase o tocando, lançando sobre ele um olhar de olhos graves. Depois o sacristão camponês apagou as últimas lâmpadas. Enfim, o pároco de Luzarnes reapareceu.

— Que coisa surpreendente — disse. — Meu confrade teve que deixar a igreja; não está mais aqui. As confissões, aliás, pelo que me disseram, já terminaram há uns quarenta minutos... Temos que nos render às evidências, Senhor Gambillet... Pela porta do cemitério, sem dúvida, foi que voltou para casa... Faça esse último pequeno esforço — acrescentou com aquele tom familiar a que não se pode nada recusar.

— O que me custa? — respondeu atenciosamente o doutor de Chavranches. — Meu carro vai me pegar lá pelas dezenove horas; tenho tempo... Mas, para um moribundo, o padre, seu amigo, está bem ágil...

Acabou de exprimir seu pensamento com um assobio distraído. Pois, aguardando sem impaciência, com uma viril firmeza, o momento de passar por sua vez ao primeiro plano, julgou pouco digno parecer emocionado. Mas foi em vão que interrogaram a velha Marthe, no parlatório das duas narcejas; não tinha visto o patrão, e não o esperava tão cedo.

— Pobre homem, que janta em horas impossíveis, e passa muitas vezes a noite inteira ajoelhado nos ladrilhos, na capela dos santos anjos! — Ainda está lá, meus senhores, tão certo como estão aqui! Vão encontrá-lo no cantinho da parede, atrás da mesa das galhetas (ama esse lugar), tão sozinho como em pleno bosque de Bargemont.

— Ladislas! — disse ela ao sacristão, que aparecera na porta, uma pilha de roupa nos braços. — Você o viu, quando fazia a ronda? Mas o bom homem balançou a cabeça.

— Fechamos as portas da igreja — explicou — às seis horas, e Ladislas só vai abri-las às nove, para a oração da noite e a bênção. É o momento que nosso pároco reserva para pôr um pouco de ordem ali, à moda dele... Sabem? Conseguiu a permissão do monsenhor para deixar o Santíssimo Sacramento exposto a noite inteira!... Podes dar as chaves a esses senhores? — pediu a Ladislas, um pouco embaraçada.

— Prefiro acompanhá-los eu mesmo — respondeu o sacristão, rudemente. — Tenho minhas responsabilidades, afinal! É o tempo de mastigar um pedaço de pão e beber um copo de vinho.

— Eu já sabia, meus senhores — disse ela. — Mas ele vai jantar rapidinho, pois não come quase nada. É um malcriado, como podem ver, mas tem tanta maldade quanto uma criança.

— Nós esperamos, então — disse o pároco de Luzarnes com um ar afetado, interrogando com os olhos seu acompanhante.

— E... E eu tenho ainda uma proposta para fazer — começou a velha Marthe, depois de tossir para limpar a voz. — Há na peça ao lado (a que o nosso santo do bom Deus chama de seu oratório, porque é ali que também confessa) um senhor que veio de longe, expressamente para ver nosso pároco, um velho com a Legião de Honra, muito distinto, eu garanto, muito gentil, e que deve estar enjoado de esperar.

O doutor de Chavranches fez com as mãos um gesto que mandava ao diabo o velho e sua cruz de honra.

— Algum general aposentado?... — arriscou o antigo professor de química, com um sorriso cúmplice.

— O cartão está em cima da mesa, ali, na sua frente, senhores — disse ela, desencorajada. — Mas ele tem uns olhos tão doces, tão amáveis. Não, não é um militar! O cartão brístol já estava sob os olhos de Gambillet, que corou como uma criança.

— Oh! Oh! A coisa muda de figura! — disse com um tom de conhecedor... Estendeu o cartão ao pároco de

Luzarnes, que cambaleou.

— Antoine Saint-Marin... — gaguejou o futuro cônego, a boca úmida.

— Da Academia Francesa — replicou o outro, como um eco.

O jovem médico aprumou-se e, por um momento, pareceu procurar alguma coisa...

— Apresente-nos — disse por fim.

XI

O ilustre ancião exerce, há meio século, a magistratura da ironia. Seu gênio, que se gaba de nada respeitar, é, de todos, o mais dócil e o mais familiar. Se finge pudor ou cólera, se escarnece ou ameaça, é para agradar melhor seus senhores, e, como uma escrava obediente, ora morder, ora acariciar. Na boca artificiosa, as palavras mais afirmativas são enganosas, a própria verdade é servil. Uma curiosidade, que a idade ainda não conseguira extinguir, e que é a espécie de virtude desse velho palhaço, leva-o a renovar-se constantemente, a trabalhar em frente ao espelho. Cada um de seus livros é uma estação em que aguarda os passantes. Como uma jovem instruída e modelada pela áspera experiência do vício, sabe que a maneira de dar vale mais do que aquilo é dado, e, na sua fúria de contradizer-se e renegar-se, consegue a cada vez apresentar ao leitor um homem completamente novo.

Os jovens gramáticos que o rodeiam põem nas nuvens sua inteligente simplicidade, sua frase tão ardilosa quanto uma ingênua de teatro, os rodeios de sua dialética, a imensidão de seu saber. A raça sem medula, indiferente, reconhece nele seu mestre. Desfrutam, como de uma vitória sobre os homens, do espetáculo da impotência que pelo menos debocha do que não consegue abarcar, e reclamam sua parte de carícia infecunda. Nenhum ser pensante deflorou tantas ideias, diluiu tantas palavras veneráveis, ofereceu aos ordinários uma vítima mais rica. De página em página, a verdade que anuncia primeiro com uma careta libertina, escarnecida, ridicularizada, acaba, na última linha, depois de uma suprema cambalhota, inteiramente nua, sobre os joelhos do Sganarelo vitorioso... E já o pequeno rebanho, logo engrossado por um público selvagem e devoto, saúda com um riso discreto a nova tirada do moleque quase centenário.

— Sou o último dos gregos — diz de si mesmo, com um ríctus singular. E logo vinte tolos, apressadamente instruídos em Homero através do que puderam ler nas notas do Senhor Jules Lemaître, celebram esse novo milagre da civilização mediterrânea, e correm a despertar, com seus gritos agudos, as musas consternadas. É a coqueteria do horripilante ancião, e sua graça mais cínica, fingir esperar a glória sobre os joelhos da deusa altaneira, aninhado na casta cintura onde se perdem suas velhas mãos... Estranha, terrível criança de peito! Há muito tempo decidira visitar Lumbres, e seus discípulos não escondiam mais dos profanos que acalentava a ideia de um novo livro. “Os acasos da vida”, confiara ele aos que o rodeavam, com esse tom de impertinência familiar com que pretende distribuir os tesouros de um ceticismo de mesa de bar, por ele batizado de sabedoria antiga, “os acasos da vida

me permitiram encontrar mais de um santo, desde que se aceite dar este nome aos homens de costumes simples e de espírito cândido, cujo reino não é deste mundo, e que se alimentam, como todos nós, do pão da ilusão, mas com um excepcional apetite. Eles, porém, vivem e morrem, reconhecidos por poucas pessoas, e sem ter estendido muito longe o contágio de sua loucura. Que me perdoem por voltar tão tarde a meus sonhos de criança. Gostaria de ver, com meus próprios olhos, um outro santo, um verdadeiro santo, um santo que faz milagres e, para dizer tudo, um santo popular. Quem sabe? Talvez vá a Lumbres para acabar de morrer entre as mãos desse bom velho?”.

Esse intento, e outros ainda, foram durante muito tempo tidos por uma amável fantasia, embora exprimissem, com uma espécie de pudor cômico, um sentimento sincero, baixo, mas humano, um medo sórdido da morte. O ilustre escritor, para sua infelicidade, é vil, não medíocre. Sua personalidade forte, dolorosamente reduzida em seus livros, libertou-se no vício. É em vão que se esforça para esconder de todos, redobrando o ceticismo e a ironia, o segredo medonho que por vezes transpira através das palavras. À medida que avança em idade, o miserável se vê encurralado, enovelado em sua mentira, a cada dia menos capaz de enganar com miudezas e bagatelas sua voracidade crescente. Impotente para superar-se, consciente do desgosto que inspira, só encontrando à força de artimanhas e de perícia raras ocasiões de satisfação, lança-se guloso sobre o que passa ao alcance de suas gengivas, e, diante do prato vazio, chora de vergonha. A ideia de um obstáculo a vencer, e do retardamento imposto pela comédia da sedução, mesmo que abreviada, o receio do enfraquecimento físico sempre possível, o capricho de seus desejos, desencorajam-no antecipadamente dos

encontros casuais. Às governantas que antes mantinha com certo decoro sucedem hoje criadas e servas que são suas tiranas domésticas. Desculpa-lhes como pode a linguagem familiar, afeta uma bonomia desoladora, desvia a atenção com um sorriso que soa falso, enquanto segue com o olhar, furtivamente, a saia curta sobre a qual, logo em seguida, vai pousar a cabeça branca.

Mais esse morno deboche esgota o infeliz sem saciá-lo; não imagina nada de mais baixo, chega ao fundo do seu grotesco Inferno. Ao desejo, nunca tão áspero e tão premente, sucede um brevíssimo prazer, furtivo, instável. Chegou a hora em que a necessidade sobrevive ao apetite, último enigma da esfinge carnal... Foi então que, entre esse velho corpo inerte e a volúpia em vão reprimida, surgiu a morte, como um terceiro camarada.

Aquela que ele tinha tantas vezes acariciado em seus livros, e da qual pensava ter esgotado a doçura, a morte — aliás sempre visível através de sua fria ironia, como um rosto debaixo de uma água clara e profunda —, cem vezes sonhada, saboreada, ele não a reconheceu. Ele a via agora perto demais, boca a boca. Tinha escolhido a imagem de uma velhice lenta, de um declive doce e florido, e que adormece contente, no último passo. Mas não esperava essa surpresa em pleno dia, essa peripécia... O quê? Já? Ele se esforça para afastar o pensamento, para disfarçá-lo, ao menos; despende nesse jogo miserável infinitos recursos. Mal ousa confiar aos mais íntimos algo de sua angústia, e eles só o compreendem em parte; ninguém quer ver, na face do grande homem, o olhar trágico que exprime um terror infantil. E o auditório exclama: — Que orador maravilhoso!

XII

O Senhor Gambillet avançou até o célebre autor de *Círio Pascal*, apresentou-se, não sem espírito, pois não lhe falta de todo nem malícia nem talento. Depois, voltando-se para seu companheiro, e dando-lhe a palavra: — O senhor pároco de Luzarnes é mais qualificado que eu para lhe dar as boas-vindas a esta miraculosa região de Lumbres, a dois passos da pequena igreja que acaba de visitar.

Antoine Saint-Marin inclinou para o Padre Sabiroux sua longa face pálida, considerando-o de cima a baixo, com tédio.

— Caro e ilustre mestre — disse então este em um tom calculado —, jamais imaginei que o veria de tão perto. O ministério que exerço nos confins destes campos nos condena a todos ao isolamento até a morte, e é uma grande desgraça que o clero da França esteja assim tão distante da elite intelectual do país. Que pelo menos seja permitido a um dos seus mais humildes representantes...

Saint-Marin agitou de cima a baixo a delgada mão branca imortalizada pelo quadro de Clodius Nyvelin.

— A elite intelectual do país, senhor padre, é uma sociedade bastante barulhenta e desagradável, que eu na verdade o aconselharia a manter bem afastada dos seus presbitérios. E quanto ao isolamento — acrescentou com um risinho —, quisera eu ter sido condenado a ele como o senhor! O antigo professor de química, desconcertado por um momento, decidiu também sorrir. Mas o jovem doutor de Chavranches, já com familiaridade: — Ora, ora, padre! O senhor é como um

burgomestre recebendo o rei em sua aldeia. O ilustre mestre não percorreu cem léguas para ouvir elogios. Devo lhe confessar, meu senhor — continuou, inclinando-se para Saint-Marin —, que eu mesmo estou prestes a cometer contra o senhor uma falta mais grave.

— Não se preocupe — respondeu o romancista, com uma voz doce.

— Permita-me apenas lhe perguntar por que motivo...

— Nem mais uma palavra, se deseja minha estima! — exclamou o autor de *Círio Pascal*. — Imagino que deseja saber a razão que me levou a empreender esta pequena viagem! Ora, graças a Deus, não sei disso mais do que o senhor. O trabalho de composição, meu jovem, é o mais tedioso e o mais ingrato de todos; já é muito compor meus livros, não componho minha vida. Esta é uma página em branco.

— Mas espero que a escreva — suspirou o pároco de Luzarnes —, e ouso dizer que nos deve isso.

O olhar sempre um pouco vago do ilustre mestre dirigiu-se, de cima, ao seu bendito solicitante, e passou por ele, sem se fixar. Depois lhe perguntou, os olhos semicerrados: — Então nós três estamos aguardando o bel-prazer de um santo? — Primeiro as chaves do santuário — observou o *enfant terrible* de Chavranches — e o bel-prazer do sacristão Ladislas.

— Como assim? — sem considerar o gesto do pároco de Luzarnes, pedindo a palavra.

Mas Gambillet, mais rápido, fez à sua maneira o relato dos acontecimentos do dia, vinte vezes interrompido por seu altivo acompanhante, que um ligeiro movimento de

impaciência do ilustre mestre a cada vez enviava para o nada. Depois de ter ouvido tudo: — Palavra, senhor — disse o romancista —, não esperava tanto de um dia mal começado. Ah, a refrescante surpresa de um pouco de sobrenatural e de miraculoso! — Sobrenatural e miraculoso? — protestou com uma voz grave o pároco de Luzarnes.

— Por que não? — perguntou bruscamente Saint-Marin, voltando-se por inteiro para seu inofensivo inimigo.

(Por mais baixo que o grande homem tenha caído, a estupidez manifesta o envergonha. Mas acima de tudo ele teme encontrar sua imagem na tolice ou na covardia alheia, como em um trágico espelho).

— Por que não? — repetiu, mais sibilando que articulando as palavras, entre seus longos dentes muito unidos. — Nós todos queremos um milagre, senhor, e este triste universo o espera junto conosco. Hoje, ou em mil séculos, não importa, algum acontecimento libertador algum dia tem que abrir uma brecha no mecanismo universal! Prefiro, porém, esperá-lo para amanhã e ir dormir contente. Com que direito a bruta politécnica viria me despertar de meu sonho? Sobrenatural e milagroso são adjetivos plenos de sentido, meu senhor, e que um homem de bem só pronuncia com alguma inveja...

Como confessou depois, jamais o pároco de Luzarnes sentiu-se tão injustamente mortificado.

— O Senhor Saint-Marin — confiou a seu amigo Gambillet — pareceu-me mais poeta que filósofo, e capaz de interpretar como bem quer as palavras dos outros. Mas por que razão se irritou? O próprio autor de *Círio Pascal* ficaria embaraçado para responder-lhe. Pois odeia

instintivamente quem se parece com ele, e aprecia, sem confessá-lo, a amarga embriaguez de se desprezar nos outros. Mais do que ninguém, sabe por que leve e frágil nuance o homem que só faz profissão de espírito se distingue do tolo, e em certos simplórios bem-falantes o velho cínico fareja com raiva um filhote da mesma ninhada.

— Se não viu o eremita — retomou o doutor de Chavranches para romper o silêncio —, ao menos conhece o eremitério? Que casa estranha! Que solidão!
— Ainda há pouco estava sob o seu encanto — disse Saint-Marin. — Só há de verdadeiramente precioso na vida o que é raro e singular, o minuto de espera e de pressentimento. E eu o experimentei aqui.

O Senhor Gambillet balançou a cabeça, aprovando, com um sorriso prudente. Entretanto, o grande ancião, aproximando-se da janela, começou a passear os longos dedos sobre as vidraças. A luz da lâmpada fazia sua sombra dançar na parede, diminuindo-a e alongando-a sucessivamente. Lá fora, os olhos não distinguiam nada além da mancha pálida da estrada. E no profundo silêncio, o doutor de Chavranches ouvia o leve roçar das unhas sobre o vidro polido.

A voz de Saint-Marin de repente sobressaltou-o: — O diabo do sacristão quer nos matar de melancolia. Sou uma grande besta de esperar e bocejar aqui, quando tenho à minha frente um dia inteiro. Pois somente sairei de Lumbres amanhã. Além disso, palavra, estou bizarramente cansado.

— Aliás — observou o Senhor Gambillet —, se as imaginações do Padre Sabiroux têm alguma realidade,

seu pobre colega não estará em condições de falar com o senhor hoje.

— Por agora, aliás — respondeu o ilustre mestre —, já é o bastante ter conhecido esse presbitério de aldeia: um lugar único.

(Apontava a peça de paredes nuas com um gesto carinhoso, como um raríssimo bibelô que seduz o colecionador).

Essa simples frase foi como um bálsamo para o amor-próprio do pároco de Luzarnes.

— Devoobservar — disse ele— queessasalaédesignadaimpropriamente com o nome de oratório; meu venerado confrade raramente vem aqui. A bem dizer, nunca deixa seu quarto.

— É mesmo? — fez o autor de *Círio Pascal*, interessado.

— Seria uma alegria conduzi-lo até lá — apressou-se o futuro cônego. — O senhor pároco de Lumbres, tenho certeza, lhe daria de boa vontade este sinal de consideração, e eu estaria apenas interpretando seu pensamento.

Pegou a lâmpada, ergueu-a acima da cabeça, e depois, detendo-se brevemente, a mão sobre a maçaneta da porta: — Se os senhores quiserem me seguir...

No primeiro andar, o pároco de Luzarnes, apontando no final de um longo corredor uma porta entreaberta: — Permitam-me precedê-los.

Eles entraram depois dele. A lâmpada, que segurava com o braço esticado, iluminava uma comprida sala,

semelhante a uma água-furtada, caiada, e que a princípio pareceu absolutamente vazia. O assoalho de pinho, recentemente lavado, exalava um odor tenaz. Alguns móveis, ingenuamente dispostos contra a parede, apareceram, denunciados por suas sombras: duas cadeiras de palha, um genuflexório, uma pequena mesa cheia de livros...

— Isto parece a mansarda de um estudante pobre — disse Saint-Marin, decepcionado.

Mas o futuro cônego, infatigável, conduzia-os mais longe, inclinando para o chão o candeeiro fumegante.

— Esta é a cama dele — disse esse homem incomparável, com uma espécie de orgulho.

O *enfant terrible* de Chavranches e o escritor, sem nenhum pudor, trocavam por cima das suas costas um sorriso constrangido. O colchão, ridiculamente estreito e fino, coberto de trapos, dava por si só um espetáculo de lamentável melancolia. Entretanto, Saint-Marin mal o viu; observava os grossos sapatos muito largos, esverdeados pelo uso, um de pé, estranhamente postado, o outro caído, mostrando seus pregos enferrujados, seu couro empenado, a sola revirada; dois pobres sapatos, cheios de um cansaço infinito, mais miseráveis que os homens.

— Que imagem! — disse em voz baixa. — Que ridícula e maravilhosa imagem! Pensava na fuga circular de toda vida humana, no caminho percorrido em vão, no supremo passo em falso. O que fora buscar tão longe, esse vagabundo magnânimo? A mesma coisa que ele mesmo esperava, no meio de objetos familiares, suas queridas estampas, seus livros, suas amantes e seus cortesãos, no hotel da Rua de Verneuil, onde morreu a

senhora de Janzé. Jamais o patriarca do nada, em suas melhores horas, elevou-se além de um lírico desgosto de viver, de um niilismo afetivo. Ainda assim, sua garganta se fechou, seu coração bateu mais rápido.

Então, falou abundantemente: — Estamos aqui, num lugar consagrado, venerável como um templo. Se o vasto mundo é um campo fechado, deve ser assinalado o lugar em que foi tentado o maior esforço possível, a mais louca esperança. Os antigos sem dúvida teriam considerado nosso santo de Lumbres com desprezo; mas uma longa experiência da infelicidade nos tornou menos severos com essa espécie de sabedoria, um pouco bárbara, que encontra no próprio ímpeto da ação sua razão de ser e sua recompensa. A diferença é menor do que se imagina, entre aquele que deseja tudo abarcar e aquele que recusa tudo. Há uma grandeza selvagem que a sabedoria antiga não conheceu...

A bela voz grave do ilustre escritor ficou como que empoleirada sobre a última sílaba, enquanto seu olhar se fixava no ângulo da parede em que o diligente Sabiroux passeava agora a luz da lâmpada. Numa espécie de reentrância, formada pela aresta exterior do teto, uma prancheta grosseiramente pregada suportava um crucifixo de metal. Abaixo, jogada no chão, no canto mais escuro, uma tira de couro enrolada, como as usadas pelos boiadeiros para tanger o gado, aguda na ponta, três dedos de largura na base, que parecia uma serpente negra. Mas nem o crucifixo nem o chicote retiveram o olhar do mestre. Fixava, à altura de um homem, uma singular mancha, cobrindo boa parte da parede, feita de mil pequenos riscos tão próximos em seu centro que formavam uma massa única, de um vermelho pálido, alguns mais frescos, de um rosado ainda vivo, outros quase invisíveis, de um colorido indefinível, como que

absorvidos, dessecados na espessura da cal. A cruz, o chicote de couro, a parede rubra... Essa grandeza selvagem que a sabedoria antiga... O eminente músico não teve coragem de soar o último acorde, e interrompeu bruscamente sua canção.

Imóvel, o Senhor Gambillet balbuciou várias vezes sob o bigode as palavras “loucura mística”, espiando de lado Saint-Marin, mudo. O irresistível confidente da sociedade chavranchesa, tão ágil para revirar os lençóis que cobrem as lamentáveis nudezes, e que se vangloria frequentemente de ver tudo, de ouvir tudo, sem se deixar abalar, sentiu, como confessou mais tarde, um frio na espinha. O mais grosseiro dos homens não assiste imperturbável à violação do humilde segredo de um grande amor, o lado secreto do pobre, seu único tesouro, que carrega consigo.

O senhor pároco de Luzarnes, afastando a lâmpada, disse logo, com perfeita naturalidade: — Meu venerável amigo, meus senhores, maltrata-se e compromete gravemente a saúde! Deus me livre de condenar seu zelo! Mas devo dizer que essas violências contra si mesmo, que não são prescritas, apenas toleradas, foram mesmo assim vistas por muitos como um perigoso meio de santificação, e com muita frequência o escândalo dos fracos ou a zombaria dos ímpios.

O antigo professor apoiou estas últimas palavras com um gesto familiar, o polegar e o índex juntos, o mindinho levantado, com o tom de um homem que esclarece um ponto contestado. O embaraço do doutor, o silêncio do outro, pareceram-lhe uma prova bastante lisonjeira de sua benevolente atenção. Observou-o com um sorriso, e depois saiu contente, pois o padre medíocre é, dentre todos, impenetrável.

“Como é nervoso esse grande homem!”, dizia Gambillet para si mesmo, caminhando nos calcanhares de Saint-Marin, e observando curioso a longa mão de marfim crispada sobre a bengala, com que às vezes golpeava o chão. Já por alguns instantes o autor de *Círio Pascal* fazia, com efeito, para ocultar sua perturbação e dominar-se, um esforço quase heroico. Sem dúvida não ficara insensível àquela lúgubre poesia da casa do pobre, mas há bastante tempo o romancista não era mais vítima de nenhum batimento de seu velho coração! A emoção, mal se formava, e como em estado nascente, é logo posta em seu lugar, utilizada; é a matéria prima que acomoda ao gosto do consumidor seu industrioso gênio.

O velho comediante só é acessível através dos sentidos; a mancha vermelha na parede, na auréola da lâmpada, tinha posto seus nervos à flor da pele.

São conhecidas, sabe-se de cor vinte páginas suas insolentes, em que, com todos os recursos de sua arte, o infeliz exercita-se em conjurar seu intratável fantasma. Ninguém falou com mais liberdade da morte, com mais displicência e amoroso desprezo. Nenhum escritor de nossa língua parece tê-la observado com um olhar tão cândido, tê-la escarnecido com uma atitude tão sarcástica e tão terna... Por que misteriosa desforra, pousada a pluma, teme-a como um animal, como um bruto? À ideia da queda inexorável, não é sua razão que cede à vertigem, é a vontade que desfalece, que ameaça quebrar-se. Esse refinado conhece com desespero a rebelião do instinto, o odioso pânico, o recuo e o arrepio do animal que, no matadouro, fareja o merlim do magarefe. Assim, outrora, segundo Goncourt, o pai do naturalismo e dos Rougon-Macquart, acordado no meio da noite pelos mesmos receios, jogava-se embaixo da cama, oferecendo à sua esposa consternada o

espetáculo de um acusador de pijama tremendo de medo.

Em pé, no primeiro degrau, o rosto virado para o quarto escuro, as têmporas comprimidas, a garganta seca, ele respira profundamente, único remédio para tais crises. Atrás dele, Gambillet, bloqueado, espanta-se, escuta com inquietude a respiração irregular, profunda, do mestre. Apoia ligeiramente a mão sobre o seu ombro: — Está passando mal? Saint-Marin volta-se com esforço, e responde com uma voz falsa: — Não! Não... um mal-estar... uma ligeira sufocação... Já estou melhor... já me recuperei...

Mas sente-se ainda tão fraco e tão acovardado que a banal simpatia do médico de Chavranches é incrivelmente doce ao seu coração. Na euforia da distensão nervosa, fica assim frequentemente tentado a falar, a revelar seu segredo, a mendigar ao próximo um conselho e um apoio. Por felicidade, o amor-próprio entorpecido desperta-o sempre a tempo de seu sonho mau.

— Doutor — disse, com um sorriso paternal —, a experiência lhe ensinará que as viagens não podem mais instruir a velhice, mas somente apressar o seu fim. Uma vantagem preciosa! Pois, na última curva do caminho, quando um velho homem deseja e teme o passo em falso que o precipita no nada, às vezes é preciso alguma temeridade.

— O nada! — protesta polidamente o pároco de Luzarnes. — Não é, mestre, uma palavra excessiva? (Saint-Marin, por cima do ombro de Chavranchais, considera por um segundo seu insuportável fã).

— Que importa a palavra? — respondeu. — Temos alguma escolha? — Há palavras tão desesperadas... tão dolorosas... — exclamou o pobre sacerdote, já empalidecendo.

— Desculpe-me — continuou o autor de *Círio Pascal* —, não espero que uma sílaba a mais ou a menos vá me conferir a imortalidade! — Não me faço compreender muito bem — replicou o futuro cônego, ansioso por uma conciliação. — Sem dúvida um espírito como o seu tem... da vida futura... uma outra imagem... provavelmente... do que o comum dos nossos fiéis... mas será possível que... sua inteligência tão alta... aceite sem revolta... a ideia de um aniquilamento absoluto, irremediável, de uma dissipação no nada? As últimas palavras estrangularam-se na sua garganta, enquanto implorava com os olhos, com uma comovente confusão, a indulgência, a piedade do grande homem.

A ferocidade do desprezo que Saint-Marin tem pelos tolos a princípio surpreende, pois ele afeta de bom grado, em geral, um ceticismo complacente. Mas é assim que consegue exteriorizar, com menor risco, seu ódio natural pelos enfermos e pelos fracos.

— Agradeço-lhe — disse ele ao pároco de Luzarnes — por me reservar um outro paraíso, diferente do de seu vigário e de seus chantres. Que os deuses, entretanto, me livrem de procurar lá em cima uma nova Academia, quando a francesa já me entedia o bastante! — Se entendo bem sua pilhéria — responde o futuro cônego —, está me acusando...

— Não o acuso de nada — exclamou Saint-Marin imediatamente, com uma extraordinária violência. — Saiba apenas que temeria menos o nada do que os seus

ridículos Campos Elíseos! — Campos Elíseos... Campos Elíseos — ronrona o bom homem, estupefato... — Longe de mim o pensamento de desfigurar o ensinamento... Queria apenas pôr ao seu alcance... falando sua linguagem...

— Ao meu alcance... minha linguagem! — repete o autor de *Círio Pascal*, com um sorriso venenoso.

Detém-se por um momento, retoma o fôlego. A lâmpada, que arde nas mãos do pároco de Luzarnes, ilumina em cheio seu rosto pálido. A boca ruim contrai-se nos cantos, como se fosse vomitar. E é o seu coração, com efeito, seu verdadeiro coração, que o velho ator vai expelir, cuspir de uma vez por todas, aos pés do estúpido sacerdote.

— Sei o que me oferecem os seus pares mais esclarecidos, padre: a imortalidade do sábio, entre Mentor e Telêmaco, à sombra de um bom Deus racional. Gosto muito do de Bérenger num uniforme de guarda nacional! A antiguidade do Senhor Renan, a oração na Acrópole, a Grécia colegial. Palhaçadas! Nasci em Paris, padre, nos fundos de uma loja do Marais, de um pai de Beauce e de uma mãe de Touraine. Ajudei na missa como todos. Se fosse me ajoelhar, iria diretamente à minha velha paróquia de Saint-Sulpice, ninguém me veria caramunhando aos pés de Palas Atena, como um professor embriagado! Meus livros! Estou me lixando pros meus livros! Eu, um diletante? Um escritor refinado? Saiba que extraí da vida tudo que pude extrair, a grandes tragos, à boca cheia! Bebi fartamente: desse no que desse! É preciso ir até o fim, padre. Quem goza teme a morte. Melhor tentar encará-la de frente que se distrair com os alfarrábios dos filósofos, como um paciente na sala de espera do dentista folheia as revistas ilustradas.

Um sábio coroado de rosas, eu! Um bom homem antigo! Ah!... Chega um momento em que a adoração dos tolos nos faz invejar o pelourinho! O público não nos deixa em paz, quer sempre a mesma palhaçada, é a única coisa que aplaude, e amanhã nos chamará de mentirosos e de bufões. Eh! Eh! Se os carolas soubessem pintar! No fundo, somos uns perdedores, padre, enganados, ludibriados! Um amassador de gesso, que só pensa em encher a barriga, trapaceia muito melhor do que eu; até o último minuto pode esperar beber e comer até dizer chega. Mas nós?... Saímos do colégio com ilusões de poeta. Não vemos no mundo nada de mais desejável que um belo torso de mármore vivo.

Nos atiramos nas mulheres de olhos fechados. Aos quarenta anos, dormimos com duquesas, aos sessenta, temos que nos contentar com moças mais fáceis. E mais tarde... Mais tarde... Eh! Eh! Mais tarde... Começamos a invejar homens como o seu santo de Lumbres, que ao menos sabem envelhecer!... Quer saber meu pensamento? O pensamento do ilustre mestre, meu pensamento nu e cru? Quando não se pode mais...

Terminou sua frase, muito crua mesmo, com uma verdadeira explosão de desgosto. Os traços tão finos ganharam então essa expressão de estupidez, o ríctus dissimulado, a terrível imobilidade do vício em uma máscara senil. Gambillet o observava de esguelha, com um sorriso cruel. O pároco de Luzarnes recuara uns dois passos. Sua angústia nesse momento teria enternecido o barão Saturne do imortal Villiers.

— Vejamos... vejamos... mestre... — gaguejava. — A religião de que sou ministro... tem tesouros de indulgência... de caridade... O escrúpulo em relação ao dogma... pode... deve em alguma medida... se

harmonizar com uma paternal solicitude... uma benevolência particular, mesmo... com certas almas excepcionais... Eu não acreditava que um esforço sincero de conciliação... de síntese... uma certa largueza de vista... A vida futura... segundo o ensinamento da Igreja.

Os argumentos amontoavam-se em seu pobre cérebro confuso; queria apresentá-los todos juntos, seu pensamento saltava de um para outro, como a agulha enlouquecida de uma bússola...

Então, o robusto ancião caminhou até ele, cobrindo-o com seus ombros largos: — A vida futura? O ensinamento da Igreja? — exclamou, desafiando-o com seus olhos pálidos. — Acredita nisso?... Acredita sem vacilar? Estupidamente? Sim ou não?...

(E, com certeza, havia na voz do autor de *Círio Pascal* alguma outra coisa além do tom de um injurioso desafio...). Mas quem poderia esperar ver o pároco de Luzarnes entre as duas hastes de uma pinça? Jamais duvidou seriamente das verdades que ensina, simplesmente porque jamais duvidou de si mesmo, de seu critério infalível. Ele hesita, entretanto. Procura às pressas uma fórmula feliz, uma dessas frases certeiras... Ah! Seu temível adversário decididamente o cinge de muito perto... Ergue para ele uma mão que suplica misericórdia. “Compreenda bem...”, começa com uma voz abafada.

Saint-Marin lança-lhe um olhar verdadeiramente flamejante de ódio. Depois volta-lhe as costas. O infortunado esforça-se em vão; a frase começada estrangula-se em sua garganta, enquanto lhe sobem aos olhos verdadeiras, envergonhadas lágrimas.

O Senhor Gambillet jamais compreendeu por que milagre uma conversação inicialmente tranquila, subindo gradualmente de tom, pôde terminar em uma tal desordem que eles se viram por um momento, todos os três, sob a luz da lâmpada, face a face, como irreconciliáveis inimigos. É que viviam um desses minutos singulares em que a palavra e a atitude têm cada uma um sentido diferente, quando as testemunhas interpelam-se sem mais entender-se, prosseguindo num monólogo interior e, pensando indignar-se com os outros, exasperam-se apenas contra si mesmas, contra seus próprios remorsos, como os misteriosos gatos brincam com a própria sombra.

No silêncio que se fez, carregado de uma nova tempestade, a porta exterior abriu-se subitamente, e os degraus da escada rangeram um a um, sob um passo pesado. Sua superexcitação era tal que se olharam com uma espécie de terror sagrado. Mas, reconhecendo o rosto calmo de Marthe, o Padre Sabiroux foi o primeiro a respirar.

— Está tudo arranjado! — murmurou a velha, ofegante.

Depois, no último degrau, batendo várias vezes de leve o avental para desmanchar as dobras, observou os três homens com um rápido olhar.

— Ladislas está esperando os senhores — disse ela.

Seguiram-na até a porta do jardim, docilmente, sem falar. O céu estava cheio de estrelas.

— Ladislas já foi na frente — continuou a criada, mostrando com o dedo uma lanterna que balançava nas sombras, através do cemitério. — Estou ouvindo seus passos. Encontrarão a igreja aberta.

Por um instante ela reteve o pároco de Luzarnes pela manga, e, erguendo-se na ponta das galochas, soprou-lhe estas palavras ao ouvido: — Faça-o tomar tento, ao menos; desde ontem à noite não comeu! Assim não é possível, meu Deus! Desapareceu sem esperar resposta. O futuro cônego alcançou os companheiros no pórtico. Logo abaixo, a alta igreja erguia-se na noite, incomparavelmente viva e clara. Ouvia-se dentro os sapatos ferrados do sacristão andando sobre os ladrilhos.

— Continuaremos então a fazer juntos nossa aventura — disse amavelmente Saint-Marin ao antigo professor, a quem o sorriso do grande homem restituía a vida. — Não teria vontade de jantar antes que vocês tenham posto a mão sobre o seu esquivo santo; e aliás foi providencial essa intervenção dos Céus para pôr um fim a nossas pequenas querelas.

O frescor do ar depois da chuva dissipava seu mau humor. Fora do pobre quarto do pároco de Lumbres, e do círculo encantado da lâmpada na parede, seu acesso de fúria não passava agora de um sonho ruim.

— Vamos entrar, então... — disse simplesmente Sabiroux (mas com que olhar de gratidão!).

Quando os notou, Ladislas foi depressa até eles. O futuro cônego recebeu-o com um tom alegre: — Então, Ladislas, o que há de novo? (O rosto do bom homem exprimia um profundo estupor).

— Nosso pároco não está aqui.

— Como assim? — exclamou Sabiroux, com uma voz cujo eco repercutiu muito tempo nas abóbadas.

Ele cruzava os braços, revoltado.

— Fale sério! — continuou... — Tem certeza de que...

— Revistei tudo — respondeu Ladislas —, canto por canto. Tinha certeza de que o encontraria na capela dos anjos; vai lá todo dia, depois de jantar, em um cantinho que quase ninguém conhece... Mas nem lá, nem em nenhum lugar... Procurei até na tribuna, assim...

— Mas você acha o quê? — interveio Gambillet. — Um homem não se perde assim, que diabo! O futuro cônego aprovou, com um sinal de cabeça.

— Eu acho — disse Ladislas — que o senhor pároco pode ter saído pela sacristia, pego a estrada de Verneuil, até o calvário de Roû. É um passeio que adora fazer, quando cai a noite, rezando o terço.

— Ah! Ah! — suspirou ruidosamente o doutor de Chavranches.

— Deixe eu terminar — retomou o sacristão. — Na hora em que chegamos aqui, vinte minutos depois da bênção do Santíssimo, já deveria ter voltado, voltado há muito tempo... Pensei muito sobre isso... Nessa noite ele estava tão fraco, tão pálido... Em jejum desde ontem à noite... Na minha ideia, é capaz de ter caído de fraqueza...

— É o que começo a temer — disse Sabiroux.

Refletiu por um momento, os braços sempre cruzados, mais empertigado que nunca, inchando as bochechas. Subitamente chegou a uma decisão: — Sinto muito, meu caro mestre... por ser... indiretamente... a causa de um transtorno...

— Nenhum... nenhum transtorno — protestou o caro mestre, decididamente mais calmo. — Quase diria, em

suma, que a história me diverte, se não devesse partilhar sua inquietação... Não lhe proporia, entretanto, seguir adiante, com estas minhas velhas pernas... Prefiro esperar aqui...

— O caminho não será longo, imagino — concluiu o antigo professor. — Matematicamente, devemos encontrá-lo lá embaixo... O Senhor Gambillet fará o favor de me acompanhar; sua assistência é mais necessária do que nunca. Venha conosco, Ladislas — disse ao sacristão — e apanhe, ao passar, o filho do ferrador. Se nosso infeliz amigo tiver que ser carregado...

A voz extinguiu-se pouco a pouco, na distância. A porta fechou-se sobre ela. O ilustre autor de *Círio Pascal* ficou só, e sorriu.

XIII

Sorriso mágico! A velha igreja, aquecida pelo dia, envolve-o com seu sopro, numa respiração lenta; um cheiro de pedra antiga e de madeira carunchada, tão secreto quanto o da mata profunda, desliza ao longo das grossas pilastras, erra como uma bruma sobre os ladrilhos mal-alinhados ou se acumula nos cantos sombrios, semelhante à água parada. Uma cavidade no chão, o ângulo de uma parede, um nicho vazio, recolhem-no como num sulco de granito. E a luz vermelha da lamparina, ao longe, junto do altar, parece um farol sobre um lago solitário.

Saint-Marin aspira com delícia essa noite campesina, entre as paredes do século XVI, impregnadas do perfume de tantas estações. Chegou ao lado direito da neve, acomodou-se na extremidade de um banco de carvalho,

duro e cordial; uma lâmpada de cobre, suspensa por um fio de ferro, oscila sobre sua cabeça, com um leve rangido. De vez em quando, uma porta bate. E, quando talvez tudo vai silenciar, são os vitrais empoeirados que vibram em sua rede de chumbo, ao trote de um cavalo na estrada.

"A esta hora", diz para si mesmo, "o doutor de Chavranches e seu insuportável companheiro trotam não sei onde, afastam-se o suficiente para me permitir gozar em paz de uma hora perfeita!...". (Pois crê de bom grado nessas delicadezas do destino, nesses acordos misteriosos). Esta igreja, este silêncio, os jogos das sombras... Vejamos! Tudo é dele... tudo o aguardava. Desejou que, pelo menos, não voltassem tão logo.

Eles não voltarão tão logo.

(Os moribundos conhecem bem seus desejos, mas calam-se sobre todas as coisas — dizia Mécislas Golberg, o velho judeu).

A angústia do eminente mestre dissipou-se pouco a pouco no grande silêncio interior que tão raramente conheceu. Mil lembranças surgem, semelhantes às luzinhas de uma cidade noturna. Sua memória repassa-as e desfruta da sua confusão, da sua desordem inebriante. Como, por entre os limites traçados pelos calendários, os anos, os dias, as horas apelam e respondem uns aos outros! Uma clara manhã de férias, em que vibra o belo som do cobre de um tacho de doces..., uma tarde em que corre uma água límpida e gelada, sob a folhagem imóvel..., o olhar surpreso de uma prima loura, sobre a mesa familiar, e o pequeno seio ofegante..., e depois, subitamente — meio século transposto de um salto —, os primeiros achaques da

velhice, um encontro desmarcado..., o grande amor, carinhosamente guardado, passo a passo defendido, disputado, até o último minuto, quando os lábios do velho apaixonado comprimem uma boca móvel e furtiva, amanhã feroz... Eis aí a vida — tudo que o tempo poupa — que em seu passado guarda ainda forma e figura; o resto não é nada, sua obra, a glória... O esforço de cinquenta anos, sua carreira ilustre, trinta livros célebres... O quê? Isto conta tão pouco? Quantos tolos ficam clamando que a arte... Que arte? O maravilhoso palhaço conhece apenas as suas servidões. Carregou-a como um fardo. O harmonioso tagarela que só falou de si mesmo não se exprimiu uma única vez. O universo, que pensa amá-lo, só conhece os seus disfarces. Está eLivros de seus livros, e, de antemão, despojado... Tantos leitores, nenhum amigo! Não sente, aliás, nenhum arrependimento. A certeza de que escapa assim para sempre, que só terão dele um simulacro, acende um brilho em seu olhar malicioso. O melhor de sua obra não merece outra conclusão além dessa pilhéria *in extremis*. Não deseja nenhum discípulo. Os que o rodeiam são inimigos. Incapazes de renovar um encanto, uma gentileza das que o mestre tem o segredo, contentam-se em pastichar canhestramente seu estilo. Suas maiores audácias são de ordem gramatical. “Desmontam meus paradoxos”, diz ele, “mas não sabem remontá-los”. A juventude dizimada, que viu Péguy deitado sobre a palha, sob os olhos de Deus, afasta-se com desgosto do divã em que a supercrítica lixa as unhas. Deixa a Narciso o cuidado de refinar ainda mais sua delicada impotência. Porém ela já odeia, com todas as forças de seu gênio, os mais robustos e os melhores do grupo, que disputam a sucessão do mau mestre, destilam com trejeitos seus livretos complicados, esfregam-nos na cara daqueles que os superam, e não têm outra esperança neste mundo

senão levar sua lama azeda e difícil à beira de todas as fontes espirituais em que os infelizes vão beber.

Entretanto, que importa ao autor de *Círio Pascal* o ruído, na sua sombra, de tantos dentes de leite assíduos? Ele roeu mais por necessidade que por gosto, com tédio. Demos lugar aos jovens ratos com melhores dentes! Esta noite, ele poderia sonhar com eles sem cólera. Pensa, estremecendo de prazer, na grande cidade distante, em sua multidão fervilhante, sob o enorme céu negro. Tornará a vê-la algum dia? Ela ainda existe em algum lugar, lá embaixo, na noite tão doce? Quase acima da sua cabeça, o relógio bate levemente, como um coração. Fecha por um momento os olhos para melhor ouvi-lo, viver e respirar com ele, antigo ancestral sem idade, que dispensa contra sua vontade, há séculos, o impiedoso futuro. Esse ruído que escuta, quase imperceptível na caixa sonora, esse ronrom monótono, somente interrompido pela voz grave das horas, durará mais do que ele, caminhará ainda por anos e anos, através de novos espaços de silêncio, até o dia... Que dia? Em que dia marcará pela última vez, ao toque da meia-noite, os dois ponteiros enferrujados, as duas comadres, antes de parar para sempre? Abre os olhos. Diante dele uma placa de mármore cinzento, colada à parede, traz uma inscrição cujas grandes letras apagadas decifra lentamente.

> À memória... de... Jean-Baptiste Heame, notário real 1690–1741... e de Mélanie-Hortense Le Pean, sua esposa... de Pierre Antoine Dominique... de Jean-Jacques Heame, senhor de Hemecourt... de Paul-Louis-François... e assim até o final da lista, até o último: Jean-César Heame d’Hemecourt, capitão de cavalaria, ex-tesoureiro da paróquia, falecido em

> Cannes... em 1889... Benfeitor desta igreja... Rogai por esta família inteiramente extinta.

— pede ainda a velha pedra, humildemente, como que desculpando-se por estar ali.

— Grande perda!... — murmura o autor de *Círio Pascal* entre dentes. Mas sorri com um bom sorriso de simpatia protetora. O copioso pedaço de mármore, conscienciosamente gravado, adornado de ouro fino, tão opulento quanto qualquer outra peça de mobiliário burguês! Nada mais triste que um túmulo de pedra branca, com os quatro cantos acorrentados, fustigado pela chuva num dia de inverno. Mas, ao abrigo do frio e do calor, diante do banco dos notáveis em que o defunto tesoureiro recebeu o pão bento, essa pedra, lisa e polida como no primeiro dia, encerada toda semana por um sacristão diligente, que consolante imagem da morte! A sensibilidade do escritor emociona-se com esse conforto póstumo. Soletra todos os nomes, como nomes de amigos, cuja vizinhança o tranquiliza. Com essa dinastia dos Heame, quantas outras, sob as lápides de letras apagadas, aqui e lá, até o pé do altar, boa gente que quis adormecer sob um teto, durar tanto tempo quanto a sólida pedra! Pode-se sonhar em dormir ali, naquela companhia... Jamais o célebre romancista sentiu-se tão resignado, tão dócil. Um cansaço estranho distende até suas últimas fibras, faz flutuar diante de seus olhos a imagem da profunda igreja adormecida, agora sem segredos, amistosa, familiar. Goza de uma paz sensível, um extremo bem-estar, quase religioso... Senta-se mais à vontade, estira os membros; sufoca um bocejo, como uma prece.

Lá fora, o céu se obscurece; um último vitral do transepto apaga-se inteiramente. Agora, a porta abre e

fecha sobre um fundo de veludo negro, onde o mundo exterior só se denuncia por seu perfume. As sombras esparsas aproximam-se, unem-se. Um sussurro discreto corre ao longo das arcadas, de um banco de carvalho a outro banco de carvalho, passinhos impacientes ganham o umbral, a igreja esvazia-se pouco a pouco de seu miúdo povo invisível. A hora da bênção cotidiana passou há bastante tempo, a sacristia continua fechada, três das doze lâmpadas iluminam sozinhas a imensa nave. Que se passa? O que esperar, ainda?... As pessoas se procuram às apalpadelas, chamam-se de longe, com uma pequena tosse carinhosa, discutem entre si como iniciados. Pois, com a última diligência de Vancours, os curiosos e curiosas desapareceram: tarde assim, Lumbres abriga somente seus velhos amigos. Os últimos se vão, entretanto. Saint-Marin ficará sozinho.

XIV

Somente para ele, esse grande brinquedo um pouco fúnebre, mas ao mesmo tempo encantador — somente para o autor de *Círio Pascal* —, somente para ele! Segue amorosamente com o olhar as nervuras da abóboda, reunidas em rosácea, e que descem em grupos de três sobre as pilastras das paredes laterais, com um movimento tão suave, com uma graça viva, quase animal. O mestre pedreiro que, outrora, traçou seu curso aéreo, não trabalhou, sem o saber, para regozijar os olhos do gênio envelhecido? Que mais esperam os devotos e as devotas, e mesmo esse padre camponês, quando erguem o nariz para o seu céu vazio, senão um afrouxamento de seus laços, uma curta paz, a provisória aceitação de seu destino? O que eles chamam ingenuamente de graça de Deus, dom do Espírito, eficácia do sacramento, é essa mesma trégua que ele

experimenta neste lugar solitário. Pobre gente, cuja candura se embaraça com tantos inúteis discursos! Bravo santo camponês, que acredita consumar toda manhã a vida eterna, e cujos sentidos, entretanto, só conhecem uma ilusão bastante grosseira, mal comparável ao sonho lúcido, à ilusão voluntária do maravilhoso escritor. “Por que não vim antes”, diz para si mesmo, “respirar o ar de uma igreja rústica?... Nossas avós de 1830 conheciam segredos que nós perdemos!”. Lamenta a visita ao presbitério, que lhe parece inútil, a tola peregrinação ao quarto do santo (aquele pedaço de parede, cuja visão fez, por um momento, sua razão vacilar), espetáculo, em suma, um pouco bárbaro, e feito para um público menos delicado... “A santidade”, confessa para si mesmo, “como todas as coisas neste mundo, só é bela vista no palco; o avesso do cenário é fedorento e feio”. Seu cérebro excitado fervilha com mil novos pensamentos, ousados; uma jovem esperança, ainda confusa, emociona-lhe até os músculos; há vários dias não se sentia tão ágil, tão vigoroso.

— Há uma alegria na velhice — exclama ele, quase em voz alta — que me foi revelada hoje. O amor mesmo (sim, o amor mesmo!) pode ser abandonado sem violência. Busquei a morte nos livros, ou nos ignóbeis cemitérios citadinos, ora desmesurada, como uma visão formada nos sonhos, ora rebaixada à estatura de um homem de boné, que mantém em bom estado, dizem eles, a integridade dos túmulos, registra, administra. Não! É aqui, e não em outros lugares semelhantes, que devemos acolhê-la com simplicidade, assim como o frio e o calor, a noite e o dia, a marcha insensata dos astros, o retorno das estações, a exemplo dos sábios e dos animais. Como o filósofo pode aprender coisas preciosas, incomparáveis, apenas com o instinto de algum velho sacerdote como esse, tão próximo da natureza, herdeiro

desses solitários inspirados que nossos pais outrora transformaram em divindades dos campos. Ah, o inconsciente poeta que, buscando o reino do Céu, encontra ao menos o repouso, uma humilde submissão às forças elementares, a paz profunda...

Estendendo os braços, o ilustre mestre poderia tocar com o dedo o confessionário onde o santo de Lumbres dispensa a seu povo os tesouros de sua sabedoria empírica. Está ali, entre dois pilares, pintado com um marrom horroroso, vulgar, quase sórdido, fechado por duas cortinas verdes. O autor de *Círio Pascal* deplora tanta feiura inútil, e que um profeta aldeão profira seus oráculos no fundo de uma caixa de pinho; mas, entretanto, considera com curiosidade a grade de madeira atrás da qual imagina a calma face do velho sacerdote, sorrindo, atento, os olhos fechados, a mão erguida para abençoar. Como o ama melhor assim do que sangrando, lá em cima, diante da parede nua, chicote na mão, em seu cruel delírio! “Os mais doces sonhadores”, pensa ele, “sem dúvida têm necessidade desses abalos um pouco vivos, que reanimam em seu cérebro as imagens evanescentes. O que outros pedem à morfina ou ao ópio, esse obtém das feridas de uma correia em suas costas e flancos”.

Na extremidade do fio de ferro, a lâmpada de couro oscila docemente, passa e repassa. A cada vez que retorna, sua sombra se estende até as abóbadas, e depois, expulsa de novo, embosca-se na escuridão dos pilares, encolhe-se, para depois novamente estender-se. “Assim passamos do frio ao calor”, pensa Saint-Marin, “ora queimando de ardor, efervescentes, ora frios e lassos, de acordo com leis desconhecidas, e sem dúvida incognoscíveis. Outrora, nosso ceticismo ainda era um desafio. A própria indiferença, com que mais tarde

acreditamos tudo alcançar, logo se torna uma pose muito cansativa de manter. Que câimbra, Senhor, atrás do sorriso epicurista! Mas nossos sobrinhos-netos não farão melhor do que nós. O espírito humano modifica sem cessar a forma e a curvatura de suas asas, ataca o ar por todos os ângulos, do negativo ao positivo, e jamais voa. O que há de mais desacreditado que esse nome de diletante, usado antigamente com honra? A nova geração foi manifestamente marcada por outro signo; soubemos depois qual era: o de seu sacrifício, destino honroso, invejado pelos militares. Vi, estremecendo todo de uma impaciência sagrada, o jovem Lagrange como um pressentimento vivo... Ele usufrui antes de mim do repouso que detestou. Crentes e libertinos, seja qual for o nome que nos deem, não basta que nossa busca seja vã; cada esforço apressa nosso fim. O próprio ar que respiramos queima-nos por dentro, consome-nos. Duvidar não é mais reconfortante que negar. Mas ser um professor de dúvida, que suplício chinês! Ainda na força da idade, a procura das mulheres, a obsessão do sexo, congestiona habitualmente os cérebros, rechaça o pensamento. Vivemos no semidelírio do deleite moroso, entrecortado por acessos de desespero lúcido. Mas de ano para ano as imagens perdem sua força, nossas artérias filtram um sangue menos espesso, nossa máquina trabalha no vazio. Ruminamos na velhice as abstrações de colégio, que tiravam do ardor dos nossos desejos toda sua virtude; repetimos palavras não menos gastas que nós mesmos; procuramos nos olhos dos jovens os segredos que perdemos. Ah, a provação mais dura é comparar sem cessar a própria decadência com o ardor e a atividade de outros, como se sentíssemos deslizar inutilmente sobre nós a poderosa vaga que não nos erguerá mais... Para que tentar o que só pode ser tentado uma única vez? Esse bom sacerdote agiu menos tolamente, retirando-se da vida antes que a vida se

retirasse. Sua velhice não tem amargura. O que lamentamos perder, ele deseja abandonar o mais cedo possível; quando nos lamentamos não sentir mais o aguilhão do desejo, ele se gaba de ser menos tentado. Poderia jurar que aos trinta anos sentia felicidades de velho, a idade nada pode sobre ele. É tarde demais para imitá-lo? Um camponês místico, alimentado por velhos livros e lições de mestres grosseiros, na poeira dos seminários, pode se elevar gradualmente à serenidade do sábio, mas sua experiência é pequena, seu método ingênuo e às vezes sangrento, complicado por inúteis superstições. Os meios de que dispõe, no final de sua carreira, mas na plena força de seu gênio, um mestre ilustre, têm uma outra eficácia. Tomar emprestado à santidade o que ela tem de amável; encontrar sem obstinação a paz da infância; dedicar-se ao silêncio e à solidão dos campos; procurar menos não lamentar nada do que não se lembrar de nada; observar com razão, com medida, os velhos preceitos de abstinência e de castidade, certamente preciosos; gozar da velhice como do outono ou do crepúsculo; tornar pouco a pouco a morte familiar, não é um jogo difícil, mas nada mais que um jogo, para o autor de tantos livros, dispensador de ilusões? “Esta será minha última obra”, concluiu o eminente mestre, “e eu a escreverei apenas para mim, ator e público alternadamente...”.

Mas esse último livro é aquele que não se escreve, mal entrevisto nos sonhos. Sonhá-lo apenas já é um signo fatal. Assim, os velhos gatos que vão morrer acariciam ainda com as unhas a lã do tapete, e arrastam sobre as belas cores um olhar cheio de uma ternura obscura.

É esse mesmo olhar que o autor de *Círio Pascal* fixa na delgada treliça de madeira atrás da qual imagina seu herói abençoador, patriarca de sorriso indulgente, de

palavras saborosas e francas, rico da experiência das almas. Ele já o ama por todo o bem que dele espera receber. Não é por ser um santo que será menos sensível a uma certa forma rara da cortesia, essa simpatia atenciosa, penetrante, que é a suprema polidez de um grande senhor da inteligência. Quem repele a lisonja aprecia melhor as formas superiores do louvor. Eh! Eh! Outros, além do ilustre Saint-Marin, ajoelharam-se aqui, escutaram o bom ancião, e partiram com a alma mais leve. Por que não? No confessionário, a experiência do pecado pode ser completa? Não há, na vergonha da confissão, mesmo incompleta, desleal, uma sensação áspera e forte que se assemelha ao remorso, um remédio um pouco rude e singular para enfastiar-se do vício? Aliás, os maníacos do livre pensamento são muito tolos ao desdenhar na igreja um método de psicoterapia que julgam excelente e novo num neurologista famoso. Esse professor, em sua clínica, faz alguma coisa diferente do que um simples sacerdote no confessionário: provocar, desencadear a confidência para sugestionar em seguida, a seu bel-prazer, um doente apaziguado, relaxado? Quantas coisas apodrecem no coração, que esse simples esforço liberta! O homem célebre, que vive na própria sombra, vê a si mesmo em todos os olhos, ouve-se em todos os lábios, reconhece-se mesmo no ódio e na inveja que o perseguem, pode bem tentar escapar de sua obsessão, romper o círculo encantado. Jamais ele se abre a um inferior, sempre mente aos seus iguais. Se deixa atrás de si memória verídicas, sua dissimulação natural aumenta com um desses terríveis acessos de vaidade póstuma que o público conhece muito bem. Nada vale menos que uma palavra de além-túmulo. Então... Então, é bom que alguma vez, por acaso, esse dom precioso de si mesmo, que sempre recusou, seja feito ao primeiro passante, como se joga um punhado de ouro a um mendigo.

Nem por um minuto, porém, esse homem sutil, que, na falta de um gosto verdadeiro, sente ao menos a grosseria dos outros como uma agressão física, escapa à armadilha da sua própria baixeza. Remói essas ideias embrulhadas, com uma segurança ingênua, gaba-se de ter de escolher entre tantas sólidas razões. Acabou olhando para os degraus de madeira, gastos pelos joelhos, tanto com curiosidade quanto com inveja... Chegando ali, o resto virá por si mesmo. Quem o impediria? Aquilo que foi dado com tanta frequência naquele mesmo lugar às velhas senhoras iletradas, sem dúvida não será recusado ao observador tão sagaz, e que melhor mantém o sangue-frio, "delicioso zombador! Basta um pequeno esforço, depois de ter sugado, bebido até o fim tantas sensações raras e difíceis, falado tantas linguagens, feito tantos trejeitos de sabedoria, para acabar na pele de um filósofo camponês, desiludido, pacificado, perfeitamente devoto. Desde o imperador que plantou rabanetes, já se viu mais de um grande deste mundo assegurar para si uma morte bucólica. No jargão teatral, isto se chama viver o papel, entregar-se à representação. É assim que ao final de um consciencioso estudo um ator, gordo como uma porca, rubro de prazer, engole sua cerveja, fecha o seu livro e exclama: "Encontrei meu Polyeucte!...".

XV

Encontrei meu santo!", o ilustre mestre poderia dizer nesse momento, se estivesse disposto a brincar. E ele o encontrou, mesmo. Ou vai encontrá-lo. Pensa, cândido, que depois de ter provado com uma dentada desdenhosa os mais preciosos frutos colhidos no jardim dos reis, pode ainda morder com apetite o grosso pedaço de pão arrancado à boca do pobre, pois assim é a curiosidade do gênio, sempre nova.

É uma bela coisa experimentar tão tarde as alegrias da iniciação! De Paris a Lumbres, certamente a estrada é longa; mas do presbitério tão próximo à igreja tranquila, quanto espaço transpôs! Ainda há pouco, inquieto, ansioso, sem outra esperança senão voltar logo, de cabeça baixa, ao pequeno hotel da Rua de Verneuil, para morrer um dia, inútil, esquecido, nos braços de uma criada que murmura baixinho que "o pobre patrão sofreu muito no final", liberto agora, livre, com um projeto na cabeça — oh, delícia! —, uma ligeira febre à flor da pele... Em seis semanas tudo pode ser decidido, concluído. Encontrará em alguma parte, às margens de um bosque, uma dessas casas meio campestres, meio burguesas, entre dois úmidos relvados verdes. A conversão de Saint-Marin, seu retiro em Lumbres... o grito de triunfo dos devotos... a primeira entrevista... um delicado arranjo de tudo... que será como o testamento do grande homem: um supremo carinho na juventude, na beleza, no prazer, perdidos, não renegados, e depois o silêncio, o grande silêncio, em que o público sepultará piedosamente, lado a lado, em sua solidão de Lumbres, o filósofo e o santo.

A obsessão torna-se tão forte que ele julga sonhar, perde o chão por um momento, estremece ao se reencontrar sozinho. Esse sonho tão brusco rompeu seu equilíbrio, deixa-o agitado, nervoso. Olha com desconfiança o confessionário vazio, tão próximo. A porta fechada pela cortina verde o convida... Ora! Que ocasião melhor para ver mais que o pobre aposento do bom homem, seu catre, sua disciplina: o lugar mesmo em que se manifesta às almas? O autor de *Círio Pascal* está só. Aliás, nem lhe preocupa ser visto.

Aos setenta anos, seu primeiro impulso é sempre claro, franco, irresistível, perigoso privilégio dos escritores

imaginativos... Sua mão apalpa, encontra um trinco, abre de chofre.

A hesitação seguiu-se ao gesto, em vez de precedê-lo; a reflexão veio tarde demais. Um remorso indefinível, o lamento por ter agido tão rápido, ao acaso; o medo, ou a vergonha, de surpreender um segredo mal guardado, fez-lhe baixar os olhos por um instante; mas já o reflexo da lâmpada sobre os ladrilhos encontrou a passagem aberta, deslizou por ela, subiu lentamente... Seu olhar acompanha-o...

... E se detém... Para quê? Não se esconde mais o que a luz revelou, para sempre.

... Dois grossos sapatos, parecidos aos que viu lá em cima; a dobra de uma batina bizarramente arregaçada... uma longa perna magra numa meia de lã endurecida, um calcanhar pousado no umbral, foi o que viu primeiro. Depois... pouco a pouco... na sombra mais densa... uma brancura vaga e, subitamente, o rosto terrível, fulminado.

Antoine Saint-Marin sabe mostrar nos casos extremos uma bravura fria e calculada. Aliás, morto ou vivo, esse homem inesperado irrita-o tanto quanto o amedronta. Em suma, ele foi interrompido subitamente, no melhor momento, em pleno sonho; a última palavra pertence, no fundo de sua caixa obscura, a essa testemunha singular, ao cadáver vertical. Um professor de ironia encontra seu mestre e desperta, constrangido, de um sonho um pouco ingênuo, enternecedor.

Abre largamente a porta, recua um passo, mede com o olhar seu estranho companheiro, e sem ousar ainda desafiá-lo, afronta-o.

— Belo milagre! — sibila entre dentes, um pouco rancoroso. — O bravo sacerdote morreu aqui sem ruído, de uma crise cardíaca. Enquanto aqueles imbecis trotam pelos caminhos, ele está aqui, bem tranquilo, como uma sentinela morta por uma bala em sua guarita, ainda em pé!...

Encostado à parede, os rins sustentados pelo estreito banco em que se deixou cair no último instante, apoiado com suas pernas rijas sobre o batente da porta, o miserável corpo do santo de Lumbres tem, numa imobilidade grotesca, a atitude de um homem que a surpresa pôs em pé.

•

Que outros sejam preparados para o repouso por uma mão amiga, sob brancos e frescos lençóis; este ainda está em pé, escuta o clamor de seus filhos... Ainda tem algo a dizer... Não, sua última palavra já foi dita!... O velho lutador atingido por mil golpes testemunha em favor dos mais fracos, aponta para o traidor e para a traição... Ah, o diabo, o outro, é sem dúvida habilidoso, um esplêndido mentiroso, esse rebelde agarrado à uma glória perdida, cheio de desprezo pelo rebanho humano pesado e pensativo, que os mil recursos de sua astúcia excitam ou estancam à sua vontade, mas seu humilde inimigo enfrenta-o, e sob a formidável algazarra ergue sua fronte obstinada! Com que tempestades de gargalhadas e gritos o Inferno alegre aclama a palavra ingênua, quase ininteligível, a defesa confusa e sem arte! Que importa! Outro ainda o escuta, alguém que os Céus não ocultarão para sempre!

> Senhor, não é verdade que vos tenhamos maldito;
> que ele pereça, esse mentiroso, essa falsa

testemunha, vosso rival derrisório! Ele nos tirou tudo, deixou-nos completamente nus, e põe em nossa boca uma palavra ímpia. Mas resta-nos o sofrimento, que é nossa parte em comum convosco, herdada de nossos pais, mais ativo que o fogo casto, incorruptível... Nossa inteligência é obtusa e comum, nossa credulidade sem fim, e o subornador é sutil, com sua língua dourada... Em seus lábios, as palavras familiares tomam o sentido que ele bem quer, e as mais belas melhor nos desviam. Se nos calamos, ele fala por nós, e, quando tentamos nos justificar, nosso discurso nos condena. O incomparável argumentador não se digna a contradizer, diverte-se em tirar de suas vítimas sua própria sentença de morte. Pereçam com ele as palavras pérfidas! É por seu grito de dor que se exprime a raça humana, o lamento arrancado de suas entranhas por um esforço tremendo. Vós nos jogastes na espessidão como levedo. O universo, que o pecado nos roubou, nós o retomaremos palmo a palmo, nós o ofereceremos a vós tal como o recebemos, na sua ordem e na sua santidade, na primeira manhã dos dias. Não conteis nosso tempo, Senhor! Nossa atenção não se sustenta, nosso espírito se desvia tão rápido! Incessantemente o olhar espreita, à direita ou à esquerda, uma saída possível; incessantemente um dos vossos operários lança fora o arado e vai-se embora. Mas vossa piedade não se cansa, e por toda parte nos apresentais a ponta da vossa espada;

O desertor retomará sua tarefa, ou perecerá na solidão... Ah, o inimigo que sabe tantas coisas não saberá esta! O mais vil dos homens carrega consigo seu segredo, o do sofrimento eficaz, purificador...

> Pois tua dor é estéril, Satã!... E, quanto a mim, eis-me aqui onde me trouxeste, pronto para receber teu último golpe... Não passo de um pobre sacerdote, muito simples, com quem tua malícia brincou por um momento, e que vais rolar como uma pedra... Quem pode usar de astúcia contra ti? Desde quando tomaste o rosto e a voz de meu Mestre? Em que dia cedi pela primeira vez? Em que dia recebi com uma complacência insensata o único presente que podes dar, enganosa imagem da derrelição dos santos, teu desespero, inefável para um coração humano? Tu sofrias, tu rezavas comigo... Ah, terrível pensamento! Aquele milagre mesmo... Que importa! Que importa! Despoja-me! Não me deixes nada! Depois de mim, um outro, e depois ainda outro, de geração em geração, erguendo o mesmo clamor, abraçando a cruz... Não somos esses santos corados de barba loira que a boa gente vê nas estampas, e dos quais os próprios filósofos invejariam a eloquência e a saúde perfeita. Nossa parte não é o que o mundo imagina. Perto dela, o próprio rigor do gênio é um jogo frívolo. Toda bela vida, Senhor, testemunha em vosso favor; mas o testemunho do santo é como que arrancado a ferro.

Este foi, sem dúvida, aqui na Terra, o lamento supremo do pároco de Lumbres, erguido a seu Juiz, e sua amorosa censura. Mas, para o ilustre homem que o veio procurar de tão longe, ele tem outra coisa a dizer. E, se a boca negra, na sombra, que parece uma chaga aberta pela explosão de um último grito, não profere mais nenhum som, o corpo inteiro expressa um terrível desafio: — Tu querias minha paz — exclama o santo —, vem tomá-la!...

FIM

Notas de Rodapé

1 Sabe-se que a Senhora Havret foi curada alguns meses depois, durante uma peregrinação à igreja de Lumbres. Dentre tantas conversões extraordinárias, cujo número já não se sabe, é curioso constatar que essa cura milagrosa é a única que pode ser atribuída, até hoje, à intercessão do Padre Donissan.